

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**EMANUEL DA SILVA FONTEL**

**O GÊNERO CRÔNICA: UM ESTUDO SOB O ENFOQUE DA TEORIA DA  
ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Belo Horizonte  
2019

**EMANUEL DA SILVA FONTEL**

**O GÊNERO CRÔNICA: UM ESTUDO SOB O ENFOQUE DA TEORIA DA  
ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM A LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Estudos Linguísticos – Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Nascimento Decat

Belo Horizonte  
2019

F682g

Fontel, Emanuel da Silva.

O gênero crônica [manuscrito] : um estudo sob o enfoque da teoria da estrutura retórica em interface com a linguística textual / Emanuel da Silva Fontel. – 2019.

273 f., enc. : il., p&b.

Orientadora: Maria Beatriz Nascimento Decat.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 205-210.

Anexos: f. 211-273.

1. Linguística textual – Teses. 2. Gêneros discursivos – Teses. 3. Gêneros textuais – Teses. 4. Crônicas – Teses. 5. Retórica – Teses. 6. Funcionalismo (Linguística) – Teses. 7. Análise do discurso – Teses. I. Decat, Maria Beatriz Nascimento. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**O GÊNERO CRÔNICA: UM ESTUDO SOB O ENFOQUE DA TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA EM INTERFACE COM A LINGÜÍSTICA TEXTUAL**

**EMANUEL DA SILVA FONTEL**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Textualidade e Textualização em Língua Portuguesa.

Aprovada em 07 de março de 2019, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maria Beatriz Nascimento Decat - Orientador  
UFMG

Prof(a). Juliano Desiderato Antônio  
UEM

  
Prof(a). Juliana Alves Assis  
PUC-MINAS  
Prof(a). Geovane Fernandes Cuixeta  
UNIPAM  
Prof(a). Regina Lucia Peret De Il Isola Denardi  
UFMG

Belo-Horizonte, 7 de março de 2019.

**DEDICATÓRIA**  
*(In memoriam)*

Dedico este trabalho à minha querida mãe Raimunda Nova Fontel, à minha querida irmã Gleide Fontel e à minha querida sobrinha Stephanie Leal Fontel. Elas partiram antes de eu concluir o doutorado porque Deus queria que elas assistissem à minha defesa de um lugar muito mais especial do que um auditório.

## **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

À minha querida orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Beatriz Nascimento Decat, não só pela orientação segura e competente, mas também pelo cuidado, carinho e respeito com os quais sempre me tratou. Sua dedicação ao trabalho, sua generosidade e sensibilidade me ensinaram tanto quanto sua vasta e exemplar produção acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que tudo sabe e que tudo permite para o nosso bem.

À Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, pela liberação que propiciou a minha dedicação ao curso.

Ao POSLIN — UFMG, que me recebeu. Agradeço aos coordenadores, aos professores e aos servidores do Programa.

Aos amigos do GER — Grupo de Estudos da Teoria da Estrutura Retórica, em especial aos meus fiéis interlocutores Risolina Ribeiro Correia, Jairo Carvalhais Oliveira e Cristina Mara França.

Aos meus outros fiéis interlocutores, revisores e amigos: Regina Vago, Regina Cruz, Benedita Borges, Edson Wanzeler Jr., Lucas Pires Pereira e Patrícia Mota.

A todos os meus amigos e familiares que reconhecem no meu êxito a expressão da minha felicidade em tê-los na minha vida.

Por fim, um agradecimento especial ao Miguel, meu “amigo de fé, irmão camarada”, que pela amizade de vinte e tantos anos se tornou até irmão. Que nossa amizade transcenda esta vida e nos reúna novamente em todas as outras que haveremos de viver!

“Cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade à sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral.”

Bakhtin/Volochínov

## RESUMO

A crônica brasileira, ao passar a circular nos jornais locais do século XIX, assumiu feição própria: deixou de ser relato histórico, configuração com a qual se mantém em muitas outras culturas, para constituir-se em um gênero discursivo que atua na esfera dos debates sobre questões políticas, sociais, culturais, existenciais, estéticas etc., suscitadas por fatos comuns e triviais do cotidiano. Os textos que lhe dão vazão, normalmente, conjugam aspectos dos estilos e dos discursos literário e jornalístico; apresentam linguagem simples e, algumas vezes, disposição do cronista para uma interlocução direta com o leitor; comumente, apresentam heterogeneidade tipológica. Esses traços, embora recorrentes, parecem não ser capazes de responder sozinhos por uma caracterização satisfatória da crônica. A existência de inúmeras categorias desse gênero — identificamos referência a aproximadamente trinta tipos — baseadas em critérios muito díspares entre si é emblemática quanto a esse aspecto. Dessa forma, buscando contribuir para uma melhor caracterização, a presente tese de doutorado analisa um *corpus* de vinte crônicas brasileiras, focalizando a estrutura retórica que nelas se expressa em arranjos prototípicos, nos termos da Rhetorical Structure Theory — RST ou Teoria da Estrutura Retórica. Esses arranjos, juntamente com outros indicadores já bem consolidados nos estudos que tratam sobre a crônica, concorrem para a formulação de mais um parâmetro para a caracterização desse gênero discursivo. O referencial teórico-metodológico sustenta-se na interface do Funcionalismo com a Linguística Textual. De forma mais específica, acionamos pelo lado funcionalista, principalmente, os trabalhos precursores de Mann e Thompson (1983, 1987, 1988, 2000) e de Matthiessen e Thompson (1988), além de outros que, a partir desses, foram desenvolvidos, tais como os de Taboada (2006, 2009), Redeker e Gruber (2014), Decat (1993, 2010a, 2010b, 2012, 2015), Antônio (2003, 2004, 2009). Pelo lado da Linguística Textual, acionamos as propostas de Coutinho (2007, 2009) e de Coutinho e Miranda (2009) relativamente à noção de parâmetros de gênero em conexão com a visão bakhtiniana de gênero discursivo proposta, sobretudo, em Bakhtin/Volochínov (2014/1929) e Bakhtin (2011/1979). Acionamos, ainda, Bronckart (1996, 2007, 2010) no que se refere à determinação dos mundos discursivos e dos tipos de discurso que semiotizam os textos. Como imperativo metodológico da RST, que exige a segmentação em porções de texto, acionamos Brown e Yule (1983), Jubran et al. (1992) e Jubran (2006) na determinação do tópico discursivo, que se apresenta, nesta pesquisa, como as unidades de informação entre as quais emergem as relações retóricas. Quanto à investigação das características da crônica, baseamo-nos em estudiosos clássicos das literaturas brasileira e portuguesa: Coutinho (1971), Candido, (1992), Arrigucci (1987) e também em outros que atualizam o tema: Calhoub, Neves e Pereira (2005), Neves (2007), Costa (2014), Reis (2015) e Gabriel Jr. (2015). A hipótese, que foi confirmada, é a de que ocorreriam, nos textos do gênero crônica brasileira, relações de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Justificativa. Os resultados demonstram que, no nível tópico II, no qual se situam os tópicos particularizadores, ocorrem arranjos prototípicos que atuam no nível genérico, isto é, no nível das características que atribuem identidade em função da relativa estabilidade do gênero. Esses arranjos marcam-se pela emergência das relações retóricas de Preparação, Atribuição e Fundo, atuando nas condições de abertura; Evidência, Justificativa, Contraste,

Elaboração, Lista e Sequência, atuando no desenvolvimento; Avaliação, Resumo e Justificativa, atuando no acabamento do gênero. Além dessa configuração composicional, identificamos que essa rede de relações se justifica em virtude de sua ligação com variados aspectos do componente temático e em razão dos diferentes propósitos sociodiscursivos que as crônicas brasileiras permitem que os usuários da língua concretizem nas diferentes esferas sociais e ideológicas em que esse gênero circula.

**Palavras-chave:** Gênero crônica brasileira; Funcionalismo linguístico; Teoria da Estrutura Retórica; Linguística Textual; Relações retóricas

## ABSTRACT

The Brazilian chronicle took on a particular form with its newspaper debut in the 19th century: it is no longer a historical report, a current format of the chronicle in many other cultures, but rather a genre in the sphere of the debate around political, social, cultural, existential and aesthetic issues, among others, which arise from trivial, everyday experiences. The texts of the Brazilian chronicle usually articulate stylistic aspects of both Literature and Journalism; they are written in everyday language and sometimes reveal the author's disposition to interact directly with the reader; as a rule, they show typological heterogeneity. Although recurrent, these traits do not seem enough to properly characterize the chronicle. The fact that there are innumerable categories of the genre (we could identify approximately thirty of them), based on a great variety of criteria, some of which completely different one from the other, is emblematic of the situation. Therefore, this doctorate dissertation aims at contributing to a more suitable characterization of the Brazilian chronicle. For that, we analyze a corpus of twenty chronicles, focusing on prototypical arrangements of their rhetorical structure as established by Rhetorical Structure Theory — RST. These arrangements constitute yet another parameter that can characterize the genre, together with other well established references in the studies of the Brazilian chronicle. The theoretical/ methodological framework is built at the interface of Functionalism and Textual Linguistics. More specifically, from the functionalist point of view of the Rhetorical Structure Theory -RST, we follow the pioneering work of Mann and Thompson (1983, 1988, 2000) and of Matthiessen and Thompson (1988), among others developed thereof, such as the work of Taboada (2006, 2009), Redeker e Gruber (2014), Decat (1993, 2010a, 2010b, 2012, 2015) and Antonio (2003, 2004, 2009). On the other hand, from the point of view of Textual Linguistics, we assume the proposals by Coutinho (2007, 2009) and Coutinho and Miranda (2009) for the notion of genre parameters according to a bakhtinian view of discourse genres, especially as disposed in Bakhtin/Volochínov (2014/1929) and Bakhtin (2011/1979). We also resort to Bronckart (1996, 2007, 2010) for the definition of discursive worlds and of the discourse types that semiotize the texts. Brown and Yule (1983), Jubran et al. (1992) and Jubran (2006) also integrate the theoretical/methodological framework as an RST methodological imperative, which demands segmentation into units of information, in the present study, to determine the discursive topic, or the units among which the rhetorical relations are established. As for the investigation of a chronicle's features, we resorted to classic scholars of Brazilian and Portuguese literature, such as Coutinho (1971), Candido, (1992), Arrigucci (1987), and also to others, who have reviewed the theme: Calhoub, Neves and Pereira (2005), Neves (2007), Costa (2014), Reis (2015) and Gabriel Jr. (2015). The hypothesis, which has been confirmed, is that the following rhetorical relations are present in the texts of the Brazilian chronicle: Preparation, Attribution, Background, Evidence and Justification. The results demonstrate that at topic level II, where the individualizing topics are found, there are regular arrangements that function at the generic level, i.e., at the level of the features that create individualization due to the relative stability of the genre. The results reveal a network of rhetorical relations, defined by the establishment of Preparation, Attribution and Background at the beginning; Evidence, Justification, Elaboration, Sequencing, List and Contrast along development; and Assessment, Summary and Justification at the

end of the genre. Besides suggesting this compositional format, we defend that this network of rhetorical relations is valid in the sense that it connects with various aspects of the theme and allows language users to realize multiple socio-discursive purposes within the social and ideological spheres where the genre circulates.

**Keywords:** The Brazilian chronicle genre; Functionalism; Rhetorical Structure Theory; Textual Linguistics; Rhetorical relations

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Figuras

Figura 1 – Convenções na aplicação dos esquemas .....	59
Figura 2 – Esquemas núcleo-satélite .....	60
Figura 3 – Esquema multinuclear.....	61
Figura 4 – Quadro dos mundos discursivos e dos tipos de discurso.....	85

### Quadros

Quadro 1 – Mundos discursivos, tipos de discurso e tipos linguísticos .....	87
Quadro 2 – Quadro das unidades de informação da crônica 1 .....	135
Quadro 3 – Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no corpus....	139
Quadro 4 – Quadro das relações multinucleares incidentes no corpus .....	142
Quadro 5 – Quadro das unidades de informação da crônica 2 .....	143
Quadro 6 – Quadro das unidades de informação da crônica 3 .....	150
Quadro 7 – Quadro das unidades de informação da crônica 4 .....	154
Quadro 8 – Quadro das unidades de informação da crônica 5 .....	159
Quadro 9 – Quadro das unidades de informação da crônica 6 .....	164
Quadro 10 – Quadro das unidades de informação da crônica 7 .....	168
Quadro 11 – Quadro das unidades de informação da crônica 8 .....	173
Quadro 12 – Categorização das crônicas a partir da igualdade ou aproximação da estrutura prototípica .....	197

### Esquemas

Esquema 1 – Quadro tópico 1 .....	133
Esquema 2 – Quadro tópico 2.....	143
Esquema 3 – Quadro tópico 3.....	149
Esquema 4 – Quadro tópico 4.....	154
Esquema 5 – Quadro tópico 5.....	159
Esquema 6 – Quadro tópico 6.....	164

Esquema 7 – Quadro t3pico 7.....	168
Esquema 8 – Quadro t3pico 8.....	173

### **Diagramas**

Diagrama 1 – Cada governo tem o Jornal Nacional que merece.....	138
Diagrama 2 – O moralizador .....	147
Diagrama 3 – A Descoberta da velhice .....	152
Diagrama 4 – Taxonomia ligou etc. etc. ....	157
Diagrama 5 – Viva a novela! .....	162
Diagrama 6 – Queixa de defunto.....	166
Diagrama 7 – O nascimento da cr3nica .....	171
Diagrama 8 – A 3ltima cr3nica .....	176

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>ISD</b>	Interacionismo sociodiscursivo
<b>N</b>	Núcleo
<b>QT</b>	Quadro tópico
<b>RST</b>	<i>RHETORICAL STRUCTURE THEORY</i>
<b>S</b>	Satélite
<b>TD</b>	Tópico discursivo
<b>TP</b>	Tópico particularizador
<b>UI</b>	Unidade de informação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA</b> .....	22
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	50
2.1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO, A TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA E O TÓPICO DISCURSIVO COMO UNIDADE DE INFORMAÇÃO ...	50
2.2 GÊNERO DISCURSIVO E TEXTUALIDADE .....	63
2.2.1 A perspectiva dialógica da linguagem e a noção bakhtiniana de gênero discursivo .....	63
2.2.2 A Linguística Textual no âmbito dos trabalhos de caracterização de gênero: a noção de parâmetros de gênero .....	75
2.2.3 Mundos discursivos, tipos de discurso e mecanismos enunciativos sob a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo .....	81
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	91
3.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	91
3.2 CONSTITUIÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	92
3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ETAPAS DA ANÁLISE .....	95
<b>4 A ESTRUTURA RETÓRICA E OS PARÂMETROS DE CARACTERIZAÇÃO DA CRÔNICA: ANÁLISE DO <i>CORPUS</i></b> .....	98
4.1 A CRÔNICA PELA CRÔNICA .....	98
4.2 AS UNIDADES DE INFORMAÇÃO: OS TÓPICOS DISCURSIVOS E A DETERMINAÇÃO DE UMA ESTRUTURA RETÓRICA PROTOTÍPICA .....	131
4.3.1 Relação retórica de Preparação, Atribuição e Fundo e suas funções nas condições de abertura do gênero e na situabilidade do tema .....	178
4.3.2 Relações retóricas de Evidência, Justificativa, Elaboração, Contraste, Lista e Sequência: contar e provar, provar e contar no desenvolvimento da crônica .....	185

4.3.3 Avaliação, Resumo, Justificativa e Capacitação nas estratégias de acabamento e de conclusibilidade de gênero.....	191
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	200
REFERÊNCIAS.....	205
ANEXOS .....	211
ANEXO I – Lista das relações retóricas segundo Mann e Thompson (1988)	212
ANEXO II – Lista do <i>corpus</i> .....	215
ANEXO III – Completando o <i>corpus</i> total: crônicas 9 a 20 .....	218
Lista de Ilustrações anexo III .....	219
Parte 1 – ANÁLISE NO NÍVEL DOS TÓPICOS PARTICULARIZADORES .	221
Parte 2 – ANÁLISE DOS VÁRIOS NÍVEIS TÓPICOS.....	269
Parte 3 – VERSÃO 2 DA CRÔNICA 4, DISPONÍVEL APENAS NA INTERNET .....	272

## INTRODUÇÃO

A presente tese de doutorado foi concebida, inicialmente, para responder algumas questões ligadas à diversidade de classificação do gênero crônica. Chamava nossa atenção o fato de que poucos ou, talvez, nenhum outro gênero discursivo apresenta tantas categorias. Identificamos cerca de trinta. Lembramos, aqui, apenas algumas, mas suficientes para ilustrar a problemática inicial: descritiva, narrativa, narrativo-descritiva, metalinguística, lírica, reflexiva, dissertativa, humorística, teatral, mundana, visual, metafísica, filosófica, esportiva, jornalística, literária, política, crônica-conto, crônica-ensaio, crônica-poema, crônica de comentário, de informação, de viagem e/ou de viajantes, entre outras. A questão que se colocava frente a essa problemática era: **o que motiva essa profusão de tipos de crônica?**

Não foi difícil respondê-la com base nas referências adiante expostas: esse gênero surgiu no Brasil como uma demanda dos leitores habituais de jornais em meados do século XIX, quando a imprensa brasileira começou a se estabelecer. Esses leitores, pertencentes à aristocracia, estavam familiarizados com o folhetim francês e com *essay* ou ensaio. Esse último era próprio dos países de língua inglesa. No entanto, os dois gêneros, basicamente, circulavam em jornais, em colunas que tratavam de amenidades. Aliás, inicialmente, o folhetim era a própria coluna, que poderia ser vista também como um “pedaço de página por onde a literatura penetrou fundo no jornal” (ARRIGUCCI, 1987, p. 57). Posteriormente, tendo alcançado autonomia e solidez, o pedaço de página fixou-se como gênero em prosa que tratava de temas diversos e amenos. Ambos, usando a linguagem da crônica, refrescavam a cabeça da aristocracia não interessada apenas em questões sociais, políticas, econômicas, entre outras da mesma linhagem. Eram compostos por temas variados que alinhavavam os assuntos principais de um certo período, que podia ser diário, semanal, quinzenal, e assim por diante.

No Brasil, o ensaio se degenerou, como afirma Coutinho (1971), e tornou-se crônica. A típica narrativa de fatos históricos, tal como surgiu e permanece até hoje em países de língua inglesa e francesa, transformou-se, segundo Candido (1992), em “conversa fiada”. O folhetim, que, no início, servia de habitação para a crônica, a ela sucumbiu e passou a reinar absoluta nos jornais. Como tinha o compromisso com as raízes folhetinescas, o cronista tinha de criá-la, em parte, com remissão ou

alusão aos principais assuntos do período. Atribui-se a esse aspecto as razões da diversidade de temas sobre os quais versavam. Esses, por sua vez, variavam muito, pois estavam em sintonia com os acontecimentos relevantes da sociedade em um certo período de dias. Assim, como os acontecimentos variavam, os assuntos das crônicas também se diversificavam e, em virtude disso, ampliavam-se as categorizações desse gênero discursivo baseadas nos vários assuntos de que tratavam.

Tendo respondido a pergunta inicial, estabelecemos outra: **o que, independentemente da diversidade temática que ensejava tanta classificação, poderia caracterizar a crônica?** Essa, sim, foi bem mais difícil de ser respondida. Buscando responder essa segunda pergunta, elegemos a Teoria da Estrutura Retórica, considerando um de seus pressupostos centrais, que é a emergência nos textos de redes de relações prototípicas<sup>1</sup> (MANN; THOMPSON, 1988, 2000; MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988), como recurso capaz de atender a essa finalidade. Ao nosso ver, tal rede de relações, em virtude de sua incidência regular, poderia constituir-se como mais um parâmetro de gênero (COUTINHO, 2007, 2009) com condições efetivas de, aliado a outros aspectos apontados em referências consolidadas no estudo desse gênero discursivo, contribuir para a caracterização da crônica brasileira. Em síntese, esses aspectos representam a proposta maior da pesquisa que ora apresentamos. Para alcançarmos os objetivos nesse sentido, seguimos um referencial teórico orientado pela articulação do Funcionalismo linguístico com a Linguística Textual. Essa última sob o viés que toma para si as preocupações em torno da análise, descrição e caracterização dos gêneros, aqui concebidos como discursivos e perspectivados sob a ótica bakhtiniana.

De forma mais específica, acionamos, no que se refere à perspectiva funcionalista, os trabalhos fundadores da RST apresentados em Mann e Thompson (1983, 1987, 1988, 2000) e de Matthiessen e Thompson (1988), além de outros que, a partir desses, foram desenvolvidos, tais como os de Taboada (2006, 2009), Redeker e Gruber (2014), Decat (1993, 2010a, 2012, 2015), Antônio (2003, 2004, 2009). Quanto à construção da interface com a Linguística Textual, mobilizamos as

---

<sup>1</sup> Acreditamos que a noção de prototipicidade proposta no âmbito da RST refere-se à regularidade dos arranjos de relações retóricas. É nesse sentido que empregamos o termo na presente tese, o que significa assumir que não problematizamos a questão da prototipia em sua complexidade, nos moldes, por exemplo, da Linguística Cognitiva.

propostas de Coutinho (2007, 2009) e de Coutinho e Miranda (2009) relativamente à noção de parâmetros de gênero em conexão com a visão bakhtiniana de gênero discursivo proposta, sobretudo, em Bakhtin (2011/1979) e Bakhtin/Volochínov (2014/1929). Mobilizamos, ainda, Bronckart (1996, 2007, 2010) no que se refere à determinação dos mundos discursivos, tipos de discurso e dos mecanismos enunciativos que esses mundos e tipos acionam. Para operar a segmentação em porções de texto (*text span*), baseamo-nos em Brown e Yule (1983); Jubran et al. (1992) e Jubran (2006) na determinação do tópico discursivo, que se apresenta, na presente pesquisa, como as unidades entre as quais emergem as relações retóricas. Desse modo, os tópicos discursivos correspondem, no âmbito deste estudo, às unidades de informação. Quanto à investigação das características da crônica, baseamo-nos em estudiosos clássicos das literaturas brasileira e portuguesa: Coutinho (1971), Candido, (1992), Arrigucci (1987) e também em outros que atualizam o tema: Calhoub, Neves e Pereira (2005), Moura (2007) Costa (2014), Reis (2015) e Gabriel Jr (2015).

Em face da problemática e das opções teóricas acima expostas, definimos como **objetivo geral** da pesquisa analisar crônicas brasileiras, a fim de propor um parâmetro de caracterização para esse gênero discursivo com base nas relações retóricas que emergem entre os tópicos discursivos. Como **objetivos específicos** definimos:

- a) identificar e analisar as características recorrentes em crônicas brasileiras de temáticas e de autores diversos;
- b) descrever e analisar a estrutura retórica das crônicas brasileiras, tendo em vista identificar um padrão prototípico de relações que emergem entre os tópicos discursivos;
- c) analisar as relações retóricas e seus arranjos prototípicos, a fim de verificar como essas relações se ligam, principalmente, aos aspectos temáticos e composicionais, considerando as características dos gêneros e suas funções no processo enunciativo.

Esses objetivos baseiam-se na seguinte **hipótese**: no nível tópico II, no qual se situam os tópicos particularizadores, ocorreriam arranjos prototípicos expressos, principalmente, pela incidência das relações retóricas de Preparação, Atribuição,

Fundo, Evidência e Justificativa. Conjecturamos, ainda, que essas relações atuariam no nível genérico, isto é, no nível das características que atribuem identidade em função da relativa estabilidade do gênero. Essa hipótese foi formulada com base nas análises prévias em todos os níveis tópicos das crônicas 1, 7 e 20, presentes nos anexos III na parte denominada **Análise em todos os níveis tópicos**. Elas foram as relações mais regulares nessas três crônicas. Em virtude do volume significativo de material que essas análises prévias geraram e das demandas que o tratamento adequado dele exigiria, decidimos, nesta pesquisa, considerar apenas o nível dos tópicos particularizadores, conforme já assinalamos. Nesse nível, foi analisado um **corpus total**<sup>2</sup> de vinte crônicas, do qual oito constituem o **corpus representativo** reproduzido no capítulo de análise.

**Os resultados** confirmam a hipótese levantada, pois identificamos uma rede de relações retóricas com arranjos prototípicos caracterizados pela emergência das relações de Preparação, Atribuição e Fundo, atuando nas condições de abertura; relações de Evidência, Justificativa, Elaboração, Lista e Contraste, atuando no desenvolvimento; relações de Avaliação, Resumo e Justificativa, atuando no acabamento do gênero. Além disso, identificamos que essa rede de relações se expressa como recurso que atende a demandas da dinâmica de funcionamento interno e externo do gênero crônica.

Ainda em relação ao *corpus* total da pesquisa, na seleção dos textos, levamos em conta, além dos traços abaixo elencados, definidos com base em uma compilação das principais características apontadas nos estudos de autores que tratam da crônica, indicações de que o texto selecionado já foi publicado em revistas, livros ou em qualquer outro meio impresso. Essa decisão encontra-se justificada em nota de rodapé, posta no capítulo de metodologia. Esses traços indicam:

- ✓ gênero em prosa;
- ✓ atuação na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelo relato de acontecimentos triviais do dia a dia;

---

<sup>2</sup> A designação *corpus* total corresponde ao volume das vinte crônicas analisadas, oito das quais estão expostos no texto desta tese sob a designação de *corpus* representativo. As outras doze estão disponibilizadas nos Anexos III.

- ✓ busca de construção de ponto de vista explícito ou não;
- ✓ expressão do mundo do narrar e/ou do expor;
- ✓ cultivo de estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor.

A presente tese, além desta introdução, está organizada em cinco partes: no capítulo 1, situamos nosso objeto de pesquisa. Utilizando-nos de dois exemplares diferentes, expomos, analisamos e discutimos as características desse gênero discursivo com base no quadro teórico que elegemos. Permitimo-nos empreender algumas críticas a certos aspectos propostos no referido quadro teórico. Contudo, considerando menos tais reservas e mais a solidez dos pontos de contingenciamento entre os autores, apresentamos, no fim do capítulo, uma definição prévia, que foi ampliada após expormos os resultados das análises que revelam os arranjos prototípicos de relações retóricas, capazes de se consolidarem como mais um dos indicadores da crônica.

No capítulo 2, explicitamos a base teórica da pesquisa. A interface que a sustenta expressa-se na articulação de duas grandes seções: na 2.1, apresentamos, de uma maneira muito geral, o Funcionalismo e o modo como ele institui um quadro teórico-metodológico no interior do qual se inscreve a Teoria da Estrutura Retórica. Essa é, por sua importância para a pesquisa empreendida, detalhada. Nesse contexto, dado o uso pela RST de uma categoria denominada *text span*, aqui assumida como tópico discursivo, fazemos breves considerações sobre a noção de tópico, que aparece posteriormente mencionada no capítulo da metodologia e relativamente detalhada na seção 4.2 do capítulo de análise. A seção 2.2 situa a articulação entre os vários aspectos, no âmbito da Linguística Textual, que foram entrelaçados, considerando os propósitos e as finalidades da pesquisa. Por essa razão, expomos no item 2.2.1 a perspectiva dialógica que embasa a noção bakhtiniana de gênero discursivo, e, orientada por essa perspectiva, a possibilidade de constituir-se como objeto de estudo os traços regulares e estáveis que dão identidade ao gênero, entendidos esses traços como parâmetros de gênero, cujos preceitos estão expostos no item 2.2.2. A percepção desses parâmetros requer a compreensão tanto da dinâmica interna quanto externa dos gêneros. Nessa direção justifica-se o acionamento do Interacionismo sociodiscursivo e sua proposta que enfoca os mundos e os tipos de discurso, expostos no item 2.2.3.

O capítulo 3 apresenta a metodologia da pesquisa. A primeira seção sumariza os pressupostos teórico-metodológicos. A segunda informa a constituição, caracterização e seleção do *corpus* total. A terceira expõe os procedimentos metodológicos e as etapas seguidas na análise do *corpus* representativo.

No capítulo 4, apresentamos a análise, exposta em três seções: na primeira, analisamos cada uma das oito crônicas com base nas características que foram consideradas como indicadores do gênero e definidas como critérios a que os textos deveriam atender na seleção do *corpus*. Na segunda seção, descrevemos e analisamos a estrutura retórica de cada texto. Essa estrutura é retomada na seção seguinte e relacionada com aspectos da dinâmica enunciativa interna e externa do gênero. Desse entrosamento das relações retóricas com a dinâmica de funcionamento, revela-se mais um parâmetro de caracterização da crônica, apresentado na última parte do capítulo, ao qual se seguem as considerações finais, em que, entre outros aspectos, propomos uma nova caracterização para a crônica brasileira, ressaltamos as contribuições da presente pesquisa e sugerimos novas frentes de trabalho que se abrem a partir desse nosso empreendimento.

Por fim, apresentamos as referências que embasaram a pesquisa e os anexos, divididos em três partes. Anexo I, em que disponibilizamos as listas de relações retóricas presentes no site da RST. O Anexo II, em que elencamos todos os textos que compõem o *corpus* com suas respectivas referências e o Anexo III, no qual apresentamos as outras doze crônicas que compõem o *corpus* total da pesquisa com os seus respectivos quadros tópicos, quadros de unidades de informação e os diagramas, que espelham a estrutura retórica de cada uma das crônicas analisadas.

## 1 O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

Neste capítulo, situamos o nosso **objeto de pesquisa**. Inicialmente, apresentamos breves informações relativas à origem da crônica e sua inserção peculiar na cultura literária e jornalística brasileira, decorrendo dessa peculiaridade o uso do termo crônica brasileira ou às vezes, simplesmente, crônica<sup>3</sup>. Em seguida, apresentamos as características geralmente atribuídas a esse gênero, assumindo, em certos momentos, posição discordante de alguns estudiosos. Finalizamos o presente capítulo, elencando as características que foram por nós consideradas na eleição dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa.

Etimologicamente, o vocábulo crônica se origina do grego *Khrónos* ou cronos, que significa tempo e seria, assim, um relato em ordem cronológica de certos fatos e acontecimentos (COUTINHO, 1971). Costa (2014, p. 92) afirma que “originalmente a crônica limitava-se a relatos verídicos e nobres [...], pois tratava-se da compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”. Arrigucci (1987) resume, de forma lapidar, essa natureza histórica e cronológica, ao afirmar que um dia ela deu conta do discurso da História. Segundo ele,

[...] a princípio ela foi crônica histórica [...] e por essa via se tornou uma precursora da historiografia moderna. Tal gênero supõe uma sociedade para a qual importa a experiência progressiva do tempo, um passado que se possa concatenar, significativamente, à História (ARRIGUCCI, 1987, p. 57).

Dessa forma, dois aspectos básicos caracterizavam esse gênero em suas primeiras manifestações: o relato e o respeito à ordem cronológica. Sua evolução, no entanto, possibilitou um alargamento de suas peculiaridades temáticas e composicionais, visto que o relato presente nas crônicas, após o século XIX, não, necessariamente, reproduz fatos verídicos da ordem da História em sua sucessão real no tempo, sobretudo, no Brasil, onde o gênero alcançou autonomia e adquiriu contornos próprios, diferentemente do que acontece na cultura idiomática e literária de outros países em que o vocábulo *crônica* continua a designar relato histórico, como é o caso do inglês com o termo *chronicle*.

---

<sup>3</sup> Ressaltamos, mais uma vez, que o objeto da nossa pesquisa é o gênero crônica brasileira.

Para compreendermos a feição atual da crônica brasileira, é necessário nos remetermos a um pouco de sua História: sua origem está indexada ao surgimento da imprensa, do jornalismo, da literatura como ofício laborioso de alguns escritores<sup>4</sup> e às reflexões acerca de uma série de questões sociais, políticas, econômicas, culturais e estéticas do século XIX, sobretudo, da Europa, notadamente, de Portugal, França e Inglaterra; dos Estados Unidos e do Brasil. A maioria dos estudos aponta sua origem ligada ao gênero francês folhetim. Coutinho (1971)<sup>5</sup> divide a paternidade também com o gênero de língua inglesa *essay*, ou ensaio. Ele afirma que

A palavra ensaio designa atualmente no Brasil o *estudo* – crítico, filosófico, histórico, político, etc. Perdeu (como na França) o sentido original, assumindo o feitiço do estudo acabado, concludente, depois de análise e pesquisa. Deteriorando-se o sentido original do ensaio, o gênero que primitivamente era denominado ‘ensaio’ (tentativa leve e livre, informal, familiar, sem método nem conclusão) gênero tradicional entre os ingleses, tornou-se no Brasil a *crônica* (COUTINHO, 1971, p. 108).

Desse ponto de vista, a crônica brasileira apresenta-se como uma “deterioração” do ensaio. Dito de um outro modo, pode-se considerar que ela surgiu da heterogeneidade do gênero ensaio, que, adaptando-se ao modo de circulação na sociedade brasileira do século XIX, assumiu novas feições, as quais se puseram a serviço de um novo gênero: a crônica. Coutinho (1971) não dá certeza acerca do local onde essas mudanças começaram a ser empreendidas, se, primeiramente, em Portugal ou no Brasil. Segundo o autor, esse novo gênero — a crônica — publicado nos rodapés dos jornais da época era também chamado folhetim.

O folhetim é caracterizado em Garcia e Ferreira (2014) como um gênero em prosa que surgiu em forma de coluna nos rodapés dos jornais franceses do século XIX. Nessas colunas folhetinescas, apareciam crônicas, contos, novelas e romances, isto é, textos de ficção curtos ou longos. Esses últimos, em virtude de sua extensão, eram publicados em várias partes e em momentos diferentes. O objetivo principal dessa coluna era possibilitar aos leitores dos jornais conteúdos amenos como forma de entretenimento e de lazer, tendo em vista manter a fidelidade dos

---

<sup>4</sup> Referimo-nos aos escritores profissionais, especificamente, àqueles que, no início da imprensa e do jornalismo, assumiram a publicação periódica de crônicas, contos e romances nos jornais como ofício.

<sup>5</sup> O autor afirma que modernamente, na língua inglesa, faz-se diferença entre os gêneros *essay* e *chronicle*, estando esse último se referindo apenas a relatos históricos. Uma rápida consulta a um site enciclopédico da língua inglesa [www.britannica.com](http://www.britannica.com) confirma que esse sentido se mantém atualmente.

leitores habituais e seduzir um novo público que começou a surgir em razão do aumento dos níveis de urbanização e de alfabetização da população francesa. Desse modo, o surgimento desse gênero esteve fortemente ligado a questões mercadológicas. As autoras apontam, ainda, como características gerais dos textos que compunham os folhetins, curta extensão para as unidades publicadas; estrutura dialogal; presença de vocábulos pertencentes ao léxico comum e que se aproximava da linguagem das conversas do cotidiano; apelo ao suspense, o que, de certa forma, estimulava a leitura da publicação seguinte. Exceto a última característica, todas as outras estão presentes na crônica atual brasileira, o que, de fato, pode sinalizar para o parentesco entre os dois gêneros.

Situando historicamente o gênero crônica e sua ascendência folhetinesca, Coutinho (1971, p. 78) afirma que “a simpatia e o aspecto inocente dos rodapés permitia aos autores liberdades que o poder encararia de má sombra nas solenes colunas dos artigos de fundo”. Assim, os folhetins apresentavam também uma função estratégica nos jornais, que era a de, a pretexto da leitura de textos de amenidades, forçar o público não interessado nos temas da conjuntura da época a ter contato com esses mesmos temas de sua aversão por meio da abordagem amena e em linguagem simples da crônica, dissimulando, assim, o tom agressivo das notícias que, normalmente, expunham as mazelas da vida social, política, econômica e a desconfiança que, já naquela época, a população e a imprensa nutriam pelas instituições e pelos agentes que as representavam, embora, também já naquela época, o jornalismo, a imprensa — e até mesmo a literatura — padecessem do mesmo mal que os atinge hoje: a desconfiança de que os profissionais da área usavam a visibilidade do ofício como um trampolim para a vida política, a exemplo disso, a História registra eminentes figuras tanto da literatura quanto do jornalismo que também atuaram na política brasileira.

Especificamente no Brasil, Garcia e Ferreira (2014), denominando o surgimento do folhetim nos jornais brasileiros de “mina de ouro”, apresentam os anos de 1830 como a data da chegada do gênero, sobretudo, no Rio de Janeiro e em São Paulo e ressaltam que, já no segundo dia de circulação do jornal **Correio Paulistano**, foi publicada a crônica **O telégrapho** de autoria desconhecida. Como se vê, o entrosamento intergenérico entre a crônica e o folhetim se estabeleceu de pronto no Brasil. Por um lado, a crônica, por meio dos temas de variedades sob a configuração de **cousas miúdas** e **ao rés-do-chão** e de sua composição simples,

criava a atmosfera amena, lúdica e descontraída própria dos folhetins. Por outro, os folhetins viabilizaram a consolidação da crônica brasileira, que assumiu feição própria e passou a circular, de forma independente, fora dos espaços folhetinescos, suplantando, em termos de visibilidade e de volume de circulação no Brasil, o próprio gênero que lhe deu origem. Analisando o resultado da relação entre o folhetim e a crônica na constituição desse último gênero, Arrigucci (1987) afirma que

A crônica virou uma seção do jornal ou da revista. Para que se possa compreendê-la adequadamente, em seu modo de ser e significação, deve ser pensada, sem dúvida, em relação com a imprensa, a que esteve sempre vinculada a sua produção. Mas seria injusto reduzi-la a um apêndice do jornal, pelo menos no Brasil, onde dependeu na origem da influência europeia, alcançando logo, porém, um desenvolvimento próprio extremamente significativo. Teve aqui de fato um desenvolvimento surpreendente como forma peculiar, com dimensão estética e relativa autonomia, a ponto de constituir um gênero propriamente literário muito próximo de certas modalidades da épica e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira (ARRIGUCCI, 1987, p. 53)

Compartilhando das posições de Arrigucci (1987), Calhoub, Neves e Pereira (2005), em um estudo que examina parte da história social brasileira por meio de crônicas produzidas em diferentes momentos e por diferentes autores, mostram que a autonomia desse gênero foi acontecendo à medida em que as exigências de diversidade temática reivindicadas pelas esferas de circulação dos jornais escritos impuseram a necessidade de abordagem de variados assuntos alinhados com as colunas de temas específicos que começavam a compor o *layout* desse veículo de comunicação. Nos Folhetins semanais, o autor deveria relacionar, no mesmo texto, diferentes assuntos, exigindo do escritor grande empenho e habilidade em articular diferentes temas. A crônica estava liberada dessa exigência, o que lhe permitia trânsito mais livre entre as diversas colunas do jornal. Os autores apontam como consequência dessa circulação a diversidade temática e de tipos desse gênero discursivo existentes no Brasil. Costa (2014) reafirma essa última informação quando mostra que, dependendo da esfera social retratada, a crônica pode ser do tipo policial, literária, política etc.

Assim, é possível afirmar que a crônica brasileira, desde a sua origem no século XIX, esteve a serviço das reflexões sobre a vida política, social e cultural, incluindo-se aí questões estéticas e artísticas. Todas elas desencadeadas por meio de fatos simples do dia a dia. A reflexão sobre o cotidiano é, sem dúvida, o traço

temático e composicional que mais caracteriza esse gênero. Segundo Costa (2014), o trânsito entre as questões habituais, da ordem do dia, em conexão com os aspectos conjunturais e, até mesmo, existenciais fazem parte da pauta do cronista. Apresenta, ainda, algumas particularidades: “é o único gênero literário produzido essencialmente para ser veiculado na imprensa” (COSTA, 2014, p. 91).

Essa vocação natural para a reflexão, partindo de coisas e acontecimentos simples e triviais da vida diária, espelha-se, normalmente, pela vazão dos temas em textos breves e simples, razão por que muitos a consideram um texto curto. Além desse aspecto, Coutinho (1971) caracteriza-a como um gênero de caráter jornalístico, embora possa apresentar também certa feição literária. Segundo o autor, ela pode nascer como um “comentário ligeiro e divagação pessoal, feita com gosto literário” (COUTINHO, 1971, p. 110). Aponta, ainda como característica, sua composição em prosa — registre-se que encontramos ocorrências, somente na internet, em verso. Retomando os temas do cotidiano como o que há de mais peculiar e característico, Candido (1992) afirma que isso se deve ao seu caráter jornalístico, pois, segundo o autor, a crônica nasceu nos jornais quando estes se tornaram também cotidianos, ou seja, quando esses veículos de comunicação passaram a ser de circulação diária. Pode apresentar marcas próprias da oralidade e, às vezes, o escritor sinaliza que busca uma interlocução direta com o leitor. Corresponde a um gênero, primeiramente, de concepção escrita, embora de linguagem leve e descompromissada (CANDIDO, 1992).

Se os aspectos acima apontam para uma configuração, relativamente, clara, o mesmo não acontece quando se tem como critério a caracterização tipológica, aqui assumida como uma construção teórica baseada nos mundos discursivos semiotizados e nos tipos de discursos que os expressam (BRONCKART, 1996, 2007), como adiante detalharemos. Além da narração, por vezes, identifica-se, nas crônicas, predominância de outros tipos de discurso, o que, sob esse aspecto, dilui suas fronteiras com outros gêneros, como o ensaio e o artigo jornalístico. Candido (1992) já apontava para a problemática das tipologias nesse gênero, no que pese, reconhecemos, o perigo de se construir um paralelo entre a noção de tipologia textual (MARCUSCHI, 2008) e a proposta de Bronckart (1996, 2007), que chega a tocar colateralmente na questão ao assumir que os tipos de discurso se projetam pelo conjunto das operações linguísticas que os expressa, isto é, os tipos de discurso como uma abstração baseada em operações de ordem psicológica são

acessíveis somente pelos tipos linguísticos, caracterizados como o conjunto de instrumentos morfossintáticos que semiotizam, no quadro de uma determinada língua, um dado tipo de discurso (BRONCKART, 2007) . Ao analisar as obras de Rachel de Queiroz, Candido (1992) demonstra que, a partir do surgimento, no cenário nacional, das produções dessa escritora, a crônica deixou “de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada” (CANDIDO, 1992, p. 17). Assim, a crônica brasileira pode ser definida como um gênero que atua na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelos acontecimentos triviais do dia a dia; visa à construção de ponto de vista; materializa-se por meio de textos em prosa que refletem o mundo do narrar e/ou do expor; cultiva estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e possíveis leitores. Outras pesquisas de doutorado ajudam a confirmar esses aspectos quando os autores, em linhas gerais, propõem semelhante caracterização desse gênero discursivo.

Reis (2015), em sua tese denominada **O subúrbio feito letra: o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas**, analisa um conjunto de crônicas dos autores Lima Barreto, João Antônio — vulgo João do Rio — e Léo Montenegro, todas elas ambientadas no subúrbio do Rio de Janeiro. Uma das conclusões a que o autor chegou foi a de que os elementos intertextuais, tais como alusão e referência, estabelecem o debate por meio de críticas que, no dizer dele, algumas vezes são “ácidas” e, noutras, carnavalizadas, e essas críticas formam opinião e criam representações nos leitores. Além desse aspecto, Reis (2015) define a crônica como um gênero literário urbano, marcado pela brevidade dos textos e efemeridade dos temas; pela soma, de uma só vez, do jornalismo com a literatura, ainda que seja levado em conta seu pouco peso literário. Esse último aspecto, antes de ser um demérito, segundo o autor, é uma contribuição para a sua riqueza estrutural. É ressaltada, ainda, a forte conexão entre a crônica e o artigo de opinião. Para Reis (2015), não há diferença entre esses dois gêneros, embora destaque que os estudiosos do jornalismo estabelecem a diferença entre ambos, considerando que o artigo de opinião é assinado pelo articulista, o qual possui autoridade reconhecida no assunto de que trata e busca formar opinião, baseando-se em dados concretos e precisos. Já a crônica é definida pelos estudiosos da literatura considerando as peculiaridades da linguagem lírica e cotidiana que a marcam e a temática do dia a

dia desenvolvida com liberdade literária. Segundo Reis (2015, p. 18), é possível “falar em um cronismo de subúrbio, mostrando que efêmeras crônicas podem trazer questionamentos profundos, contribuindo para formação de ideias no imaginário nacional”.

Pondo como ponto crucial de investigação as diferenças entre o artigo jornalístico e as crônicas publicadas em jornal, na tese de doutorado **Caracterização da crônica publicada em jornal em diferentes momentos históricos**, Gabriel Jr (2015), considerando não uma perspectiva enunciativa, mas, sim, textual-discursiva, investiga como o espaço “coluna de jornal” responde pelo estatuto de gênero de textos opinativos como a crônica e o artigo jornalístico. Segundo o autor, esses dois gêneros discursivos aproximam-se pelo caráter opinativo que cultivam; pelas suas ocorrências em colunas de diferentes cadernos e por se desenvolverem com base em fatos utilizados pelo cronista para inserir pontos de vista no mundo. Desse modo, a crônica brasileira, segundo o autor, é marcadamente jornalística, tendo sido, desde sua origem, produzida para a imprensa. Gabriel Jr (2015) conclui, em sua tese, que a crônica se caracteriza como um texto opinativo, marcado, predominantemente, por sequências argumentativas com incrustação de sequências narrativas, explicativas e dialogais. Segundo esse autor, o cronista constrói pontos de vista a partir de fatos cuja natureza dá ensejo a dois tipos de crônicas: as do cotidiano e as de notícia, conforme representem a experiência pessoal do cronista ou a avaliação que ele faz de outras matérias do jornal, no entanto, ambas as modalidades promovem o debate, constroem pontos de vistas e reproduzem valores culturais e ideológicos. O artigo de opinião, por outro lado, parte necessariamente da avaliação de notícias já publicadas.

Tratando, especificamente, de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade, na tese de doutorado **Novos olhares e novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade**, Moura (2007) apresenta leituras das crônicas desses dois autores e propõe que elas devem ser vistas como um gênero literário misto, em virtude da fusão de literatura e de jornalismo que nelas se mostra, diferenciando-se essas duas configurações desse gênero discursivo com base nos recursos de linguagem mobilizados em uma ou em outra forma. Dessa maneira, a autora reafirma a forte ligação da crônica com a imprensa e propõe a caracterização desse gênero como uma narrativa breve a partir da qual o cronista pretende construir no leitor provocações e pontos de vista.

Como se pode ver, ainda que muitas questões se imponham como desafiadoras para o trabalho de caracterização, descrição e análise desse gênero discursivo, pode-se identificar importantes pontos de congruência entre as várias definições e entre certos aspectos que o caracterizam, como se mostrou até aqui, e que podem ser lembrados por meio do verbete presente em Borba (2004):

Verbetes CRÔNICA *crô-ni-ca* **Sf** 1 composição curta, em prosa coloquial, sobre assuntos do cotidiano, comumente publicada na imprensa 2 fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo: *as crônicas dos reis de Portugal* 3 biografia dos reis: *as crônicas de Fernão Lopes sobre os reis portugueses* 4 coluna de periódicos, assinada, com notícias, comentários, algumas vezes críticos e polêmicos, sobre temas diversos *crônica policial; crônica esportiva; Deu uma olhada na crônica social na esperança de encontrar o seu nome.* 5 história: *A crônica desta cidade tem passagens que muito nos orgulham.* 6 relato: *O prefeito ficou famoso pelas crônicas sobre a sua gestão* (BORBA, 2004, p. 363).

Os textos 1 e 2, abaixo, correspondem a exemplares desse gênero e neles pode-se verificar a presença de todas essas características.

## TEXTO 1

### Queixa de defunto

Lima Barreto

Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida, a Boca do Mato, no Méier, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito. Ei-la:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não.

Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui hermista, não me meti em greves, nem em coisa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos "bíblis", nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns.

Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre André do Santuário do Sagrado Coração de Maria, em Todos os Santos, conquanto as não entendesse bem por serem pronunciadas com toda eloquência em galego ou vasconço.

Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dulcíssima paz depois da minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. É bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa.

Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.

Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita, um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:

— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado — como é então que você arranjou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc.

Posso garantir a fidelidade da cópia a aguardar com paciência as providências da municipalidade.

Em formato de prosa, Lima Barreto publica, em 20 de março de 1920, na **Revista Careta**, que era uma revista de humor editada no Estado do Rio de Janeiro, a crônica **Queixa de defunto**. Nela, o narrador-personagem faz-se portador de uma carta póstuma escrita pelo personagem-defunto Antônio da Conceição e endereçada à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Antônio, já na condição de defunto, apresenta uma queixa ao prefeito do Rio, capital do Brasil na época. Segundo ele, a prefeitura municipal era a grande responsável por sua estada no inferno, pois, durante o trajeto que levaria seu caixão ao cemitério, devido às más condições dos calçamentos das ruas, machucou-se muito, aparecendo, assim, vários arranhões em seu corpo, que foram interpretados por São Pedro como sinais de mau comportamento na terra, tendo, por isso, de ir, equivocada e injustamente, purificar-se um tempo no inferno. Inconformado, exige providências. O narrador, portador da carta de Antônio da Conceição, afirma, inclusive, ter cópia autêntica da dita carta.

Considerando a periodicidade proposta por Santos (2007), Lima Barreto situa-se dentro do primeiro período, que vai dos anos de 1850 a 1920, de grandes cronistas brasileiros revelados pela imprensa da época. As produções dessa fase, refletindo os processos de formação das cidades, traziam, em suas temáticas, a construção das grandes avenidas e as consequências advindas do processo de urbanização.

No caso específico de **Queixa de defunto**, vê-se alusão, produzida de forma irônica e humorística, aos problemas da precariedade da infraestrutura urbana, o descaso do poder público com a manutenção das ruas e o prejuízo individual e social que daí decorrem. Esse aspecto espelha a característica mais marcante e que, transversalmente, alcança os textos caracterizados como exemplares do gênero discursivo crônica: a temática do cotidiano, compreendida, aqui nesta tese,

como as questões da ordem do dia, da habitualidade, que motivam a reflexão do autor, ou, em termos bakhtinianos, que se constituem em conteúdo semântico-objetual do gênero, isto é, que se constituem em tema, visto como o conteúdo espelhado na relação do falante com uma dada esfera e com os discursos que lá circulam (BAKHTIN, 2011). O descaso do poder público com a precariedade infraestrutural das cidades como um dos traços do conteúdo do texto, denunciado de forma humorística pelo narrador e, subliminarmente, pelo jornalista e escritor, conjuga o debate social a partir de questões cotidianas, reivindicado pela natureza jornalística da crônica (CALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005), com o caráter lúdico e de entretenimento que a literatura, posta em circulação pelos jornais, revistas e panfletos da época, deveria assumir. Candido (1992, p. 14) resume bem esses dois traços temáticos da crônica ao afirmar que “ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas — sobretudo porque quase sempre utiliza o humor”.

Fortemente ligadas às configurações da temática do cotidiano de um gênero discursivo que transita entre os universos da literatura e da imprensa nas várias esferas da sociedade, a efemeridade, a leveza, a simplicidade e a brevidade são apontadas também como características da crônica. Cabe ressaltar que, na pesquisa aqui empreendida, não consideramos esses aspectos como atributos autônomos capazes de, por si mesmos, constituírem-se em parâmetros de caracterização, mas, sim, como formas de tratamento do componente temático e/ou da estrutura composicional, extremamente ajustadas às condições de produção e de circulação do gênero, tal como pressuposto pela visão bakhtiniana. Uma das razões para isso é o caráter vago e impreciso desses atributos, que não permite, como consequência, operar com eles, de forma objetiva, como categorias de análise no nível de pesquisa aqui considerado. Afinal, o que seria um texto efêmero ou permanente? A mesma imprecisão ocorre quando nos perguntamos o que seria um texto leve e, por oposição, um pesado? Um texto simples ou um complicado? Cabe ressaltar que a ideia de simplicidade, quando mencionada nesses contextos, não tem ligação com a noção, por exemplo, de que a crônica pertenceria à esfera dos gêneros primários, entendida essa noção conforme a perspectiva Bakhtiniana.

O imenso acervo de excelentes crônicas e de cronistas brasileiros depõe contra a ideia de efemeridade do gênero. A atualidade do tema tratado em **Queixa de defunto**, por exemplo, pode ser atestada ainda hoje. Então, em que sentido a

crônica é um gênero efêmero, transitório e passageiro? Consideramos que só se pode falar em efemeridade entendendo, talvez, esse conceito como um traço da característica maior que é a temática do cotidiano. O cotidiano, como tema, pode designar a possibilidade de um sem-número de questões de toda e qualquer ordem, capazes de vir a ser objeto de reflexão suscitada por fatos prosaicos e corriqueiros do dia a dia, como é o caso da bem-humorada crônica **O milagre das folhas**<sup>6</sup>, em que Clarice Lispector sugere questões existenciais advindas do único “milagre” que parece acontecer em sua vida: a coincidência de ser invariavelmente escolhida, entre as milhares de pessoas, para as folhas caírem em sua cabeça quando transita pelas ruas. Mas também o cotidiano pode ser visto como o assunto da ordem do dia a ser narrado, relatado, comentado ou apenas sugerido<sup>7</sup> em uma seção específica, às vezes, assinada, de uma edição também específica de um jornal, revista etc., como é o caso de **Queixa de defunto**, publicada em 20 de março de 1920, que sugere de forma alusiva, entre outros aspectos, os problemas da má infraestrutura de parte da cidade do Rio de Janeiro e a negligência do Estado em relação a essa questão, conforme já assinalamos.

Esse traço temático e composicional ligado à assinatura, à data e ao local de publicação nem sempre está acessível para consulta. Quando essas referências espaço-temporais e bibliográficas estão presentes explicitamente, situam, de forma mais precisa, o texto em um espaço e em um tempo determinados, balizam a recepção do leitor e, desse ponto de vista, acenam para a situação social específica a que o cronista remete. Algumas vezes, quando dispostas no final do texto parecem cumprir com o objetivo de dar credibilidade e autenticidade ao texto, levando o leitor a convencer-se do que ali se enuncia<sup>8</sup>. Após a leitura de **Queixa de defunto**, podemos imaginar as condições da rua José Bonifácio, as ruas do bairro Méier e Inhaúma no Rio de Janeiro em 1922, e talvez até conjecturar em torno de outras questões políticas, econômicas etc. Desse modo, não só o fazer o literário se

---

<sup>6</sup> Disponível nos anexos

<sup>7</sup> Veja-se, por exemplo, a crônica 18 (anexos) em que o fato do dia a dia é apenas sugerido pela ideia de que, em um bufê, não se deve comer de tudo, mas consultar seu próprio desejo, a fim de que ele sinalize o que o indivíduo deve comer. Isso, segundo o cronista, denota a opção pela simplicidade, que é, segundo ele, decidir-se pelo essencial e não se deixar ludibriar pelas possibilidades da multiplicidade.

<sup>8</sup> A exemplo do que ocorre na crônica 12 – Carta fechada (nos anexos) de Lima Barreto, em que o diagrama 12 (nos anexos) demonstra que a porção final, na qual se apresentam as iniciais do nome do narrador, local e data, em uma simulação de carta, atua como satélite em uma relação de evidência cujo papel é intervir no processo de convencimento do interlocutor.

expressa ali, mas também é possível, considerando o uso de uma instância de gerenciamento em primeira pessoa, a qual sugere um alinhamento identitário entre agente-produtor e narrador (BRONCKART, 2007), identificar a voz do jornalista que denuncia, em um dia específico, as condições de precariedade de um determinado lugar. A urgência e a finalidade jornalísticas da crônica subjagam o refinamento do estilo, o que não pode ser interpretado como um demérito para o gênero nem utilizado para qualificá-lo de simples, mas como prova de sua riqueza estrutural e de sua proposta estética singular no contexto literário (REIS, 2015); (CALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2015). A estética que se sobressai, no geral, como característica do próprio gênero, não é a que agrada ao cânone literário. Coutinho (1971) afirma que nesse gênero discursivo o que importa, de fato, é o assunto efêmero e não as qualidades de estilo, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância. Dessa forma, sob a perspectiva de Coutinho (1971), a efemeridade se liga ao relaxamento do estilo literário no tratamento do tema, e isso, sob esse foco, subestima as potencialidades do gênero.

Note-se que, na crônica em análise, Lima Barreto usou um recurso sofisticado em termos narrativos, que foi o do personagem que, embora já sendo defunto, comporta-se como se vivo fosse, escrevendo cartas. No entanto, a despeito do recurso altamente expressivo em termos de estilo literário, o próprio gênero reivindica um tratamento rápido e finalístico do assunto, razão por que não se espera em virtude desse recurso, por exemplo, maiores questões existenciais acerca da morte ou a criação de algum suspense. Desse modo, muitas vezes, as demandas do estilo literário não poderiam (e não podem) ser atendidas em plenitude ao longo de todo o texto em razão até mesmo das questões de espaço nos veículos de comunicação em que as crônicas eram publicadas, considerando, ainda, o pouco tempo que os cronistas dispunham para conceber e produzir os textos. Costa (2014) aponta para a finalidade utilitária e pré-determinada desse gênero discursivo, ou seja, para a finalidade de “agradar aos leitores dentro de um espaço sempre igual e com a mesma localização, criando-se, assim, no transcurso dos dias ou das semanas, uma familiaridade entre escritor e aqueles que o leem” (COSTA, 2014, p. 92), como algo que, associado à efemeridade, caracteriza a crônica como um gênero menor.

No entanto, do nosso ponto de vista alinhado ao de Calhoub, Neves e Pereira (2015,) a efemeridade não se apresenta como característica de um gênero que vem

sendo produzido com mestria e quantidade consideráveis há séculos no Brasil. No máximo, pode-se afirmar que ela se refere a um modo peculiar de tratamento do componente temático, no caso, relativo à temática do cotidiano, que se constitui, de fato, como um traço característico da crônica.

Ao analisar a importante contribuição desse gênero para a História Social do Brasil em diversas épocas, o que reafirma a relativa estabilidade da crônica e sua utilização permanente e importante como instrumento de interação, esses autores afirmam que a ideia de efemeridade gerou uma filha bastarda na arte. Citando Candido (1992), que afirma que a crônica se caracteriza como um tipo ligeiro, sem grandes pretensões, feito às pressas e sem cuidados para o consumo diário dos jornais, questionam a ausência de elaboração narrativa, traço também apontado como responsável pela alcunha de gênero efêmero e menor. A noção de tema em Bakhtin (2011), concebido como os aspectos semântico-objetais que devem ser vistos do ponto de vista da sua possibilidade de exauribilidade e de conclusibilidade, e que, dada, ainda, a diversidade dos campos em que ocorre a comunicação discursiva, apresentam-se igualmente diversas em relação ao seu modo de tratamento e de efetivação, também apontam suspeitas em relação à designação de gênero menor para a crônica, considerando a alegação de pouca elaboração narrativa, posto que cada gênero discursivo permite um determinado modo de tratamento do tema. Assim, os recursos narrativos menos complexos não sugerem *déficits* nem simplicidade, mas peculiaridades que advêm do próprio funcionamento enunciativo desse gênero. Na crônica em questão, a exauribilidade, a despeito de seu caráter eminentemente literário, é quase completa, diferentemente do que, provavelmente, ocorreria em um conto ou em um romance. É possível identificar e delimitar, nos limites do próprio texto, seu conteúdo semântico-objetal, a conclusão a que esse conteúdo leva: uma denúncia e um pedido de providências feitos de forma humorística por um personagem-defunto. Dessa forma, a efemeridade, tal como a leveza, a simplicidade e a brevidade caracterizam modos de tratamento e de composição do conteúdo temático e não do gênero em si, o que significa dizer que a crônica não deve ser vista como um gênero efêmero, por conseguinte, menor, mas como um gênero cujas regulações preveem pouca complexidade narrativa e, por analogia, expositiva também.

A propósito, a brevidade, quase sempre muito acionada nos contextos de caracterização do gênero crônica, também é afetada pela mesma vacuidade do

adjetivo efêmero. Não há como definir objetivamente parâmetros para identificar e tratar esses elementos como categorias de análise ou como conceitos. O que seria um texto breve? Ele seria breve pela extensão da sua forma, ou seja, pelo seu tamanho? Ou pelo modo de composição do tema que logo se exaure, como mostramos que ocorre na crônica de Lima Barreto?

Considerando o primeiro aspecto, isto é, a extensão ou tamanho do texto, seria necessário operar com critérios duvidosos, tais como quantidade e tamanho das palavras ou páginas. Se compararmos com um romance, por exemplo, a crônica **Queixa de defunto** poderia, de fato, caracterizar-se como um texto curto, tal como a maioria dos autores aponta como traço marcante desse gênero discursivo. No entanto, se a compararmos com um bilhete, com uma charge ou mesmo com um soneto, ela, certamente, seria vista como um texto longo. Dessa forma, não é razoável operar, em virtude da pouca funcionalidade, quando se busca alcançar parâmetros de caracterização de gênero, com critérios tão vagos quanto nos parece ser a noção de brevidade e extensão da forma do texto. Considerando o segundo aspecto, isto é, a brevidade pelo ângulo da composição temática, chega-se a uma injusta alegação de ausência de elaboração narrativa (CALHOUR; NEVES; PEREIRA, 2005), conforme já se discutiu, e a um rápido desenvolvimento do tema. Esses aspectos podem, de fato, caracterizar não a forma breve do texto, mas, sim, como já se afirmou, um modo peculiar de desenvolvimento do componente temático das crônicas que está muito longe de ser um demérito e mais próximo de uma proposta estética autêntica frente aos outros gêneros estudados pela literatura (REIS, 2015).

A ausência de elaboração narrativa como proposta estética refere-se à pouca ou a nenhuma lapidação dos elementos próprios da narração: espaço, tempo, personagem, narrador e enredo, quando essa tipologia, sequência ou mundo discursivo, conforme o pressuposto teórico utilizado, é o que predomina no texto. Esse possível *déficit* é apontado por muitos autores devido ao rápido desenrolar do enredo, o que não é suficiente para caracterizar o texto como curto. No máximo, serve para identificá-lo como sucinto ou conciso. Tudo se resolve em uma ou em poucas páginas. Não há lugar para uma descrição pormenorizada dos aspectos físicos ou psicológicos que envolvem os personagens. Em **Queixa de defunto**, Antônio da Conceição é apresentado como um defunto que, em vida, foi natural e residente do Rio de Janeiro, pobre, católico e que nunca deu trabalho às autoridades

públicas nem delas se queixou. Não fez reivindicações de direitos nem levantou bandeiras políticas. Seguiu, de forma santa, as prédicas do padre, acreditando que, vivendo assim, iria para o céu. Essas informações, embora construam uma imagem do personagem e possam sugerir a emergência de vozes de instâncias sociais, não se põem como mote para uma análise mais profunda de caráter intimista, sociológico, filosófico ou psicológico dos seres humanos por ele representados como, talvez, ocorreria em um romance, mas como informações que conduzem o leitor ao ponto central do texto: a crítica social esboçada por meio do humor, que era a grande proposta da **Revista Careta**. As informações de tempo e espaço restringem-se a dados pontuais: Rio de Janeiro, Boca do Mato, Méier, rua José Bonifácio, em 1922. Aparentemente, não há nenhuma discussão ou problematização implicadas na relação entre o perfil do narrador-personagem e o espaço e o tempo. Assim, a crônica não deve ser considerada um texto efêmero e curto, mas um gênero discursivo cujo conteúdo temático, geralmente, reflete questões do cotidiano tratadas de forma concisa e aportadas, algumas vezes, quando datadas e assinadas, em uma situação de tempo e espaço específica. A simplicidade, por sua vez, não marca o gênero em si. Ela fala mais de perto ao estilo que atravessa a linguagem do texto jornalístico quando esse entra em cotejo com o texto literário.

A propósito, outra característica desse gênero discursivo é o aspecto jornalístico conjugado com o literário. Costa (2014) afirma que, atualmente, a crônica é o único gênero literário produzido para ser publicado na imprensa. Candido, confrontando-a com outros gêneros da literatura, considera-a um gênero menor. Segundo ele, “não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas” (CANDIDO, 1992, p. 13).

O trânsito entre os domínios da literatura e da imprensa repercute em vários aspectos. No conjunto das importantes manifestações de expressão literária, como já demonstrado e questionado, a maioria dos estudiosos e dos críticos da área a avalia como um gênero menor, em razão da simplicidade dos recursos estéticos que ela demanda e, em consequência disso, do empenho investido nos recursos que lhe dariam maior feição artística. Por exemplo, em **Queixa de defunto**, no que pese a sofisticação do recurso do personagem-defunto e a originalidade da crônica em formato de carta, a figura do narrador e do autor se confundem, entremeiam-se na sublimaridade do texto. É possível que o narrador represente a voz do próprio

cronista que dialoga com o seu tempo: o Rio de Janeiro de 1922, à semelhança de um jornalista que denuncia e expressa juízos. Calhoub, Neves e Pereira (2005) afirmam que esse narrador não isento, parcial, portanto, para cuja fala também converge a perspectiva do jornalista ou do cronista que escreve para os jornais e revistas consiste em um aspecto sobre o qual repousa também uma das características das crônicas produzidas no século XIX e início do século XX. Dessa forma, é possível afirmar que certas marcas vão-se fixando, no próprio gênero, como consequência do trânsito pelo universo da imprensa, tais como as composições ensaísticas com “cara” de artigos de opinião ou de resumo das principais notícias do dia, da semana ou do mês.

Ainda sobre **Queixa de defunto**, é possível observar que o texto apresenta-se como uma crônica vazada em forma de carta, o que, por si só, acena para a interlocução direta entre os participantes do ato comunicativo. Os recursos sintáticos e fraseológicos, quase em sua totalidade, são os da ordem direta. Praticamente não se encontram figuras de linguagem, de pensamento ou de construção que chamem a atenção do leitor. O registro de língua, embora seja o da escrita formal, mostra-se por meio de um vocabulário simples, muitas vezes, fazendo uso da coloquialidade como recurso expressivo — *estava certo de ir direitinho para o céu* —, sem desconfigurar, no todo, o registro padrão. Formas de tratamento como Ilustríssimo e Excelentíssimo são utilizadas não como forma de rebuscar o estilo, mas, sim, como um recurso mobilizado em virtude do simulacro da carta. Resulta, pois, da intergenericidade, presente não em todas as crônicas, mas, especificamente, em **Queixa de defunto** e em **Carta Fechada** (nos anexos). A interlocução direta, e normalmente marcada no texto entre autor e leitor, é substituída pela do narrador com o destinatário, que é o prefeito da cidade carioca em 1922. Assim, é possível identificar no texto um fazer literário moldado para a esfera jornalística.

Do ponto de vista do mundo discursivo e do tipo de discurso semiotizados que mais se manifestam na crônica, é possível identificar, algumas vezes, de forma bem caracterizada, a presença do mundo do narrar. O texto em análise, por exemplo, é construído com base em uma atividade narrativa<sup>9</sup> sem explicitação de parâmetros

---

<sup>9</sup> Bronckart (1996, 2007), após valorizar o esforço de vários autores no estabelecimento da distinção entre narrar e relatar, assume que, no âmbito do ISD, a noção de atividade narrativa refere-se ao processo em funcionamento em todo discurso da ordem do narrar, narração refere-se à atividade na

físicos e instâncias de agentividade (BRONCKART, 2007), além de semiotizada em um tipo de discurso chamado narração, que se caracteriza, do ponto de vista da organização dos arranjos linguísticos, pelo caráter monologal; presença preponderante de frases declarativas; predominância da correlação entre os tempos verbais do pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito. Esse último na forma composta; presença de organizadores temporais; anáforas pronominais e nominais; ausência de presença de pronomes de primeira e de segunda pessoas que se remetem aos protagonistas da interação verbal no nível do contexto (extratextual), podendo, no entanto, haver a presença de marcas de primeira pessoa como resultantes de interações entre agentes internos do texto, tais como personagens e narrador (BRONCKART, 2007)<sup>10</sup>.

Em **Queixa de defunto** apresenta-se um mundo narrativo puramente imaginário construído por um único sujeito empírico, o que caracteriza o texto como monologal. Esse último aspecto define-se com base no contexto de produção específico do texto. No que pese o caráter constitutivamente dialógico da linguagem ser também uma orientação seguida por Bronckart (2007), ele próprio afirma que isso não impede que se possa levar em consideração a quantidade de autores, isto é, de sujeitos empíricos compreendidos como os agentes humanos que executam as ações de linguagem, e, por essa razão, respondem pelo ato de produção. Dessa forma, a ação assumida por um único autor caracteriza o texto monologal. A assumida por dois, dialogal e a assumida por mais de dois, polilodal.

O caráter narrativo do texto perspectiva um nível alto de disjunção, ou desvio, em relação ao mundo ordinário. Sua proposta de ficção, expressa sobretudo pelo enredo do qual participa, principalmente, um personagem-defunto que faz reivindicações ao prefeito do Rio de Janeiro, coloca o conteúdo semiotizado na posição de um conteúdo que pode “apenas ser parcialmente sujeito” (BRONCKART, 2007, p. 154) a uma interpretação baseada no essencial dos critérios de validade do mundo ordinário. No caso, a quebra da lógica do mundo fenomenológico, que

---

ordem do narrar autônomo e relato, na ordem do narrar implicado. Também nos utilizaremos dessa nomenclatura.

<sup>10</sup> As marcas linguísticas que acenam para a configuração de cada um dos tipos presentes em Bronckart (2007), embora se refiram à língua francesa, podem também ser atestadas em textos da língua portuguesa, conforme propõe Machado (1998) e Marcuschi (2008). As crônicas aqui analisadas aparentemente também confirmam a presença das marcas apontadas nesses estudos, embora não tenhamos submetido o *corpus* a uma análise refinada desses aspectos.

fundamenta o estatuto de narrativa ficcional, é o que orienta a recepção do texto por parte do leitor e contingencia a relação que ele deve fazer entre os dois mundos, isto é, entre o virtual e o real. O Mundo disjuncto esboçado nessa crônica não implica o mundo ordinário, configurando o que Bronckart (2007) denomina mundo do narrar autônomo, que se caracteriza, conforme já dito anteriormente, pela ausência de marcas que remetem diretamente às instâncias enunciativas do agente-produtor, do interlocutor, do tempo e do espaço.

A presença de dêiticos como em *nesta cidade* e a data explicitada no fim do texto apontam para as instâncias enunciativas de espaço e tempo, respectivamente, situadas no nível do texto não do contexto de produção. Os protagonistas são explicitados por meio dos pronomes de primeira pessoa do singular elididos em sequências de verbos como em *nasci, vivi e morri*, em que os pronomes dêiticos remetem a instâncias internas do texto, ligada, nesse caso, ao personagem-defunto. No entanto, a presença do pronome oblíquo de primeira pessoa do singular *me* — *mandou-me* [personagem-defunto enviou para o narrador] *a carta* — refere-se à instância enunciativa do narrador, que aparece coincidir com a do autor, que é o único sujeito empírico responsável pela produção do texto, sendo, dessa forma, uma produção monologal. Em razão da intergenericidade com a carta, a instância do destinatário é mostrada pela presença de pronomes de tratamento e de vocativos — i) *Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal*; ii) *por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige* — como forma de interlocução direta entre os personagens, simulando, assim, a interlocução que poderia haver entre cronista e leitor. O tempo verbal predominante é o do pretérito perfeito em correlação com o imperfeito, marcando os vários estágios da estrutura narrativa. As frases são preponderantemente declarativas. O processamento anafórico ocorre, sobretudo, por meio de anáforas pronominais. No entanto, é possível identificar também anáforas nominais, como quando se verifica que o referente *São Pedro* é retomado e recategorizado, de forma irônica, pela estrutura nominal definida *o bom do velho santo* — *mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo*. Desse modo, na crônica **Queixa de defunto**, assim como em tantas outras, há evidente prevalência do mundo do narrar, no caso em análise, do narrar autônomo e do tipo narração, diferentemente de uma outra configuração do gênero crônica, refletida no texto 2, abaixo, em que predomina o mundo do expor.

## TEXTO 2

**O moralizador****Contardo Calligaris**

Eliot Spitzer era governador do Estado de Nova York até renunciar, na semana passada. Sua fortuna política e sua popularidade estavam ligadas à sua atuação prévia como procurador agressivo e inflexível contra os crimes financeiros e contra as redes de prostituição e seus clientes.

Ora, descobriu-se que ele era freguês de uma rede de prostituição de luxo e que também recorria a artimanhas financeiras para que seus pagamentos – substanciais: 80 mil dólares (140 mil reais)\* – não fossem identificados. Esse *fait divers* (no fundo trivial) foi a primeira página dos jornais do mundo inteiro – aparentemente, pela surpresa que causou: quem podia imaginar tamanha hipocrisia? Esse “espanto” geral foi, para mim, a verdadeira notícia da semana.

Começou no dia em que Spitzer deu a sua primeira declaração pública, reconhecendo os fatos e a culpa, ao lado de sua mulher, impávida. No programa 160º, da CNN, o âncora, Anderson Cooper, convocou dois comentaristas. Um deles, uma mulher, psicóloga ou psiquiatra, ofereceu imediatamente uma explicação correta e óbvia. Ela disse mais ou menos isso: é muito frequente que um moralizador raivoso desconte nos outros tendências e impulsos que são seus e que ele não consegue dominar. Cooper (que já passou pelos piores cenários de guerras e catástrofes naturais) quase levou um susto e cortou rápido, acrescentando que aquelas eram, “claramente”, suposições, hipóteses etc. Não é curioso?

Em regra, prefiro as ideias que são propostas, justamente, como hipóteses ou sugestões que cada um pode testar no seu foro íntimo. Mas, hoje, considerar a declaração da especialista como uma suposição parece ser uma hipocrisia pior (e mais perigosa) do que a de Spitzer. Afinal, depois de um bom século de psicologia e psiquiatria dinâmicas, estamos certos disto: o moralizador e o homem moral são figuras diferentes, se não opostas.

1. O homem moral se impõe padrões de conduta e tenta respeitá-los;
2. O moralizador quer impor ferozmente aos outros os padrões que ele não consegue respeitar.

Ainda em sua primeira declaração, Spitzer confessou, contrito, que não conseguira observar seus próprios padrões morais. Tudo bem: qualquer homem moral poderia confessar o mesmo. Mas ele acrescentou imediatamente que, a bem da verdade, aqueles eram os padrões morais de quem quer que seja.

Aqui está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, é considerado por ele um padrão que deveria valer para todos. Com que finalidade? Simples: uma vez estabelecido seu padrão como universal, ele pode, como promotor ou governador, impô-lo aos outros, ou seja, pode compensar suas próprias falhas com o rigor de suas exigências para com os outros.

Quem coloca ruidosamente a caça aos marajás no centro da sua vida está lidando (mal) com sua própria vontade de colocar a mão no pote de marmelada, Quem esbraveja raivosamente contra “veados” e travestis está lidando (mal) com as suas fantasias homossexuais. Quem quer apedrejar adúlteros e adúlteras está lidando (mal) com seu desejo de pular a cerca, ou (pior) com o seu sadismo em relação a seu parceiro ou parceira. O exemplo da adúltera, aliás, serve para lembrar que a psicologia dinâmica, no caso, confirma um legado da mensagem cristã: o apedrejador sempre quer apedrejar a sua própria tentação ou a sua culpa. A distinção entre homem moral e moralizador tem alguns corolários relevantes. Primeiro, o moralizador é um homem moral falido: se soubesse respeitar o padrão moral que impõe a si mesmo, não precisaria punir as suas imperfeições no outro. Segundo, é possível e compreensível que um homem moral tenha um espírito missionário: ele pode agir para levar os outros a adotar um padrão parecido com o seu. Mas a imposição forçada de um padrão moral nunca é o ato de um homem moral, é sempre o ato de um moralizador.

Em geral, as sociedades em que as normas morais ganham força de lei (os Estados confessionais, por exemplo) não são regradas por uma moral comum, nem pelas aspirações de poucos e escolhidos homens exemplares, mas por moralizadores que tentam remir suas próprias falhas morais pela brutalidade do controle que exercem sobre os outros. A pior barbárie é isto: um mundo em que todos pagam pelos pecados de hipócritas que não se aguentam.

Em formato de prosa, Contardo Calligaris, publica em 20 de março de 2008, no jornal **Folha de São Paulo**, a crônica **O moralizador** que, de início, narra o episódio em que Eliot Spitzer, governador do Estado de Nova York, renuncia, após a divulgação na imprensa, do envolvimento dele com uma rede de prostituição de luxo e com os meios ilícitos de que ele fazia uso para esconder os pagamentos a essa referida rede. Ocorre que a popularidade de Eliot e seu acesso à vida política decorriam, no entanto, de sua imagem de procurador inflexível contra crimes financeiros e contra as redes de prostituição e de sua clientela. Esse fato foi notícia, na época, nos principais jornais do mundo, sobretudo, pela surpresa que causou

frente ao que o autor chama hipocrisia. Chamada para comentar a declaração pública sobre os fatos e o pedido de desculpas do ex-governador em um programa da *CNN*, uma das comentaristas, que o autor supõe ser psicóloga ou psiquiatra, afirma que é muito comum que uma pessoa moralizadora desconte nos outros as tendências e os impulsos que ela mesma não consegue dominar. Tendo sido retirada do ar por causa do comentário constrangedor para Eliot Spitzer, o apresentador da *CNN* afirmou ser apenas suposição o conteúdo do comentário da especialista. Contardo Calligaris, que é jornalista e doutor em Psicanálise, defende a mesma posição que a comentarista, critica a avaliação do apresentador da *CNN* e, após narrar os episódios acima, passa a expor, sob a visão psicanalítica, acerca do que ele denomina homem moral e moralizador.

Dessa forma, dois mundos discursivos distintos, mas entrelaçados, articulam-se na construção da crônica: o mundo disjunto do narrar autônomo e o mundo conjunto do expor. Esse último ocorre tanto de forma implicada quanto autônoma. Os tipos de discurso que materializam cada um dos mundos são reproduzidos, respectivamente, pela narração e pelo discurso misto interativo-téorico, conforme propõe Bronckart (2007). Assim, diferentemente do que ocorre em **Queixa de defunto**, em que se observou como tipo principal, quase exclusivamente, a narração, em **O moralizador** se identifica uma heterogeneidade tipológica mais evidente, ou seja, é mais difícil reconhecer ali o mundo discursivo e o tipo de discurso principal e secundário(s), ilustrando claramente a problema do hibridismo tipológico como traço marcante da crônica brasileira.

A atividade narrativa, como lhe é próprio, apresenta-se de forma disjunta em virtude de reproduzir um fato passado atestado e situado na ordem da História, portanto, o mundo semiotizado já não é o mesmo mundo ordinário do autor. Diferentemente do que ocorreu na crônica anterior, em que houve a projeção de um narrar ficcional, nesta, lança-se um narrar realista, do que resulta que a atividade de linguagem recria um mundo virtual que *pode* ser completamente avaliado com base em fatos e em parâmetros do mundo real. Esse mundo virtual organiza-se com base no tipo de discurso narração, que, segundo Bronckart (2007), caracteriza-se pela sua configuração monologal e de concepção escrita; por comportar basicamente frases declarativas; por apresentar predominância dos tempos verbais da história ou da narrativa: pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito na forma composta e futuro do pretérito; por apresentar organizadores temporais, anáforas pronominais e

nominais; por apresentar ausência de pronomes de primeira e de segunda pessoas, que remetem diretamente aos agentes da interação.

A frase *Eliot Spitzer era governador do Estado de Nova York, na semana passada* inicia, no texto, a narração, que serve, adiante, como ponto de partida para a exposição acerca das noções de homem moral e de moralizador. O pretérito perfeito situa o fato num passado e instaura o narrar, abrindo, desse modo, espaço para a presença de outros elementos narrativos, tal como o tempo — *na semana passada* — e o lugar — *em Nova York*. O mundo projetado, conforme já pontuado anteriormente, é o do narrar realista, que, segundo Bronckart (2007, p. 154) define-se como “um conteúdo que pode ser avaliado e interpretado de acordo com o essencial dos critérios de validade do mundo ordinário”. A ausência de marcas de primeira e de segunda pessoas e de dêiticos que remetem especificamente às instâncias de agentividade e aos parâmetros da ação em curso, quando se está diante de segmentos narrativos, respondem pela autonomia do mundo do narrar ali construído. Há preponderância de frases declarativas. As frases interrogativas que aparecem no texto — *quem podia imaginar tamanha hipocrisia?... com que finalidade... Não é curioso?* — marcam a intenção de interlocução direta com o leitor, como é própria da crônica e, em dado momento — *Não é curioso?* — marcam a passagem da narração para a exposição.

Na cadeia anafórica identifica-se, predominantemente, o uso de anáforas pronominais, atuando nas descrições das personagens e dos cenários. Verificam-se também anáforas nominais — esse *fait divers*<sup>11</sup> — que recategorizam referentes e servem para inserir pontos de vista do autor, além de estruturas que organizam os acontecimentos na ordem do tempo — *na semana passada; o dia em que Spitzer deu a sua primeira declaração pública; No programa 16º, da CNN*.

Quanto ao mundo do expor, que na ocorrência ora analisada se apresenta como implicado e autônomo, conforme dito anteriormente, ele é construído por meio do tipo discurso misto interativo-teórico. Esse mundo discursivo, diferentemente do mundo do narrar, que é marcado pela disjunção, é caracterizado pela conjunção, isto é, pelo contingenciamento entre o mundo semiotizado e o mundo real. Assim, o mundo do expor deve ser interpretado com base na lógica do mundo ordinário.

---

<sup>11</sup> Expressão em francês que, no jargão jornalístico, refere-se a fatos inexplicáveis e excepcionais.

Bronckart (2007) demonstra que algo que confirma essa configuração do mundo expositivo é o fato de que:

a ficção que funciona nos mundos da ordem do narrar será considerada como uma característica *normal* do gênero adotado, enquanto a ficção nos mundos da ordem do expor será geralmente objeto de uma avaliação baseada exclusivamente nos critérios de elaboração e de validade dos conhecimentos do mundo ordinário (BRONCKART, 2007. p. 154).

O caráter autônomo ou não é definido, assim como no mundo do narrar, pelos procedimentos de explicitação dos parâmetros de ação da linguagem em curso em correlação com os das instâncias de agentividade. Quando há explicitação, caracteriza-se o mundo do expor implicado, geralmente construído por meio do tipo discurso interativo. Quando não há, caracteriza-se o expor autônomo, geralmente construído por meio do tipo discurso teórico. Quando a instância enunciativa do expositor expõe e, além disso, deixa-se marcar por intermédio das avaliações que produz em primeira pessoa, ocorre a fusão dos tipos, emergindo, dessa forma, o tipo misto interativo-teórico, que, segundo Bronckart (2007), caracteriza-se pela possibilidade de ser monologal, dialogal ou polilogal, escrito ou oral; pela presença de numerosas frases não declarativas; pela presença dos tempos verbais do presente, do pretérito perfeito e de formas perifrásticas que indicam o tempo futuro; pela ocorrência de unidades dêiticas que remetem aos parâmetros de ação da linguagem em curso, além de nomes próprios e de verbos e pronomes que remetem à primeira e à segunda pessoas do singular e do plural; há incidência de anáfora pronominal em oposição à nominal. A essas características que são próprias do tipo interativo conjugam-se as que são mais comumente relacionadas com o tipo discurso teórico, compondo-se, assim, o tipo misto interativo-teórico. Da parte do discurso teórico, ressalta-se a ausência de primeira pessoa, a presença do presente do indicativo e de organizadores com valor lógico semântico, presença de modalizadores e de referências intra, inter e metatextuais, entre outros aspectos.

Quando se passa, nessa crônica, do mundo do narrar para o mundo do expor, o texto começa a operar sob a perspectiva de um mundo conjunto. Prova disso é que não há nenhuma marca que aponte para a separação entre os dois mundos, diferentemente do que acontece no início do texto em que o pretérito perfeito, apontando para a falta de simultaneidade entre o acontecimento narrado e o momento da narrativa, demarca a disjunção entre eles. O expositor, alinhado à

perspectiva do autor pelo uso da primeira pessoa do singular, entra imediatamente no assunto do qual deseja tratar de forma expositiva: *em regra, prefiro as ideias que são propostas, justamente, como hipóteses ou sugestão que cada um pode testar no seu foro íntimo*. Com base nesse aspecto, deduz-se que o mundo a partir do qual se pode avaliar o conteúdo do texto é partilhado entre os interlocutores, portanto, eles [autor e leitor], em tese, pertencem ao mesmo universo. A presença de elementos que remetem diretamente aos agentes da interação e às posições pessoais do autor, tais como os pronomes dêiticos implícitos nos verbos conjugados na primeira pessoa do singular — *prefiro as ideias* — e do plural — *estamos certos disso* — sinalizam o caráter implicado do mundo do expor esboçado no texto. A incidência do presente do indicativo com nítido valor atemporal e a presença de modalizadores como em *lidando mal* e *ou pior* apontam para a ocorrência do discurso teórico.

Ressalta-se, ainda, que tanto o tipo narração quanto o tipo discurso misto interativo-teórico apresentam-se como monológicos, pois apenas Contardo Calligaris assume a autoria como produtor do texto, além do que a presença maciça de frases declarativas e do presente do indicativo de valor atemporal instaurando a proposição — i) *o moralizador e o homem moral são figuras diferentes*; ii) *o exemplo da adúltera, aliás, serve para lembrar que a psicologia dinâmica, no caso, confirma um legado da mensagem cristã: o apedrejador sempre quer apedrejar a sua própria tentação ou a sua culpa* — respondem pelas asserções em que o expositor joga com teses e conceitos que favorecem a exposição do seu ponto de vista. Verifica-se também o uso de formas verbais modalizadoras — *Aqui está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, deveria valer para todos* — em que os verbos auxiliares *conseguir*, *em não consegue respeitar*, e *dever*, na locução *deveria valer*, atuam como modalizadores, respectivamente, epistêmicos e deônticos com base nos quais Contardo Calligaris marca a sua posição. Há, ainda, a incidência de anáfora pronominal em oposição à nominal — *Aqui está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, deveria valer para todos. Com que finalidade? Simples: uma vez estabelecido seu padrão como universal, ele pode, como promotor ou governador, impô-los aos outros, ou seja, pode compensar suas próprias falhas com o rigor de suas exigências para com os outros* — em que o pronome *ele* retoma e recategoriza, desde o parágrafo anterior, o referente Spitzer.

Desse modo, apresenta-se bem caracterizado o mundo do expor implicado e autônomo, semiotizado pelo tipo misto interativo-teórico, em consórcio com o mundo do narrar autônomo, semiotizado pelo tipo narração. Esse hibridismo tipológico satisfaz uma demanda do gênero crônica e atende a um aspecto da organização dos discursos amplamente observado e aceito também por Bronckart (2007).

Relativamente aos outros aspectos que consolidam **O moralizador** como uma crônica, pode-se destacar a temática do cotidiano que, nesse caso, traz à tona o debate acerca de questões sociais e morais suscitado pela notícia, que ganhou as páginas de muitos jornais na época, sobre a renúncia do governador de Nova York, em virtude do envolvimento dele com redes de prostituição de luxo e com procedimentos ilegais para encobrir seus pagamentos a elas. Assim, a temática que aí se expressa está ancorada em fato de repercussão internacional posicionado em dado momento e esse aspecto baliza a recepção da crônica no que se refere à sua função de tocar nos acontecimentos do dia a dia, da atualidade, para, a partir deles, lançar reflexões, algumas vezes, profundas, embora, como afirma Candido (1992), de forma aparentemente solta, o que significa dizer sem rigor estético, a despeito do seu caráter literário. Aliás, na ocorrência em apreço, o caráter mais eminente de notícia parece mitigar, ou mesmo apagar, o estilo literário. Se esse existe, é apenas por conta da memória de que a crônica faz parte dos gêneros estudados pela literatura (REIS, 2015). Na sua forma de composição ensaística, ou crônica de notícia (GABRIEL JR., 2015), que ao mesmo tempo expõe fatos de repercussão e os avalia, os recursos que poderiam ser apontados como relativos ao estilo em nada lembram o texto literário. Essa é, inclusive, uma configuração desse gênero que convive amplamente com outras manifestações em que, diferentemente, a literatura parece, de algum modo, ainda compor parte do estilo do texto. Esses dois modos de produção e de circulação da crônica são bastante compreensíveis, considerando o caráter heterogêneo das situações sociais que ensejam os gêneros discursivos, conforme a visão bakhtiniana informa.

A interlocução direta com o leitor, também apontada como uma característica da crônica, marca presença por meio de perguntas retóricas, que, além de permitirem a progressão do texto a partir das próprias posições do autor, permitem a produção de efeitos discursivos capazes de sugerir que ele deseja a interação com o leitor, que ambos conversam, dialogam. É o caso, por exemplo, do que sugere a pergunta *não é curioso?* por meio da qual Contardo Calligaris solicita a concordância

do leitor em relação ao embaraço do apresentador Anderson Cooper frente à afirmação de que a ideia defendida pela comentarista, segundo a qual um moralista raivoso projeta em suas vítimas as frustrações e impulsos com os quais ele mesmo não consegue lidar, seria apenas suposição. Desse modo, as perguntas i) *não é curioso?*; ii) *com que finalidade?*; iii) *que diabo é isso?* promovem um efeito de interação direta entre autor e leitor e contribuem para um certo tom de conversa que em certos momentos são próprios do gênero, embora **em o moralizador** esteja bem caracterizada a presença do registro formal de expressão da escrita, se considerarmos que o grau de formalidade deve ser visto com base em um contínuo e em uma gradação de vários níveis.

O tom coloquial aliado ao uso de um vocabulário simples, de uma sintaxe que privilegia a ordem direta, a presença de recursos que facilitam a exposição, inclusive, com enumeração de teses com base nas quais a argumentação posterior prossegue, entre outros aspectos, aludem a uma outra característica da crônica que é a simplicidade da linguagem em que esse gênero discursivo normalmente se expressa.

Os dois textos acima apresentados, considerando seus pontos de congruência e, ao mesmo tempo, a variedade de que são portadores ilustram de forma bem emblemática o que denominamos crônica, em seu viés bem particular, crônica brasileira, cujas características, para os fins da presente tese, são:

- ✓ Gênero em prosa
- ✓ Atua na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas por acontecimentos triviais do dia a dia
- ✓ Visa à construção de ponto de vista explícito ou não
- ✓ Reflete o mundo do narrar e/ou do expor
- ✓ Cultiva estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor

Assim, em resumo, a crônica deve ser vista como um gênero discursivo em prosa, marcado pela presença de comentários/exposições, relatos ou narrativas da vida cotidiana como motivadores do debate social, político, cultural, moral, estético etc.; vazado em estilo jornalístico e/ou literário; que expressa tanto o mundo discursivo da ordem do expor quanto do narrar e/ou uma conexão entre ambos em

linguagem simples, com tom coloquial e possibilidade de interlocução direta com o leitor. Essa foi a caracterização preliminar a que chegamos com base nas referências acionadas neste capítulo e nas duas crônicas nele analisadas, tendo em vista a finalidade de definirmos o gênero discursivo objeto desta pesquisa e elencarmos os critérios que norteiam a seleção do *corpus*. Essa caracterização concentra o que chamamos de um parâmetro já existente para a crônica sobre o qual buscamos acrescentar um outro, desta vez, baseado na estrutura retórica revelada por meio das relações que emergem entre os tópicos discursivos. Para alcançarmos esse fim, guiamo-nos, como demonstra o próximo capítulo, pelos pressupostos da RST em interface com o dialogismo bakhtiniano relativamente à noção de gênero discursivo, pelas noções de mundos e de tipos de discurso propostas no âmbito do interacionismo sociodiscursivo e pela noção de parâmetros de gênero proposta por Coutinho (2007, 2009) e Coutinho e Miranda (2009).

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo 2, explicitamos a base teórica da pesquisa. Na seção 2.1, apresentamos, em linhas gerais, o Funcionalismo linguístico como o paradigma que estabelece as condições para o desenvolvimento da Teoria da Estrutura Retórica e, dada a exigência que essa teoria faz de uma unidade de informação, apresentamos, de forma encaixada à exposição sobre a RST, o tópico discursivo, uma vez que ele cumpre, na presente pesquisa, com essa exigência.

A seção 2.2 registra a interface com a Linguística Textual. No item 2.2.1, apresentamos a perspectiva dialógica da linguagem e, nesse contexto, a noção de gênero discursivo sob o olhar bakhtiniano. No item 2.2.2, expomos a noção de parâmetros de gênero e seus fundamentos na construção de uma metodologia que permita a descrição e análise dos aspectos regulares que dão identidade ao gênero como objeto relativamente estável. Finalizando o capítulo, inserimos o item 2.2.3 que trata dos mundos discursivos, dos tipos de discurso e dos mecanismos enunciativos relacionados a eles segundo a perspectiva do Interacionismo sociodiscursivo.

### 2.1 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO, A TEORIA DA ESTRUTURA RETÓRICA E O TÓPICO DISCURSIVO COMO UNIDADE DE INFORMAÇÃO

No âmbito dos estudos da linguagem, o Funcionalismo linguístico corresponde a uma subárea da Linguística em torno da qual se concentram investigações que entendem a língua como instrumento de interação social e, por se analisar a língua com base nessa perspectiva, considera-se que os usos linguísticos refletem os propósitos discursivos dos falantes. Desse modo, toda investigação funcionalista, independentemente do seu viés, busca explicar os fenômenos linguísticos na contingência dos usos reais, que é onde mais evidente se torna a relação entre língua, interação e discurso. De forma específica, referimo-nos, aqui, ao paradigma funcionalista consolidado pelas diversas correntes surgidas na década de 1970 e que inspiraram os trabalhos de importantes linguistas, tais como Talmy Givón, John Du Bois, Sandra Thompson, Paul Hopper, Charles Li e Michael Halliday.

Neves (2012) apresenta vários princípios comuns às abordagens funcionalistas. Dentre eles, o de que a linguagem não é um fenômeno isolado, o de que as formas da língua são meios para um fim e também o de que existe uma relação não arbitrária entre a instrumentalidade do uso e a sistematicidade da estrutura. Desse modo, sustenta-se, no âmbito desse paradigma, que uma explicação funcionalista para os fenômenos linguísticos deve contemplar vários aspectos, notadamente, os ligados ao sentido e ao significado, às condições sociais de uso por parte do falante e os ligados ao próprio sistema linguístico. Neves (2006) afirma que em virtude de a gramática funcional, necessariamente, basear-se em usos reais, seu foco de investigação aponta sempre para o texto e que “colocar como foco de atenção a construção do sentido do texto é desvendar o cumprimento das funções da linguagem, especialmente entendendo que elas se organizam regidas pela função textual” (NEVES, 2006, p 16). Com outras palavras, Decat (2012) demonstra compartilhar dessa visão quando afirma que a forma é efeito da função e quando demonstra, sistematicamente, em seus vários trabalhos, fortes correlações entre fatos gramaticais e aspectos pragmáticos da situação em que os gêneros se materializam, aliando-se também à visão de Givón (2012, p. 16) para quem “é improvável que as exigências da estrutura comunicativa, em termos de sequenciamento [...] não sejam refletidas na estrutura do instrumento — linguagem — moldada para realizar a comunicação”. Deve-se ressaltar que, para a perspectiva funcionalista, a pragmática corresponde ao componente mais abrangente, no interior do qual se situam os fenômenos da ordem da semântica e da sintaxe (PEZATTI, 2011).

Uma consequência importante decorrente da adoção dos princípios de funcionamento da linguagem sob a perspectiva funcional é a ampliação do próprio objeto de análise, que deixa de ser o fenômeno linguístico tomado por si mesmo para ser aquele repercutido na relação língua – uso. Isso exige que o analista proceda a recortes teórico-metodológicos específicos, em consonância com o objeto analisado e com os objetivos de pesquisa previamente definidos. Por exemplo, o estudo da coerência considerado a partir da sua relação com o processo organizacional do texto, esteja esse processo focado no nível gramatical ou no textual, recebe um tratamento privilegiado e específico no âmbito da Teoria da Estrutura Retórica. Essa teoria começou a ser divulgada a partir de 1983, quando os linguistas William Mann e Sandra Thompson publicaram seu relatório de pesquisa, a

qual foi desenvolvida no Instituto de Ciências da Universidade do Sul da Califórnia — *Information Science Institute* —, passando, em seguida, a receber contribuições de vários outros estudiosos, sobretudo, funcionalistas. Na sua concepção inicial, registram-se importantes contribuições advindas tanto da linguística computacional quanto da Gramática sistêmico-funcional de Michael Halliday.

Em uma tese em que analisa o gênero artigo de opinião sob a perspectiva da RST em interface com a teoria das Sequências Textuais de Jean-Michel Adam, Correia (2018) produz um interessante resumo da história da Teoria da Estrutura Retórica. A autora, sinalizando a origem aos objetivos ligados à organização automática dos textos no âmbito da Linguística computacional na década de 1980, aponta três etapas diferentes nesse percurso da teoria: a primeira está fortemente ligada aos estudos da articulação de orações. A segunda destaca-se pelo espraiamento às questões ligadas aos diferentes aspectos textuais. A terceira fase, que é a contemporânea, marca-se pelos fortes interesses ligados tanto aos aspectos de sumarização de textos quanto aos ligados ao estudo do discurso e dos gêneros textuais/discursivos em suas diferentes formas de realização e de veiculação. É na fase inicial da RST que se verifica a apresentação e o debate sobre o conceito de relação retórica, que é central para a teoria.

Ao tratar dos mecanismos de descrição e análise de relações implícitas denominadas, inicialmente, proposições relacionais (MANN; THOMPSON, 1983, 1987, 1988) — atualmente essa denominação recobre também as noções de relações retóricas<sup>12</sup> (MANN; THOMPSON, 1988)<sup>13</sup>, de coerência (MANN; THOMPSON 2000; TABOADA, 2006, 2009) ou discursivas (REDEKER; GRUBER, 2014) —, Mann e Thompson (1988) afirmam que, considerando que a RST apresenta todo um instrumental para a descrição e análise dessas relações, que perpassam todos os níveis de organização textual, configura-se, dessa forma, como uma teoria de descrição de textos. O processo descritivo, segundo os autores, desenrola-se à medida que se atribuem funções a cada parte ou porção em contiguidade. A atribuição das funções é considerada com base em uma percepção hierárquica das informações e, por ser assim, baseia-se em um mecanismo que liga

---

<sup>12</sup> Doravante utilizaremos apenas o termo relação retórica.

<sup>13</sup> Diferentes trabalhos apontam diferentes referências que assinalam o surgimento do termo *relação retórica*. Reproduzimos a informação presente em Antonio (2016). Registramos para as outras denominações (relações de coerência e relações discursivas) as referências em que nós encontramos esses termos pela primeira vez.

cada parte a uma outra maior até que, por fim, todas elas estejam sistematicamente ligadas. Outro pressuposto importante é o de que o mapeamento das relações retóricas espelha o desenho de uma organização prototípica dos textos. Na pesquisa aqui apresentada, busca-se identificar arranjos ou redes de relações que informem uma organização prototípica da crônica, capaz de contribuir para a caracterização desse gênero discursivo.

Retomando a noção de relação retórica, considera-se que um texto pode estabelecer informações ou proposições de forma explícita ou implícita. Essas últimas habitam a subliminaridade do texto; podem aparecer (ou não) sinalizadas ou “linkadas” (MANN; THOMPSON, 1983, 2000); são de natureza semântica; servem de base para vários tipos de inferência no processo de interpretação. Segundo Mann e Thompson (1983, 1988), em virtude de percorrem todos os níveis da organização textual conectando suas várias partes, conforme já se disse, elas são essenciais para o funcionamento da coerência. Taboada (2006, 2009), repondo no cenário da RST a problemática dos implícitos na comunicação, e, nesse contexto, o modo como as relações são identificadas, questões essas já levantadas, embora em outros termos, por Mann e Thompson (2000), chama atenção para o fato de que essas relações se estabelecem independentemente de quaisquer marcas formais que as sinalizem, pois, ainda que não estejam sinalizadas, somos capazes de perceber as relações ou de inferi-las porque aceitamos a ideia de que os textos são coerentes, o que nos leva a pressupor uma conectividade entre suas partes. Desse modo, pode-se considerar que temos uma habilidade para impor conectividade (REDEKER; GRUBER, 2014). Essa habilidade sustenta-se em um outro pressuposto, o de que houve alguém que produziu um texto intencionalmente, razão por que somos levados a considerar que há uma conexão e uma hierarquia entre as informações textuais e, assim, pressupomos a existência de um todo devidamente articulado e organizado (MANN; THOMPSON, 1988; MATHIESSEN; THOMPSON, 1988).

É importante ainda destacar que, embora as relações retóricas surjam entre duas partes de um texto, não são derivadas de cada uma delas, pois se caracterizam como um fenômeno semântico resultante de mecanismos combinacionais. Dessa forma, decorrem da combinação de uma unidade informacional com outra. Redeker e Gruber (2014), resumindo esse processo combinacional, consideram que essas relações descrevem o modo como as partes do discurso se combinam recursivamente para formar porções maiores e

eventualmente toda a estrutura textual. Nessa mesma direção, Decat (2014) também sintetiza esse processo ao afirmar que “elas são, portanto, por um lado, a informação transmitida pelo texto e, por outro, um fenômeno de combinação, definido nas duas partes de um texto, permitindo perceber a relação entre essas partes, qualquer que seja o seu tamanho” (DECAT, 2014, p. 259).

Do ponto de vista metodológico, as relações retóricas são identificadas e analisadas com base em certas categorias e procedimentos de análise. Uma categoria importante é a noção de porção de texto. Visto que essas relações emergem entre porções textuais, o analista precisa eleger um critério que lhe permita a segmentação em partes. Esse critério é puramente operacional e se baseia nos objetivos do pesquisador. No nosso caso, segmentamos o texto com base no tópico discursivo, que, dessa forma, opera como unidade informacional. O termo unidade informacional é utilizado por Decat (1993, 2010a) com base em Chafe (1980), o qual utiliza a expressão *Idea Unit*.

Antes de darmos sequência à descrição da RST, torna-se necessário apresentar o que entendemos, neste trabalho, por tópico discursivo<sup>14</sup>.

O TD atua na macroestrutura textual. Por meio da análise da estruturação tópica, é possível realizar uma espécie de mapeamento da informação discursiva, o que revela, para o analista, importantes aspectos da organização que o falante empregou no texto, tendo em vista torná-lo coerente. Considerando esse aspecto, apoiamo-nos em Brown e Yule (1983), para quem o tópico corresponde àquilo de que se fala. Essa noção, em razão da fluidez de sua definição, requer certo manejo metodológico, uma vez que nem sempre é fácil, ou mesmo possível, dizer, de forma objetiva, aquilo de que um texto ou um fragmento de texto trata.

Implementando esse manejo metodológico, discutimos o tópico com base na noção de *aquilo de que se fala* e, também, com base nas possibilidades de representação do conteúdo discursivo, que correspondem à proposta de Brown e Yule (1983). Contudo, o procedimento de representação efetiva-se segundo os moldes de delimitação das porções tópicas e sua representação no quadro tópico (QT), tal como adotado pelo grupo Gramática do Português Falado no Brasil, consoante as formulações de Jubran et al. (1992) e revisados em Jubran (2006). Essa opção se justifica em razão de elegermos o tópico como unidade de

---

<sup>14</sup> Doravante poderemos utilizar apenas essas iniciais para nos referirmos à noção de tópico discursivo.

informação, revestindo-o, portanto, de importante papel operacional na condução da pesquisa ora apresentada, tal como proposto por Jubran (2006), que atribui a ele característica relacional e o define como uma categoria analítica de base operacional.

Segundo Jubran (2006), os segmentos tópicos apresentam convergência para um mesmo assunto, o que define duas propriedades particularizadoras do tópico discursivo: centração e organicidade. A centração caracteriza-se pela convergência das informações, permitindo os agrupamentos com base em três aspectos: i) concernência; ii) relevância; iii) pontualização.

A concernência diz respeito à relação de interdependência semântica — implicativa, associativa ou exemplificativa — entre os enunciados. A Relevância tem a ver com a proeminência dos elementos que concernem entre si em virtude da posição focal assumida por certos elementos. A pontualização identifica e localiza o conjunto, tido como focal, em determinado momento do texto (JUBRAN, 2006). A organicidade é caracterizada pelas relações de interdependência tópica e apresenta-se simultaneamente em dois planos: hierárquico e linear. O plano hierárquico apresenta-se segundo “as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto” (JUBRAN, 2006, p. 94) e, com base nele, elaboram-se os quadros. O plano linear, por sua vez, apresenta-se segundo “as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições tópicas diferentes na linha do discurso” (JUBRAN, 2006, p. 94).

O plano hierárquico, ainda segundo Jubran (2006), é descrito, no quadro tópico, de forma vertical. Considera-se que existem camadas de organização: tópicos amplos, particularizadores e mínimos. As relações de interdependência entre os níveis tópicos hierárquicos, no plano vertical, originam os quadros tópicos, que apresentam os seguintes aspectos: centração em um tópico mais abrangente, ou seja, em um supertópico (ST); subdivisão interna do ST em subtópicos (SbTs); subdivisões de cada SbT. Cada subdivisão de SbT passa a ser um ST no conjunto de tópicos que o integram (JUBRAN, 2006).

O plano linear refere-se às relações que se estabelecem entre os enunciados, considerando a continuidade e a descontinuidade. A continuidade implica a organização sequencial dos tópicos: a abertura de um se dá após o fechamento do outro precedente. A descontinuidade, por sua vez, manifesta-se quando, de algum modo, a continuidade é interrompida. Para Jubran (2006, p. 97),

o quadro tópico constitui, como o tópico, uma noção abstrata, cujo estatuto concreto é determinado pelo nível de hierarquia que estiver sendo observado. Isso porque, tendo em vista a possibilidade de subordinações contínuas de tópicos, se verifica a formação de QTs em qualquer ponto da hierarquização tópica. Em decorrência, o estatuto de ST ou SbT é relacional e dependerá exatamente do nível sob consideração.

A opção pelo quadro tópico proposto por Jubran (2006) ajusta-se bem às análises propostas pela RST em virtude de ambas as abordagens privilegiarem uma perspectiva hierárquica da organização textual. No capítulo de análise, na seção 4.2, retomaremos a questão, valendo-nos da oportunidade para demonstrarmos de forma mais explícita e prática a operacionalização do conceito de tópico discursivo, a formulação de quadros tópicos e a partir daí o estabelecimento das unidades de informação

Eleitas essas unidades, é possível identificar as relações e conseqüentemente chegar à determinação da estrutura retórica de um texto, vista como redes de relações que se estabelecem recursivamente, conforme já se discutiu anteriormente. Quatro elementos, ou seja, mecanismos segundo Antonio (2004), são levados metodologicamente em conta nesse processo: as relações retóricas, as aplicações de esquemas, os esquemas e as estruturas (MANN; THOMPSON, 1987, 1988).

O primeiro desses elementos são as próprias relações. Segundo Mann e Thompson (1988), elas se classificam em dois grandes grupos com base nas funções globais que desempenham e os modo como se organizam.

Quanto às funções globais, elas podem ser de apresentação ou de conteúdo. Sendo de apresentação, elas são identificadas tendo em conta um apelo maior aos aspectos pragmáticos que envolvem o texto, o produtor e o interlocutor, uma vez que sua função é levar o interlocutor a acreditar e/ou a concordar com o conteúdo do núcleo. Portanto, sua função visa a influenciar o comportamento do interlocutor, indicando-lhe um certo agir ou uma certa crença que devem ser suscitados pela porção nuclear da relação. Sendo de conteúdo, deve-se considerar um maior apelo ao caráter semântico, uma vez que, nesses casos, a compreensão do texto está condicionada à possibilidade de o interlocutor reconhecer a relação, isto é, de ele ser capaz de apreender um certo conteúdo expresso. Dessa forma, nas relações retóricas de conteúdo, leva-se em conta, principalmente, o caráter informacional ou

referencial de cada porção de texto. Com base nesses aspectos, Decat (2015) classifica, de um modo geral, as relações retóricas em dois grupos: pragmáticas e semânticas. As relações pragmáticas, segundo a autora, visam a criar um efeito no interlocutor. Assim, atuam no nível interpessoal e podem ser chamadas intencionais. As semânticas têm por objetivo referenciar. Atuam no plano ideacional e podem ser chamadas informacionais. Essa classificação baseia-se em uma outra configuração da proposta de Mann e Thompson (1988), conforme exposto acima e reproduzido a seguir:

- a) Relações retóricas de apresentação: antítese, fundo, concessão, capacitação, evidência, justificativa, motivação, preparação, resumo e reformulação
- b) Relações retóricas de conteúdo: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, senão (*otherwise*), interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo.

Quanto à organização, elas são classificadas em núcleo-satélite e em multinucleares. Ressalte-se que as listas de relações apresentadas no âmbito da RST não são fechadas e recebem contribuições de vários estudiosos da área, tais como Carlson e Marcu (2001), Pardo (2005), entre outros, de modo que elas tendem a se alterar e se expandir. As relações são definidas com base em um sistema de restrições que opera considerando quatro aspectos: restrição sobre o núcleo, sobre o satélite, sobre a combinação do núcleo + satélite e sobre o efeito. Segundo Mann e Thompson (1988), cada uma dessas restrições traduz um julgamento particular que o analista pode construir em relação à estrutura retórica de um texto, baseando-se em interpretações plausíveis.

Como se afirmou anteriormente, as relações retóricas são de natureza semântica, embora sua emergência, nos casos das de apresentação, reivindique maior atenção aos apelos de aspectos pragmáticos. Isso significa dizer que, no geral, a identificação delas depende, em grande parte, da atenção destinada pelo analista a uma série de condições ou restrições semânticas, indicadas em cada relação pela própria Teoria da Estrutura Retórica, levando em conta a organização que o produtor buscou imprimir no texto e os possíveis propósitos comunicativos a que ela atende. A determinação desse sistema de condições foi definida com base

em estudos em centenas de textos analisados pelos precursores da teoria, a partir dos quais a RST propõe não só um nome, mas também uma definição (baseada nas condições/restrições) para cada relação, como alertam Mann e Thompson (2000).

A noção de plausibilidade merece destaque no conjunto dos pressupostos da RST. Ela operacionaliza os procedimentos de análise na medida em que fornece parâmetros para que o analista decida acerca de uma ou outra relação, sobretudo nos casos de *overlapping*, isto é, de sobreposição, compreendida como as circunstâncias em que a emergência de mais de uma relação retórica é possível (FORD, 1986; DECAT, 2015). Como Mann e Thompson (1988) afirmam, na identificação das relações, o analista deve-se certificar acerca da plausibilidade da sua proposta de interpretação, perguntando-se é plausível considerar que o produtor desejava ou concordaria com o sentido a que se chega quando se tem como parâmetro as restrições ou condições impostas pela definição da relação retórica que se propõe como derivada da combinação entre duas certas porções de texto. Para os autores, uma análise não tem como produzir certezas, mas, sim, juízos de plausibilidade, pois o analista só tem acesso ao texto e ao contexto de sua produção; compartilha as convenções culturais do produtor e expectativas de um possível leitor, no entanto, não dispõe de acesso a esses sujeitos, assim, não dispõe de meios para saber, de fato, o que o produtor gostaria de dizer. Dessa forma, uma análise é sempre uma conjectura em torno de uma interpretação que deve ser balizada por juízos de plausibilidade, orientados por aspectos semânticos e funcionais (ANTONIO, 2003).

Abaixo, apresenta-se, a título de exemplificação do sistema de restrições e/ou condições que definem as relações retóricas, a relação de evidência proposta em Mann e Thompson (1998).

**Nome da relação:** evidência

**Restrições sobre N (núcleo):** o ouvinte/leitor poderia não acreditar em N em um grau satisfatório para o produtor

**Restrições sobre S (satélite):** o leitor acredita em S ou o considera credível

**Restrições sobre N+S:** o leitor, compreendendo S, aumentará a sua confiança em N

**Efeito/intenção do produtor:** a confiança do ouvinte/leitor aumenta

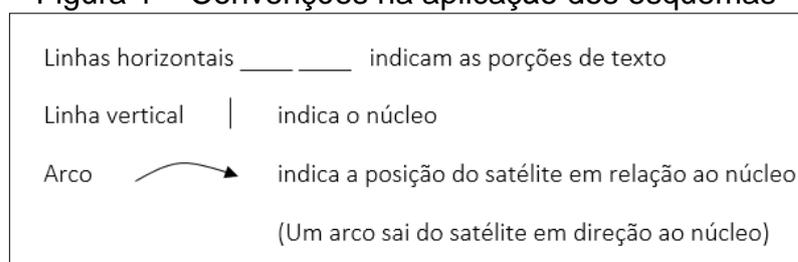
**Locus do efeito:** N

Como se pode observar, uma relação é definida com base em cinco elementos: restrições e/ou condições sobre o núcleo, sobre o satélite e sobre o núcleo + satélite. Levam-se em conta, ainda, a intenção do produtor e o *locus* do efeito. Em cada um deles, há instruções, isto é, restrições e/ou condições que permitem ao analista avaliar o enquadramento da relação que emerge entre duas porções textuais. Essas instruções são estrategicamente genéricas e o emprego delas, em cada caso concreto, depende da interpretação plausível que o analista propõe com base na articulação entre essas instruções; o texto; o contexto de produção e de recepção; as prováveis intenções do produtor. Como afirma Antonio (2003, p. 230), “a identificação das relações se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto, e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor”.

Os pesquisadores da RST contam com o apoio do site <<http://www.sfu.ca/rst/>>, que é internacionalmente conhecido e nele se pode encontrar textos, pesquisas e as listas das relações retóricas, entre outros materiais. Remetemos o leitor interessado ao site e disponibilizamos, nos anexos desta tese, as listas de relações propostas inicialmente pelos precursores da teoria e também por outros pesquisadores que ampliaram o rol das relações. No entanto, no capítulo de análise, na seção 4.2, apresentamos um quadro com as relações retóricas que emergiram no *corpus* e a referência aos autores que as propuseram.

No segundo elemento determinante da estrutura retórica, correspondente à aplicação dos esquemas, levam-se em consideração as seguintes convenções, ilustradas na figura 1, a seguir.

Figura 1 – Convenções na aplicação dos esquemas



Fonte: elaborado pelo autor com base em Mann e Thompson (1988)

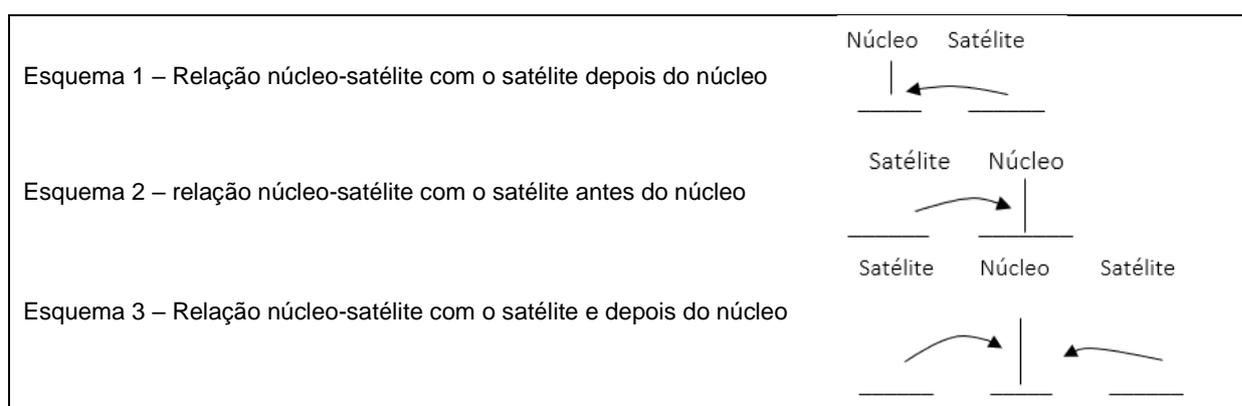
Conforme demonstra a figura 1, algumas convenções são utilizadas para indicar os elementos que compõem os esquemas. As linhas horizontais indicam as

porções de texto entre as quais emerge uma relação do tipo núcleo-satélite. A linha vertical indica o núcleo da relação nesse tipo de esquema. Quando há mais de um núcleo, utiliza-se mais de uma linha vertical segundo a quantidade de núcleos existentes em um esquema multinuclear. O arco indica a posição do satélite em relação ao núcleo nos esquemas núcleo-satélite.

O terceiro elemento determinante da estrutura retórica de um texto são os esquemas, que, por sua vez, apontam para padrões prototípicos. Esse padrões, segundo Mann e Thompson (2000), são abstratos e se estabelecem entre as porções, formando blocos que espelham a organização do texto. São eles que indicam as redes de relações, especificamente, denominadas de estrutura retórica.

Conforme já assinalamos, as relações classificam-se com base i) nas funções globais que desempenham — apresentação e conteúdo — e ii) no modo como se organizam. Quanto à organização, elas podem ser núcleo-satélite ou multinucleares. O do tipo núcleo-satélite está ilustrado na figura 2, em que aparecem três configurações de esquemas que ele pode assumir: satélite depois do núcleo (esquema 1); satélite antes do núcleo (esquema 2); satélite antes e depois do núcleo (esquema 3). Nesses esquemas, a porção satélite é ancilar, isto é, subsidiária de outra, da que corresponde ao núcleo, o qual se caracteriza como aquela que se revela mais central para os propósitos do falante (MANN; THOMPSON, 1988).

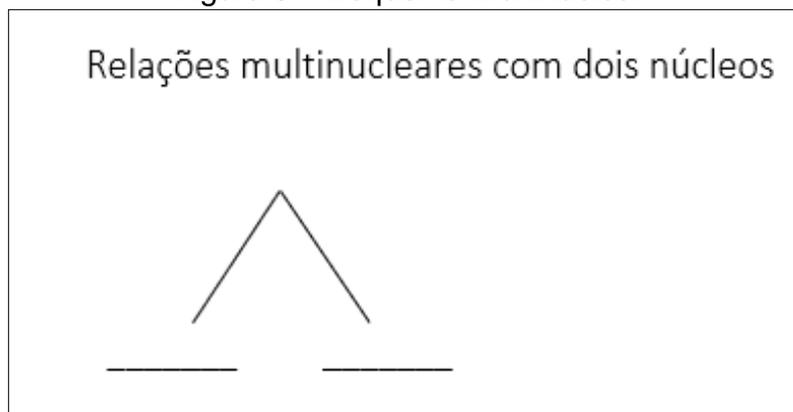
Figura 2 – Esquemas núcleo-satélite



Fonte: elaborado pelo autor com base em Mann e Thompson (1988)

Quanto ao esquema multinuclear, como o próprio nome sugere, há a existência de vários núcleos e, desse modo, uma porção de texto não é ancilar de outra. Abaixo, apresentamos, na figura 3, o esquema 4, que reproduz, conforme Mann e Thompson (1988), a representação de um esquema com dois núcleos.

Figura 3 – Esquema multinuclear



Fonte: elaborado pelo autor com base em Mann e Thompson (1988)

Cabe ressaltar que, conforme demonstram as figuras 2 e 3, os esquemas não restringem a posição do núcleo ou do satélite, haja vista que a ordem tanto de um quanto de outro pode variar. Os autores apontam ainda um quinto esquema, que seria uma espécie de variação do 4, acrescentando-lhe mais um núcleo. Assim, em um esquema multinuclear, dependendo da relação que se estabelece, pode apresentar mais de dois núcleos.

O quarto elemento a ser considerado na determinação da estrutura retórica de um texto é a sua própria estrutura, geralmente, descrita por meio de diagramas arbóreos, formulados ou não por meio da ferramenta *RSTtool*, versão 3.45, criado por Mick O'Donnell e disponível no site <http://www.wagsoft.com/RSTTool/>. Eles serão melhor demonstrados no capítulo de análise. Essa é uma ferramenta de apoio que serve apenas para desenhar o diagrama que reproduz a estrutura retórica proposta pelo analista. Assim, a ferramenta não possui funcionalidades que lhe permitam propor análises, mas, apenas, reproduzi-las. Como bem adverte Correia (2018, p. 88), o analista deve produzi-las, pois “a função desta ferramenta se limita em registrar a análise e não, desenvolvê-la”.

Por fim, é importante destacar, no âmbito dos estudos da RST, a noção de coerência, em virtude da importância central que ela desempenha. Como já se afirmou anteriormente, considera-se que as relações retóricas são diretamente responsáveis pela coerência dos textos, a qual se assenta, principalmente, na ideia de organização refletida por meio da interligação entre todas as estruturas textuais, conforme nos dizem Mann e Thompson (1988) e Matthiessen e Thompson (1988), para os quais a coerência de um texto se expressa, em grande parte, por meio das relações retóricas, em virtude de elas refletirem a organização que os falantes

imprimem em seus discursos, tendo em vista alcançar seus propósitos comunicativos. Esses autores consideram, ainda, que um fator envolvido na criação e interpretação de um texto coerente é a existência de uma percepção organizacional, ou retórica, de relações entre as partes de um texto (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988). Cada parte se junta, necessariamente, à outra, formando um todo. Taboada (2006) relembra que a compreensão de que a coerência depende da organização textual apresenta-se como um postulado amplamente aceito e que isso deve ser visto como uma razão que respalda a RST a analisar a coerência a partir do pressuposto de existência de uma organização hierárquica, compreendida como a estrutura textual conectada na qual todas as partes do texto possuem um papel a desempenhar na construção do todo textual. Cabe ressaltar que a organização postulada por essa teoria não apresenta qualquer caráter prescritivo no que se refere à formulação de regras de boa formação do texto. Desse modo, a coerência baseia-se na organização que o falante imprime por meio dos elementos mobilizados na constituição dos seus discursos. Esse pressuposto impõe outro relacionado: em virtude de cada parte desempenhar uma função, há uma razão plausível para a sua ocorrência, dessa forma, não é razoável considerar que uma ou outra parte poderia ser destacada, pois não faria falta ao texto (TABOADA; GOMEZ-GONZALES, 2012).

Além de se referir às conexões internas, que pressupõem a ausência de ilogicidade, em outras palavras, “*absence of non-sequitur*”<sup>15</sup> (MANN; THOMPSON, 1988), para Renkema (2004, p. 125), a coerência se lança para fora da estrutura textual, na medida em que se refere também às “conexões que podem ser feitas pelo falante ou pelo ouvinte, baseando-se nos conhecimentos externos ao discurso”. Em resumo, é a percepção organizacional, considerando aspectos internos e externos do texto, que permite a apreensão de uma estrutura retórica (MATHIESSEN; THOMPSON, 1988). Desse modo, segundo Decat (2010, p. 01), a estrutura retórica de um texto deve ser compreendida “em termos de relações que nele se estabelecem e que se realizam em diferentes combinações”. Essas combinações ou arranjos, por serem pressupostos como prototípicas, têm sido

---

<sup>15</sup> Ausência de conclusão não baseada em premissas. Do ponto de vista lógico, uma conclusão deve necessariamente se basear nas premissas apresentadas.

acionados em vários estudos, conforme se assinalou no início desta seção, como recursos de caracterização de gêneros textuais.

Considerando que o objetivo de nossa pesquisa situa-se nesse âmbito e que, para alcançá-lo, fizemos a opção por um trabalho de interface com a Linguística Textual, discutimos, na seção seguinte, sob a perspectiva do dialogismo bakhtiniano, a noção de gênero discursivo. Na sequência, apresentamos, como imperativo dessa interface, a noção de parâmetros de gênero e empreendemos, no final deste capítulo teórico, discussões acerca das noções de mundos discursivos, tipos de discurso e mecanismos enunciativos sob a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo.

## 2.2 GÊNERO DISCURSIVO E TEXTUALIDADE

### **2.2.1 A perspectiva dialógica da linguagem e a noção bakhtiniana de gênero discursivo**

Além da visão representacional, que pressupõe a linguagem ser a representação do pensamento, o qual espelharia a realidade tal como a percebemos, há a visão instrumental, que entende a linguagem como instrumento de comunicação estabelecida entre um produtor e um receptor (receptor) e cuja função principal seria transmitir informações. Para ambas as abordagens, a língua deve ser vista como um sistema autônomo em relação aos usos que o falante faz e sua estrutura demonstra-se refratária aos aspectos que emergem das condições de produção. Para a primeira, a língua é vista como um sistema de formas organizadas com base em certas regras internas de estruturação e de organização. Para a segunda, ela se apresenta como um sistema de codificação (MARCUSCHI, 2008). Oposta a essas duas visões, uma terceira concepção, a aqui adotada, caracteriza-se por entender tanto a língua quanto a linguagem como lugar de interação entre sujeitos, como o espaço onde se dão as ações intersubjetivas.

Com o objetivo de explicar o contexto mais geral no qual se insere essa terceira concepção, Bronckart (2007) afirma que ela contempla variadas abordagens. No entanto, elas são contingenciadas pela ideia de que as ações

humanas são (de)marcadas pelos processos históricos de socialização mediados pelos instrumentos semióticos. A língua é compreendida, assim como a linguagem, como atividade socio-histórica e interativa, para a qual convergem fatores linguísticos, cognitivos e socioculturais, de modo que os aspectos sistêmicos que a envolvem não são desprezados, mas considerados no entrosamento com esses fatores. Dessa forma, essa concepção sustenta o estudo da linguagem em contextos que atentam para a interação e para a dialogicidade, tendo, por isso, de levar em consideração a historicidade das ações humanas, o falante como sujeito das ações que produz, as condições sociais em que essas ações se dão e o caráter estrutural e funcional dos instrumentos semióticos que medeiam as interações (BRONCKART, 2007). É nesse âmbito que se desenvolve uma série de importantes estudos envolvendo interação e linguagem, tais como os de Mikhail Bakhtin e de seu círculo e os do próprio Jean-Paul Bronckart.

A visão dialógica bakhtiniana compreende que a linguagem se apresenta como lugar das interações humanas e que as situações de uso concreto e real da língua são o ponto de partida tanto para o analista, que assume a linguagem como o seu objeto de investigação quanto para o falante, que a toma como instrumento mediador de suas interações. Desse modo, a enunciação é, nesses termos, produto da interação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014) e a língua/linguagem, o lugar onde se dá esse processo marcado pelas ações intersubjetivas.

Outro aspecto importante é que sob essa perspectiva não é possível admitir a linguagem como ato puramente individual, e, em virtude disso, uma enunciação monológica, entendida como expressão de uma consciência igualmente individual, só existe como abstração. O diálogo, em sentido amplo, que corresponde a toda comunicação verbal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014), constitui a própria natureza da linguagem. Dessa forma, atribui-se à visão bakhtiniana uma concepção interacional e dialógica.

Ao tratar do dialogismo, Brait (2011) afirma que essa noção bakhtiniana reporta-se, de um lado, à polifonia, ou seja, ao permanente contingenciamento de vozes que os discursos suscitam, expondo, dessa maneira, a natureza interdiscursiva da linguagem. Por outro, reporta-se à reivindicação do *outro* no diálogo com o *eu*. Esses dois aspectos são constitutivos da linguagem sob o olhar dialógico. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 117) afirma que: “toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-

me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade”. Assim, o diálogo, em sentido amplo, estabelecido por meio das enunciações é um dos traços mais definidores da linguagem.

Relativamente às enunciações concretas, são elementos que as determinam: as condições reais e os participantes. As condições reais dizem respeito às situações sociais de espaço e tempo nas quais se dão as interações entre os indivíduos, além de outros aspectos daí advindos.

Assim, dado que a linguagem se caracteriza como espaço de ações intersubjetivas, é necessário considerar a imprescindibilidade de um contexto que situe as ações dos indivíduos. A linguagem é, assim, sempre situada em uma certa moldura espaço-temporal, que indicará as condições socio-históricas e ideológicas em que se dão as interações. Dessas condições socio-históricas, decorrem as posições e os respectivos posicionamentos assumidos e/ou suscitados pelos sujeitos quando produzem seus discursos. As condições reais que determinam a interação podem ser imediatas ou não. As imediatas são aquelas que aludem especificamente a uma dada situação de uso, considerando um certo propósito. Por exemplo, a sala de aula de um certo professor de uma dada disciplina em um determinado momento do dia para um determinado público apresenta-se como um fator imediato que determina o modo como se processará a interação ali. Além desse aspecto, é preciso considerar que tanto o professor quanto os alunos constituem-se em sujeitos sociais difusamente organizados, em razão do que assumem certas posições na hierarquia social e em virtude disso expressam, de forma explícita ou não, seus posicionamentos ideológicos. Nesse sentido, são atravessados pela ideologia. Considerando esse caráter socio-histórico e ideológico da linguagem, é que Bakhtin/Volochínov (2014, p. 116) afirma que “a enunciação é produto da interação de indivíduos socialmente organizados”, razão por que cada sujeito traz à tona posições próprias como expressão direta das determinações socioideológicas que lhe afetam. Essas determinações podem ser vistas como algo que, embora de forma não imediata, determina transversalmente a interação entre os indivíduos.

Além das condições reais, um outro elemento constitutivo da enunciação são os participantes, compreendidos como locutor e interlocutor. Em relação à noção de locutor, deve-se assinalar a existência de importantes correntes teóricas que problematizam essa noção na contingência do conceito de sujeito. Em virtude dos

objetivos desta seção, que é o de, simplesmente, situar, no contexto do dialogismo bakhtiniano, a noção de gênero, não abordaremos profundamente o problema da distinção entre esses dois conceitos, sendo o locutor compreendido como o sujeito histórica e socialmente situado. Bakhtin/Volochínov (2014, p. 117) afirma que “toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém”. Desse modo, há um indivíduo social que enuncia algo a alguém em uma dada situação real de interação. É esse indivíduo que, em vista de sua necessidade sociodiscursiva, dá ensejo ao ato enunciativo e, dessa forma, constitui-se como locutor que se dirige a alguém denominado de interlocutor. Se no locutor está a origem da enunciação, no interlocutor está o destino.

O locutor provê as condições necessárias à existência de um sujeito, possível de ser acessado somente por meio da linguagem. Os sujeitos instauram os discursos e os discursos os revelam, trazem-nos à tona. Os sujeitos são entidades nascidas da consciência do locutor, ainda que essa consciência esteja fortemente afetada pelo outro, seja pelo interlocutor real, seja pelo auditório social, e reveladas pelos discursos enquanto instância significativa (BRAIT, 2011). Ao analisar a questão da subjetividade em Bakhtin, Daleh (2011) afirma que algo que pode resumir a noção Bakhtiniana é a sua contraposição à ideia de um sujeito homogêneo, de um sujeito coisa. Para o autor, essa compreensão da subjetividade promoveu uma desconstrução que deve ser vista como um grande ganho oriundo do princípio da dialogicidade da linguagem. Ainda, segundo ele, “o sujeito bakhtiniano se impõe através de um duplo deslocamento desse mesmo quadro — pelo qual ele marca sua originalidade epistemológica —, um que ancora a consciência na palavra e o outro, o sujeito na comunidade” (DALEH, 2011, p. 59).

Assim, a subjetividade nos convoca a pensar o sujeito a partir da consciência do locutor, expressa pelos discursos produzidos em relação ao outro da enunciação, que pode ser um interlocutor real ou ideal, no último caso falamos de um auditório social. Cabe destacar ainda que os participantes não se apresentam como meros elementos da cena enunciativa. Eles a determinam, na medida em que ela se desenvolve em conformidade com uma série de aspectos ligados a cada um dos indivíduos que interagem. Dessa maneira, os sujeitos constroem suas identidades, na medida em que estabelecem a troca verbal. E é exatamente a dinâmica dessa

troca que define os limites da enunciação, no sentido de ser a alternância dos participantes que sinaliza a extensão do enunciado.

A teoria bakhtiniana produz um importante deslocamento epistemológico também no que se refere ao papel dos participantes do ato comunicativo. A primazia do produtor ou do emissor dá lugar, considerando o caráter social e dialógico da enunciação, a uma atitude cooperativa entre locutor e interlocutor, passando esse último a ser tratado não mais como um mero recebedor, mas, sim, como um participante que baliza as escolhas, em todos os níveis, do locutor. Nesse sentido, o interlocutor, ainda que se mantenha silente ou esteja fisicamente ausente da situação de interação, está ali atuando. Sua onipresença responsiva é, desse modo, pressuposta como condição essencial do ato enunciativo, que se estabelece, necessariamente, de forma dialógica. Como ressalta Bakhtin:

com efeito, a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é em função da pessoa desse interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116)

Como se vê, sob a perspectiva bakhtiniana, o locutor, ou seja, o participante destinatário pode caracterizar-se como um locutor ideal, que corresponde ao auditório social, definido como representante médio do grupo social do locutor. Em todo caso, real ou ideal, o interlocutor é sempre referência na qual se ancora o locutor para exteriorizar uma criação ideológica. O locutor sempre supõe um horizonte social definido com base no qual projeta o destinatário (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

A noção de criação ideológica reflete um pressuposto importante que transversalmente alcança os conceitos propostos por Bakhtin, ligando, necessariamente, as enunciações concretas às situações de produção que as determinam e os objetos semióticos, enquanto construção simbólica, a uma ideologia. Assim, o resultado de qualquer ato enunciativo é, em última instância, uma criação ideológica, considerando que ele esboça sempre uma apreciação, um posicionamento, uma avaliação que o indivíduo projeta com base na posição que ocupa. Nesse sentido, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 118) defende que “na verdade a simples tomada de consciência, mesmo confusa, de uma sensação qualquer, digamos a fome, pode dispensar uma expressão exterior, mas não dispensa uma

expressão ideológica”. Dessa forma, a expressão ideológica subjaz à própria potencialidade da expressão humana de exteriorizar apreensões tanto do mundo interior quanto exterior dos participantes do processo enunciativo. Sériot (2015) afirma que a palavra ideologia, nesse contexto, refere-se a toda significação, a todo conteúdo de pensamento. Não corresponde a um conjunto de ideias, mas de signos que formam o conteúdo da consciência, no que pese, na obra **Marxismo e Filosofia da linguagem**, também designar a superestrutura do Estado e sua estrutura de poder. Nesses termos, a expressão ideológica, como componente central que se alia às condições reais de produção dos enunciados e aos participantes, projeta-se na enunciação e seus matizes são capazes de determiná-la, impondo-lhe uma ou outra configuração de forma e de estilo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

A noção de enunciado ou de enunciado concreto, em virtude dos diferentes empregos nas obras bakhtinianas, pode apresentar várias acepções: palavra, oração, texto, discurso e gênero discursivo. Trataremos, aqui, apenas da que se refere à unidade de comunicação discursiva, ou seja, aos gêneros discursivos. Faremos referência às outras somente quando for necessário à discussão dessa última noção. Cabe ressaltar, ainda, que, embora em **Estética da criação verbal** haja um ensaio chamado **Os gêneros do discurso**, que é dedicado especificamente a explicitar esse conceito, as reflexões em torno do gênero como unidade de comunicação discursiva não se encerram ali e devem ser vistas na contingência de outros conceitos e de outros fenômenos implicados na consideração da linguagem de um ponto de visto histórico, cultural e social que a enunciação, sob um olhar dialógico, reivindica.

Considerando que todos os campos da atividade humana ligam-se por intermédio da linguagem, razão por que, em virtude da diversidade desses campos, não há de se estranhar a diversidade de usos da língua, cujo emprego efetiva-se por meio de enunciados concretos e únicos em um dada situação de comunicação, Bakhtin (2011/1979)<sup>16</sup> discute a noção de gênero e critica as abordagens relativas ao tema, apresentadas desde a antiguidade. Ele ressalta a heterogeneidade dos enunciados como fator que dificulta a compreensão de sua natureza geral, que, para ele, deve ser investigada, atentando-se às diferenças entres gêneros primários e

---

<sup>16</sup> Trata-se da obra **Estética da criação verbal**, publicada inicialmente 1979. Doravante, será referenciada apenas como Bakhtin (2011), com tradução diretamente da edição russa por Paulo Bezerra.

secundário. Além disso, para Bakhtin/Volochínov (2011, p. 274) “o discurso só pode existir de fato nas enunciações concretas de determinados falantes”. Desse modo, o discurso, e por conseguinte a língua e a linguagem, só podem ser apreendidos a partir dos usos reais e concretos dos enunciados, que, sob essa perspectiva, começam antes mesmo de sua constituição sintática. Sua gênese reside no enunciado dos outros. Assim, antes do início, há os enunciados dos outros. Depois do seu término, os enunciados responsivos dos outros ou “ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão” (BAKHTIN, 2011, p. 275). A demarcação do fim é assinalada pela possibilidade de transmissão da palavra, ainda que essa transmissão seja silenciosa, o que significa dizer que a inteireza acabada do enunciado sinaliza para a conclusibilidade, que, por sua vez, permite aos interlocutores tomar a palavra. Dessa forma, a troca verbal, sinalizada pela dinâmica da conclusibilidade e do acabamento, define os limites do enunciado.

Vale salientar que Bakhtin não indica nenhuma marca material ou formal, como, por exemplo, um marcador conversacional, um operador argumentativo, ou uma certa estrutura sintática para os limites do enunciado. Segundo o autor, é o mecanismo de alternância que define os contornos e os limites do enunciado em cada campo da atividade humana. Por exemplo, é a dinâmica da réplica (conversação), em cada campo, que define seus limites. Ele adverte que, em alguns gêneros secundários, sobretudo nos retóricos, parece haver elementos que contrariam a sua tese de que determinadas formas demarcadoras dos limites do enunciado não são possíveis no nível estrutural. Ele afirma, no entanto, que “esses fenômenos [demarcação dos limites do enunciado no nível da sentença e ou da palavra] não passam de representação convencional da comunicação discursiva nos gêneros primários do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 276).

A despeito da inexistência de uma marcação formal, os limites do enunciado estão bem caracterizados sob a perspectiva bakhtiniana. Em resumo, as peculiaridades que acenam para esses limites são: i) alternância dos sujeitos e a possibilidade de uma ativa posição responsiva; ii) conclusibilidade e acabamento; iii) ligação com o autor e com outros participantes da comunicação discursiva, sobretudo, com o destinatário (endereçamento).

A alternância dos sujeitos no discurso é explicitamente apontada como a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como unidade de comunicação

discursiva. Esse aspecto melhor se delinea frente à possibilidade de os interlocutores responderem aos enunciados e ocuparem uma posição, que Bakhtin (2011) define como atitude responsiva ativa. Para ele, “a compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena” (BAKHTIN, 2011, p. 271). A responsividade, que, por sua vez, liga-se à conclusibilidade, é possibilitada pelos indícios que levam o falante a calcular a inteireza acabada do enunciado, isto é, levam o interlocutor a calcular que o locutor disse tudo o que pretendia e, por isso, o enunciado já pode ser respondido. Esse “tudo”, segundo o autor, não é passível de definição nem de forma gramatical nem de forma abstrato-semântica. A inteireza acabada do enunciado que possibilita a resposta do interlocutor caracteriza-se com base: i) na exauribilidade do objeto e do sentido ou exauribilidade semântico-objetal; ii) no projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, iii) nas formas típicas composicionais e de gênero do acabamento, isto é, nas formas estáveis de gênero do enunciado, que é considerada a características mais importante da noção de gênero discursivo como “formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo” (BAKHTIN, 2011, p. 282).

A conclusibilidade define-se como “uma espécie de aspecto mais interno da alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 280) e pode ser percebida com base no cálculo de que o falante concluiu o seu projeto de dizer. Por essa razão, nela se insere a inteireza acabada do enunciado que, tal como se observou anteriormente, assenta-se na hipótese construída pelo interlocutor de que o falante/autor disse tudo o que queria dizer em dado momento e sob certas condições. Em outras palavras, “o enunciado conclui, isto é, proporciona o acabamento à determinada situação, mas sempre cria algo novo e irrepetível” (OLIVEIRA, 2017, p. 33).

A ligação com o autor e com outros participantes da comunicação discursiva, sobretudo com o destinatário, caracteriza o que Bakhtin (2011) chama endereçamento, que corresponde a um aspecto constitutivo do enunciado, subsidiário da própria visão interacional e dialógica da linguagem.

Retomando a noção de formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo, cabe ressaltar que a ideia de tipificação sob a perspectiva bakhtiniana não se refere a uma proposta taxonômica ou a um conceito relativo a agrupamentos baseados em certas propriedades linguísticas, tal como ocorre com a categoria de tipologia textual. Refere-se, na verdade, às regularidades que, dada a historicidade

da linguagem, marcam-se nos enunciados. Assim, de tão presentes que são, essas marcas acabam por caracterizar os gêneros discursivos. Conforme já se afirmou antes, elas não se revelam especificamente como itens linguísticos, como estruturas sintáticas exclusivas ou como elementos de um *layout* do texto — embora certos gêneros mais estabilizados possam até ser identificados por meio de sua estrutura linguística e textual — mas, sim, revelam-se pela presença regular de certos dispositivos demandados da conexão entre os gêneros e as situações de interação social em uma dada esfera de atuação do sujeito, razão por que Bakhtin (2011, p. 262) afirma que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Desse modo, é quanto à estabilidade e à tipificação, apesar da irrepetibilidade do enunciado, que se verifica a convergência entre unidade real de comunicação discursiva e gêneros discursivos, os quais, segundo a visão bakhtiniana, apresentam um conteúdo temático, uma estrutura composicional e um estilo.

O conteúdo temático refere-se aos aspectos semântico-objetais. Esses aspectos são descritos em **Marxismo e filosofia da linguagem** como ligados à expressividade, pois, segundo Bakhtin/Volochínov (2014), o conteúdo temático e os processos e mecanismos que o engendram no enunciado, em virtude da impossibilidade de existência de atividade mental [conteúdo interior] sem expressão semiótica, são criados a partir de um único material social. Dessa forma, a expressão caracteriza-se sempre como um território social e ideológico, em virtude do que “é preciso eliminar de saída o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116).

Em **a Estética da criação verbal**, tratando da inteireza acabada do enunciado, que direciona o interlocutor à elaboração de uma resposta (ou de uma compreensão responsiva), Bakhtin (2011) aponta três elementos orgânicos que garantem essa inteireza. Um deles é o tema, expresso como o conteúdo semântico-objetal que, dada a diversidade dos campos em que ocorre a comunicação discursiva, apresenta-se igualmente diversa quanto ao seu modo de tratamento e de exauribilidade, podendo ser quase plena em alguns campos em que os gêneros discursivos são extremamente padronizados como, por exemplo, nos campos da ordem e dos pedidos oficiais e militares, em que pouco espaço se abre para a criatividade, ou ser muito ampla, como ocorre em outros domínios. É o caso, por

exemplo, dos gêneros que atuam nas esferas dos debates. Também pode ser muito relativa, como nos casos dos gêneros da atividade científica, os quais, sob certas condições, podem apresentar maior ou menor exauribilidade temática.

Em conformidade com Bakhtin (2011), que afirma que a escolha tanto dos recursos linguísticos quanto do próprio gênero é determinada pela ideia que o falante tem de um determinado objeto e de um sentido que atribui a ele, Oliveira (2017) explica que o conteúdo temático é o elemento determinante da seleção do gênero pelo falante, pois, é com base na diretriz temática que o destinatário julga ser assumida pelo enunciador que se mensura o valor de conclusibilidade do enunciado, além de, por meio dessa diretriz, o enunciador deixar pistas do seu projeto de discurso, isto é, de suas intenções discursivas.

Vale salientar que o tema, sob essa perspectiva, não se confunde com o assunto. O conteúdo semântico-objetual espelha a relação do falante com uma dada esfera e com os discursos que lá circulam. Bakhtin afirma que a escolha, inclusive do conteúdo do tema, “é determinada antes de tudo pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido” (BAKHTIN, 2011, p. 289). Dessa forma, o conteúdo temático, assim como todos os outros aspectos da natureza do gênero discursivo, está aportado na relação entre os objetivos do falante e uma dada situação de comunicação discursiva em uma dada esfera social. Como consequência disso, tem-se que o tema não se confunde com o assunto específico de um texto, caracterizando-se muito mais com um domínio de sentido (FIORIN, 2016). Assim, o conteúdo temático refere-se aos aspectos semântico-objetuais elaborados por ocasião da expressão, liga-se a um determinado campo em uma determinada esfera socioideológica e, em virtude disso, por meio dele, o falante pinça um certo aspecto ideológico e o inscreve em um determinado texto segundo as regulações impostas pelo próprio gênero, decorrendo de todos esses aspectos a impossibilidade de se considerar a existência de um enunciado e, por conseguinte, um enunciador neutro.

Quanto à estrutura composicional, deve-se salientar o preceito básico da perspectiva enunciativa bakhtiana de que “a situação dá forma à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 118). Ao explicar esse preceito, o autor afirma que as situações, imediatas ou não, impõem ao enunciado certas ressonâncias, compreendidas como pressões exercidas sobre o enunciado, a fim de que assumam uma determinada forma ou uma certa configuração. Deve-se entender a forma como

uma decorrência da função sociocomunicativa e ideológica do gênero e não como um mero retrato dele. Em outras palavras, a forma do gênero está ligada à sua composição, embora a estrutura composicional não se espelhe apenas por meio da forma. O autor deixa isso claro quando exemplifica que a expressão da sensação de fome por parte do falante depende do modo como a situação social emoldura a sua expressão. Isso quer dizer que é a situação social que aponta para um modelo, para uma metáfora e/ou para uma forma na qual a expressão se efetivará. Bakhtin (2011) fala também em volume, em fronteiras, em o todo do enunciado como demandas das intenções do falante em dada situação de comunicação discursiva. Afirma, ainda, que

o gênero escolhido nos sugere os tipos e os vínculos composicionais. Uma das causas do conhecimento linguístico das formas de enunciado é a extrema heterogeneidade destas no tocante à construção composicional e particularmente à sua dimensão (a extensão do discurso) (BAKHTIN, 2011, p. 286).

Desse modo, a extensão do discurso vista do ponto de vista das suas inter-relações e conexões com outros discursos num dado campo, as metáforas acionadas, o volume de informações, entre outros aspectos, pertencem também ao domínio da composição do gênero. Nesse sentido, Oliveira (2017) resume bem os elementos que organizam a estrutura composicional ao considerar que ela é estruturada com base no material verbal, visual ou verbo-visual definido, conforme o caso, pelo contexto de produção, de recepção e de circulação, devendo-se, acrescentar, ainda, toda a gama de recurso multimodais. Enfim, para o autor, “é pela composição que se percebe o gênero em suas partes (como se inicia, desenvolve-se e se conclui determinado tipo de enunciado)” (OLIVEIRA, 2017, p. 46).

Ao analisar certos aspectos relacionados à visão bakhtiniana, Brait e Pistori (2012) chamam atenção para o fato de que o conceito de gênero foi pensado por Bakhtin considerando uma visão de mundo que integra conhecimento, linguagem, relação homem-mundo e esse enquadre não pode ser jamais desconsiderado. A desconsideração desse enquadre ocorre, por exemplo, nos casos em que o estudo do gênero discursivo focaliza apenas as estruturas e os textos, que embora sejam dimensões constitutivas do fenômeno enunciativo, não podem ser consideradas como independentes das situações de interação social que constituem os enunciados. Dessa forma, a estrutura composicional chama para si outros aspectos

como o plano ou a forma arquitetônica, que se define como as condições concretas de vida em que se dão os discursos e as interdependências desses com outras posições dialogais e valorativas (BRAIT; PISTORI, 2012).

Por fim, o outro componente que organiza o gênero discursivo é o estilo. **Em Marxismo e filosofia da linguagem**, Bakhtin (2014) afirma que, no âmbito da enunciação, a estilística é de natureza sociológica, pressupondo desde já o caráter socioideológico do estilo. Reiterando esse aspecto, em **A estética da criação verbal** critica a estilística tradicional em virtude de ela definir e tratar o estilo apenas do ponto de vista do conteúdo do objeto e da relação expressiva, considerada essa última apenas como alusão aos aspectos emocionalmente valorativos do falante com esse conteúdo, sem levar em conta a relação valorativa socioideologicamente situada do falante com o objeto do seu discurso. Esse último aspecto é o mais importante, e é o que deveria ser compreendido, segundo o autor, inclusive pela estilística tradicional, como aspecto expressivo.

Segundo Bakhtin (2011, p. 265), “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”, e em razão disso o estilo e o gênero podem refletir a individualidade do falante, mas não uma individualidade neutra, que se configura impossível do ponto de vista enunciativo, haja vista que a relação valorativa do falante com os vários aspectos que envolvem o seu discurso determinam a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais e composicionais mobilizados na construção do gênero. Alguns estão mais propícios a refletir essa individualidade, como os da literatura de ficção, enquanto outros apresentam menor probabilidade, tais como os que exigem uma forma altamente padronizada. É o caso, por exemplo, dos documentos oficiais. Além desses aspectos, o estilo pode demarcar, ainda, o grau de proximidade entre o falante e seu destinatário, o que também determina as escolhas do falante nos vários níveis e nas várias etapas de formulação do enunciado. Desse modo, “as circunstâncias da interação deixam suas marcas no nível da expressão dos discursos, atualizando o gênero frente ao quadro em que se desenvolve a comunicação” (OLIVEIRA, 2017, p. 47). Em resumo, é lapidar a palavra do mestre: “onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2011, p. 268).

Retomando o objetivo central desta seção, assinalamos a língua e a linguagem como formas de interação entre os sujeitos, o que quer dizer que só podem ser vistas com base nas interações que medeiam. E são justamente essas

interações que constituem a demanda dos gêneros discursivos, vistos sob a perspectiva dialógica bakhtiniana, em que as dimensões socio-histórica e ideológica encontram largo abrigo. Em resumo, os gêneros discursivos, sob a perspectiva dialógica aqui assumida, podem ser compreendidos como formas típicas relativamente estáveis que apresentam um conteúdo temático, um estilo e uma estrutura composicional. É em função da complexidade que envolve esses aspectos e dos desafios que se impõem para compreendê-los que se justificam as pesquisas no âmbito das descrições, análises e caracterizações de gênero.

A seção seguinte problematiza esse aspecto, evidenciando a noção de parâmetros de gênero como um conceito que lança luz sobre essa questão.

### **2.2.2 A Linguística Textual no âmbito dos trabalhos de caracterização de gênero: a noção de parâmetros de gênero**

A Linguística Textual pode ser definida como uma subárea da Linguística que tem como objeto de investigação o texto. Essa definição, certamente, é muito pouco esclarecedora, uma vez que, de um modo geral, todas as abordagens baseadas em ocorrências reais, de certa maneira, tomam o texto, em sentido amplo, como objeto de estudo. De forma mais específica, referimo-nos à subárea da Linguística reconhecida, desde seu surgimento no fim da década de 1980, por se ocupar do funcionamento e constituição do texto, considerando como central a noção de textualidade e, mais recentemente, as questões que envolvem a natureza do gênero textual e/ou discursivo e sua relação com os textos empíricos que lhe dão vazão. Bernárdez (1995) já atentava para as dificuldades, em termos epistemológicos, de definir e conceber os fundamentos científicos da Linguística do texto em razão da complexidade e dinamicidade que envolvem o fenômeno textual, decorrendo daí as dificuldades em propor generalizações, vistas como um pré-requisito exigido pela ciência. Contudo, no que pese essas dificuldades e desafios, o estatuto científico da Linguística Textual dentro das ciências da linguagem está bem assentado e seu reconhecimento e importância consolidados.

Baseando-se em Conte (1977), Koch (1997) propõe uma periodização para o que ela denomina estudos do texto. Segundo ela, pode-se assinalar relativamente a esses estudos três fases: a primeira foi marcada pela fase das análises

transfrásticas. A segunda, pelo desenvolvimento de projetos que visavam às gramáticas textuais e, finalmente, após essas gramáticas, surge, no fim da década de 1980, o que hoje se entende por Linguística do texto. Inicialmente, esse período foi marcado, sobretudo, pelos estudos que investigavam os fenômenos da coesão e da coerência textual, tendo esse último fenômeno, notadamente, despertado maior atenção em função dos interesses, na época, fortemente ligados à investigação da constituição, funcionamento, compreensão e produção dos textos. Tanto Bernárdez (1995) quanto Koch (1997) assinalam que a noção de coerência já era amplamente aceita antes dessa última fase, no entanto, foi, sobretudo, a partir daí que passou a ser problematizada. Em relação a essa noção, destacam-se, principalmente, os trabalhos de Michel Charolles e de Beaugrande e Dressler. Os dois últimos têm suas produções fortemente marcadas pela noção de textualidade, no interior da qual a coerência é posta, inicialmente, como um fator centrado no texto.

Beaugrande e Dressler (1981) elaboram a noção de textualidade como o conjunto de fatores que fazem com que uma ocorrência linguística seja, de fato, um texto e não apenas uma sequência de palavras ou de frases. Considerada como um princípio, a textualidade, segundo a visão atribuída como sendo a dos autores<sup>17</sup>, expressa-se por meio de sete fatores, dois dos quais centrados no próprio texto e outros cinco centrados na situação de uso ou no usuário. Os dois primeiros respondem pela coesão e pela coerência. Essa última entendida como a responsável pela veiculação dos sentidos decorrentes da organização interna do texto. Cabe destacar, neste momento, que embora essa noção de coerência se pareça, em termos de elaboração dos enunciados que a explicam, com a proposta da Teoria da Estrutura Retórica, elas se fundamentam em pressupostos não só distintos, mas também opostos: a proposta da RST sustenta que a coerência se expressa por meio da organização que o falante imprime no texto, considerando que das partes que o organizam emergem relações retóricas. Essa organização, considerando os critérios de plausibilidade que devem guiar a interpretação das

---

<sup>17</sup> Alguns professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos-POSLIN/UFMG tiveram a oportunidade de conviver com Robert-Alain de Beaugrande, quando da sua estada no Brasil na condição de professor do Programa, e afirmam que o autor tentou, em várias oportunidades, mostrar que sua teoria não compreendia o texto como produto, mas, sim, como processo. No entanto, na literatura mais recorrente da área, a noção de coerência inicialmente proposta na obra de Beaugrande e Dressler é conhecida, entre outros aspectos, pela noção de textualidade centrada no texto como produto.

relações, deve ser pensada a partir da articulação dos possíveis propósitos do produtor com as condições socioculturais que situam o texto. Desse modo, sustenta-se em uma visão complexa de coerência, no sentido de convergir para ela a integração de múltiplos fatores, tal como convém ao pressuposto do texto como um processo. Já a percepção de coerência que se atribui à visão de Beaugrande e Dressler (1981) é a de um fator implicado meramente na organização interna dos componentes mobilizados pelo produtor, refletindo, dessa forma, o pressuposto do texto como um produto, e em consequência disso a coerência como o fator fundamental que garante a existência desse produto/artefato.

Essa noção de coerência como fator centrado no texto, ao longo do tempo, tornou-se mais importante pelo seu caráter precursor do que pela possibilidade de explicar, de forma satisfatória, o fenômeno do qual ela buscava dar conta. Uma das razões que a mitigaram é a impossibilidade de se considerar pertinente a existência de fatores centrados uns no texto e outros nas situações de uso, haja vista que a constituição do sentido exige o constante trânsito entre os aspectos relativos à organização material do texto e a atividade do falante, entendida, essa última, como as ações intersubjetivas realizadas por meio linguagem nos diversos contextos de interação social (KOCH, 2004). Essa atividade, quando vista do ponto de vista da sua capacidade de semiotizar o texto, é, atualmente, denominada de textualização (VAL, 2004), que, ao contrário da noção inicial expressa pelo termo textualidade, focaliza o texto como um processo que reivindica a atuação ativa do falante tanto nas atividades de produção quanto nas de compreensão. A Linguística Textual aqui acionada é a que, notadamente, toma para si a tarefa de investigar os fenômenos da ordem da textualidade e, conseqüentemente, da textualização e do próprio texto como um processo, buscando dar conta, por meio de suas várias perspectivas e possibilidades de abordagem, da complexidade e dinamicidade que envolvem essas categorias. De forma específica, acionamos setores da Linguística Textual que, ao investigar a textualidade, inserem como ponto crucial as questões que envolvem os textos e sua manifestação em uma forma específica de gênero.

Koch (2004), ao traçar um prognóstico para a área, aponta os estudos acerca do gênero como um eixo em torno do qual a Linguística Textual se desenvolveria:

Em consequência do grande interesse pela dimensão sociointeracional da linguagem e processos afeitos a ela surge (ou ressurgem) uma série de questões pertinentes para a 'agenda de estudos da linguagem', entre as

quais as diversas formas de progressão textual (referenciação, progressão referencial, formas de articulação textual, progressão temática, progressão tópica), a dêixis textual, o processamento sociocognitivo do texto, os gêneros” (KOCH, 2004, p. 33).

O prognóstico traçado pela autora, naquela ocasião, mostra-se cada vez mais atual. Apesar do volume considerável de pesquisas na área, a problemática dos gêneros continua a desafiar a ciência linguística em vários aspectos. A importância e a complexidade do tema, muitas vezes, suscitam impasses importantes, tal como ocorre com a problemática da descrição, caracterização e análise de gêneros, na qual se insere a pesquisa ora apresentada. No que se refere, especificamente, aos aspectos teóricos que consolidam nossa pesquisa no âmbito maior dos estudos do gênero sob o enfoque da Linguística Textual, orientamo-nos fundamentalmente pelos trabalhos de Coutinho (2007), Coutinho (2009) e Coutinho e Miranda (2009), advertindo, no entanto, que as autoras orientam-se, em grande parte, pelos pressupostos do interacionismo sociodiscursivo – ISD de Bronckart e que nós, diferentemente, lançamos mão desse modelo, como pontuado em várias situações e detalhado na próxima seção, apenas no que se refere à determinação dos mundos e dos tipos de discurso que caracterizam a crônica, ressaltando, mais uma vez, que a noção de gênero que orienta nossa pesquisa é a de gênero discursivo segundo Bakhtin e Bakhtin/Volochínov, ainda que haja grandes convergências entre a noção de gêneros de texto proposta no âmbito do ISD e a noção de gênero discursivo no âmbito da proposta bakhtiniana. Aliás, é exatamente a convergência entre essas propostas que justifica a presença de ambas nesta pesquisa, cada uma servindo a propósitos distintos, mas harmonizados com os objetivos maiores da pesquisa.

Objetivando descrever algumas questões epistemológicas e metodológicas envolvidas na relação entre gêneros e textos, entendendo esses como objetos empíricos exemplares de determinado gênero, e aqueles como categoria abstrata sem natureza ontológica, Coutinho (2007) relembra que são comuns as reservas em relação à importância dos trabalhos de descrição, ainda que seja relativamente consensual a ideia de que um texto sempre se relaciona, de forma fiel ou não, a um determinado gênero. Segundo a autora, os motivos das reservas dizem respeito, principalmente, à multiplicidade de fatores e critérios que podem intervir na tarefa e à natureza mutável que caracteriza os enunciados. É em virtude dessa natureza que se supõe os gêneros existirem, em tese, em número infinito, dissipando, assim, a

possibilidade de qualquer classificação ou de descrição exaustivas, o que deixa muitos estudiosos, como dissemos anteriormente, reticentes quanto à necessidade e importância de trabalhos dessa natureza (COUTINHO; MIRANDA, 2009). Coutinho (2007, p. 640) admite, no entanto, que “a impossibilidade de qualquer classificação exaustiva dos gêneros não parece ter de corresponder necessariamente a uma impossibilidade radical de descrição”, alertando muito mais para a necessidade de se conceber estratégias metodológicas e instrumentos de análise adequados a objetos (reconhecidos) como instáveis ou relativamente estáveis, tais como os gêneros e os textos que os materializam.

Nesse sentido, Coutinho (2007), partindo das seguintes perguntas: como se poderá proceder à descrição e análise de gênero, que por definição só são observáveis através de textos efetivamente realizados? E quais os contornos epistemológicos e as bases metodológicas que poderão subsidiar um trabalho efetivo com gêneros de texto<sup>18</sup>?, propõe estratégias, considerando a necessidade de operacionalizar a duplicidade de planos envolvidos na produção e na interpretação textuais. Esses planos correspondem ao da genericidade, que garante ao gênero de texto “ares de família”, isto é, garante seu reconhecimento e enquadramento, por parte dos usuários da língua, em uma dada prática social (COUTINHO; MIRANDA, 2009) , e o plano da singularidade, que assegura a cada texto sua constituição única, isto é, seu caráter de evento singular. Da consideração desses dois planos, resulta a proposta metodológica da autora de operar com parâmetros de gênero e mecanismos de realização textual e com a ficcionalização de gêneros como estratégia metodológica. Destacaremos, em virtude do objetivo da nossa pesquisa, apenas o primeiro aspecto: parâmetros de gênero. Em virtude da conexão entre esse aspecto e os mecanismos de realização textual, em dado momento, para fins específicos na operacionalização das análises e/ou de clareza na exposição dos resultados, poderemos tratar colateralmente desse segundo aspecto também.

Esse modelo proposto pela autora buscou equacionar as problemáticas da estabilidade e da variação no funcionamento dos gêneros. Segundo ela,

---

<sup>18</sup> Como assinalado anteriormente, a denominação gênero de texto utilizado pela autora decorre de sua opção teórica pelo ISD de Bronckart. Utilizaremos essa denominação apenas quando estivermos nos referindo estritamente aos seus trabalhos, sendo a nossa opção pessoal pela expressão gênero discursivo.

parece difícil dispensar a possibilidade de descrição de gêneros, sob pena de ficarmos com um modelo de organização dos textos sem capacidade de relação com os formatos de que aqueles dependem (de forma mais ou menos rígida, mais ou menos criativa) (COUTINHO, 2007, p. 644).

Desse modo, com base nessa proposta, opera-se com dois planos diferentes, mas absolutamente interseccionados. De um lado, estão as operações que devem incidir sobre os aspectos que respondem pelo gênero, tendo em conta a sua natureza abstrata e não ontológica. De outro, estão as operações que recobrem os textos, que, por sua vez, dão vazão ao gênero e se definem pela sua constituição em formas empíricas e singulares. Assim, a análise e descrição, segundo o modelo proposto pela autora, deve dar conta tanto dos parâmetros de gênero, que correspondem a traços de identidade genérica, em outras palavras, a características que, a despeito da diversidade, da heterogeneidade e da relativa estabilidade, atribuem “ares de família” ao gênero, dando-lhe possibilidade de ser reconhecido como tal, quanto dos mecanismos de realização textual, que dizem respeito aos aspectos que singularizam cada texto a partir das opções do produtor para expressar seus propósitos em face das regulações do gênero ao qual ele pertence. Coutinho (2009) resume bem esses dois planos de análise, ao afirmar que

na distinção entre parâmetros de gênero e mecanismos de realização textual: os primeiros correspondem a possibilidades e/ou impossibilidades, relativas aos diferentes níveis organizacionais, que estabelecem a identidade do gênero e, como tal, regulam as tarefas de produção e de interpretação de um texto concreto; os segundos dão conta das opções particulares dos textos efetivamente produzidos, face aos parâmetros do gênero” – que, por definição, são maleáveis, mudando com o tempo e com as práticas sociais (coletivas e/ou individuais); trata-se sobretudo de captar os fatores que definem a (relativa) estabilidade de cada gênero, na (relativa) estabilidade (social e epocal) da atividade a que está associado (COUTINHO, 2009,p. 06)

Assim, em consonância com esse modelo, a análise e descrição deve atentar para os traços de identidade que revelam, recursivamente, características ligadas à relativa estabilidade do gênero e aos mecanismos de realização individuais. Ressaltamos que a nossa pesquisa se apropria da noção de parâmetro de gênero, mas não se guia metodologicamente pelo modelo proposto pelas autoras supramencionadas. A pesquisa que empreendemos erige-se no intuito de propor mais um parâmetro de gênero para a crônica, baseado na estrutura retórica, considerando que a prototipicidade de certos esquemas de relações aponta para o

plano da genericidade e, por ser assim, pode definir-se como mais um critério para a caracterização desse gênero.

A seguir, tratamos dos mundos discursivos, dos tipos de discurso e dos mecanismos enunciativos no âmbito do interacionismo sociodiscursivo, em virtude de esses aspectos constituírem um dos critérios que definem as crônicas eleitas como *corpus* desta pesquisa.

### **2.2.3 Mundos discursivos, tipos de discurso e mecanismos enunciativos sob a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo**

No modelo do interacionismo sociodiscursivo, as noções de atividade de linguagem e de texto constituem pilares sobre os quais se assenta um quadro teórico e metodológico que permite, entre outros aspectos, a descrição e a análise dos mundos discursivos; dos tipos de discurso principal e secundário que revelam cada um dos mundos; dos mecanismos enunciativos responsáveis pela projeção dos agentes da ação e dos gestores das instâncias enunciativas nesses mundos e tipos de discurso. Assim, é importante relembrar, na inserção de cada conceito, o contexto maior que o põe em funcionamento dentro do modelo.

A noção de atividade é apresentada em Bronckart (2007) com base, de um lado, em Léontiev (1979) e, de outro, em Habermas (1987). Sob essa angulação, atividade significa: “Organizações funcionais de comportamentos dos organismos vivos, através dos quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente” (BRONCKART, 2007, p. 31).

Desse modo, à noção de atividade importa o caráter funcional assumido pelos agrupamentos e as representações que os indivíduos constroem a partir daí. No reino animal, as atividades básicas, tais como alimentação, reprodução, fuga do perigo etc., de um modo geral, justificam-se pela necessidade de sobrevivência, que é favorecida, em grande parte, pelos processos de cooperação. Esses processos assumem feições próprias em cada espécie, considerando, por exemplo, regulações e hierarquias que alcançam os indivíduos e suas coletividades. Sendo esses processos cooperativos evidentes nos reinos animais, impõe-se, dessa forma, a constatação da natureza coletiva, e de algum modo social, desses seres, em cujo

grupo está o homem, considerando, no entanto, que a natureza social dos seres humanos apresenta-se diferente da dos outros animais, sobretudo, no tocante às habilidades de linguagem: enquanto entre estes, ou seja, entre os irracionais, a linguagem apresenta um caráter meramente acionador, o que quer dizer que os sinais emitidos por um certo membro visa apenas a uma reação e não são suficientes para permitir aos indivíduos o estabelecimento de verdadeiros diálogos, negociações, interações etc. , naqueles, ou seja, entre os homens, os elementos semióticos reproduzem formas complexas de expressão e de interação e, desse modo, essas formas são capazes de caracterizar um agir comunicativo que pressupõe mais do que acionar o outro. Pressupõe, sim, uma ação de negociação engajada em estabelecer sentidos os mais diversos (BRONCKART, 1986, 2007). Por essas razões, o caráter social desses grupos apresenta configurações e modulações diferentes. Enquanto, nos agrupamentos humanos, há de se levar em consideração uma série de fatores que se interseccionam no estabelecimento da interação com vistas à produção de sentidos, nos outros grupos animais, o mero caráter coletivo de sua organização já responde pela sua natureza social.

Assim, as atividades sociais requisitam ações de linguagem mais ou menos estabilizadas como formas de comunicação, isto é, como gêneros de texto (MACHADO, 2005). Dessa forma, o caráter semiótico das atividades de linguagem deve ser compreendido, consoante a proposta de Bronckart (2007), como o agir comunicativo de Habermas (1987), que “designa o fato de que, em uma dada situação comunicativa, uma pessoa produz um texto [...] com um ou outro objetivo, para obter um ou outro efeito” (BRONCKART, 2010, p. 169), configurando, desse modo, a atividade de linguagem como ações humanas significantes. Essas ações devem ser consideradas uma unidade psicológica cujo acesso não depende das propriedades linguísticas do texto efetivamente produzido.

Outra noção central no modelo do interacionismo sociodiscursivo é o conceito de texto, que, segundo Bronckart (2010, p. 169), deve ser compreendido como o “correspondente linguístico de uma ação de linguagem, criado pela mobilização de recursos linguísticos próprios de uma língua natural”. A ação de linguagem é, dessa forma, uma abstração. Sua feição material só pode ser visualizada por meio de formas empíricas de semiotização de um determinado gênero, do que resulta o pressuposto, também central para o modelo, de que todo texto é, em tese, expressão de um gênero e é por este regulado. Para Bronckart (2007), o texto

mobiliza uma unidade linguística, mas não é, em si mesmo, uma unidade dessa natureza. Ele é uma unidade comunicativa, portanto, é de uma ordem superior à da língua (BRONCKART, 1996). As condições de abertura e de fechamento de um texto, por exemplo, são impostas pela ação de linguagem que lhe deu ensejo. Sua organização interna, antes de ser uma demanda linguística, responde pelo efeito de coerência que todo texto visa a produzir sobre o interlocutor e, pelo menos no tocante às regularidades que traduzem cada tipo de discurso, ele depende das regras de gênero. Um gênero de texto<sup>19</sup>, sob essa perspectiva, é compreendido como modelos indexados, isto é, adaptados à atividade ou à situação de comunicação disponíveis no intertexto, que, por sua vez, deve ser visto “como modelos de gêneros em uso em uma determinada comunidade verbal, em uma determinada época de sua história” (BRONCKART, 2010, p. 170). Embora ressalte o reducionismo que afeta o conceito, Machado (2005, p. 242) resume exemplarmente a noção de gênero no ISD ao explicá-lo como “aquilo que sabemos que existe nas práticas de linguagem de uma sociedade ou aquilo que seus membros usuais consideram como objetos de suas práticas de linguagem”.

Além de pertencer a um gênero, um texto, dada a sua organização interna, pode ser analisado com base em segmentos de variados estatutos que o compõem e é exatamente a partir desses segmentos que, segundo Bronckart (2007), pode-se apontar regularidades de organização e de marcação linguística. Com base nesse pressuposto, emergem, no âmbito do ISD, as noções de mundos discursivos e de tipos linguísticos e de discurso.

A noção de mundos discursivos, em termos de construção teórica, esboça a ação de linguagem pretendida pelo falante frente às atividades sociais e se refere, especificamente, à construção de mundos virtuais e ao delineamento do modo como os parâmetros de agentividade se relacionam com os das ações em curso na construção dos mundos criados pela linguagem e os da realidade. Esses mundos podem ser postos, ou não, a distância do real, caracterizando, no primeiro caso, mundos disjuntos e, no segundo, mundos conjuntos. Os parâmetros de agentividade em sua relação com os das ações em curso podem ser explicitados, e, assim, configuram uma relação de implicação, ou não, e, nesse último caso, configuram uma relação de autonomia. Em resumo, segundo Bronckart (1996, 2007), mundos

---

<sup>19</sup> Lembramos que no âmbito do ISD, utiliza-se a denominação gênero de texto

são planos de enunciação. Baseiam-se em operações psicológicas. Expressam-se por meio de determinadas unidades linguísticas de uma certa língua natural e podem ser compreendidos, inicialmente, com base em duas ordens diferentes: a do narrar e a do expor.

O mundo do narrar caracteriza-se como disjunto. Assim, o mundo discursivo não é o mesmo do representado. O conteúdo temático, no entanto, **deve poder** ser avaliado e interpretado pelos seres humanos, o que significa dizer que o mundo do narrar, embora desviado do real, tem este como possibilidade de balizamento. Esses mundos são, desse modo, diferentes, mas parecidos. A disjunção pode ser considerada com base em uma escala que vai de desvios potencialmente fortes, como pode ocorrer, por exemplo, em uma fábula ou em uma parábola, a desvios mais fracos, como em uma narrativa de experiência pessoal ou em uma crônica de viajante. Esses níveis permitem considerar, pelo menos, dois tipos de atividade narrativa: um narrar ficcional, caracterizado pelos desvios fortes, e um narrar realista, caracterizado pelos desvios fracos.

Quanto aos graus de implicação ou de autonomia baseados na possibilidade de explicitação da relação entre instâncias de agentividade e parâmetros das ações em curso, considera-se a existência de um mundo do narrar implicado, hipótese em que os parâmetros são explicitados, e um mundo do narrar autônomo, quando não há explicitação.

Relativamente à ordem do expor, sua ocorrência é considerada quando o conteúdo temático dos mundos discursivos **deve** ser interpretado sempre com base na lógica do mundo ordinário. Dessa forma, enquanto no narrar a interpretação baseada em uma lógica realista é uma possibilidade, no expor, ela passa a ser uma condição para que o texto produza um efeito de coerência, e, assim, tem-se no expor um mundo conjunto. Do mesmo modo que no narrar, considera-se a oposição entre explicitação ou não dos parâmetros como delimitadores de dois mundos: o expor implicado e o autônomo.

No que se refere aos tipos de discurso, conceito também central no ISD, eles devem ser perspectivados sob uma angulação que focalize seu caráter abstrato no âmbito do que Bronckart (2007) denomina operações psicológicas “puras”, implicando, com isso, que esses tipos devem ser vistos independentemente das formas específicas que os semiotizam — mobilização de recursos morfossintáticos e semânticos — em uma língua específica. O conjunto de características linguísticas (e

textuais) cuja incidência marca a presença de um ou outro tipo de discurso em uma língua natural e específica denomina-se tipo linguístico, que deve ser compreendido como “formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso” (BRONCKART, 2007, p. 138).

Cabe ressaltar que a noção de tipo de discurso, no que se refere à sua relação com a infraestrutura textual, relaciona-se com as unidades configuracionais de ordem composicional, e não efetivamente com o que tradicionalmente se tem em foco quando se discute a noção de tipologia de texto (MIRANDA, 2007, p. 163), estando essa última noção contemplada nas tipologias linguísticas propostas pelo ISD.

Em resumo, Bronckart (1996, 2007, 2010) propõe considerar os mundos discursivos com base em uma classificação binária: mundo do narrar (disjunto) e mundo do expor (conjunto). Cada um desses tipos, considerando sua relação com o ato de produção e a explicitação dos parâmetros de agentividade na sua relação com os parâmetros da atividade em curso, subdivide-se em dois: expor implicado e autônomo e narrar implicado e autônomo, conforme espelhado na figura 1, presente em Bronckart (2007, p. 157).

Figura 4 – Quadro dos mundos discursivos e dos tipos de discurso

		Coordenadas gerais dos mundos	
		Conjunção EXPOR	Disjunção NARRAR
Relação ao ato de produção	Implicação	<i>Discurso interativo</i>	<i>Relato interativo</i>
	Autonomia	<i>Discurso teórico</i>	<i>Narração</i>

Fonte: elaborada pelo autor e reproduzida de Bronckart (2007)

Assim, tendo em conta as coordenadas gerais dos mundos discursivos e sua relação com certas condições do ato de produção, Bronckart (2007, 2010) propõe a existência de quatro tipos de discurso: no âmbito do mundo expor, aparecem o discurso interativo (expor implicado) e o discurso teórico (expor autônomo). No âmbito do narrar, surgem o relato interativo (narrar implicado) e a narração (narrar autônomo).

O discurso interativo propõe a existência de mundos conjuntos. Nesse sentido o mundo semiotizado deve espelhar a realidade do mundo ordinário e o alinhamento entre os parâmetros de agentividade e os da ação em curso aparece de forma

explícita. Há, portanto, implicação desses parâmetros, configurando, assim, um expor implicado. Além disso, apresenta-se em textos dialogados ou polilogados em que os agentes se alternam nas tomadas de turno. Pode materializar-se em textos ligados tanto aos gêneros orais quanto escritos.

O discurso teórico caracteriza-se pela construção de um mundo conjunto e autônomo, isto é, os mundos virtual e ordinário não são postos a distância e não há explicitação dos parâmetros de agentividade em sua relação com os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso. Desse modo, há a presença de um expor autônomo. Geralmente, apresenta-se como monologal e em textos dos gêneros de concepção escrita.

O relato interativo caracteriza-se como um tipo de discurso, geralmente, monologado, em que um mundo disjunto do mundo representado ou real é semiotizado. Nele, o autor faz opção pela explicitação dos parâmetros de agentividade na sua relação com os da ação em curso. Assim, há a emergência de um narrar implicado. Pode materializar-se em textos tanto dos gêneros orais quanto escritos.

Na narração, há construção de mundos disjuntos, embora situáveis em vários níveis, ao mundo ordinário. O escalonamento dessa situabilidade repercute também nos vários graus em que se pode dar a implicação dos parâmetros de agentividade na sua relação com os da ação em curso. No entanto, apresenta-se bem caracterizado um narrar autônomo em que se inserem, na maioria das vezes, personagens, acontecimentos e/ou ações. Geralmente, apresenta-se em textos monologais ligados a gêneros de concepção escrita.

Os quatro tipos de discurso acima especificados apresentam-se, no âmbito do ISD, como os mais incidentes e característicos processos de semiotização dos textos sob demandas dos gêneros a que se articulam independentemente da língua em que se manifestam. No entanto, Bronckart (2007) alerta para as variantes decorrentes do que ele mesmo chama fronteiras e fusões, podendo-se, em virtude disso, ser atestada, por exemplo, a existência de tipos como misto interativo-teórico ou de mundos como o do discurso interativo relatado, dentre outros. Do ponto de vista metodológico, deve-se considerar, para a caracterização de um texto, a prevalência de segmentos dominantes e encaixados, isto é, principais e secundários respectivamente.

O quadro 1, a seguir, apresenta, de forma resumida, o conjunto das características linguísticas e textuais que articulam os tipos linguísticos aos tipos de discurso e, esses, por sua vez, aos mundos discursivos, em conformidade com Bronckart (1996, 2007). Chamamos atenção para o fato de que a maior parte das características foi indicada com base na língua francesa. No entanto, à semelhança de trabalhos como os de Machado (1998), consideramos que essas características são extensivas à língua portuguesa, embora algumas categorias exijam adaptações que apenas estudos mais devotados ao detalhamento no português poderiam dar maior certeza relativamente à correlação entre as duas línguas. Na inexistência desses estudos no âmbito do ISD, e levando em conta as restrições impostas pela atenção aos objetivos da presente pesquisa, alteramos apenas certas nomenclaturas, como as dos tempos verbais, tal como sugere a tradução de Bronckart (2007).

Quadro 1 – Mundos discursivos, tipos de discurso e tipos linguísticos  
(continua)

<b>MUNDOS DISCURSIVOS</b>			
<b>Expor (conjunção)</b>		<b>Narrar (disjunção)</b>	
<b>TIPOS DE DISCURSO</b>			
<b>Discurso Interativo</b> (Mundo conjunto implicado)	<b>Discurso Teórico</b> (Mundo conjunto autônomo)	<b>Relato Interativo</b> (Mundo disjunto implicado)	<b>Narração</b> (Mundo disjunto autônomo)
<b>CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS LINGÜÍSTICOS</b>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Presença de unidades que remetem à própria interação verbal</li> <li>✓ Na forma de diálogo, há presença de turnos de fala</li> <li>✓ Presença de numerosas frases não declarativas</li> <li>✓ Presença dos tempos verbais presente e pretérito perfeito e futuro (forma simples e composta ou perifrástica)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ausência, quase total, de frases não declarativas</li> <li>✓ Presença dos tempos verbais presente do indicativo, pretérito perfeito (valor genérico) e futuro do pretérito, sendo o presente mais incidente. Ausência, quase total, do futuro do presente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ausência de frases não declarativas</li> <li>✓ Presença dos tempos verbais: pretérito perfeito, aos quais associam-se o mais-que-perfeito composto, o futuro do presente e do pretérito</li> <li>✓ Presença de organizadores temporais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Comporta predominantemente frases declarativas</li> <li>✓ Predominância dos tempos verbais da história ou dos tempos narrativos: pretérito perfeito e imperfeito. A esses tempos de base, acrescentam-se as formas compostas, correspondentes ao mais-que-perfeito composto e ao futuro do pretérito ou auxiliar no imperfeito + infinitivo</li> </ul>

Quadro 1 – Mundos discursivos, tipos de discurso e tipos linguísticos  
(conclusão)

MUNDOS DISCURSIVOS			
Expor (conjunção)		Narrar (disjunção)	
TIPOS DE DISCURSO			
Discurso Interativo (Mundo conjunto implicado)	Discurso Teórico (Mundo conjunto autônomo)	Relato Interativo (Mundo disjunto implicado)	Narração (Mundo disjunto autônomo)
CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS LINGÜÍSTICOS			
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Presença de dêiticos ostensivos, de lugar e de tempo</li> <li>✓ Presença de nomes próprios, de verbos e de pronomes de primeira e de segunda pessoas do singular (pode ocorrer também em forma eliptizada pelas desinências dos verbos), que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal e desempenham valor claramente exofórico</li> <li>✓ Pode ocorrer ainda a presença do pronome <i>você</i> e/ou da locução pronominal <i>a gente</i>, remetendo à primeira pessoa do plural</li> <li>✓ Presença de auxiliares modais</li> <li>✓ Presença de anáforas pronominais em oposição às nominais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ausência de unidades que remetem diretamente aos interactantes, ou ao espaço-tempo de produção, como os ostensivos, os dêiticos espaciais e os dêiticos temporais</li> <li>✓ Ausência de nomes próprios e de pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular com valor claramente exofórico, além de verbos na primeira e na segunda pessoa do singular. Mas, com presença da primeira pessoa do plural (caráter <i>in fine</i>), configurando o que, no português brasileiro, designa-se como plural de modéstia e que tem a ver com o acabamento do gênero</li> <li>✓ Presença de vários organizadores com valor lógico-argumentativo</li> <li>✓ Presença de modalizações, de focalizações e de referências intra, inter e metatextuais</li> <li>✓ Presença de numerosas frases na voz passiva</li> <li>✓ Presença de anáforas pronominais e nominais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Presença de pronomes de primeira e de segunda pessoas do singular e do plural que remetem ao protagonista da interação verbal</li> <li>✓ Presença de organizadores de espaço e tempo, que decompõem a o narrar a partir das relações espaço-temporais</li> <li>✓ Presença dominante de anáforas pronominais e nominais em forma de repetição de sintagmática</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ausência de pronomes de primeira e de segunda pessoas do singular e do plural, que remetem diretamente ou ao agente produtor do texto ou aos seus destinatários</li> <li>✓ Presença de organizadores temporais</li> <li>✓ Presença conjunta de anáforas pronominais e nominais</li> </ul>

Fonte: elaborado pelo autor com base em Bronckart (1996, 2007)

Um texto põe em funcionamento um espaço mental coletivo ou comum ao agente-produtor e a seus interlocutores. Esse espaço mental, segundo Bronckart (2007), é uma necessidade imposta pela própria natureza acional da linguagem, que exige um *locus*, isto é, um espaço mental coletivo no qual se contingenciam os conhecimentos disponíveis no agente e as regulações impostas pelas regras do gênero em uso. Essas regulações são de ordem tanto estrutural quanto funcional, tais como as refletidas, por exemplo, pela construção dos tipos e mundos discursivos. A construção dos tipos reflete a mobilização de aspectos estruturais enquanto a dos mundos liga-se aos funcionais, em virtude de esses últimos indexarem o texto a determinadas situações de ação da linguagem.

A criação desse espaço comum ou coletivo é, de início, responsabilidade do autor do texto empírico. Desse modo, apresenta-se como o agente humano, “responsável pela totalidade das operações que darão a esse texto seu aspecto definitivo” (BRONCKART, 2007, p. 320), considerando que nessas operações o autor decide sobre o conteúdo temático, sobre o modelo de gênero que será adaptado à situação de comunicação, sobre o tipo de discurso e sobre os mecanismos de textualização acionados.

Concebida como dimensões mentais das representações acionadas em um texto, a responsabilidade enunciativa é delegada pelo autor empírico a outras instâncias: a do narrador, a do expositor e a do textualizador. O narrador responde pela instância de gerenciamento na construção dos mundos da ordem do narrar e o expositor, pela gestão nos mundos do expor. O textualizador apresenta uma identidade mais complexa: de um lado pode ser compreendido como a entidade abstrata que assume o gerenciamento geral de articulação entre os diversos níveis e elementos do folhado textual (infraestrutura geral do texto; mecanismos de textualização; mecanismos enunciativos). De outro, pode ser compreendido como a instância de gestão quando se entrecruzam em um texto o mundo do narrar e do expor ao mesmo tempo. Nesse sentido, Bronckart (2007, p. 323) considera que “é necessário postular a existência de uma instância de gerenciamento geral, responsável pela articulação dos tipos de discurso, do plano geral e dos mecanismos de textualização, a que poderíamos chamar de textualizador” (BRONCKART, 2007, p. 323).

Desse modo, o textualizador tanto pode ser uma instância geral à qual o autor empírico delega a responsabilidade de gestão do texto como um todo quanto

também uma instância específica que gerencia o entrecruzamento do mundo do narrar e do expor em uma única unidade textual, como afirma explicitamente o autor, ao considerar que o textualizador ocorre “quando está em jogo a coordenação desses dois mundos [o do narrar e o do expor] em uma única unidade textual” (BRONCKART, 2007, p. 323).

Cabe destacar que a articulação geral gerenciada pelo textualizador espelha, enfim, a interrelação entre os planos estrutural e funcional na construção de um espaço mental coletivo que se expressa por meio dos mundos discursivos pretendidos pelo agente-produtor em função de uma ação de linguagem e que todas as instâncias conjuntamente gerenciam os mecanismos enunciativos propriamente ditos, quais sejam: as vozes e as modalizações.

As vozes são as entidades que assumem a responsabilidade do dizer e perpassam todos os tipos de discurso. São atribuídas às instâncias que assumem a responsabilidade enunciativa em um dado texto, isto é, atribuídas a um narrador, a um expositor ou a um textualizador, conforme o caso. Subdividem-se em vozes de personagem, sociais e do autor. As vozes de personagem são as que procedem de seres humanos ou de entidades humanizadas que atuam na qualidade de agentes. As sociais procedem de personagens, grupos ou instituições sociais que não atuam como agentes, mas que se comportam como instâncias externas de avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático do texto. As vozes do autor caracterizam-se como aquelas que procedem diretamente da pessoa que está na origem da produção do texto.

Pertencentes à dimensão configuracional e contribuindo para o estabelecimento da coerência pragmática ou interativa do texto, as modalizações, segundo Bronckart (2007), têm por objetivo reportar comentários e avaliações enunciadas por quaisquer das vozes acionadas no texto. Elas não pertencem ao plano da linearidade ou da progressão, podendo, desse modo, projetar-se em qualquer nível da arquitetura textual.

Assim, mundos discursivos, tipos de discurso e mecanismos enunciativos sob a perspectiva do interacionismo sociodiscursivo constituem categorias que permitem a compreensão dos mecanismos e dos instrumentos utilizados pelo falante na criação de um espaço comum ou coletivo semiotizado em função das necessidades comunicativas desse falante e das ações de linguagem capazes de supri-las.

### 3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos as opções metodológicas assumidas em virtude do referencial teórico que embasou esta pesquisa e que, dessa forma, delinearão os critérios que consideramos na constituição, caracterização e seleção do *corpus*, bem como na determinação dos procedimentos e etapas de análise a que submetemos os dados.

#### 3.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

O objetivo principal desta pesquisa é propor mais um parâmetro de caracterização para o gênero crônica brasileira com base em uma estrutura retórica que se expressa através das relações que emergem entre os tópicos discursivos. Esse parâmetro, em consórcio com o conjunto de outras características já bem consolidadas, pode contribuir para uma melhor compreensão dos espaços sociais onde esse gênero circula além de permitir uma análise crítica da dinâmica social que ele revela e dos objetivos discursivos dos sujeitos que o mobilizam como forma de ação no mundo. Para alcançarmos esse objetivo, fizemos um percurso de interface que articula o Funcionalismo linguístico, especificamente a Teoria da Estrutura Retórica, à Linguística Textual em seu viés que focaliza a análise, a descrição e a caracterização de gênero como uma de suas preocupações.

Atuam como referencial básico no âmbito do Funcionalismo linguístico, e mais especificamente no da Teoria da Estrutura Retórica, os trabalhos precursores de Mann e Thompson (1983, 1987, 1988, 2000) além de outros que surgiram posteriores na biografia desses autores. Ainda nessa direção, apoiamo-nos também em Matthiessen e Thompson (1988) e em estudos que, à semelhança do que propomos, investigam, à luz da RST, fenômenos eminentemente da ordem do texto, como os de Taboada (2006, 2009), Redeker e Gruber (2014), Decat (1993, 2010a, 2012, 2015), Antônio (2003, 2004, 2009) e Correia (2008).

Quanto à Linguística Textual, acionamos, sobretudo, as propostas de Coutinho (2007, 2009) e Coutinho e Miranda (2009) relativamente à noção de

parâmetros de gênero em conexão com a visão bakhtiniana de gênero discursivo, apresentadas em várias obras, mas, principalmente, em Bakhtin (2011/1979), Bakhtin/Volochínov (2014/1929) e nos estudos de Brait (2011). Acionamos, ainda, Bronckart (1996, 2007, 2010) no que se refere à determinação dos mundos discursivos e dos tipos de discurso em que as crônicas se expressam.

Também destacam-se em nossa pesquisa os pressupostos teórico-metodológicos de Brown e Yule (1983), Jubran et al. (1992) e Jubran (2006) no que se refere ao estudo da organização tópica dos textos.

O estudo específico da crônica foi elaborado com base em autores reconhecidos nos estudos clássicos das literaturas portuguesa e brasileira: Coutinho (1971), Candido (1992) Arrigucci (1987), em outros autores que revisaram o tema mais atualmente: Calhoub, Neves e Pereira (2005), Costa (2014) e em teses de doutorado que têm por objeto de estudo o gênero crônica: Reis (2015), Gabriel Jr (2015) e Moura (2007).

Com base nessas referências, propomos uma metodologia para a pesquisa atenta às características do gênero crônica brasileira em suas articulações com o conteúdo temático e com a estrutura composicional, conforme requer a visão bakhtiniana, bem como à descrição e análise das relações retóricas e às conformações que elas assumem em virtude das suas ligações com o enunciado, permitindo-nos, assim, efetivar um claro trabalho de interface da RST com a Linguística Textual, como revelam os procedimentos detalhados nas seções seguintes.

### 3.2 CONSTITUIÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E SELEÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* total da pesquisa é composto por vinte crônicas brasileiras de autores diversos. No capítulo de análise, apresentamos um *corpus* representativo, constituído pelas oito que estão, a seguir, elencadas.

✓ Crônica 1

**Cada governo tem o Jornal Nacional que merece** – Marilene Felinto

✓ Crônica 2

- ✓ **O moralizador** – Contardo Calligaris
- ✓ Crônica 3
- ✓ **A descoberta da velhice** – Rubem Alves
- ✓ Crônica 4
- ✓ **Taxonomia ligou etc. etc.** – Juliana Cunha
- ✓ Crônica 5
- ✓ **Viva a Novela** – Beatriz Decat
- ✓ Crônica 6
- ✓ **Queixa de defunto** – Lima Barreto
- ✓ Crônica 7
- ✓ **O nascimento da crônica** – Machado de Assis
- ✓ Crônica 8
- ✓ **A última crônica** – Fernando Sabino

Os textos, embora já tendo sido publicados em livros e revistas, foram coletados em sites e blogs da internet, com exceção da crônica Viva a novela! de Beatriz Decat, que foi publicada apenas na página pessoal do Facebook da autora. Visando a uma amostra genuína do gênero e dos textos em que ele se realiza, a seleção de cada texto obedeceu aos seguintes critérios:

- a) Indicação clara, no suporte, de que o texto selecionado já foi veiculado em revistas, livros ou em outros meios impressos. O de Beatriz Decat foi-nos entregue pela própria autora em material impresso em uma de nossas aulas.
- b) Textos cuja edição na internet não seja diferente da presente em livros, revistas ou em outros meios de veiculação impressa<sup>20</sup>. Em anexo, encontram-

---

<sup>20</sup> Este critério pode parecer inócuo, em princípio. No entanto, em várias ocasiões, estivemos diante de textos com versões parcialmente diferentes em sites e blogs. Algumas vezes, inclusive, identificamos problemas de autoria. É o caso, por exemplo, da crônica 19, presente nos anexos III, para a qual encontramos três versões diferentes. A crônica 4 também apresentou versões distintas – a versão não considerada, que foi a digital, apresenta-se no fim dos referidos anexos. No entanto, nesse último caso, ambas as versões estavam referenciadas como da autora Juliana Cunha. Sem ter acesso às razões que ensejaram as alterações, decidimos por manter no *corpus* apenas os textos de sites e blogs cuja versão coincidiam com a do texto impresso.

Acreditando que os textos veiculados em suportes impressos são mais estáveis no que se refere à manutenção da sua versão original, mantivemos esse critério. Contudo, ressaltamos que sua validade reflete apenas o cuidado que o pesquisador deve ter com o material que ele examina e em relação ao

se as outras doze crônicas que compõem o *corpus* total da pesquisa, com seus respectivos quadros tópicos, quadros das unidades de informação completas e diagramas, os quais demonstram as relações retóricas que emergem entre essas unidades. Abaixo de cada texto, há a referência do site, blog ou página pessoal de onde foram coletados, além da referência da versão impressa. No caso da crônica **Viva a novela!**, há a assinatura da autora comprovando a versão original impressa.

Para efeito de caracterização do *corpus* da pesquisa, consideramos que um texto corresponde a um exemplar da crônica quando nele se apresentarem as seguintes características:

- ✓ Texto em prosa
- ✓ Atuação na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelo relato, narração ou exposição de acontecimentos triviais do dia a dia
- ✓ Objetivo de construção de ponto de vista explícito ou não
- ✓ Expressão do mundo do narrar e/ou do expor
- ✓ Cultivo do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor

Além de levarmos em conta as características acima, a seleção do *corpus* baseou-se, ainda:

- ✓ Em escolhas assistemáticas dos textos, isto é, sem muito planejamento. Isso se justifica pela busca de um *corpus* cujos assuntos das crônicas não estivessem ligados por nenhum traço temático. A razão dessa decisão metodológica encontra-se no fato de que um dos problemas que, inicialmente, motivou a presente pesquisa foi o estranhamento causado pelo volume muito grande de tipos de crônica. Identificamos mais de trinta, conforme assinalamos na Introdução. Pareceu-nos que somente alguns poucos gêneros comportam tanta

classificação baseada no assunto de que o texto trata. Identificamos ainda classificações embasadas em outros critérios, mas reunidos sem uma justificativa clara dos objetivos a que se prestam. Considerando esse estranhamento, decidimos buscar um traço que atravessasse todos os tipos de crônica, contingenciando-os claramente por uma regularidade que não fosse o assunto tratado. Assim, decidimos que, desde que os textos atentassem para os critérios definidos como indicadores já existentes para a crônica, conforme anteriormente elencados, poderiam participar do *corpus*,

- ✓ Em propostas bastante diversificadas em termos de conteúdo temático e de autoria.

### 3.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ETAPAS DA ANÁLISE

A análise das oito crônicas que compõem o *corpus* representativo da pesquisa obedeceu a quatro etapas. No entanto, a análise do *corpus*, em sua totalidade, atenta apenas às três primeiras. Desse modo, a etapa que prevê a articulação entre as relações retóricas e seus possíveis papéis na organização do componente temático e da estrutura composicional do gênero, para fins de definição de mais um parâmetro, deu-se apenas nos oito textos expostos no capítulo de análise.

**Etapa 1:** examinamos os textos selecionados com base nos critérios anteriormente especificados como parâmetros já existentes para a crônica, buscando justificar a presença de cada um no *corpus* em razão da atenção a esses critérios. Em seguida, analisamos cada uma das características à luz dos pressupostos teóricos detalhados no capítulo 1.

**Etapa 2:** apresentamos a segmentação em tópicos discursivos, no nível de organização dos tópicos particularizadores, que correspondem às unidades de informação entre as quais emergem as relações retóricas, segundo a nossa proposta de interpretação dos textos. Interpretação essa que enseja uma dada representação do conteúdo discursivo, em conformidade com os procedimentos de

segmentação tópica propostos em Brown e Yule (1983), Jubran et al. (1992) e Jubran (2006). A operacionalização desses procedimentos está, didaticamente, detalhada na crônica 1, na seção 4.2 do capítulo de análise.

**Etapa 3:** descrevemos as relações retóricas que emergem entre os tópicos discursivos, as apresentamos em diagramas que desenham a estrutura retórica identificada pelo analista e as analisamos segundo os procedimentos metodológicos propostos pela RST (MANN; THOMPSON, 1983, 1988, 2000). Ressaltamos que a confecção dos diagramas se deu com o auxílio da ferramenta *RSTTool*<sup>21</sup> e do programa *CoreIDRAW*. Esses procedimentos são:

- a) considerando as condições apontadas para o núcleo, para o satélite, para o núcleo + satélite e para o efeito, propomos a emergência de uma dada relação núcleo-satélite entre duas unidades de informação em contiguidade; ou considerando as condições em cada par de núcleo e o efeito, propomos a emergência de uma relação multinuclear
- b) considerando critérios de plausibilidade, analisamos se é, de fato, coerente e/ou plausível considerar a emergência da relação anteriormente especificada
- c) elaboramos os diagramas com o auxílio da ferramenta *RSTTool* e do programa *CoreIDRAW*
- d) considerando as redes de relações que se estabelecem, analisamos a estrutura retórica do texto.

Visando à clareza na exposição da referida análise, para cada diagrama, apresentamos, em forma de esquema, um quadro tópico, que explicita as unidades de informação. Considerando algumas limitações que a ferramenta *RSTTool* apresenta no que se refere à reprodução de unidades de informação longas, isto é, com muitas palavras, procedemos a um corte entre o início e o fim de cada unidade. Como isso poderia dificultar a leitura, apresentamos, também, um segundo quadro em que as unidades estão expostas na íntegra e podem ser cotejadas com as unidades recortadas presentes nos diagramas.

---

<sup>21</sup> Esse programa foi desenvolvido por Mick O'Donnell e encontra-se disponível em: <http://www.wagsoft.com/RSTTool/>.

As relações com suas definições, restrições, efeitos e a informação dos autores que as propõem estão expostas nos quadros 3 e 4, respectivamente, **Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*** e **Quadro das relações multinucleares incidentes no *corpus***, dispostos na seção 4.2 do capítulo de análise. Ressaltamos o fato de que nas listas originais da RST a presença da referência aos autores não é de praxe. Como julgamos ser esse um dado relativamente importante, para auxiliar o leitor, acrescentamos essa informação.

**Etapa 4:** ainda como imperativo metodológico da RST, tendo em conta seu caráter funcionalista, que entende, entre outros aspectos, a forma como decorrente da função, relacionamos as relações retóricas aos papéis que elas desempenham na constituição dos enunciados, nesta pesquisa, vistos como gêneros discursivos segundo a visão bakhtiniana e a possibilidade de os arranjos que elas esboçam constituírem mais um parâmetro de caracterização para a crônica.

A análise, nesta etapa, atentou, sobretudo, considerando os objetivos da presente pesquisa, para os traços de identidade que revelam regularidades em termos de características ligadas à relativa estabilidade do gênero. Quando necessário, fizemos referência também ao plano da singularidade, que aponta para as opções particulares de organização de que cada cronista faz uso.

Chamamos atenção para o fato de que o estilo, como um dos componentes do gênero segundo a visão bakhtiniana, recebeu menor enfoque em virtude da pouca possibilidade de a RST contribuir nesse âmbito. Sua análise, no entanto, aparece parcialmente contemplada nas incursões que são feitas visando situarmos o estilo jornalístico e/ou literário no conjunto das características que dão identidade à crônica. Também não foi possível relacionar as relações retóricas à característica de simplicidade de linguagem e de busca de interlocução direta com o leitor. Assim, esses dois traços considerados na seleção do *corpus* foram analisados somente na etapa 1, anteriormente descrita.

Completada essa quarta etapa, considerando as estruturas retóricas que se manifestaram nos textos, propomos mais um parâmetro de gênero para a crônica brasileira. Desse modo, com base nos aspectos metodológicos ora expostos, procedemos à análise dos dados, apresentados no capítulo seguinte.

## 4 A ESTRUTURA RETÓRICA E OS PARÂMETROS DE CARACTERIZAÇÃO DA CRÔNICA: ANÁLISE DO *CORPUS*

### 4.1 A CRÔNICA PELA CRÔNICA

Nesta seção, apresentamos as oito crônicas que fazem parte do *corpus* que consideramos representativo da presente pesquisa e que estão analisadas segundo a etapa 1 descrita nos procedimentos metodológicos. Para cada um dos textos, são fornecidas algumas informações que o situam em relação ao contexto em que foi publicado e/ou produzido, em relação aos seus autores e, sobretudo, em relação aos aspectos que credenciam sua participação no *corpus*, considerando as características eleitas como os critérios que definem a crônica para os fins desta pesquisa e que denominamos de parâmetros já existentes para esse gênero discursivo. Também nesta seção registramos, de forma mais expressiva, nossas posições sobre os textos, e algumas vezes sobre os próprios cronistas, com o intuito de deixarmos sinalizada uma clara atitude autoral no sentido bakhtiniano do termo.

#### Crônica 1

A presença da crônica de Marilene Felinto justifica-se no *corpus* por contemplar, em linhas gerais, traços de um texto produzido por uma cronista profissional, por uma escritora que, embora flerte com a literatura, posiciona-se como uma jornalista crítica, perspicaz, que analisa com argúcia fatos triviais do cotidiano, inscrevendo essa trivialidade, no entanto, no contexto maior e mais amplo dos negócios humanos, como é o caso dos ajustes que se operam entre os meios de comunicação de massa e as esferas de poder em um dado momento histórico. Em uma linguagem muito ambientada ao contexto, pode-se afirmar que ela se comporta como uma cronista de “língua afiada”. Em 2000, data da publicação do livro **Jornalismo incorreto: crônicas de Marilene Felinto**, a cronista apresentava-se como escritora, colunista do jornal *Folha de S. Paulo* e consultora da Editora Globo. Atualmente, há informações na internet de *blogs* e *sites* da autora e

referência a seus trabalhos também como tradutora. A crônica **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece** foi publicada em 21 de maio de 1996 no jornal *Folha de S. Paulo*.

### **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece**

**Marilene Felinto**

Alguma semelhança há entre a nova cara do "Jornal Nacional", da Rede Globo de televisão, e a recente proliferação da rede de videolocadoras Blockbuster pelas ruas de São Paulo.

São dessas coisas que vão surgindo com tal velocidade, por trás de tão bem guardados tapumes de construção, que o indivíduo não se dá conta. Quando menos espera, estão lá, intronetidas na paisagem.

Um amigo horrorizou-se com a invasão de lojas Blockbuster na cidade, automatizadas, enormes, ocupando quarteirões inteiros --"Blockbuster", em inglês, significa "bomba arrasa-quarteirão"- e cujas fachadas são vitrinas em amarelo e azul, escandalosamente iluminadas e sortidas.

"É uma espécie de supermercado do vídeo, de McDonald's do filme", ele observou, com o agravante de não haver um único filme pornográfico na atmosfera anti-séptica, hospitalar, da rede Blockbuster. Do mesmo modo que não há pimenta na comida do McDonald's, Deduzi.

A associação com o "Jornal Nacional" veio também por acaso, num insight vagabundo, obtido do ato inútil de apertar um botão de controle remoto. Quase mudei de canal, estranhando não encontrar o rosto de Cid Moreira no que deveria ser o "JN". Feito camundongo condicionado há décadas à cara amarfanhada de Moreira na tela, senti falta.

Mas logo lembrei que o "JN" estava novo - modernizou-se, adaptou-se ao neoliberalismo do governo Fernando Henrique. Aos tempos do bem-apegoado FHC, serve o locutor William Bonner e sua cara de modelo de comercial de loção pós-barba. Com ele, entra Lilian Witte Fibe, mera reprodutora de matéria editada, mas cujas expressões de mau humor dão-lhe imagem de mulher-âncora, cheia de opinião.

É a mão de cal politicamente correta que passaram no telejornal -também enfiaram lá um mulato para conduzir as macacoas dos efeitos eletrônicos do mapa do tempo. A exposição dura breves segundos, tempo que cabe a mulatos (sem qualquer voz política) na televisão da elite branca.

Por fim, o "JN" ganhou ares de intelectual, como o presidente. Criou um comentarista (Arnaldo Jabor) de centro. Afinal, da mesma forma que não há pimenta no McDonald's ou pornografia na Blockbuster, não há esquerda na Globo.

O intelectual do "JN" faz no ar uma mistura de sub-literatura de novela com jornalismo piegas à la "Fantástico" (à la Affonso Romano de Santana dos anos 80). Seu discurso é saneado (ou censurado) e pronto para se retificar quando advertido por ordem superior do PFL.

Ora, cada governo tem o Jornal Nacional que merece. A *Blockbuster* e o novo "JN" são os frutos materiais da "modernização" brasileira. Operam na linha da falsa democratização da abundância e da informação. Participam da cruzada montada pelos liberais da classe média alta para sanear a sociedade - já que não lhes interessa alterar a ordem econômica das coisas - censurando tudo, do vício do fumo a pornografia e "discurso hostil", como disse o sociólogo americano Christopher Lasch.

No que se refere às características do gênero discursivo crônica, assinala-se a construção em prosa. Um outro aspecto diz respeito à crítica explícita à frágil identidade jornalística e editorial do Jornal Nacional, questão que se impõe no contexto dos debates que enfocam as articulações entre as instituições de poder e os meios de comunicação de massa. A crítica explícita e o debate são ensejados a partir da narrativa de um fato cotidiano e prosaico, tal como convém à crônica: o espanto do amigo da cronista e ou do expositor, considerando a presença da primeira pessoa do singular marcando uma relação de identidade entre a autora e a instância que gerencia as vozes do texto na ordem do expor (Bronckart, 2007), ao ver que se avolumavam, nas esquinas de São Paulo, uma rede de videolocadoras de fachadas chamativas denominadas *Blockbuster*, que, segundo a autora, seu amigo considerava essa rede como politicamente correta, limpa. Sem oportunizar ao cliente nenhum contato com títulos picantes, a rede comportava-se em conformidade com uma moral burguesa e elitista, própria do discurso neoliberal que se impunha na época do governo de Fernando Henrique Cardoso, segundo também o entendimento da autora. Tanto a aparência da *Blockbuster* quanto a nova cara do Jornal Nacional atendiam às demandas de ajustes impostos pelo mercado. Desse modo, a crônica de Marilene Felinto reflete bem as características desse gênero discursivo no que diz respeito à sua atuação nas esferas das práticas sociais dos debates surgidos dos episódios da vida cotidiana e à defesa de pontos de vista, nesse caso, explícita.

O mundo discursivo projetado é predominantemente o do expor, o que significa dizer que há uma conjunção entre o mundo semiotizado e o mundo da cronista, prova disso é a entrada direta no assunto por meio da afirmação de que há

semelhanças entre a nova cara do Jornal Nacional e a então recente proliferação das videolocadoras *Blockbuster* nas ruas da cidade de São Paulo, demonstrando, dessa forma, que leitor e cronista partilham das mesmas informações e, por conseguinte, do mesmo mundo. Relativamente ao caráter autônomo ou implicado do mundo do expor que ali se projeta, identifica-se a convergência dos dois aspectos em virtude da incidência do tipo de discurso misto interativo-teórico. Desse modo, há o que Bronckart (2007) denomina de tipos fusionados. Da parte do tipo discurso interativo, indentifica-se a presença das marcas de 1ª pessoa do singular que remetem diretamente ao agente da interação, no caso, à autora, ou seja, à própria cronista e à instância enunciativa do expositor. As vozes da cronista e do expositor fundem-se, como demonstra também um segmento de discurso interativo relatado presente no 4º parágrafo — “Do mesmo modo que não há pimenta na comida da McDonald’s. Deduzi”. — em que o discurso direto reporta-se à exteriorização de uma fala (fala do expositor coincidindo com a da autora), surgida em função de uma outra, no caso, da do personagem amigo da autora”. Bronckart (2007) chama expositor a instância enunciativa responsável pelo gerenciamento das vozes no mundo do expor, podendo, em alguns casos, haver sobreposição entre expositor e autor – revelada pelo uso da primeira pessoa –, compreendido este último como o ser empírico que opera as escolhas mobilizadas no texto. Em razão das marcas enunciativas próprias do tipo interativo, no tocante aos mundos discursivos, identifica-se a ocorrência de um expor implicado. Há também a presença de características do expor autônomo próprias do discurso teórico, em que a autora simplesmente joga com verdades historicamente produzidas, como é o caso da noção de neoliberalismo e de modernização. Bronckart (2007) mostra que, em textos nos quais ocorre essa fusão, ou seja, em que ocorre o tipo de discurso misto interativo-teórico, o autor busca, no curso da exposição apresentar informações que ele compreende como verdades autônomas independentemente das condições de produção e, mesmo que não haja a presença explícita de marcas que remetam ao interlocutor, que são próprias do tipo teórico, o autor conta com o destinatário, solicita sua atenção e sua aprovação.

Observa-se, ainda, a presença do tipo relato interativo, configurando, desse modo, ainda que secundariamente, a incidência também do mundo do narrar, que, em ocorrências como a que ora expomos, subsidia a discussão das teses, argumentos e conclusões construídas no texto. Identifica-se esse tipo de discurso

em algumas passagens da crônica, iniciando-se no 3º parágrafo — *um amigo horrorizou-se com a invasão de lojas Blockbuster na cidade...* — e indo até o 9º parágrafo — *O intelectual do “JN” faz no ar uma mistura de sub-literatura de novela com jornalismo piegas.* Assim, a crônica de Marilene Felinto contempla uma outra característica do gênero que é a projeção do mundo do narrar e do expor, nesse caso, com evidente hibridismo tipológico, no que pese o uso principalmente do mundo expositivo.

Por fim, o estilo jornalístico e/ou literário em uma linguagem simples e com apelos interlocutivos ao leitor, marcando-se como característica do gênero, apresenta-se em um texto que, embora atento à norma culta, não é pomposo. Não se identificam metáforas sofisticadas ou a incidência de outros recursos que pudessem dar feição literária ao texto. Se há sofisticação, ela decorre da comparação arguta, expressa em estilo jornalístico das relações entre o surgimento das videolocadoras *Blockbuster* e o que elas indiciam em termos de ajustes operados em função da política neoliberal no Jornal Nacional. Caracteriza-se, portanto, como uma crônica do cotidiano, nos termos de Gabriel Jr. (2015), em que o relato pessoal e verossímil da experiência do próprio cronista assume papel preponderante. Dessa forma, o estilo literário emerge de forma mitigada, talvez suscitada apenas pela própria memória social que a crônica reivindica na sua condição de gênero estudado pela literatura (REIS, 2015) e que permite, por exemplo, que, em uma coluna de jornal de grande circulação, a cronista exponha como jornalista suas experiências pessoais, seus *insights* construídos na sala de sua casa a partir do que ela mesma chama “insight vagabundo, obtido do ato inútil de apertar o botão do controle remoto”. A interlocução com o leitor é flagrada no último parágrafo, quando o marcador *ora* denuncia que se trata também de uma conversa entabulada de forma não explícita, mas, de qualquer forma, uma conversa. Assim, **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece** apresenta todas as características definidas como parâmetros de gênero já existentes para a crônica e definidos como critérios de seleção do *corpus* da presente pesquisa.

## Crônica 2

A crônica 2 serviu de base, no capítulo 1, para exemplificar as características do gênero discursivo do qual aqui tratamos. Com finalidade puramente prática, reintroduzimos, nesta seção do capítulo de análise, o próprio texto e reprisamos de forma resumida as características que justificam sua presença no *corpus*.

A crônica de Contardo Calligaris segue, em linhas gerais, o mesmo formato da de Marilene Felinto. É também um cronista de “língua afiada”. Jornalista, psicanalista e escritor, seus textos (d)enunciam sua formação de doutor em Psicanálise na recorrente preocupação que ele demonstra em construir um nexo entre a psiquê e os comportamentos sociais, políticos e culturais captados a partir das lentes de filmes, das ações do homem público que ganharam repercussão ou mesmo da grande massa anônima. O cronista recupera a narrativa de fatos e acontecimentos do cotidiano, quer seja o dia a dia de cada um, quer seja a vida diária do terapeuta, como é o caso da série ***Psi***, veiculada em um canal de TV fechada, a qual se baseia nos textos de Calligaris e da qual ele participa como diretor. O autor é, desse modo, um cronista profissional. Afeiçoado à literatura, de sua biografia constam alguns romances. A crônica **O moralizador** foi publicada em 20 de março de 2008 no jornal *Folha de S. Paulo* e compilada no livro **Todos os reis estão nus** (2014).

### O moralizador

Contardo Calligaris

Eliot Spitzer era governador do Estado de Nova York até renunciar, na semana passada. Sua fortuna política e sua popularidade estavam ligadas à sua atuação prévia como procurador agressivo e inflexível contra os crimes financeiros e contra as redes de prostituição e seus clientes.

Ora, descobriu-se que ele era freguês de uma rede de prostituição de luxo e que também recorria a artimanhas financeiras para que seus pagamentos – substanciais: 80 mil dólares (140 mil reais)\* – não fossem identificados. Esse *fait divers* (no fundo trivial) foi a primeira página dos jornais do mundo inteiro – aparentemente, pela surpresa que causou: quem podia imaginar tamanha hipocrisia? Esse “espanto” geral foi, para mim, a verdadeira notícia da semana.

Começou no dia em que Spitzer deu a sua primeira declaração pública, reconhecendo os fatos e a culpa, ao lado de sua mulher, impávida. No programa 160º, da CNN, o âncora, Anderson Cooper, convocou dois comentaristas. Um deles, uma mulher, psicóloga ou psiquiatra, ofereceu imediatamente uma explicação correta e óbvia. Ela disse mais ou menos isso: é muito frequente que um moralizador raivoso desconte nos outros tendências e impulsos que são seus e que ele não consegue dominar. Cooper (que já passeou pelos piores cenários de guerras e catástrofes naturais) quase levou um susto e cortou rápido, acrescentando que aquelas eram, “claramente”, suposições, hipóteses etc. Não é curioso?

Em regra, prefiro as ideias que são propostas, justamente, como hipóteses ou sugestões que cada um pode testar no seu foro íntimo. Mas, hoje, considerar a declaração da especialista como uma suposição parece ser uma hipocrisia pior (e mais perigosa) do que a de Spitzer. Afinal, depois de um bom século de psicologia e psiquiatria dinâmicas, estamos certos disto: o moralizador e o homem moral são figuras diferentes, se não opostas.

1. O homem moral se impõe padrões de conduta e tenta respeitá-los;
2. O moralizador quer impor ferozmente aos outros os padrões que ele não consegue respeitar.

Ainda em sua primeira declaração, Spitzer confessou, contrito, que não conseguira observar seus próprios padrões morais. Tudo bem: qualquer homem moral poderia confessar o mesmo. Mas ele acrescentou imediatamente que , a bem da verdade, aqueles eram os padrões morais de quem quer que seja.

Aqui está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, é considerado por ele um padrão que deveria valer para todos. Com que finalidade? Simples: uma vez estabelecido seu padrão como universal, ele pode, como promotor ou governador, impô-lo aos outros, ou seja, pode compensar suas próprias falhas com o rigor de suas exigências para com os outros.

Quem coloca ruidosamente a caça aos marajás no centro da sua vida está lidando (mal) com sua própria vontade de colocar a mão no pote de marmelada, Quem esbraveja raivosamente contra “veados” e travestis está lidando (mal) com as suas fantasias homossexuais. Quem quer apedrejar adúlteros e adúlteras está lidando (mal) com seu desejo de pular a cerca, ou (pior) com o seu sadismo em relação a seu parceiro ou parceira. O exemplo da adúltera, aliás, serve para lembrar que a psicologia dinâmica, no caso, confirma um legado da mensagem cristã: o apedrejador sempre quer apedrejar a sua própria tentação ou a sua culpa. A distinção entre homem moral e moralizador tem alguns corolários relevantes. Primeiro, o moralizador é um homem moral falido: se soubesse respeitar o padrão moral que impõe a si mesmo, não precisaria punir as suas imperfeições no outro. Segundo, é possível e compreensível que um homem moral tenha um espírito

missionário: ele pode agir para levar os outros a adotar um padrão parecido com o seu. Mas a imposição forçada de um padrão moral nunca é o ato de um homem moral, é sempre o ato de um moralizador.

Em geral, as sociedades em que as normas morais ganham força de lei (os Estados confessionais, por exemplo) não são regradas por uma moral comum, nem pelas aspirações de poucos e escolhidos homens exemplares, mas por moralizadores que tentam remir suas próprias falhas morais pela brutalidade do controle que exercem sobre os outros. A pior barbárie é isto: um mundo em que todos pagam pelos pecados de hipócritas que não se aguentam.

Em resumo, em **O moralizador**, o expositor, alinhando-se por meio de marcas de identidade em primeira pessoa com o próprio autor (BRONCKART, 2007), inicialmente, expõe o episódio de repercussão internacional relativo à renúncia do governador do Estado de Nova York. Tendo sido eleito com base na sua fama de procurador inflexível contra crimes financeiros e redes de prostituição, Eliot Spitzer assumiu comportamento oposto ao que lhe fez ascender como homem público, envolvendo-se exatamente com redes de prostituição e praticando crimes financeiros que visavam a ocultar seus pagamentos a elas. Associado a esse fato está o comentário de um apresentador de TV que, ao tratar do assunto, solicitou a opinião de uma profissional a qual declarou serem comuns os casos em que moralistas raivosos descontam nos outros os impulsos que eles mesmos não conseguem dominar. O apresentador, buscando contemporizar a situação, logo buscou assumir uma postura diplomática afirmando ser a posição da profissional apenas suposições ou hipóteses. O expositor, qualificando a opinião do apresentador como uma hipocrisia ainda maior do que o desalinhamento do comportamento de Eliot Spitzer, passa a expor em tom de discurso teórico, mas, ao mesmo tempo, com marcas expressivas de subjetividade, a diferença entre homem moral e moralizador.

Em um texto em prosa, o cronista retoma fato que ele mesmo denomina como a verdadeira notícia da semana e que repercutiu nas primeiras páginas dos jornais do mundo todo. Assim, registra-se a segunda característica da crônica que é a atuação nas práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelos acontecimentos triviais do dia a dia. Nesse caso, discutem-se, a partir da narrativa das notícias acerca de Eliot Spitzer, questões

como a conduta moral do indivíduo e seus reflexos tanto na vida pública quanto na privada, considerando-se a noção de hipocrisia e as explicações psicanalíticas que a embasam segundo o cronista. A expressão de ponto de vista é explícita e identifica-se a busca do autor de formar opinião e, desse modo, criar uma convicção no leitor, levando-o a crer na distinção entre homem moral e moralizador, como expressa o fragmento *afinal, depois de um século de psicologia e psiquiatria dinâmicas, estamos certos disso: o moralizador e o homem moral são figuras diferentes, se não opostas.*

Embora o texto inicie com o narrar autônomo materializado por meio do tipo narração, o mundo discursivo predominante é o do expor autônomo e implicado, materializado no tipo principal discurso teórico com inserções também do tipo discurso interativo, caracterizando, desse modo, no âmbito do expor, a presença do tipo misto interativo-teórico.

Relativamente ao mundo do narrar, observa-se que a narrativa instaura um mundo disjunto do mundo ordinário, interpretável com base neste, mas, de qualquer forma, um outro mundo: aquele em que Eliot Spitzer foi obrigado a renunciar a um importante cargo político, em virtude do desacordo entre suas condutas na vida privada e seus discursos na vida pública. Logo, o mundo tratado não é o mesmo que o do leitor na hora em que este tem acesso à notícia. A atividade narrativa não relaciona instâncias de agentividade a parâmetros da atividade em curso, daí a caracterização do narrar autônomo. O cronista, pelas vias de um expositor, e de um narrador que vez ou outra se faz presente, é também o jornalista que relata o fato e que, em momentos específicos, decide mostrar-se e assumir explicitamente posição, tal como em esse *“espanto” geral* [referência à voz social que diria: “que hipocrisia”!] *foi, para mim, a verdadeira notícia da semana* ou na pergunta retórica *não é curioso?*, em que claramente o narrador intervém para comentar fatos narrados.

O mundo do expor predomina. É o discurso da Psicanálise que se desenrola e assume a linha de frente em um texto em que ora o expositor teoriza sem referência às instâncias de agentividade e aos parâmetros da atividade em curso, marcando a presença do tipo discurso teórico e do mundo do expor autônomo, ora o expositor funde sua voz com a do próprio cronista, tomando posição e reivindicando a atenção e a adesão do interlocutor, marcando, assim, a existência do discurso interativo e, como consequência, do mundo do expor autônomo também. Nesses momentos de fusão entre expositor e cronista, emerge a presença do tipo misto

interativo-teórico, como se atesta por meio das elipses das marcas de primeira pessoa do plural, tal como ocorre em *em regra, prefiro as ideias que são propostas, justamente, como hipóteses*, e em intervenções como em *quem esbraveja raivosamente contra “veados” e travestis está lidando (mal) com as suas fantasias homossexuais. Quem quer apedrejar adúlteros e adúlteras está lidando (mal) com seu desejo de pular a cerca, ou (pior) com o seu sadismo em relação a seu parceiro ou parceira*, em que os modalizadores *mal* e *pior* expressam claramente pontos de vista do autor.

O estilo jornalístico e/ou literário marca-se na predominância daquele sobre este. É a típica crônica de notícia (GABRIEL JR., 2015), em que de forma ensaística o cronista avalia notícias e matérias que ganharam destaque em um certo período. É o discurso jornalístico que se sobressai. Talvez, somente a memória de um gênero estudado pela literatura trouxesse reminiscências de um quê literário, quem sabe sugerido nas diversas passagens em que o texto corre da função referencial para a expressão particular do autor, construindo, por qualquer ângulo que se veja, um texto não canônico: não seria literatura canônica, mas também não seria jornalismo puro, aquele que tem a pretensão da imparcialidade e da divulgação apenas da notícia. A sintaxe é direta. As frases são predominantemente declarativas. O registro de língua é formal, lembrando-nos de que a crônica é, em sua concepção primária, um gênero da escrita. Os tempos verbais oscilam entre o pretérito perfeito, nos segmentos narrativos, e o presente do indicativo de valor atemporal nos segmentos da ordem do expor. Não há rebuscamento da linguagem, metáforas ou quaisquer outros recursos que dessem maior sofisticação ao texto. Marca-se, desse modo, a presença de uma linguagem simples e, como no texto de Marilene Felinto, a interlocução com o leitor é flagrada pelo marcador *ora* e por algumas passagens em que o cronista interroga: *não é curioso? E com que finalidade?*

### Crônica 3

A presença da crônica de Rubem Alves justifica-se no *corpus* por dois aspectos: em primeiro lugar, pelo cunho intimista e psicológico que suas reflexões alcançam e, nesse sentido, se opõe ao caráter de engajamento político e de crítica social que pode ser reconhecido na crônica de Marilene Felinto e de Contardo

Calligaris, no que pese Rubem Alves ter sido também psicanalista. No entanto, Rubem e Contardo oferecem propostas diferentes de inserção do discurso de base psicanalítica em seus textos. Rubem Alves, nitidamente, não privilegia a crítica às instituições políticas ou às questões sociais. Acrescenta-se a esse aspecto sua preferência por temas que tocam o desejo humano, a sexualidade, a velhice e a reforma interior do indivíduo. Tudo isso atravessado pelo discurso religioso, na maioria das vezes, cristão. Talvez por essa razão, na esfera acadêmica, o autor seja, algumas vezes, injustamente “acusado” de pertencer ao universo da autoajuda. E, agora, já estamos diante do segundo aspecto que justifica a presença da crônica **A descoberta da velhice** no *corpus*: o debate acerca das questões humanas não, necessariamente, inserido num contexto de crítica mais amplo. Esse é, sem dúvida, um viés de abordagem temática muito recorrente no gênero crônica, principalmente, na atualidade, razão por que decidimos trazer um texto que representa esse segmento. Rubem Alves, além de escritor nascido em Minas Gerais, era teólogo, educador e doutor em filosofia e publicou várias obras, entre elas, **Quarto de badulaques**, no qual apresenta textos diversos, definidos, por ele mesmo, como textos curtos e curtíssimos de variados temas. **A descoberta da velhice** é, sem dúvida, um dos maiores, em termos de extensão, que lá se pode encontrar. E a razão disso? “porque o tempo, segundo ele, urge, há muito a tematizar, mais muitíssimo mais a viver”<sup>22</sup>.

### A descoberta da velhice

Rubem Alves

Descobri que eu estava velho há muitos anos, num metrô de São Paulo. Foi assim: o vagão estava lotado e não havia assento vago. Não liguei. Eu era jovem, pernas e braços fortes, podia fazer a viagem de pé, segurando um balaústre. Aí comecei a observar metodicamente o rosto das pessoas, coisa que gosto muito de fazer. Os rostos revelam mundo. Muitas crônicas me apareceram no ato de observar um rosto. Uma vez, tomando o meu café da manhã num hotel em Uberaba, fui comovido pelo rosto de um garçom já meio velho, magro, calvo, daqueles que não cortam o cabelo de um lado, para com seus fios compridos tentar disfarçar (inutilmente) a calva lisa. Aquele rosto me comoveu. E, quase que num segundo, apareceu na minha

<sup>22</sup> Frase do autor presente em uma das orelhas do livro **Quarto de badulaques**

imaginação a trama de um conto. É sobre um garçom que trabalhava num hotel onde pilotos e aeromoças pernoitavam. Ele se apaixonava por uma delas e a sua vida passa a girar em torno dos dias em que sua escala de voos fazia com que aquela que ele amava secretamente dormisse no hotel. O garçom, servindo o café da manhã, dela se aproximava e respirava fundo para sentir o seu perfume. Até saiu pelas lojas de perfume, à procura daquele... Terminado o café ele recolhia copos e xícaras. Aí, furtivamente, na cozinha, quando ninguém estava olhando, bebia os restinhos que haviam sobrado... Era como se ele a estivesse beijando.

Mas, voltando ao metrô. De repente meus olhos encontraram uma moça que também olhava para mim, com um discreto sorriso nos lábios. Foi um momento de suspensão romântica: eu olhando para ela, ela olhando para mim. Aquele poderia ser o início de uma estória de amor por acontecer. Muitas estórias de amor se iniciam em estações. Mas então, naquele momento de suspensão romântica, ela fez um gesto delicado: sorrindo, ela se levantou e me ofereceu o lugar... Entendi então o sentido do seu sorriso: olhando para mim ela se lembrava do seu avô, velhinho tão querido... Compreendi que eu estava velho. Foi um momento de revelação. Desde então o meu pensamento volta sempre para a velhice.

Publicado em formato de prosa, **A descoberta da velhice** rememora a experiência do narrador de ter descoberto que estava ficando velho, quando, em um metrô de São Paulo, uma moça olhava para ele com um discreto sorriso nos lábios. Descrevendo essa situação como um momento de suspensão romântica que poderia dar início a uma história de amor, o narrador, irônica e bem humoradamente, relata sua decepção ao perceber que, ao invés de um flerte, o que estava acontecendo era nada mais que um ato de cortesia em que uma pessoa mais nova gentilmente oferece seu assento a uma mais velha, levando-o a supor que, na verdade, a moça via nele o retrato do avô dela, “velhinho tão querido”. Esse fato tão prosaico fez o narrador em primeira pessoa, portanto, com forte identidade com o autor, refletir sobre a velhice, fazendo-o, inclusive, lembrar-se de um filme em que um garçom caricatamente não cortava o cabelo para, com isso, encobrir, de maneira falsa, a calvície. Desse modo, a característica da crônica de atuar na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelos acontecimentos triviais do dia a dia marca-se no texto. Como já se disse, não se trata de uma reflexão inserida em tema da conjuntura sociopolítica ou econômica. Em nada o texto toca as instituições, as lutas nas esferas de poder ou

os negócios humanos. Reflete, no entanto, sobre algo fundamental para a condição humana e que amplamente transita no universo da crônica: os desassossegos e embaraços, embora, nesse caso, com bom humor, que fatos comuns trazem à memória e que revelam ao homem sua finitude, seus dilemas, enfim, suas próprias questões.

A expressão de ponto de vista é subliminar, como é próprio do universo narrativo. A reflexão surge da possibilidade de o leitor apreender a situação que o texto relata e, a partir disso, identificar-se ou não com ela.

O mundo discursivo semiotizado é o do narrar implicado materializado pelo tipo principal relato interativo, que é predominante no texto. Desse modo, o mundo narrado, por ser disjunto, não é o mesmo que o do leitor. Este deve se reportar ao universo criado pela atividade narrativa, que é introduzido e explicitado pelo segmento *descobri que eu estava velho há muitos anos, num metrô de SP*. O uso da primeira pessoa do singular remete à instância enunciativa em que a voz do agente-produtor ou do autor coincide com a do narrador. Há relação explícita entre os parâmetros de agentividade e os da ação em curso como revela, por exemplo, o uso dêitico do pronome possessivo *meu* em *uma vez, tomando meu café da manhã num hotel em Uberaba*, em que o pronome, ao mesmo tempo, faz referência ao agente-produtor e à situação de espaço e tempo nas quais ocorrem as ações em curso no relato. O tempo verbal predominante é o pretérito perfeito em correlação com o imperfeito e com os outros tempos que marcam os diversos estágios narrativos.

Por fim, a presença do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor revela-se em um texto em que realidade e ficção misturam-se. É possível que nele esteja presente o relato puro e simples da experiência verossímil do autor como também é possível que lá esteja posta a ficção, fruto de uma atividade puramente criativa que põe em cena um narrador e um mundo que pode ser interpretado a partir da realidade fenomenológica, mas que é, em si, um outro mundo imaginado pelo autor e construído por um narrador que rememora e divaga sobre suas experiências pessoais. Dessa forma, o estilo literário predomina, mas há a lembrança também do jornalístico pelo tom ligeiro (COUTINHO, 1971) que o texto assume, embora, em nada, lembre uma típica notícia ou um fato que mereça as páginas de um jornal. A linguagem é simples. Apesar do seu caráter literário, não se identificam recursos de expressão que possam indicar alguma tentativa de sofisticação e de refinamento

da linguagem. A interlocução com o leitor não se dá de forma direta. No entanto, não é, de todo, abandonada. Está sugerida pelo tom de conversa, pelo relato de coisa miúda, leve, pela reminiscência das experiências do passado que aciona as memórias do leitor mais velho e alerta os mais novos. Mas, a todos diverte.

#### Crônica 4

Nem análise das estruturas de poder pensada no contexto da conjuntura sociopolítica nem análise intimista. A crônica de Juliana Cunha ambienta-se em um outro nicho: o dos conselhos das blogueiras, embora a versão aqui trazida seja a do livro impresso<sup>23</sup>, por força das opções que fizemos para a composição do *corpus*. Há história, há memória, mas há também conselhos. No final, “fica a dica”. A língua é afiada, não como na crônica de Marilene Felinto ou na de Contardo Calligaris. Não há discurso engajado. Há uma linguagem eschachada e irreverente que beira o politicamente (in)correto, estilo “nada a ver”, tal como sugere o título e como talvez a autora declarasse. E é exatamente por essa razão que a crônica **Taxonomia ligou etc. etc.** de Juliana Cunha, que é formada em Letras e apresenta-se como escritora, tradutora e repórter, compõe o *corpus* desta pesquisa, fortalecendo nossa convicção de que só um conjunto de textos baseado na diversidade de abordagens possíveis para a temática do cotidiano pode revelar a “alma” de um gênero tão plural quanto a crônica brasileira.

#### **Taxonomia ligou etc. etc.**

**Juliana Cunha**

13 de agosto de 2009

Se tem uma coisa que me surpreende e sempre renova meus votos de descrença na humanidade é a falta de capacidade de discernimento. Eu ia escrever autocrítica, mas nem é, é discernimento mesmo. Com coisas evidentes.

---

<sup>23</sup> A versão digital consta dos anexos

A redação da revista onde eu trabalho divide espaço com um estúdio fotográfico onde de vez em quando tem casting (ou seja, de vez em quando vem um pessoal aqui pra ser fotografado e a agência de publicidade dizer quem serve e quem não serve pra determinada campanha). Claro que tem campanha em que o objetivo nem é ter gente bonita. Eu particularmente teria certo constrangimento em dizer para os amigos que sou modelo, mas só em campanhas em que precisam de garotas de 1,60m com cara de todo mundo, mas, fazer o que né, a vida é dura e os preços ao consumidor francês caíram 0,4% em julho, mas não estamos na França. Enfim, quem quer ser modelo com cara de propaganda da Caixa Econômica (um degrau acima da propaganda da Dove no quesito realidade) até tem trabalho, só não precisa se drogar como se não houvesse amanhã e querer disputar com modelo de verdade.

O book que os modelos enviam não serve pra nada: excesso de Photoshop e falta de padrão, uns fazem profissional demais, outros tosco demais. O cliente precisa ver como todo mundo é atualmente e nas mesmas condições de temperatura e pressão.

Chego no trabalho e vejo uma filinha de meninas esperando para serem fotografadas. Tinha uma menina linda, alta, com o cabelo mais brilhante que a sua árvore de Natal e com uma pele do cotovelo mais lisinha que a minha pele do pulso. Atrás dela, uma moça de cabelo arrepiado cuja cabeça terminava abaixo do ombro da menina da frente. Perguntei ao fotógrafo se o ensaio ia ser diversificado e ele disse que não. Diagnóstico: a menina acha que realmente dá para competir com a modelo. Acha a ponto de perder metade da tarde numa filinha e de pagar o mico de ser fotografada e depois ter sua foto analisada lado a lado com a foto da modelo de verdade.

Sério, fiquei com vontade de pegá-la pelo braço, trazê-la na redação e perguntar se ela tinha umas sugestões de pauta, ou se sabia traduzir ou fotografar, talvez tratar imagem. Porque é isso que nós, meninas com cara de todo mundo, fazemos. E a gente pode até comprar cremes caros na esperança de ficarmos a cara da Gisele, mas no fundo sabemos que somos bem mais parecidas com a irmã gêmea da Gisele. E mesmo que a nossa esperança de que isso mude se renove a cada novo lançamento da indústria cosmética, depois a gente olha no espelho e constata que, não, que ainda não temos nenhum grau de parentesco com a Helena de Tróia. Até tem o dia em que o espelho se enrola e diz que somos melhores do que

somos de fato, mas nem nesses casos a gente consegue ficar com o nariz espremido nas costas imaculadas de uma modelo e continuar achando que estamos ali, todas no mesmo estágio evolutivo, todas num só coração. Fica a dica.

Em formato de prosa, a crônica de Juliana Cunha, embora publicada em 2009, em um livro com o sugestivo título **Já matei por menos**, mantém-se atual no que se refere à proposta dos discursos das blogueiras ou, mais atualmente, dos “*youtubers*” e dos “*digital influencers*”. O seu *fica a dica* no final do texto é exemplar nesse sentido, demonstrando a intenção da cronista de não só compartilhar seu relato e suas reflexões, mas também de influenciar os leitores, criar uma relação de identidade com eles e a partir daí indicar-lhes um certo comportamento. Notadamente, os *blogs* e *vlogs* são, na atualidade, um espaço profícuo para esse gênero discursivo.

De início, por meio de uma instância enunciativa que se anuncia em primeira pessoa, fazendo, dessa forma, convergir a voz da cronista com a do expositor e a do narrador, o texto situa o tema nos acontecimentos do dia a dia: a falta de autocrítica das pessoas elevada à potência de “falta discernimento mesmo”. Isso, segundo a cronista, aumenta seus votos de descrença na humanidade. O que desencadeia essa reflexão é o episódio em que, ao chegar à redação da revista onde ela trabalhava e que dividia espaço com um estúdio fotográfico, identificou uma fila de modelos que esperavam para realizar um teste no referido estúdio. A autora inquieta-se ao perceber que havia uma menina com “cara de todo mundo” disputando uma vaga com uma outra que, a seu ver, possuía, de fato, os atributos requisitados a uma modelo: linda, alta, com os cabelos tão brilhantes quanto uma árvore de natal e com a pele dos cotovelos tão lisa quanto a do pulso; e ressalta que, mesmo com todos os avanços da indústria cosmética, uma garota comum não pode alimentar a ilusão, ainda que em certos dias sua autoestima possa estar elevada, de estar no mesmo estágio evolutivo de uma modelo profissional e, ainda, acreditar que estão “todas num só coração”. Não acreditar nessas ilusões é o conselho que a autora deixa àquelas para as quais falta discernimento, que se apresenta, segundo ela, como um nível acima da falta de autocrítica.

A atuação na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pela narrativa de acontecimentos do dia a dia expressa-se pela possibilidade de um certo público, talvez o dos adolescentes sarcásticos, reconhecer, no episódio narrado, sua própria experiência ou a de outros e a partir daí questionarem-se sobre os limites entre a ilusão e a realidade na construção da autoimagem, na atribuição de valor e de estima por si mesmos e, por extensão, ao outro. Quanto a esse aspecto, o posicionamento não politicamente correto atende a uma demanda dos embates da época (ou deste século): a espetacularização de tudo, o adequado e o inadequado. Tudo pode ser comentado e exposto. O esculacho, o escárnio e o sadismo, em épocas de redes sociais, fazem mais sucesso do que o discurso ponderado, tolerante e conciliador.

Quanto ao mundo discursivo predominante, identifica-se o expor, ao mesmo tempo, implicado e autônomo, materializado, principalmente, pelo tipo discurso misto interativo-teórico, no que pese a forte presença também do mundo do narrar implicado, materializado pelo tipo de discurso relato interativo.

O mundo do expor instaura no texto um mundo conjunto, portanto, compartilhado pelos interlocutores. A entrada, sem rodeios, no assunto, isto é, na afirmação de que a falta de discernimento de certas pessoas com coisas evidentes causa a descrença da autora na humanidade demonstra que o mundo no qual esse posicionamento faz sentido coincide com aquele no qual o leitor está inserido. Para justificar esse ponto de vista, ao longo do texto, a cronista mobiliza informações que fazem referência a ideais de beleza e de comportamento. Instaura-se, desse modo, um discurso teórico, que é autônomo, mas, nesse caso, mitigado pelo uso da primeira pessoa do singular, indicando, assim, que as instâncias enunciativas falam de um lugar próprio e que a tentativa de teorização do mundo ali empreendida é atravessada pela subjetividade da cronista. Esse último aspecto caracteriza o tipo interativo, no qual a presença de dêiticos que remetem aos agentes da interação — por exemplo, uso do pronome oblíquo de primeira pessoa do singular e do pronome possessivo *meu* em *se tem uma coisa que me surpreende e que sempre renova meus votos de descrença na humanidade* — e aos parâmetros da ação em curso refletem o mundo do expor implicado. O jogo de conceitos (tentativa de teorizar sobre ideais de beleza, discernimento etc.) ainda que demonstrado subliminarmente, associado à defesa de posições marcadamente pessoais justifica a predominância do tipo fusionado discurso misto interativo-teórico.

Ocorre, ainda, secundariamente, o encaixe de segmentos de relato interativo no quarto parágrafo, seguindo-se até o primeiro período do parágrafo seguinte. Nessa estrutura, um narrador em primeira pessoa é introduzido no texto, entrelaçando-se, dessa forma, a voz de uma instância de gerenciamento do mundo do narrar e a da própria cronista. Há, ali, um narrar implicado, que se expressa pelas marcas dêiticas que remetem aos agentes e aos parâmetros da interação em curso.

A construção de ponto de vista é explícita. O esculacho é claro: não pense que por utilizar cremes claros, ou, vez ou outra, iludir-se com a sua imagem no espelho, você é um(a) modelo. **Essa é a dica!** O estilo literário entremeia-se com o jornalístico na medida em que, por um lado, o texto, situado em uma data específica, pontua questões, por exemplo, trazidas pela imposição da existência de certos padrões de beleza e a repercussão disso nas ilusões que as pessoas alimentam. Não é uma discussão bem fundamentada. Mas, com certeza, bem engendrada no universo dos discursos que mexem com as emoções, do riso irônico às gargalhadas debochadas, cultivadas pelo escárnio, principalmente, no ambiente virtual. Por outro lado, é possível que haja ali ficção. O episódio das modelos na fila, por exemplo, pode nunca ter existido e todo o texto ser obra de uma instância enunciativa que Bronckart (2007) chama textualizador, que é responsável pela gestão de vozes quando se entrelaçam o mundo do narrar e do expor. Assim, pode estar ali só o resultado da atividade criativa dessa instância enunciativa.

A linguagem é clara, direta, beirando a coloquialidade, por exemplo, em *sério, fiquei com vontade de pegá-la pelo braço, trazê-la na redação e perguntar se ela tinha uma sugestão de pauta*, em que se flagra também a busca de interlocução direta com o leitor. Esse tom de conversa entre adolescentes é favorecido, ainda, pelo uso de certas expressões como *todas num só coração* e o já tão referido *fica a dica*.

## Crônica 5

Os quatro textos acima, apesar de serem ocorrências singulares do gênero crônica, apresentam importante pontos de congruência. Cada um, a seu modo, contemplou os elementos que são próprios desse gênero discursivo e que correspondem aos critérios considerados na seleção do *corpus* da pesquisa aqui

empreendida. Um aspecto que não está arrolado entre esses critérios é o da autoria, razão por que decidimos tratá-lo de forma bastante solta e assistemática. Dessa forma, reunimos textos de autores consagrados na literatura com os de desconhecidos do grande público; textos de cronistas profissionais e de eventuais e esporádicos escritores, aqueles que só de vez em quando se permitem a aventura de discutir, às vezes com arte, poesia e bom humor, o banal, o trivial, o comum e até o óbvio. Tudo junto e misturado, utilizando um modo de dizer que, provavelmente, não causaria espanto a nenhum cronista. O abre-alas dos novatos no festival da temática do cotidiano é Beatriz Decat. Doutora em Linguística, pesquisadora e professora universitária, escreveu, em 2014, a crônica **Viva a novela!**, publicada na sua página pessoal do *Facebook* e entregue a nós em uma de suas aulas. A razão principal de esse texto compor o *corpus* da pesquisa é a possibilidade de ele permitir um cotejo com outros textos de cronistas profissionais e, ao considerar esse confronto, demonstrar, de forma mais sólida, que há uma estrutura retórica que é, de certa forma, independente do autor porque subjaz ao gênero e à sua relativa estabilidade.

### **VIVA A NOVELA!**

**Beatriz Decat/2014**

Que eu sou noveleira, todos os que me conhecem sabem! Que eu não gosto que me chamem ao telefone em horário de novela, todos também sabem! Aqueles que não se animam com esse tipo de entretenimento - e até mesmo torcem o nariz para isso - deveriam experimentar. É uma boa diversão, principalmente para os momentos em que a gente precisa dar uma relaxada, deixar de lado os livros, os projetos de pesquisa, as orientações de dissertações e teses, os relatórios, essas 'coisinhas' que fazem parte da vida de um professor. Ver novela é uma boa oportunidade não para aguçarmos nosso senso crítico (isso a gente tem de fazer a toda hora!) mas para testarmos nossa capacidade de concentração e observação. Num dia desses, delicieei-me com uma cena de uma novela (não interessa qual) que foi além dos limites da fantasia. Na missão de encontrar um bandido, os policiais "adentraram" (eles adoram essa palavra!) uma casa e procuraram o 'elemento' em vários lugares. Nesse procura daqui, procura dali... PASMEM!... levantaram a tampa de uma panela! Isso mesmo! E o pior: DLHARAM DENTRO DELA! E nem era um caldeirão, o que poderia ter-me trazido à lembrança o pobre Dom Ratão, que "caiu na panela de feijão", para desespero da Dona

Baratinha, personagens daquela deliciosa estória de nossa infância. E não pensem que foi só isso. Procuravam por pessoas como se estivessem procurando, por exemplo, uma barata, uma lagartixa ou outros seres de tamanho parecido e que poderiam estar atrás de uma porta bem encostada na parede. Então eu me pergunto: será que um diretor de novela não percebe esse tipo de erro? Ou será essa uma atitude proposital de desconsideração em relação a quem está diante da telinha? A mim, pouco importa o motivo; qualquer que seja ele, é uma evidência da incompetência. Mesmo assim, quero continuar me divertindo. VIVA A NOVELA!

Considerando a uso da primeira pessoa do singular marcando a identidade entre as instâncias enunciativas que se expressam no texto e a própria cronista, Beatriz Decat se autoapresenta como uma noveleira que não gosta quando um telefonema lhe interrompe o hobby. Para aqueles que poderiam torcer o nariz, desmerecendo o seu trivial divertimento, ela logo aconselha a experimentá-lo. E a razão para isso? Segundo ela, é uma boa diversão para os momentos em que é preciso deixar de lado a rotina acadêmica e seus, às vezes, enfadonhos encargos. No entanto, um leitor aversivo à cultura de massa, julgando serem as novelas um entretenimento nada interessante aos mais intelectualizados e críticos, poderia pôr em xeque a capacidade de reflexão dos noveleiros. Nesse caso, ela imediatamente o advertiria, dizendo-lhe que, realmente, as novelas não são boas para estimular o senso crítico, mas, para aguçar a capacidade de observação e de concentração, elas servem muito bem. Antes de prosseguir provando essa tese, adverte novamente o leitor, agora, de forma lapidar: “o senso crítico deve ser exercitado a toda hora” e não somente em um momento específico, como, por exemplo, no momento em que se assiste às novelas. Em seguida, um narrador passa a relatar um episódio no qual um ator procura alguém embaixo de uma tampa e atrás de uma porta bem encostada na parede. Dado o absurdo da cena, a autora, pressuposta pelas marcas de primeira pessoa por meio das quais o narrador e o expositor se mostram, não soube avaliar se isso foi um ato de desconsideração da inteligência do telespectador ou se foi mesmo um erro de filmagem. Em quaisquer das hipóteses, para a autora, evidencia-se a incompetência. Ainda assim, a noveleira irrecuperável reitera que vai continuar se divertindo com as novelas e conclui dando-lhes vivas.

A característica de atuação na esfera dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pelos acontecimentos triviais do dia a dia é

amplamente observada e garantida pela defesa da tese de que as novelas não são boas para aguçar senso crítico, mas funcionam bem como entretenimento e favorecem a capacidade de observação e de concentração do telespectador. Para sustentá-la, surge o relato do episódio da novela, elemento da rotina diária de boa parte dos brasileiros. Assim, uma outra característica da crônica, a que se refere à defesa de ponto de vista, é também observada e, nesse caso, o posicionamento assumido pela cronista é explícito.

O mundo discursivo predominante é o do expor, materializado pela fusão do tipo de discurso misto interativo-teórico com encaixamento de segmentos de relato interativo, garantindo, dessa forma, a presença também do mundo do narrar implicado. As marcas de primeira pessoa do singular como em *que eu sou noveleira, todos os que me conhecem sabem* apontam para a instância do agente-produtor e do expositor concomitantemente, que, por meio do texto, parece conversar com alguém. Na ordem do expor, esse aspecto denuncia a presença do tipo interativo. Por outro lado, o mundo posto em cena não é o da interação, marcado, por exemplo, pela tomada de turnos entre os interlocutores, mas, sim, pela atividade de teorizar sobre ele. Há, desse modo, uma conjunção do mundo semiotizado com aquele em que a ação de linguagem ocorre. A introdução da tese logo após a apresentação pessoal da autora e a ausência de marcas que poderiam explicitar os parâmetros da ação da linguagem em curso demonstram que os mundos não são postos a distância. Assim, considerando a ordem do expor, justifica-se a ocorrência do tipo discurso teórico.

Encaixados no discurso interativo-teórico surgem, de forma secundária, os segmentos de relato interativo. A fórmula narrativa *num dia desses em num dia desses delíciei-me com uma cena de novela* introduz a narrativa como uma argumentação ilustrativa das afirmações anteriormente expostas. Nesse momento, opera-se a disjunção entre os dois mundos. Assim, o mundo do leitor, quando entra em contato com o texto, não é o mesmo que o relatado na crônica, ou seja, não é aquele em que, em um determinado dia, o narrador assistiu à cena estapafúrdia da novela. Os mundos são postos a distância e o narrar ali construído é implicado. Esse aspecto se revela por meio das marcas de primeira pessoa que remetem à instância de agentividade e sua relação com os parâmetros físicos da ação de linguagem em curso, como o excerto apresentado acima também ilustra. Nele, o pronome oblíquo *me* reporta-se tanto à instância enunciativa do narrador, que é interna, quanto a do

autor, que é externa, fazendo, desse modo, coincidirem as vozes enunciadas nessas duas instâncias, além do que, na relação com o resto do enunciado, essa marca de primeira pessoa se articula às de espaço e tempo que envolvem tanto o narrador quanto o cronista. Por outro lado, em *ver novela é uma boa oportunidade não para aguçarmos nosso senso crítico (isso a gente deve fazer a toda hora), mas para aguçarmos nossa capacidade de concentração e observação*, o mesmo fenômeno de identidade entre autor e instância enunciativa também se mostra, no caso, por meio do uso da primeira pessoa do plural, revelando, assim, um alinhamento entre expositor e autor.

Por fim, o cultivo do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor revela-se em um texto em que a cronista parece estar diante do seu leitor, considerando-o não somente como uma possibilidade, como um dado da teoria, mas, sim, como um ser real que com ela dialoga naquele instante. A forma verbal imperativa em *PASMEM!*, a exclamação e o uso de letras maiúsculas em *OLHARAM DENTRO DELA!* flagram esses momentos de conversa e dão ao texto o tom de coloquialidade reivindicado pela crônica, embora a norma culta da modalidade escrita esteja plenamente atendida. O estilo ligeiro (COUTINHO, 1971) lembra os textos de jornal na sua concisão. Não há tempo nem espaço para divagações. A mensagem chega rápido ao leitor. Além disso, a sempre presente subjetividade, de ponto a ponto é a perspectiva da cronista que se impõe; a ironia revelada, por exemplo, em *‘essas coisinhas’ que fazem parte da vida de um professor*; a memória que traz à tona as histórias que atravessam gerações; a expressão do seu sentimento de empolgação com as novelas constroem o quê literário que também alcança boa parte da produção desse gênero discursivo e coloca o texto no universo das crônicas do cotidiano em que, segundo (GABRIEL JR., 2015), o cronista narra suas experiências pessoais do dia a dia e as avalia.

## Crônica 6

As crônicas 6, 7 e 8, a seguir apresentadas, são exemplares consagrados do gênero. Seus autores são ilustres escritores da literatura brasileira e, nelas, o estilo literário reina absoluto, embora, já na origem, as crônicas tenham sido subversivas

porque muito pouco se deixaram domar pelo cânone literário. A rebeldia estética fez delas dissidentes, e talvez por isso contestem o tempo todo a efemeridade de que são acusadas.

Assim como **O moralizador** de Contardo Calligaris, a crônica **Queixa de defunto** de Afonso Henriques de Lima Barreto também já foi apresentada no capítulo 1. Reapresentamo-la de forma resumida nesta seção, considerando sua utilidade neste capítulo de análise.

Santos (2007) enquadra Lima Barreto dentro do primeiro período de grandes cronistas brasileiros, que vai dos anos de 1850 a 1920. Nessa fase, destacam-se os cultivadores desse gênero que ganharam visibilidade na imprensa da época. As produções dessa fase, refletindo os processos de formação das cidades, traziam, em suas temáticas, a construção das grandes avenidas e as consequências advindas do processo de urbanização. Seguindo essa tendência temática, Lima Barreto publica, em 20 de março de 1920, na **Revista Careta**, a referida crônica.

### **Queixa de defunto**

**Lima Barreto**

Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida, a Boca do Mato, no Méier, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito. Ei-la:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não.

Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui hermista, não me meti em greves, nem em cousa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos “bíblias”, nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns.

Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre André do Santuário do Sagrado Coração de Maria, em Todos os Santos, conquanto as não entendesse bem por serem pronunciadas com toda eloquência em galego ou vasconço.

Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dulcíssima paz depois da minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. E bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa.

Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.

Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita, um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:

— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado — como é então que você arranjou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc.

Posso garantir a fidelidade da cópia a aguardar com paciência as providências da municipalidade.

Em formato de prosa, Lima Barreto apresenta-nos um **narrador-personagem** que se faz portador de uma carta póstuma escrita pelo defunto Antônio da Conceição e endereçada à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Antônio, já na condição de defunto, apresenta uma queixa ao prefeito do Rio, capital do Brasil na época. Segundo ele, a prefeitura municipal era a grande responsável por sua estada no inferno, pois, durante o trajeto que levaria seu caixão ao cemitério, devido às más condições dos calçamentos das ruas, machucou-se, aparecendo, assim, muitos arranhões em seu corpo, que foram interpretados por São Pedro como sinais de mau comportamento na terra, tendo, por isso, de ir, equivocada e injustamente, purificar-se um tempo no inferno. Inconformado, exige providências da municipalidade. O narrador afirma ter cópia autêntica da carta.

Nessa narrativa, a segunda característica das crônicas que compõem o *corpus*, que é a atuação na esfera dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas por acontecimentos triviais do dia a dia, expressa-se de forma alusiva a uma crítica, produzida de forma alegórica e humorística, à precariedade da infraestrutura urbana, ao descaso do poder público com a manutenção das ruas e ao prejuízo individual e social como consequência da falta de iniciativa do Estado para resolver tais problemas.

A expressão de ponto de vista não é explícita, mas fortemente sugerida pela construção narrativa que se faz do texto quando associado ao contexto socio-histórico e literário da época em que foi publicado e à perspectiva estética normalmente assumida pelo escritor Lima Barreto, que também era jornalista e que, nas suas diversas obras, toca em questões políticas e sociais, dialogando, desse modo, de forma marcante com a realidade brasileira da sua época. São recorrentes em sua obra temas que se referem às ilusões do servidor público, às questões da burocracia e às preocupações com o destino político do país.

Relativamente ao mundo discursivo projetado, identifica-se um narrar autônomo, materializado por meio do tipo narração. Nesse mundo discursivo, a

disjunção não implica o mundo ordinário, configurando o que Bronckart (2007) denomina mundo do narrar autônomo, que se caracteriza, conforme já dito anteriormente, pela ausência de marcas que remetem às instâncias enunciativas externas ao texto, ou seja, que remetem ao agente-produtor e sua relação com os parâmetros da ação em curso. Na crônica em análise, a presença de formas dêiticas apontam para as instâncias enunciativas de espaço e tempo situadas no nível do texto e não no do contexto de produção, isto é, não se referem aos parâmetros da ação em curso no espaço social nem aos atores do mundo físico, como no caso do uso do vocativo *Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal* que, embora faça referência a um possível interlocutor, essa interlocução se estabelece entre os personagens do texto e não efetivamente entre o leitor da crônica e o cronista Lima Barreto ou ao leitor e narrador. Algo semelhante ocorre quando os protagonistas são explicitados por meio dos pronomes de primeira pessoa do singular. Em *mandou-me a carta abaixo*, por exemplo, o pronome *me* faz referência a uma instância interna do próprio texto, que corresponde, nesse caso, ao narrador. O mesmo ocorre em *sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma* em que o uso da primeira pessoa continua sendo um mecanismo de construção de referência intratextual, uma vez que introduz a fala de um personagem da narrativa.

Por fim, o cultivo do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples com possíveis interlocuções com o leitor mostra-se em evidente prevalência do estilo literário, no que pese poder ser reconhecida também, mesmo que de forma subliminar, a voz do jornalista que denuncia, em um dia específico, as condições de precariedade de um determinado lugar. A interlocução direta, e normalmente marcada no texto entre autor e leitor, é substituída pela do narrador com o destinatário da carta, que é o prefeito da cidade do Rio de Janeiro em 1922.

## Crônica 7

Santos (2007) aponta que a crônica de Machado de Assis circulou entre as primeiras manifestações do gênero no Brasil, entre 1850 e 1920, tal como a de Lima Barreto, estando, supostamente, ligada ao nascimento da imprensa por volta do ano de 1823. Nesse contexto, uma das funções da crônica era entreter e tornar a leitura

dos jornais mais palatável a um público que estava habituado ao folhetim francês e nem sempre muito interessado nos problemas da sociedade brasileira da época. Isso justifica o fato de **O nascimento da crônica**, em uma página de jornal, brincar com uma questão metalinguística e estética. Se o “mestre” fez isso, com certeza sabia que haveria um público que acolheria bem essa temática.

## O nascimento da crônica

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*, está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Vamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Além do formato em prosa, é possível identificar no texto uma outra característica, que é a promoção do debate a partir da narrativa de fatos do cotidiano. Neste caso, o debate versa sobre algumas conjecturas em torno do nascimento da crônica em sua possível ligação com a trivialidade de se reclamar do calor. A alegoria do tema, que reflete o bom humor e a ironia machadiana, dá ensejo à introdução da tese de que ninguém deve reclamar porque há sempre pessoas em piores condições. Essa reflexão é desencadeada com base na experiência do narrador de ter participado de um enterro no qual testemunhou a situação de sofrimento dos coveiros expostos ao sol escaldante.

A construção do mundo discursivo é predominantemente o do narrar, embora o texto comece por um segmento de discurso teórico — o primeiro parágrafo —, que se liga ao mundo do expor. Assim, encaixado nesse segmento de discurso teórico inicial, desenvolve-se a narrativa por meio de dois tipos de discurso: a narração e o relato interativo.

A narração inicia-se no segundo parágrafo com a mudança de perspectiva do texto, operada pela passagem do presente do indicativo de valor atemporal para o pretérito perfeito, como ocorre em *mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas*. Esse segmento instaura um mundo discursivo disjunto ao do leitor o qual deve a partir daí reportar-se ao início dos tempos, anterior, inclusive, aos profetas bíblicos, e imaginar, desde lá, as pessoas reclamando do calor. Desse modo, o mundo do leitor não se apresenta como o mundo semiotizado pelo texto. Os parâmetros que põem em relação os mundos são postos a distância, assim, não há marcas dêiticas explícitas que ancorem o texto à ação de linguagem em curso, exteriorizando, dessa forma, um narrar autônomo. No entanto, o narrar implicado também se apresenta quando se instaura o relato interativo a partir do segmento *que eu, sabedor ou conjecturador de tão ata prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mão as duas avós do cronista, é mesmo cometer uma trivialidade*, em que o cronista parece imiscuir sua voz na do narrador em primeira pessoa que passa a assumir a direção da narrativa. Há a presença de dêiticos como no segmento *e, contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete*, em que o pronome *desta* claramente se reporta ao intervalo de tempo que o cronista levava para publicar suas crônicas no jornal, justificando o fato de que, embora pretendesse discutir a sua tese de que as condições mais infelizes em que algumas pessoas se encontram impedem-nas de reclamar porque há sempre alguém mais desventurado, o narrador não poderia deixar de tratar da *canícula*, isto é, do calor de cão que fazia na época.

A expressão de ponto de vista apresenta-se, algumas vezes, de forma explícita e, noutras, implícitas, como resultado da alternância entre segmentos da ordem do expor e do narrar. Nesta, o ponto de vista é quase sempre subliminar enquanto naquele é projetado de forma mais explícita.

O cultivo do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor mostra-se por meio de um texto em estilo literário. O caráter ficcional é claro e se expressa, por exemplo, nas diversas conjecturas, produzidas um com humor casual (CANDIDO, 1992), acerca do surgimento do calor, da origem das crônicas e as referências ao paraíso de Adão e Eva, além de aos profetas bíblicos. A linguagem é simples e expressa, ao mesmo

tempo, erudição e atenção à demanda de simplicidade do gênero. Registra-se isso, por exemplo, no uso de expressões em francês — *la glace est rompue* — e de expressões como *bufando como um touro*. A busca de interlocução direta com o leitor é flagrada em vários momentos, tais como *mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda que as crônicas, que apenas datam de Esdras*; em *e, contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete* ou, ainda, na pergunta retórica que encerra a crônica — *se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?*

### Crônica 8

A escolha do texto a seguir, cujo título contrasta com a crônica de Machado de Assis, justifica-se no *corpus* pela sua incidência nos manuais de ensino<sup>24</sup>. Sem dúvida, é uma das mais recorrentes nesse contexto. Talvez, a consternação do leitor ao ler o relato sobre o casal de negros pobres que comemora o aniversário da filha e a dignidade que a poesia do cronista, embora o texto se manifeste em prosa, atribui a essa comemoração seja uma das responsáveis por esse uso nos livros didáticos. O texto comove o leitor e é capaz de levantar-lhe questões que vão de problemas intimistas a outros de caráter sociocultural. Esse último aspecto justifica o enquadre que Santos (2007) propõe desse texto no conjunto das produções de crônicas da década de 1960 e que são intituladas como **Discursos na rua, humor nas páginas**.

#### A última crônica

**Fernando Sabino**

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

---

<sup>24</sup> Não temos dados que comprovem essa informação. Ela está baseada na minha experiência como professor e em uma rápida consulta a algumas coletâneas antigas de livros didáticos. Também, ao inserirmos o título da crônica no buscador Google, identificamos sites de trabalhos escolares, de material para formação de professor e de atividades complementares em que essa crônica aparece, do que deduzimos seu uso no contexto de ensino.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu querereria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra

você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Em formato de prosa, Fernando Sabino produz um relato no qual o narrador, estando sem assunto e buscando inspiração para produzir sua última crônica do ano, conforme o título sugere, flagra a cena de um casal de negros que comemora o aniversário de sua filha em um bar da Gávea, no Rio de Janeiro. A família de negros, sentada em uma das últimas mesas de mármore no fundo do bar, denunciava sua classe social pela compostura humilde, pela contenção de gestos e de palavras, pela aniversariante que usava vestido pobre e fita no cabelo. Segundo o autor, "três seres esquivos". O narrador passa a observá-los. O pai conta o dinheiro que retirou do bolso e pede ao garçom uma fatia triangular de um bolo simples e amarelo-escuro. A mãe apenas observava e a criança, contendo seu impulso de comer o bolo e de tomar a Coca-Cola servidos na mesa pelo garçom, aguardava ansiosa o ritual de acender uma velinha e, em seguida, cantar o famoso "parabéns pra você". Terminado o ritual, a mãe recolheu os objetos, a garotinha negra passou a comer o bolo e o pai correu os olhos pelo botequim, buscando certificar-se da naturalidade dos seus atos. Nesse instante, seus olhos encontram os do narrador que os observava. Constrangido, o pai vacila e ameaça baixar a cabeça, no entanto, mantém a dignidade e abre um sorriso tão puro quanto a crônica que o narrador pretendia construir.

A atuação na esfera das práticas dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pela narrativa de acontecimentos triviais do dia a dia revela-se em um texto capaz de comover o leitor e de levantar reflexões acerca de questões intimistas, ligadas, por exemplo, à dignidade do ser humano e aos laços familiares capazes de se sobrepôr à pobreza material e, por extensão, às condições de precariedade da vida. Também, é possível cogitar acerca de questões que

envolvem o contexto social, como, por exemplo, a pobreza da família e sua relação com a origem negra, os estereótipos sociais que envolvem a percepção do narrador e, até mesmo, questões metalinguísticas ligadas ao gênero crônica e sua capacidade de resgatar o irrisório da vida cotidiano.

O mundo discursivo expresso no texto é, predominantemente, o do narrar implicado, revelado pelo tipo de discurso relato interativo. A crônica instaura um mundo disjunto daquele em que o leitor se encontra. Esse, ao lidar com o texto, precisa imaginar o botequim da Gávea, o narrador observando a família de negros, o garçom, a mesa de mármore e o pedaço de bolo comum triangular, entre outros aspectos. É com base nesse mundo narrativo que o leitor deve apreender o texto e decidir, inclusive, se o apreende como um texto autoral ou autobiográfico, em que o próprio cronista reproduz a sua experiência, ou se o apreende como uma ficção, em que a experiência relatada não é necessariamente a do cronista, mas de uma instância discursiva de gerenciamento do texto chamada narrador. Essa decisão pode ser orientada pela percepção de marcas de primeira pessoa e de informações de espaço e tempo que põem o mundo discursivo claramente situável em relação aos parâmetros físicos da ação em curso, como ocorre no segmento *a caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão*, em que são explicitadas as coordenadas ligadas ao agente e ao espaço e tempo onde ocorre a interação. No caso, o narrador ou o próprio cronista encontra-se, em um determinado dia em que caminhava para a sua casa, em um bar num bairro da cidade do Rio de Janeiro e é com base nesses dados que se pode criar uma perspectiva narrativa para o texto. Ocorrem ainda outras marcas dêiticas que recuperam a relação entre o cronista, o narrador em primeira pessoa e o espaço e o tempo em que ele se encontra: *lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica*, em que o sintagma *fora de mim* remete-se à posição externa a partir da qual essas instâncias enunciativas observam os fatos e os personagens que compõem o relato.

A construção de ponto de vista, no geral, não é explícita, mas fortemente sugerida pelo enredo, pelo comportamento dos personagens e pelas intervenções expressas nas vozes do narrador ou do cronista.

O cultivo do estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor revela-se em um texto em que o estilo literário pode ser identificado, por exemplo, na poesia com que certas

passagens do texto são construídas, despertando, no leitor, um certo sentimentalismo. Por exemplo, a descrição da personagem como uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre e que mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade mexe com as emoções do leitor. De igual modo ocorre quando é relatado o momento em que o olhar vacilante do pai é substituído pela postura digna do sorriso que se abre, entre outras passagens que, a despeito do enredo que rapidamente se desenvolve e que pode fazer o leitor lembrar-se de um texto que foi produzido para um jornal, demonstram o empenho do cronista em relatar com arte e poesia. A linguagem é simples, pouco rebuscada e atenta à norma culta.

A interlocução com o leitor não se dá de forma direta. No entanto, o desejo de ela ser estabelecida pode ser flagrado, por exemplo, pelo tom de desabafo e de avaliação que se depreende do último parágrafo do texto: *assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.*

Nessa seção, analisamos os textos que compõem o *corpus*, situando-os claramente em relação aos parâmetros já existentes da crônica e que foram eleitos como critérios que credenciam cada um deles a participar como exemplar desse gênero discursivo no âmbito desta pesquisa. A seguir, cada um deles volta a ser novamente descrito e analisado, desta vez, considerando a sua segmentação em unidades de informação entre as quais emergem as relações retóricas.

#### 4.2 AS UNIDADES DE INFORMAÇÃO: OS TÓPICOS DISCURSIVOS E A DETERMINAÇÃO DE UMA ESTRUTURA RETÓRICA PROTOTÍPICA

Nesta seção, apresentamos as unidades de informação que, nesta pesquisa, correspondem aos tópicos discursivos, apreendidos em um nível intermediário de organização, que Jubran (2006) denomina de particularizadores. Conforme anunciamos na seção 3.3 do capítulo de metodologia, aproveitando a oportunidade da exposição dos dados, detalhamos o processo de segmentação dessas unidades informacionais e de sua estruturação em quadros tópicos.

Para Jubran (1992, 2006), a organização da hierárquica tópica dos textos pode ser expressa em um quadro que descreve os níveis de representação do

conteúdo discursivo desejado pelo analista. Esses níveis correspondem aos dos tópicos amplo, particularizadores e mínimos, admitindo-se, em cada um deles, sucessivas subdivisões, conforme se faça necessário aos fins do pesquisador um detalhamento maior ou menor dessa organização e levando-se em conta que o tópico discursivo corresponde a uma categoria abstrata, analítica e operacional. Quanto mais alto o nível tópico na hierarquia textual tanto menor será o nível de detalhamento.

Assumindo com Brown e Yule (1983) e com Jubran (2006) que o quadro tópico esboça uma representação do conteúdo discursivo, sendo, portanto, reflexo de uma proposta interpretativa do analista, elaboramos os quadros, considerando esse ponto de congruência entre os autores, mas operando um contingenciamento próprio relativamente a outros aspectos que são objeto de discordância entre eles. Notadamente, essa discordância apresenta-se em relação ao próprio conceito de tópico discursivo.

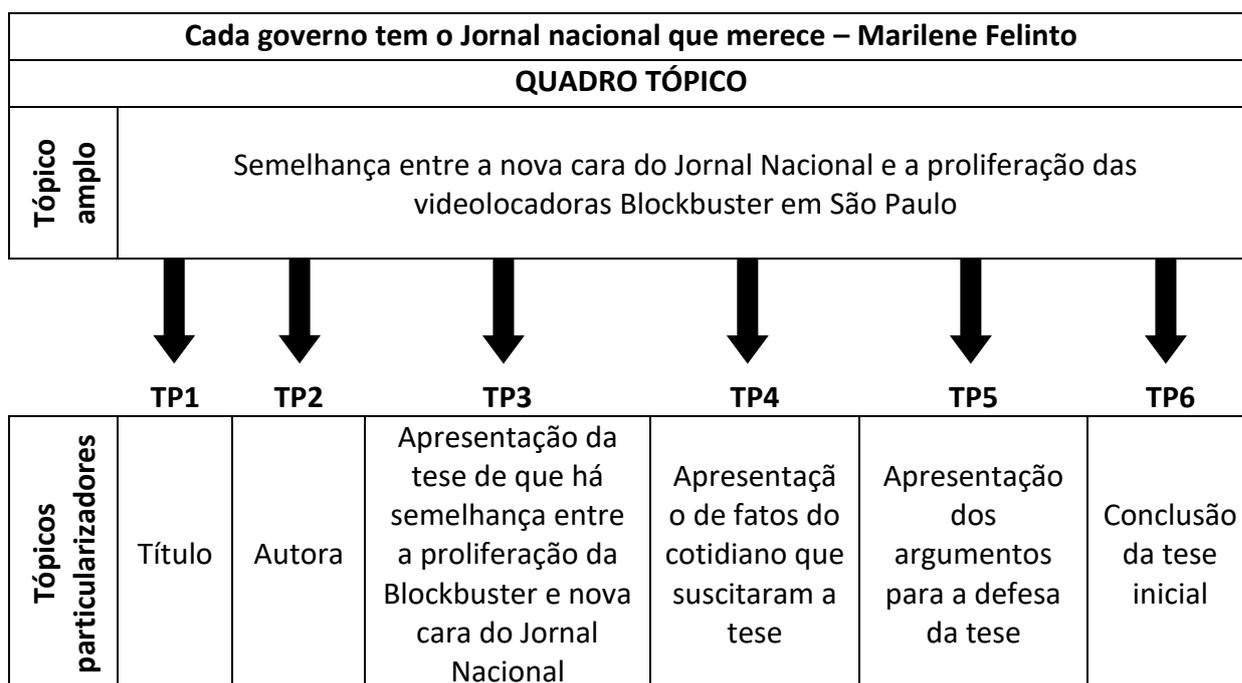
Para Brown e Yule (1983), essa categoria define-se como *aquilo de que se fala*. Para Jubran et al. (1992) e Jubran (2006) não é possível operar com esse conceito em textos da modalidade oral, principalmente, quando pertencem a gêneros com características conversacionais, pois fenômenos como digressões, truncamentos e sobreposições de vozes, próprios da modalidade oral de expressão, impedem uma resposta clara a uma pergunta como: “*afinal, do que o texto trata?*”. Para lidar com essa questão, no bojo do projeto **Gramática do Português Falado**, os autores propuseram a noção de tópico discursivo como a unidade a que se chega levando-se em conta as propriedades gerais da centração, que apresenta como características a concernência, a relevância e a pontualização; e da organicidade, que pode ser visualizada no plano vertical, onde se identificam as relações hierárquicas com base nas quais são elaborados os quadros tópicos; ou no plano horizontal, onde se examinam as relações intertópicas de adjacências ou de interposições.

Como as crônicas apresentam uma organização tipicamente escrita, e não tendo, portanto, de enfrentar as dificuldades impostas pelas transcrições de textos orais, decidimos por, na elaboração dos quadros, e conseqüentemente na determinação das unidades de informação, basearmos-nos na noção de tópico discursivo proposta por Brown e Yule (1983). Contudo, consideramos também as características de centração e de organicidade propostas por Jubran et al. (1992) e

Jubran (2006). Assim, um quadro tópico corresponde a uma proposta de representação do conteúdo discursivo de uma determinada crônica nos níveis tópico amplo e tópico particularizador. O tópico discursivo responde às perguntas: (i) do que o texto trata? (ii) De que forma o texto trata?

O esquema<sup>25</sup> 1, a seguir, em que se apresenta o quadro tópico 1, demonstra bem a operacionalização desses conceitos.

Esquema 1 – Quadro tópico 1



Fonte: elaborado pelo autor

A resposta à pergunta (i) identifica o tópico amplo, que corresponde ao mais geral do texto e, dessa forma, atravessa todos os outros níveis. Assim, fazendo-se a pergunta: do que a crônica **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece** trata?, uma resposta possível é a de que ela trata da semelhança entre a nova cara do Jornal Nacional e a proliferação das videolocadoras Blockbuster em São Paulo, na época do governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, que governou o Brasil entre 01/01/1995 e 01/01/2003.

A resposta à pergunta (ii) detalha o nível tópico (ii), informando a organização que o cronista imprimiu no texto para desenvolver o tópico amplo. Assim, ao se

<sup>25</sup> A fim de melhor organizar as ilustrações do trabalho, decidimos classificar os quadros tópicos como um tipo de esquema.

perguntar de que forma a semelhança entre a nova cara do Jornal Nacional e as videolocadoras Blockbuster é tratada, uma resposta possível é a de que essa semelhança é desenvolvida em uma estrutura tópica que inicia apresentando essa informação em forma de tese inicial, segue, expondo uma série de fatos do cotidiano que a suscitaram e os argumentos que lhe deram sustentação e finaliza com a conclusão da autora confirmando a sua tese inicial. Caso desejássemos novos níveis, como o dos tópicos mínimos, deveria ser aplicada, a cada novo tópico particularizador, a pergunta (ii), já que, conforme mencionado anteriormente, cada nível tópico admite sucessivas subdivisões a depender dos objetivos do analista.

Tendo em conta que as relações retóricas emergem entre as partes de um texto e que, por essa razão, expressam-se em diferentes combinações (DECAT, 2012), não foi possível a análise no nível do tópico amplo, uma vez que lá o tópico se expressa por meio de uma única porção.

Um terceiro nível, o dos tópicos mínimos, seria possível aparecer. Contudo, tendo em vista os objetivos desta pesquisa de identificar uma ocorrência prototípica das relações retóricas que permita a indicação de mais um parâmetro para o gênero crônica, isto é, de um parâmetro de identidade genérica, conforme propõe Coutinho (2007,2009), também não foi possível a análise nesse nível tópico. Devido ao detalhamento de informações que nele se opera<sup>26</sup>, a estrutura retórica, compreendida como as redes de relações que se estabelecem entre porções de texto (DECAT, 2010b), não produziu um desenho prototípico. Em face desta constatação, conjecturamos que esse nível tópico revela as opções individuais de cada falante para organizar seu texto e, por ser assim, reflete mais os aspectos da singularidade que caracterizam um evento comunicativo como único e menos os aspectos que decorrem das regulações dos gêneros e que indicam a sua relativa estabilidade (BAKHTIN, 2011) e identidade (COUTINHO, 2007, 2009). Desse modo, a análise da estrutura retórica empreendida no presente trabalho baseia-se, unicamente, nas relações que emergem entre os tópicos particularizadores, que, conforme já assinalado, por apresentar um nível de detalhamento pequeno, permite a apreensão de um desenho prototípico da estrutura retórica, dessa forma, abrindo possibilidade para a confirmação da nossa hipótese de pesquisa.

---

<sup>26</sup> Para comprovar tal afirmação, disponibilizamos no anexo **Análise em todos os níveis tópicos** as crônicas 1, 7 e 19 com seus respectivos quadros tópicos, quadros das unidades de informação e diagramas.

Na relação entre a representação abstrata do conteúdo discursivo proposta no quadro tópico e a porção de texto que corresponde efetivamente a um tópico particularizador e que, portanto, assume o estatuto de unidade de informação, consideramos os seguintes aspectos:

- a) Uma unidade de informação corresponde ao que Chafe (1980) denomina de “idea unit” ou jato de linguagem e, na presente pesquisa, define-se como uma porção de texto (*text span*) de variadas configurações.
- b) Uma unidade de informação não se limita a uma unidade gráfica ou sintática, tal como o período, o parágrafo, a cláusula ou a oração.
- c) Não precisa haver coincidência entre a quantidade de tópicos particularizadores nos quadros e a quantidade de porções que os representa. Assim, um tópico pode estar representado por duas ou mais porções, desde que entre elas não se identifiquem as características da centração, ou seja, a concernência, a relevância e a pontualização, pois, se assim ocorrer, identificam-se porções que se articulam em um mesmo tópico.
- d) Embora o título, o nome do autor e a data não apresentem as características da centração, da relevância e da pontualização, em virtude do imperativo da RST de considerar na análise todos os elementos presentes no texto, fizemos a opção metodológica de termos esses dados paratextuais como tópicos discursivos.

Tendo em conta os aspectos acima apresentados relativamente à organização do quadro tópico e dos elementos que o constitui, segmentamos a crônica 1 em seis unidades de informação, conforme demonstra o quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Quadro das unidades de informação da crônica 1

(continua)

Cada governo tem o Jornal Nacional que merece — Marilene Felinto	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título — Cada governo tem o Jornal Nacional que merece
2	Autora — Marilene Felinto

Quadro 2 – Quadro das unidades de informação da crônica 1

(continuação)

<b>Cada governo tem o Jornal Nacional que merece — Marilene Felinto</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Segmento do texto/unidade de informação — UI</b>
3	<p>Alguma semelhança há entre a nova cara do "Jornal Nacional", da Rede Globo de televisão, e a recente proliferação da rede de videolocadoras Blockbuster pelas ruas de São Paulo.</p> <p>São dessas coisas que vão surgindo com tal velocidade, por trás de tão bem guardados tapumes de construção, que o indivíduo não se dá conta. Quando menos espera, estão lá, intrometidas na paisagem.</p>
4	<p>Um amigo horrorizou-se com a invasão de lojas Blockbuster na cidade, automatizadas, enormes, ocupando quarteirões inteiros --"Blockbuster", em inglês, significa "bomba arrasa-quarteirão"- e cujas fachadas são vitrinas em amarelo e azul, escandalosamente iluminadas e sortidas.</p> <p>"É uma espécie de supermercado do vídeo, de McDonald's do filme", ele observou, com o agravante de não haver um único filme pornográfico na atmosfera antisséptica, hospitalar, da rede Blockbuster. "Do mesmo modo que não há pimenta na comida do McDonald's", deduzi.</p> <p>A associação com o "Jornal Nacional" veio também por acaso, num insight vagabundo, obtido do ato inútil de apertar um botão de controle remoto. Quase mudei de canal, estranhando não encontrar o rosto de Cid Moreira no que deveria ser o "JN". Feito camundongo condicionado há décadas à cara amarfanhada de Moreira na tela, senti falta.</p> <p>Mas logo lembrei que o "JN" estava novo - modernizou-se, adaptou-se ao neoliberalismo do governo Fernando Henrique.</p>
5	<p>Aos tempos do bem-apegoado FHC, serve o locutor William Bonner e sua cara de modelo de comercial de loção pós-barba. Com ele, entra Lilian Witte Fibe, mera reprodutora de matéria editada, mas cujas expressões de mau humor dão-lhe imagem de mulher-âncora, cheia de opinião.</p> <p>É a mão de cal politicamente correta que passaram no telejornal -também enfiaram lá um mulato para conduzir as macacoas dos efeitos eletrônicos do mapa do tempo. A exposição dura breves segundos, tempo que cabe a mulatos (sem qualquer voz política) na televisão da elite branca.</p> <p>Por fim, o "JN" ganhou ares de intelectual, como o presidente. Criou um comentarista (Arnaldo Jabor) de centro. Afinal, da mesma forma que não há pimenta no McDonald's ou pornografia na Blockbuster, não há esquerda na Globo.</p> <p>O intelectual do "JN" faz no ar uma mistura de sub-literatura de novela com jornalismo piegas à la "Fantástico" (à la Affonso Romano de Santana dos anos 80). Seu discurso é saneado (ou censurado) e pronto para se retificar quando advertido por ordem superior do PFL.</p>

## Quadro 2 – Quadro das unidades de informação da crônica 1

(conclusão)

Cada governo tem o Jornal Nacional que merece — Marilene Felinto	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
6	Ora, cada governo tem o Jornal Nacional que merece. A Blockbuster e o novo "JN" são os frutos materiais da "modernização" brasileira. Operam na linha da falsa democratização da abundância e da informação. Participam da cruzada montada pelos liberais da classe média alta para sanear a sociedade -já que não lhes interessa alterar a ordem econômica das coisas- censurando tudo, do vício do fumo a pornografia e "discurso hostil", como disse o sociólogo americano Christopher Lasch.

Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro 2, segmentamos o texto em seis unidades de informação.

A UI1 corresponde ao título do texto e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome da autora e constitui o TP2

A UI3 corresponde às porções de texto que se encaixam na apresentação da tese inicial de que há semelhança entre a proliferação da *Blockbuster* e a nova cara do Jornal Nacional e constitui o TP3

A UI4 corresponde às porções que elencam fatos do cotidiano a partir dos quais a autora produziu a tese inicial e constitui o TP4

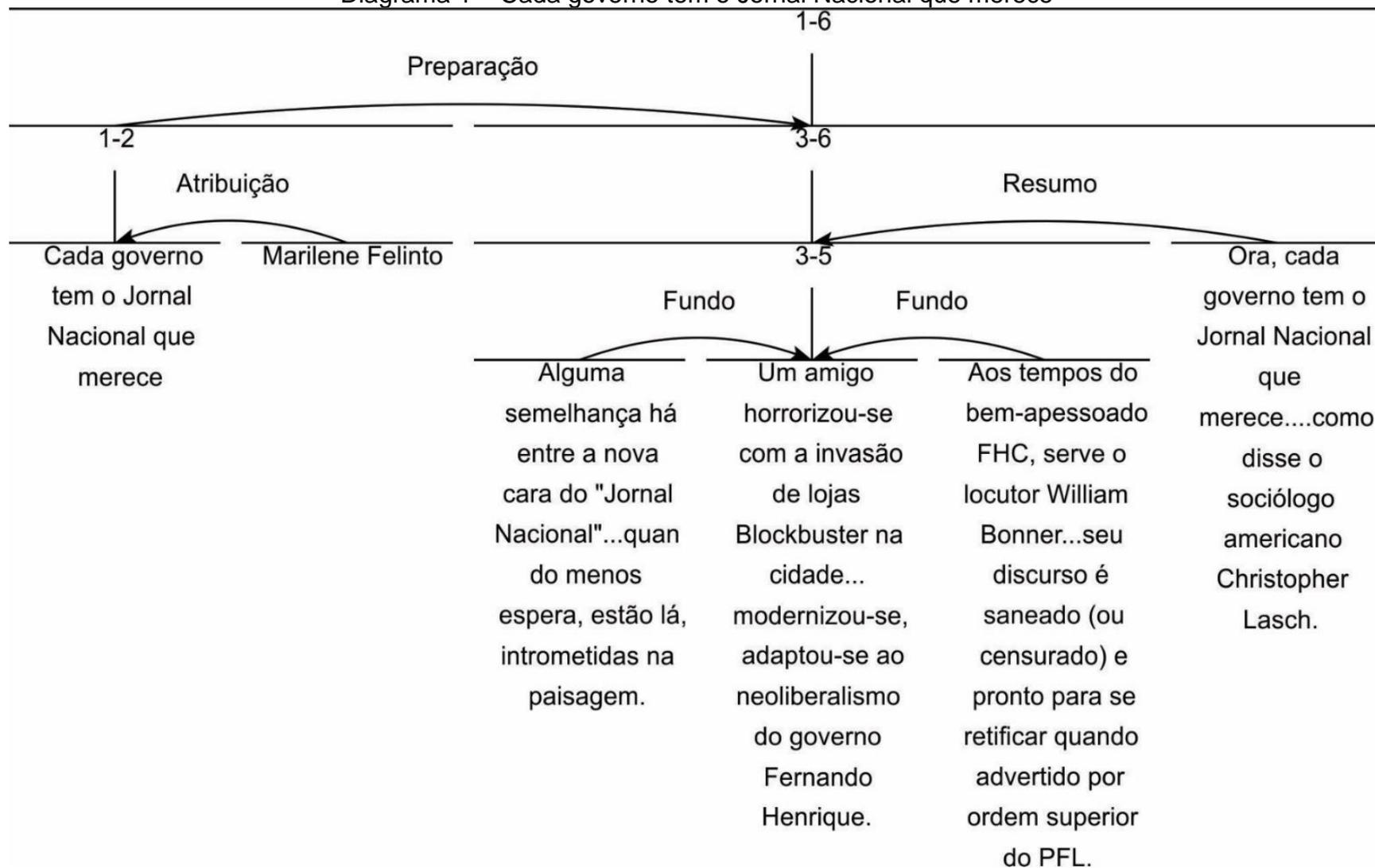
A UI5 corresponde às porções que apresentam os argumentos que fundamentam a tese inicial do texto e constitui o TP5

A UI6 corresponde às porções que indicam a retomada da tese inicial para fins de conclusão do texto, confirmando-a e constitui o TP6

As relações que emergem entre esses seis tópicos revelam a estrutura retórica graficamente projetada no diagrama 1<sup>27</sup> — Cada governo tem o Jornal Nacional que merece, elaborado com o auxílio da ferramenta *RSTTool*.

<sup>27</sup> Conforme já assinalado na Metodologia, devido ao fato de a ferramenta RSTTool ter sido concebida para demonstrar a estrutura retórica de pequenos segmentos, a demonstração de porções longas só é possível com auxílio de ajustes. No nosso caso, fizemos um corte entre o início e o fim de cada unidade de informação. Contudo, o segmento completo pode ser visualizado no quadro das unidades de informação de cada crônica.

Diagrama 1 – Cada governo tem o Jornal Nacional que merece



Fonte: elaborado pelo autor

O diagrama 1 demonstra que a estrutura retórica da crônica 1 caracteriza-se pela ocorrência das relações Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Resumo. Essas relações estão expressas no quadro 3, a seguir.

A unidade (1-2) funciona como satélite de (3-6) em uma relação retórica de Preparação. Entre as porções (1) e (2), em que (2) é satélite e (1) corresponde ao núcleo, emerge a relação de Atribuição.

Entre as porções (3) e (4-5), em que (3) é satélite e (4-5) corresponde ao núcleo, emerge a relação de Fundo. Entre (4) e (5), em que (5) é o satélite e (4) apresenta-se como o núcleo, emerge a relação de Evidência.

Por fim, entre a porção (6) e (3-5), (6) correspondendo ao satélite e (3-5) ao núcleo, emerge a relação de Resumo.

Os quadros 3 e 4, a seguir, apresentam o conjunto das relações retóricas incidentes no *corpus*.

Quadro 3 – Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*

(continua)

Nome	Condições em N	Condições em S	Condições em N + S	Efeito	Autor (es)
Preparação	Nenhuma	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado em ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N	Mann e Thompson (1998)
Atribuição	N apresenta uma expressão, fala ou pensamento de alguém ou algo	S apresenta alguém ou algo que produz N	S e N indicam, respectivamente, a fonte de uma mensagem	O leitor é informado sobre a mensagem e sobre quem ou o que a produziu	Pardo (2005)
Fundo	Sobre N: o ouvinte/leitor não irá compreender N suficientemente antes de ler S *Restrições em N ou S individualmente		S aumenta a habilidade do ouvinte/leitor para compreender algum elemento em N	A habilidade do ouvinte/leitor para compreender N aumenta	Mann e Thompson (1988) Pardo (2005)

Quadro 3 – Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*  
(continuação)

Nome	Condições em N	Condições em S	Condições em N + S	Efeito	Autor (es)
Resumo	N deve ter mais de uma unidade		S apresenta uma reafirmação do conteúdo de N que é mais curto em tamanho	O ouvinte/leitor reconhece S como uma reafirmação mais curta de N	Mann e Thompson (1998)
Evidência	O leitor poderia não acreditar em N de forma satisfatória para o escritor	O leitor acredita em S ou o achará válido	A compreensão de S pelo leitor aumenta sua convicção em N	A convicção do leitor em N aumenta	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)
Elaboração	Não há	Não há	S apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou algum elemento de N	O leitor reconhece S como apresentando detalhes adicionais sobre N	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)
Avaliação	Nenhuma	Nenhuma	S se relaciona a N pelo grau de avaliação positiva do escritor por N	O leitor reconhece que S avalia N e reconhece o valor que ele atribui	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)
Justificativa	Não há	Não há	A compreensão de S pelo ouvinte/leitor aumenta sua prontidão para aceitar o direito do falante/escritor apresentar N	A prontidão do ouvinte/leitor para aceitar o direito de o falante/escritor apresentar N aumenta	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)
Capacitação	Apresenta uma ação do leitor não realizada	Não há	A compreensão de S pelo leitor aumenta sua habilidade para realizar a ação em N	A habilidade do leitor para realizar a ação em N aumenta	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)

Quadro 3 – Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*  
(continuação)

Nome	Condições em N	Condições em S	Condições em N + S	Efeito	Autor (es)
Parentética	Não há	S apresenta informação extra relacionada a N que não está expressa no fluxo principal do texto	S apresenta informação extra relacionada a N, complementand o N; S não pertence ao fluxo principal do texto	O leitor reconhece que S apresenta informação extra relacionada a N, complementand o N	Pardo (2005)
Conclusão	Não há	S baseia-se no que é apresentado em N	S apresenta um fato concluído a partir da interpretação de N	O leitor reconhece que S é uma conclusão produzida devido à interpretação de N	Pardo (2005)
Comparação	N apresenta uma característica de algo ou alguém	S apresenta uma característica de algo ou alguém comparável com o que é apresentado em N	As características de S e N estão em comparação	O leitor reconhece que S é comparado a N em relação a certas características	Pardo (2005)
Razão	N é uma ação ou uma situação	S causou N	Sem a apresentação de S, o ouvinte/leitor poderia não saber a causa particular da situação; a apresentação de N é mais central que a apresentação de S para os propósitos do falante/escritor	O ouvinte/leitor reconhece S como um causa de N	Mann e Thompson (1998)

Quadro 3 – Quadro das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*  
(conclusão)

Nome	Condições em N	Condições em S	Condições em N + S	Efeito	Autor (es)
Resultado	Não há	S é uma ação ou uma situação	N causou S; a apresentação de N é mais central do que a apresentação de S para os propósitos do falante/escritor	N poderia ter causado a situação em S	Mann e Thompson (1998)

Fonte: elaborado pelo autor com base em Mann e Thompson (1988), Antonio (2004) e Pardo (2005)

Quadro 4 – Quadro das relações multinucleares incidentes no *corpus*

Nome da relação	Restrição sobre cada par de núcleo	Intenção do falante/escritor	Autor (es)
Lista	Um item comparável a outros	O ouvinte/leitor reconhece a comparabilidade de itens ligados	Mann e Thompson (1988) Pardo 2005
Sequência	Há uma relação de sucessão entre as situações núcleos	O ouvinte/leitor reconhece as relações de sucessão entre os núcleos	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)
Contraste	Não mais que dois núcleos. As situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) comparadas com respeito a uma ou mais dessas diferenças	O ouvinte/leitor reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas pela comparação feita	Mann e Thompson (1998) Pardo (2005)

Fonte: elaborado pelo autor com base em Mann e Thompson (1988), Antonio (2004) e Pardo (2005)

A seguir, apresentamos a descrição e a análise da estrutura retórica da crônica 2.

## Crônica 2

A representação do conteúdo discursivo da crônica 2 – **O moralizador** está espelhada no esquema 2 – Quadro tópico 2.

### Esquema 2 – Quadro tópico 2

O Moralizador – Contardo Calligaris

#### QUADRO TÓPICO

Tópico amplo	O caso Eliot Spitzer e a noção de moralizador e de homem moral									
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5	TP6	TP7	TP8	TP9	TP10
Tópicos particularizadores	Título	Autor	Apresentação de Eliot Spitzer, ex-governador de Nova York, e seu perfil de procurador inflexível contra crime financeiros e rede de prostituição	Narrativa dos fatos que levaram Eliot Spitzer a renunciar: Seu envolvimento com rede de prostituição e suas estratégias para esconder seus pagamentos a elas	Avaliação do autor acerca da declaração da comentarista do programa de TV que chamou Eliot Spitzer de hipócrita e moralizador raivoso	Retorno a narrativa acerca dos fatos que envolveram Eliot Spitzer	Comentário do autor acerca das declarações de Eliot Spitzer segundo o qual o seu comportamento correspondia ao padrão moral de qualquer pessoa	Exemplos que comprovam a tese da comentarista de que Eliot Spitzer era um moralista raivoso	Distinção entre homem moral e moralizador segundo o autor	Conclusão do autor de que em Estados em que as normas morais ganham força de lei o que predomina é a barbárie da hipocrisia, que faz com que todos paguem pelos pecados dos hipócritas

Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 2, segmentamos a crônica 2 em dez unidades informação, conforme demonstra o quadro 5, a seguir.

#### Quadro 5 – Quadro das unidades de informação da crônica 2

(Continua)

O moralizador — Contardo Calligaris	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — O moralizador
2	Autor — Contardo Calligaris
3	Eliot Spitzer era governador do Estado de Nova York até renunciar, na semana passada. Sua fortuna política e sua popularidade estavam ligadas à sua atuação prévia como procurador agressivo e inflexível contra os crimes financeiros e contra as redes de prostituição e seus clientes.

Quadro 5 – Quadro das unidades de informação da crônica 2

(continuação)

<b>O moralizador — Contardo Calligaris</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
4	<p>Ora, descobriu-se que ele era freguês de uma rede de prostituição de luxo e que também recorria a artimanhas financeiras para que seus pagamentos – substanciais: 80 mil dólares (140 mil reais)* - não fossem identificados. Esse <i>fait divers</i> (no fundo trivial) foi a primeira página dos jornais do mundo inteiro – aparentemente, pela surpresa que causou: quem podia imaginar tamanha hipocrisia? Esse “espanto” geral foi, para mim, a verdadeira notícia da semana.</p> <p>Começou no dia em que Spitzer deu a sua primeira declaração pública, reconhecendo os fatos e a culpa, ao lado de sua mulher, impávida. No programa 160º, da CNN, o âncora, Anderson Cooper, convocou dois comentaristas. Um deles, uma mulher, psicóloga ou psiquiatra, ofereceu imediatamente uma explicação correta e óbvia. Ela disse mais ou menos isso: é muito frequente que um moralizador raivoso desconte nos outros tendências e impulsos que são seus e que ele não consegue dominar. Cooper (que já passeou pelos piores cenários de guerras e catástrofes naturais) quase levou um susto e cortou rápido, acrescentando que aquelas eram, “claramente”, suposições, hipóteses etc. Não é curioso?</p>
5	<p>Em regra, prefiro as ideias que são propostas, justamente, como hipóteses ou sugestões que cada um pode testar no seu foro íntimo. Mas, hoje, considerar a declaração da especialista como uma suposição parece ser uma hipocrisia pior (e mais perigosa) do que a de Spitzer. Afinal, depois de um bom século de psicologia e psiquiatria dinâmicas, estamos certos disto: o moralizador e o homem moral são figuras diferentes, se não opostas.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O homem moral se impõe padrões de conduta e tenta respeitá-los;</li> <li>2. O moralizador quer impor ferozmente aos outros os padrões que ele não consegue respeitar.</li> </ol>
6	<p>Ainda em sua primeira declaração, Spitzer confessou, contrito, que não conseguira observar seus próprios padrões morais. Tudo bem: qualquer homem moral poderia confessar o mesmo. Mas ele acrescentou imediatamente que, a bem da verdade, aqueles eram os padrões morais de quem quer que seja.</p>
7	<p>Aqui está o problema: o padrão moral que ele se impõe, mas não consegue respeitar, é considerado por ele um padrão que deveria valer para todos. Com que finalidade? Simples: uma vez estabelecido seu padrão como universal, ele pode, como promotor ou governador, impô-lo aos outros, ou seja, pode compensar suas próprias falhas com o rigor de suas exigências para com os outros.</p>

Quadro 5 – Quadro das unidades de informação da crônica 2

(conclusão)

<b>O moralizador — Contardo Calligaris</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
8	<p>Quem coloca ruidosamente a caça aos marajás no centro da sua vida está lidando (mal) com sua própria vontade de colocar a mão no pote de marmelada, quem esbraveja raivosamente contra “veados” e travestis está lidando (mal) com as suas fantasias homossexuais. Quem quer apedrejar adúlteros e adúlteras está lidando (mal) com seu desejo de pular a cerca, ou (pior) com o seu sadismo em relação a seu parceiro ou parceira. O exemplo da adúltera, aliás, serve para lembrar que a psicologia dinâmica, no caso, confirma um legado da mensagem cristã: o apedrejador sempre quer apedrejar a sua própria tentação ou a sua culpa.</p>
9	<p>A distinção entre homem moral e moralizador tem alguns corolários relevantes. Primeiro, o moralizador é um homem moral falido: se soubesse respeitar o padrão moral que impõe a si mesmo, não precisaria punir as suas imperfeições no outro. Segundo, é possível e compreensível que um homem moral tenha um espírito missionário: ele pode agir para levar os outros a adotar um padrão parecido com o seu. Mas a imposição forçada de um padrão moral nunca é o ato de um homem moral, é sempre o ato de um moralizador.</p> <p>Em geral, as sociedades em que as normas morais ganham força de lei (os Estados confessionais, por exemplo) não são regradas por uma moral comum, nem pelas aspirações de poucos e escolhidos homens exemplares, mas por moralizadores que tentam remir suas próprias falhas morais pela brutalidade do controle que exercem sobre os outros</p>
10	<p>A pior barbárie é isto: um mundo em que todos pagam pelos pecados de hipócritas que não se aguentam.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título do texto e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e corresponde ao TP2

A UI3 corresponde à porção de texto na qual há apresentação de Eliot Spitzer e de seu perfil e constitui o TP3

A UI4 corresponde à porção de texto na qual há a narração dos fatos que levaram à renúncia de Eliot Spitzer e constitui o TP5

A UI5 corresponde à porção de texto em que o autor avalia a declaração da comentarista que chamou Eliot Spitzer de hipócrita e de moralista raivoso e corresponde ao TP5

A UI6 corresponde à porção de texto em que há um retorno à narração acerca dos fatos que envolveram Eliot Spitzer e constitui o TP6

A UI7 corresponde à porção de texto em que o autor discute a justificativa de Eliot Spitzer segundo a qual o comportamento dele estava de acordo com o de qualquer outra pessoa e constitui o TP7

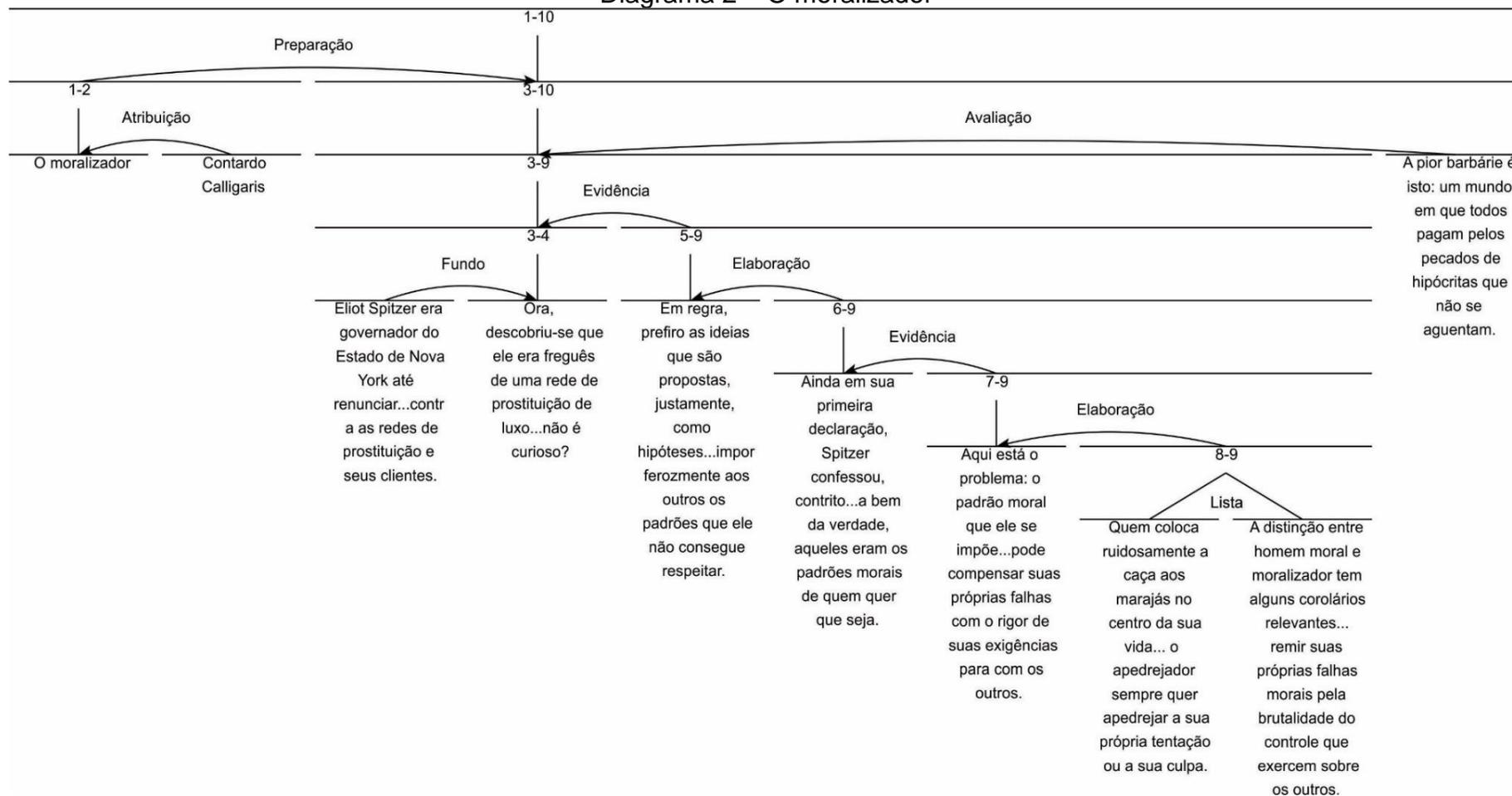
A UI8 corresponde à porção de texto em que são apresentados exemplos que comprovam a tese de que Eliot Spitzer comportava-se como um moralista raivoso e constitui o TP8

A UI9 corresponde à porção de texto na qual se faz a distinção entre homem moral e moralizador e constitui o TP9

A UI10 corresponde à porção de texto na qual se apresenta a conclusão do autor e constitui o TP10

É entre essas dez unidades de informação que emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 2, conforme demonstra, adiante, o diagrama 2 — O moralizador.

Diagrama 2 – O moralizador



Fonte: elaborado pelo autor

O diagrama 2 demonstra que a crônica **O moralizador** apresenta uma estrutura retórica caracterizada pela ocorrência das relações núcleo-satélite Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência, Elaboração e Avaliação, além da relação multinuclear de Lista, as quais estão expostas nos quadros 3 e 4.

Em um esquema núcleo-satélite, a unidade (1-2) atua como S das porções (3-10). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição. (3-4) relaciona-se com uma grande porção formada pelas unidades (5-9). (3-4) funciona como núcleo de (5-9) em uma relação de Evidência.

Entre (3) e (4), em que (3) é S e (4) é (N), surge uma relação de Fundo. (6-9), atuando como satélite, elaboram a porção (5), do que decorre a emergência da relação de Elaboração. Entre (6) e (7-9), em que (6) atua como N, emerge uma relação de Evidência. Por outro lado, entre (7) e (8-9), em que (7) funciona como N, surge novamente uma relação de Elaboração. (8) e (9), atuando como dois núcleos em um esquema multinuclear em que ocorre a relação de Lista, desenvolvem a porção (7) e, por fim, novamente em um esquema núcleo-satélite, a unidade de informação (10) se relaciona com o grande núcleo formado pelas porções (3-9) em uma relação de Avaliação.

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 3.

### Crônica 3

A representação do conteúdo discursivo da crônica 3 — **A descoberta da velhice** está espelhada no esquema 3 — quadro tópico 3, a seguir.

Esquema 3 – Quadro tópico 3

<b>QUADRO TÓPICO</b>										
<b>Tópico amplo</b>	A descoberta da velhice por meio do olhar de uma moça em um metrô em São Paulo									
	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP1</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP2</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP3</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP4</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP5</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP6</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP7</b></div> <div style="text-align: center;">↓ <b>TP8</b></div> </div>									
<b>Tópicos particularizadores</b>	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 10%;"></td> <td style="width: 10%; text-align: center;">Título</td> <td style="width: 10%; text-align: center;">Autor</td> <td style="width: 15%;">Construção do cenário: a descoberta pelo autor da sua própria velhice quando estava em um metrô de São Paulo</td> <td style="width: 15%;">Observação metódica do rosto das pessoas do metrô</td> <td style="width: 15%;">Relato da lembrança do rosto de um garçom que disfarçava a calvície e de um conto em que um garçom se apaixonou por uma aeromoça</td> <td style="width: 15%;">relato sobre a moça que olhava para o autor no metrô de São Paulo</td> <td style="width: 15%;">Conclusão do autor acerca do olhar da moça: ele estava ficando velho</td> <td style="width: 15%;">Avaliação da experiência vivida pelo autor</td> </tr> </table>		Título	Autor	Construção do cenário: a descoberta pelo autor da sua própria velhice quando estava em um metrô de São Paulo	Observação metódica do rosto das pessoas do metrô	Relato da lembrança do rosto de um garçom que disfarçava a calvície e de um conto em que um garçom se apaixonou por uma aeromoça	relato sobre a moça que olhava para o autor no metrô de São Paulo	Conclusão do autor acerca do olhar da moça: ele estava ficando velho	Avaliação da experiência vivida pelo autor
	Título	Autor	Construção do cenário: a descoberta pelo autor da sua própria velhice quando estava em um metrô de São Paulo	Observação metódica do rosto das pessoas do metrô	Relato da lembrança do rosto de um garçom que disfarçava a calvície e de um conto em que um garçom se apaixonou por uma aeromoça	relato sobre a moça que olhava para o autor no metrô de São Paulo	Conclusão do autor acerca do olhar da moça: ele estava ficando velho	Avaliação da experiência vivida pelo autor		

Fonte: elaborado pelo auto

Com base no quadro tópico 3, segmentamos a crônica 3 em oito unidades de informação, conforme demonstra o quadro 6 das unidades de informação da crônica 3, a seguir.

Quadro 6 – Quadro das unidades de informação da crônica 3

<b>A descoberta da velhice — Rubem Alves</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
1	Título — A descoberta da velhice
2	Autor — Rubem Alves
3	Descobri que eu estava velho há muitos anos, num metrô de São Paulo. Foi assim: o vagão estava lotado e não havia assento vago. Não liguei. Eu era jovem, pernas e braços fortes, podia fazer a viagem de pé, segurando um balaústre.
4	Aí comecei a observar metodicamente o rosto das pessoas, coisa que gosto muito de fazer. Os rostos revelam mundo. Muitas crônicas me apareceram no ato de observar um rosto.
5	Uma vez, tomando o meu café da manhã num hotel em Uberaba, fui comovido pelo rosto de um garçom já meio velho, magro, calvo, daqueles que não cortam o cabelo de um lado, para com seus fios compridos tentar disfarçar (inutilmente) a calva lisa. Aquele rosto me comoveu. E, quase que num segundo, apareceu na minha imaginação a trama de um conto. É sobre um garçom que trabalhava num hotel onde pilotos e aeromoças pernoitavam. Ele se apaixona por uma delas e a sua vida passa a girar em torno dos dias em que sua escala de voos fazia com que aquela que ele amava secretamente dormisse no hotel. O garçom, servindo o café da manhã, dela se aproximava e respirava fundo para sentir o seu perfume. Até saiu pelas lojas de perfume, à procura daquele... Terminado o café ele recolhia copos e xícaras. Aí, furtivamente, na cozinha, quando ninguém estava olhando, bebia os restinhos que haviam sobrado... Era como se ele a estivesse beijando.
6	Mas, voltando ao metrô. De repente meus olhos encontraram uma moça que também olhava para mim, com um discreto sorriso nos lábios. Foi um momento de suspensão romântica: eu olhando para ela, ela olhando para mim. Aquele poderia ser o início de uma estória de amor por acontecer. Muitas estórias de amor se iniciam em estações. Mas então, naquele momento de suspensão romântica, ela fez um gesto delicado: sorrindo, ela se levantou e me ofereceu o lugar. Entendi então o sentido do seu sorriso: olhando para mim ela se lembrava do seu avô, velhinho tão querido...
7	Compreendi que eu estava velho
8	Foi um momento de revelação. Desde então o meu pensamento volta sempre para a velhice.

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título da crônica e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e constitui o TP2

A UI3 apresenta informações sobre o cenário do relato: o metrô de São Paulo e constitui o TP3

A UI4 constitui-se de informações sobre o hábito do narrador de observar o rosto das pessoas e estrutura o TP4

A UI5 apresenta a situação em que o autor se lembra do filme em que um garçom tenta disfarçar a calvície e corresponde ao TP5

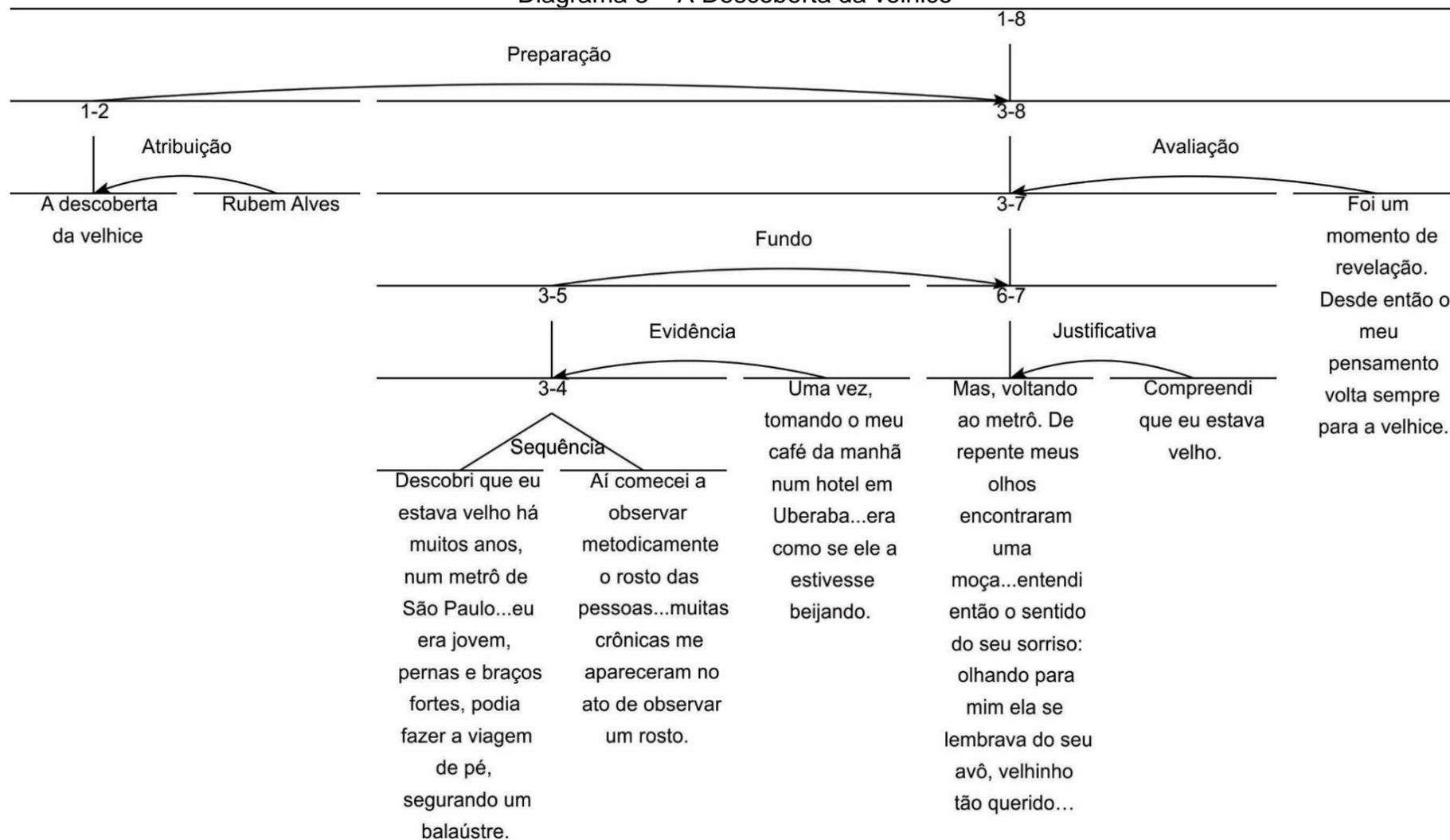
A UI6 apresenta o relato sobre a moça que olhava para o narrador num metrô de São Paulo e constitui o TP6

A UI7 apresenta a conclusão acerca do verdadeiro significado do olhar da moça e corresponde ao TP7

A UI8 apresenta a avaliação da experiência do narrador e constitui o TP8

Entre essas unidades de informação, emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 3, que está descrita a seguir no diagrama 3 — A descoberta da velhice.

Diagrama 3 – A Descoberta da velhice



O diagrama 3 demonstra que a crônica **A descoberta da velhice** apresenta uma estrutura retórica caracterizada pela ocorrência relações núcleo-satélite Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência, Justificativa e Avaliação, além de pela relação multinuclear de sequência. Essas relações estão descritas nos quadros 3 e 4 das relações retóricas da crônica 3 incidentes no *corpus*.

Em um esquema núcleo-satélite, a unidade (1-2) atua como S das porções (3-8). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Por outro lado, estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

As porções (3-5) formam uma unidade que se relaciona com as porções (6-7), que também formam uma unidade. Surge entre essas unidades a relação de Fundo em que (3-5) funciona como satélite do núcleo (6-7). Em um esquema multinuclear, entre as porções (3) e (4) emerge uma relação de Sequência. A porção satélite (5) relaciona-se com o núcleo (3-4), em um esquema núcleo-satélite em que emerge a relação de Evidência.

Entre (6) e (7), sendo (6) o N e (7) o S, emerge uma relação de Justificativa. Por fim, a porção (8) relaciona-se como S de (3-7) em uma relação de Avaliação.

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 4.

## Crônica 4

A representação do conteúdo discursivo da crônica 4 – **Taxonomia ligou etc. etc.** está expressa no esquema 4 — quadro tópico 4, a seguir.

### Esquema 4 – Quadro tópico 4

Taxonomia ligou etc. etc. – Juliana Cunha

#### QUADRO TÓPICO

<b>Tópico amplo</b>	A falta de discernimento e a fixação em ser modelo							
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	<b>TP1</b>	<b>TP2</b>	<b>TP3</b>	<b>TP4</b>	<b>TP5</b>	<b>TP6</b>	<b>TP7</b>	<b>TP8</b>
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autora	13 de agosto de 2009	Surpresa da autora com a falta de discernimento de uma candidata	Construção de pano de fundo: 1) A redação da revista e o estúdio fotográfico que ocupam o mesmo espaço; 2) Manipulação dos <b>books</b> pelos modelos;	Narrativa acerca da fila de modelos em frente a redação/estúdio	Constatação da autora de que pessoas comuns devem se comportar/s e ver como pessoas comuns e não como modelos	Conselho da autora/"fica a dica"

Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 4, segmentamos a crônica 4 em oito unidades de informação, conforme demonstra o quadro 7 das unidades de informação da crônica 4, a seguir.

### Quadro 7 – Quadro das unidades de informação da crônica 4

(continua)

<b>Taxonomia ligou etc. etc. — Juliana Cunha</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
1	Título — Taxonomia ligou etc. etc.
2	Autora — Juliana cunha

Quadro 7 – Quadro das unidades de informação da crônica 4

(continuação)

Taxonomia ligou etc. etc. — Juliana Cunha	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
3	13 de agosto de 2009
4	<p>Se tem uma coisa que me surpreende e sempre renova meus votos de descrença na humanidade é a falta de capacidade de discernimento. Eu ia escrever autocritica, mas nem é, é discernimento mesmo. Com coisas evidentes.</p>
5	<p>A redação da revista onde eu trabalho divide espaço com um estúdio fotográfico onde de vez em quando tem casting (ou seja, de vez em quando vem um pessoal aqui pra ser fotografado e a agência de publicidade dizer quem serve e quem não serve pra determinada campanha). Claro que tem campanha em que o objetivo nem é ter gente bonita. Eu particularmente teria certo constrangimento em dizer para os amigos que sou modelo, mas só em campanhas em que precisam de garotas de 1,60m com cara de todo mundo, mas, fazer o que né, a vida é dura e os preços ao consumidor francês caíram 0,4% em julho, mas não estamos na França. Enfim, quem quer ser modelo com cara de propaganda da Caixa Econômica (um degrau acima da propaganda da Dove no quesito realidade) até tem trabalho, só não precisa se drogar como se não houvesse amanhã e querer disputar com modelo de verdade.</p> <p>O book que os modelos enviam não serve pra nada: excesso de Photoshop e falta de padrão, uns fazem profissional demais, outros tosco demais. O cliente precisa ver como todo mundo é atualmente e nas mesmas condições de temperatura e pressão.</p>
6	<p>Chego no trabalho e vejo uma filhinha de meninas esperando para serem fotografadas. Tinha uma menina linda, alta, com o cabelo mais brilhante que a sua árvore de Natal e com uma pele do cotovelo mais lisinha que a minha pele do pulso. Atrás dela, uma moça de cabelo arrepiado cuja cabeça terminava abaixo do ombro da menina da frente. Perguntei ao fotógrafo se o ensaio ia ser diversificado e ele disse que não. Diagnóstico: a menina acha que realmente dá para competir com a modelo. Acha a ponto de perder metade da tarde numa filhinha e de pagar o mico de ser fotografada e depois ter sua foto analisada lado a lado com a foto da modelo de verdade.</p> <p>Sério, fiquei com vontade de pegá-la pelo braço, trazê-la na redação e perguntar se ela tinha umas sugestões de pauta, ou se sabia traduzir ou fotografar, talvez tratar imagem.</p>
7	<p>Porque é isso que nós, meninas com cara de todo mundo, fazemos. E a gente pode até comprar cremes caros na esperança de ficarmos a cara da Gisele, mas no fundo sabemos que somos bem mais parecidas com a irmã gêmea da Gisele. E mesmo que a nossa esperança de que isso mude se renove a cada novo lançamento da indústria cosmética, depois a gente olha no espelho e constata que, não, que ainda não temos nenhum grau de parentesco com a Helena de Tróia. Até tem o dia em que o espelho se enrola e diz que somos melhores do que somos de fato, mas nem nesses casos a gente consegue ficar com o nariz espremido nas costas imaculadas de uma modelo e continuar achando que estamos ali, todas no mesmo estágio evolutivo, todas num só coração.</p>

## Quadro 7 – Quadro das unidades de informação da crônica 4

(conclusão)

Taxonomia ligou etc. etc. — Juliana Cunha	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
8	Fica a dica.

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título da crônica e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e constitui o TP2

A UI3 apresenta a data que se supõe ser ou a de publicação ou a de produção da crônica e corresponde ao TP3

A UI4 corresponde ao segmento que reproduz a surpresa da autora com o que ela denomina de falta de discernimento de uma candidata a modelo e constitui o TP4

A UI5 apresenta informações que constroem o pano de fundo do relato sobre a fila de modelos em frente à redação/estúdio e constitui o TP5

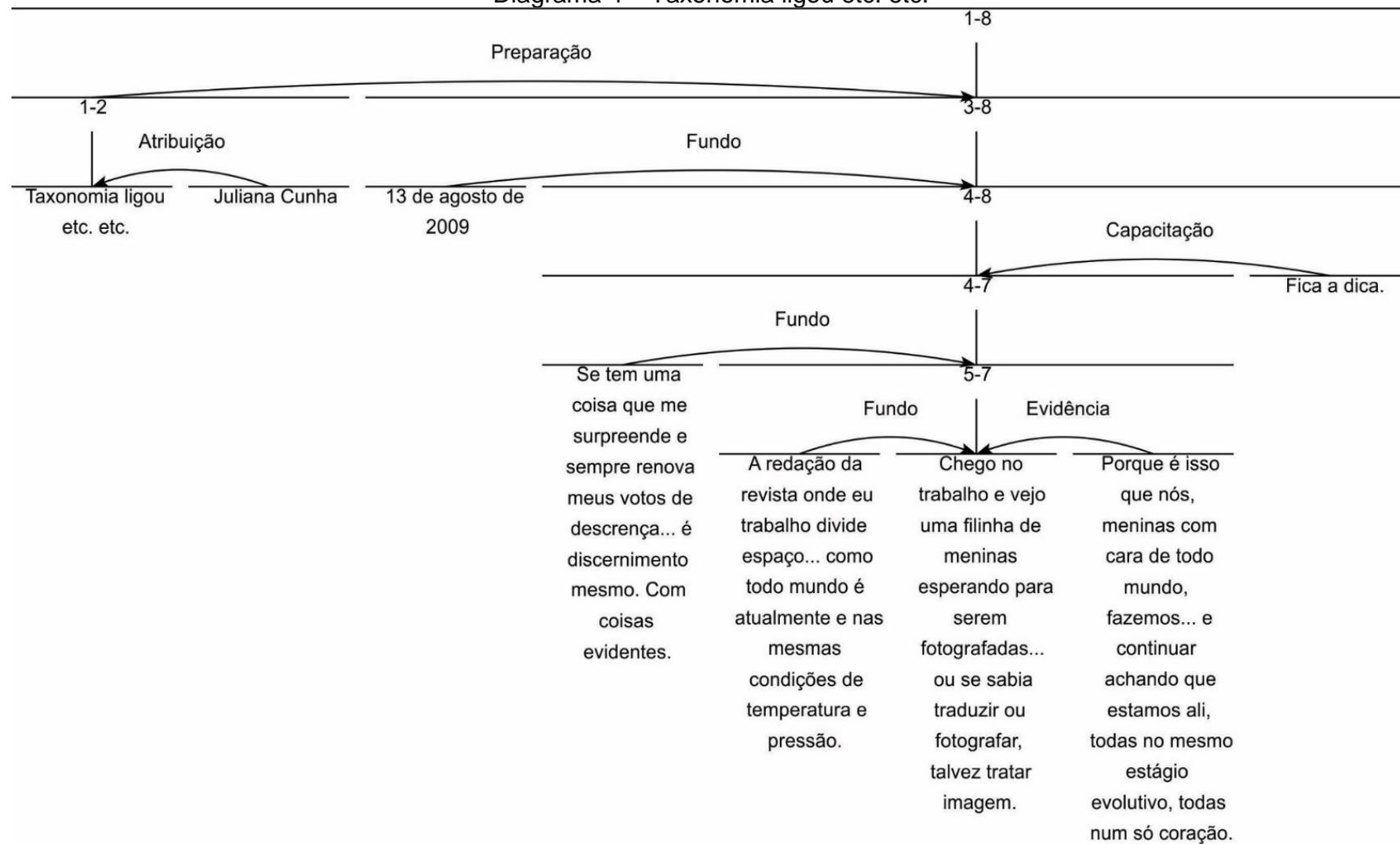
A UI6 apresenta o relato acerca da fila de modelos em frente à redação/estúdio e constitui o TP6

A UI7 apresenta um segmento em que é defendida a ideia de que pessoas comuns devem comportar-se/ver-se como pessoas comuns e não como modelos e corresponde ao TP7

A UI8 apresenta o conselho da autora: “fica a dica” e constitui o TP8

Entre essas unidades de informação, emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 4, descrita, a seguir, no diagrama 4 — Taxonomia ligou etc. etc.

Diagrama 4 – Taxonomia ligou etc. etc.



Fonte: elaborado pelo autor

O diagrama 4 demonstra que a crônica **Taxonomia Ligou etc. etc.** apresenta uma estrutura retórica formada pelas relações núcleo-satélite de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Capacitação, descritas no quadro 3 das relações núcleo-satélite incidentes no *corpus*.

Em um esquema núcleo-satélite, a unidade (1-2) atua como S da porção (3-8). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

A porção (3) serve como satélite em uma relação de Fundo com o restante do texto, que abrange as porções (4-8).

A porção (4) também serve como satélite em uma relação de Fundo com as porções (5-7). Já a porção (5) serve como satélite em uma relação de Fundo com a porção (6). Essa porção (6) serve também de núcleo em uma relação de Evidência com a porção (7). Por fim, a porção (8) atua como satélite das porções (4-7) em uma relação de Capacitação.

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 5.

## Crônica 5

A representação do conteúdo discursivo da crônica 5 — **Viva a novela!** está expressa no esquema 5 — quadro tópico 5, a seguir.

### Esquema 5 – Quadro tópico 5

#### Viva a novela! – Beatriz Decat

#### QUADRO TÓPICO

<b>Tópico amplo</b>	A novela como um entretenimento que estimula a capacidade de concentração e de observação						
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	<b>TP1</b>	<b>TP2</b>	<b>TP3</b>	<b>TP4</b>	<b>TP5</b>	<b>TP6</b>	<b>TP7</b>
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autora	2014	Autoapresentação da autora como noveleira e o conselho ao leitor para que ele experimente se divertir assistindo novela	Apresentação da tese de que ver novela não é bom para aguçar o senso crítico, mas serve para aguçar a capacidade de concentração e de observação	Narrativa da cena de uma novela em que o ator procura por alguém embaixo de uma tampa	Avaliação da novela pela autora e a apresentação da informação de que ela vai continuar se divertindo com as novelas

Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 5, segmentamos a crônica 5 em sete unidades de informação, conforme demonstra o quadro 8, no qual se encontram as unidades de informação da crônica 5, a seguir.

#### Quadro 8 – Quadro das unidades de informação da crônica 5

(continua)

Viva a novela! — Beatriz Decat	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — Viva a novela
2	Beatriz Decat
3	2014

## Quadro 8 – Quadro das unidades de informação da crônica 5

(conclusão)

<b>Viva a novela! — Beatriz Decat</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
4	Que eu sou noveleira, todos os que me conhecem sabem! Que eu não gosto que me chamem ao telefone em horário de novela, todos também sabem! Aqueles que não se animam com esse tipo de entretenimento — e até mesmo torcem o nariz para isso — deveriam experimentar. É uma boa diversão, principalmente para os momentos em que a gente precisa dar uma relaxada, deixar de lado os livros, os projetos de pesquisa, as orientações de dissertações e teses, os relatórios, essas “coisinhas” que fazem parte da vida de um professor.
5	Ver novela é uma boa oportunidade não para aguçarmos nosso senso crítico (isso a gente tem de fazer a toda hora!) mas para testarmos nossa capacidade de concentração e observação.
6	Num dia desses, delíciei-me com uma cena de uma novela (não interessa qual) que foi além dos limites da fantasia. Na missão de encontrar um bandido, os policiais "adentraram" (eles adoram essa palavra!) uma casa e procuraram o 'elemento' em vários lugares. Nesse procura daqui, procura dali... PASMEN!... levantaram a tampa de uma panela! Isso mesmo! E o pior: OLHARAM DENTRO DELA! E nem era um caldeirão, o que poderia ter-me trazido à lembrança o pobre Dom Ratão, que "caiu na panela de feijão", para desespero da Dona Baratinha, personagens daquela deliciosa estória de nossa infância. E não pensem que foi só isso. Procuravam por pessoas como se estivessem procurando, por exemplo, uma barata, uma lagartixa ou outros seres de tamanho parecido e que poderiam estar atrás de uma porta bem encostada na parede.
7	Então eu me pergunto: será que um diretor de novela não percebe esse tipo de erro? Ou será essa uma atitude proposital de desconsideração em relação a quem está diante da telinha? A mim, pouco importa o motivo; qualquer que seja ele, é uma evidência da incompetência. Mesmo assim, quero continuar me divertindo. VIVA A NOVELA!

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título da crônica e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e constitui o TP2

A UI3 apresenta a data do ano em que a crônica foi produzida

A UI4 corresponde ao segmento em que ocorre a autoapresentação da autora como noveleira e o conselho ao leitor para que ele experimente se divertir assistindo a novelas

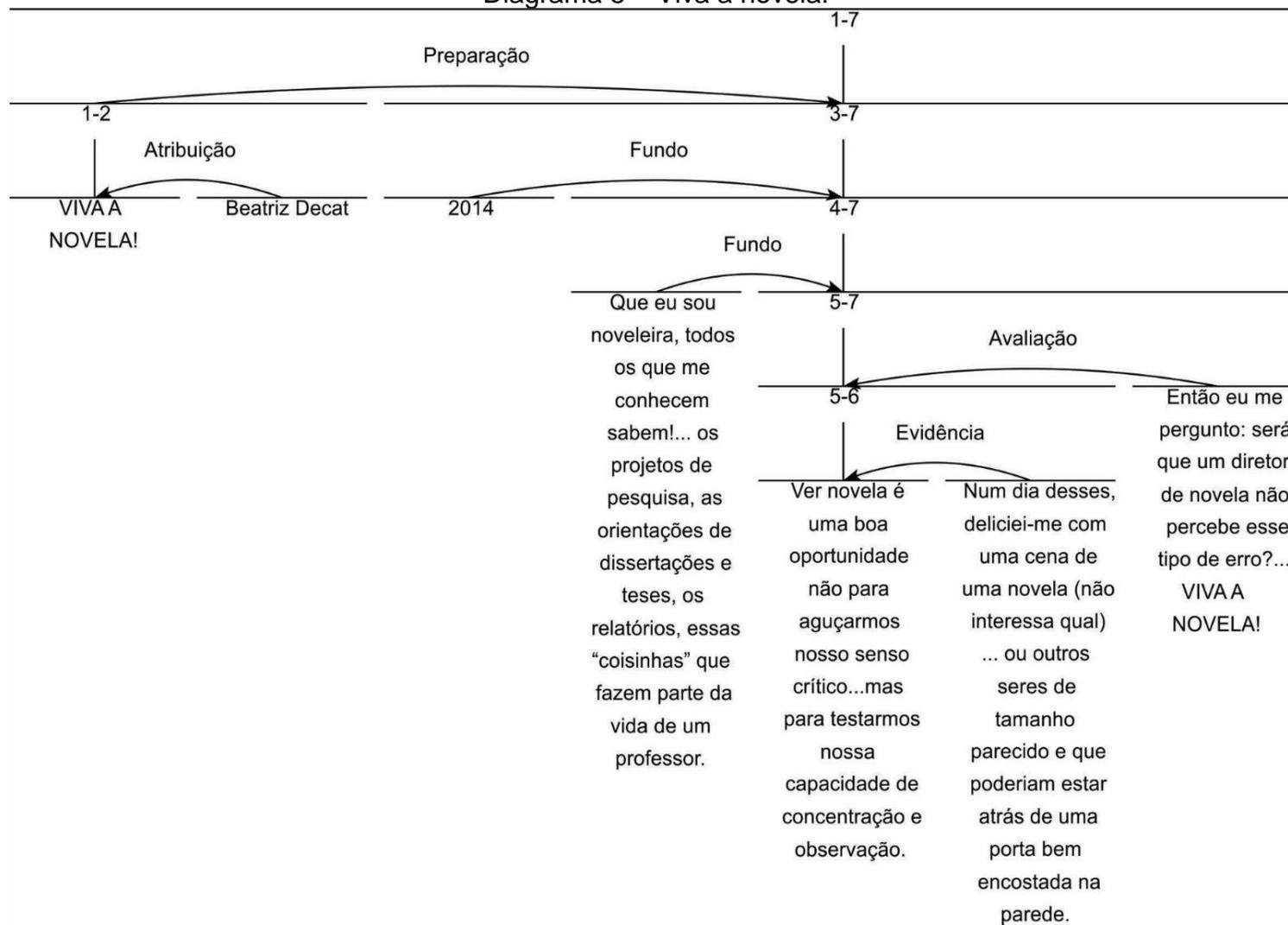
A UI5 corresponde ao segmento em que ocorre a apresentação da tese de que ver novela não é bom para aguçar o senso crítico, mas serve para aguçar a capacidade de concentração e de observação

A UI6 apresenta o relato da cena de uma novela em que o ator procura por alguém embaixo de uma tampa

A UI7 corresponde ao segmento final em que ocorre a avaliação da cena da novela pela cronista e a apresentação da informação de que ela vai continuar se divertindo com as novelas

Entre essas unidades de informação, emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 5, descrita, a seguir, no diagrama 5 — Viva a novela!

Diagrama 5 – Viva a novela!



O diagrama 5 demonstra que a crônica **Viva a novela!** apresenta uma estrutura retórica formada pelas relações núcleo-satélite de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Avaliação. Essas relações estão descritas no quadro 3 das relações retóricas núcleo-satélite incidentes no *corpus*.

Em um esquema núcleo-satélite, a unidade (1-2) atua como S das porções (3-7). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

A porção (3) serve como satélite em uma relação de Fundo com o restante do texto, que abrange as porções (4-7). A porção (4) atua como satélite de (5-7) em uma relação de Fundo. (5-6) correspondem ao núcleo de uma relação de Avaliação com a porção satélite (7) e entre a porção núcleo (5) e o satélite (6) emerge a relação de Evidência.

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 6.

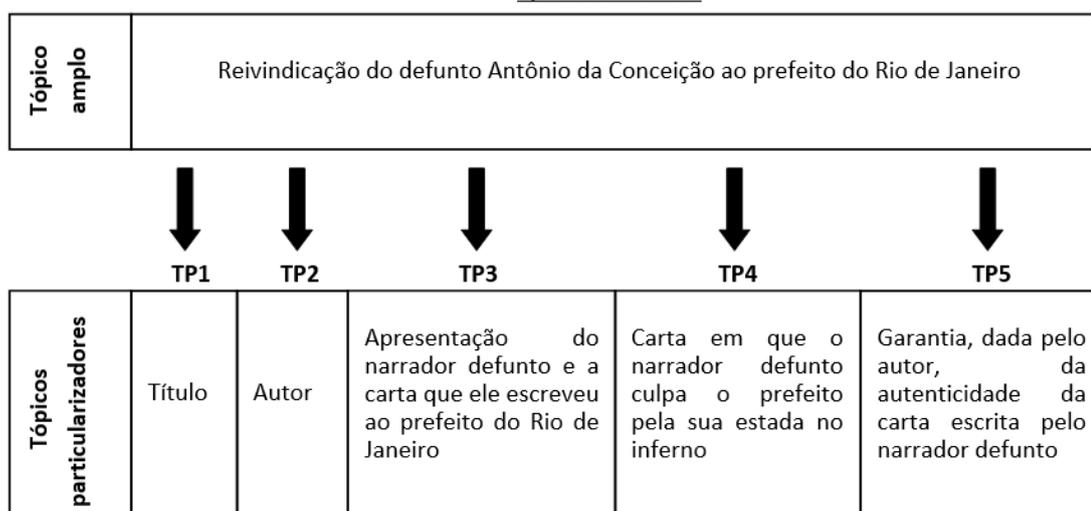
## Crônica 6

A representação do conteúdo discursivo da crônica 6 – **Queixa de defunto** está expressa no esquema 6 – quadro tópico 6, a seguir.

### Esquema 6 – Quadro tópico 6

#### Queixa de defunto – Lima Barreto

##### QUADRO TÓPICO



Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 6, segmentamos a crônica 6 em cinco unidades de informação, conforme demonstra o quadro 9, no qual se encontram as unidades de informação da crônica 6, a seguir.

#### Quadro 9 – Quadro das unidades de informação da crônica 6

(continua)

Queixa de defunto — Lima Barreto	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — Queixa de defunto
2	Autor — Lima Barreto
3	Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida, a Boca do Mato, no Méier, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito. Ei-la:

Quadro 9 – Quadro das unidades de informação da crônica 6

(continuação)

<b>Queixa de defunto — Lima Barreto</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
4	<p>Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não.</p> <p>Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui hermista, não me meti em greves, nem em cousa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.</p> <p>Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.</p> <p>Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos “bíblis”, nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns.</p> <p>Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre André do Santuário do Sagrado Coração de Maria, em Todos os Santos, conquanto as não entendesse bem por serem pronunciadas com toda eloquência em galego ou vasconço.</p> <p>Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dulcíssima paz depois da minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. E bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não pagamos mais a casa.</p> <p>Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.</p> <p>Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.</p> <p>Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita, um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.</p> <p>Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:</p> <p>— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado — como é então que você arranhou isso? Brigou depois de morto?</p> <p>Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.</p> <p>Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc.</p>



O diagrama 6 demonstra que a crônica **Queixa de defunto** apresenta uma estrutura retórica formada pelas relações núcleo-satélite de Preparação, Atribuição, Fundo e Evidência. Essas relações estão descritas no quadro 3.

Em um esquema núcleo-satélite, as porções (1-2) atuam como S das porções (3-5). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

A porção (3) serve como satélite em uma relação de Fundo com o restante do texto, que abrange as porções (4-5). A porção (4) atua como núcleo em uma relação de Evidência com a porção (5).

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 7.

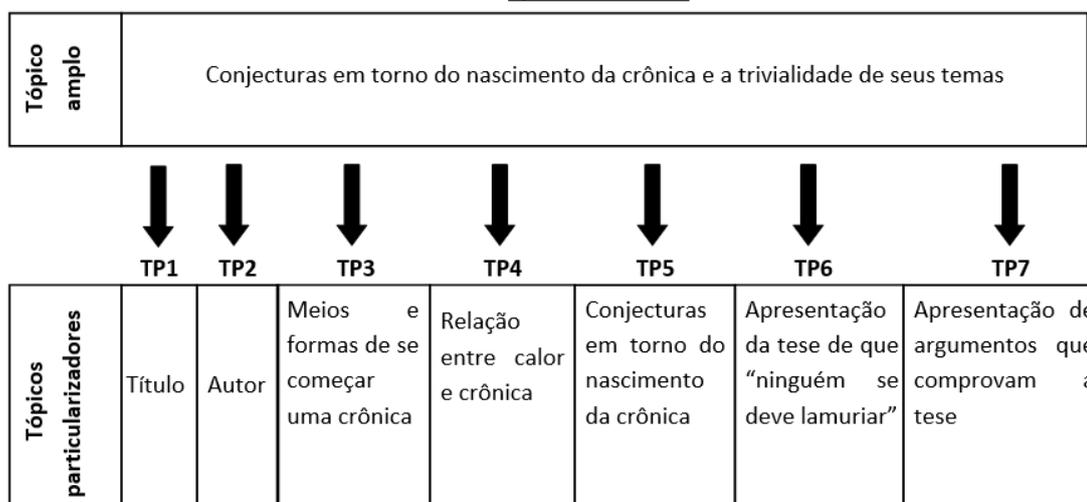
## Crônica 7

A representação do conteúdo discursivo da crônica 7 — **O nascimento da crônica** está expressa no esquema 7 — quadro tópico 7, a seguir.

### Esquema 7 – Quadro tópico 7

#### O nascimento da crônica – Machado de Assis

#### QUADRO TÓPICO



Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 7, segmentamos a crônica 7 em sete unidades de informação, conforme demonstra o quadro 10, no qual se encontram as unidades de informação da crônica 7, a seguir.

### Quadro 10 – Quadro das unidades de informação da crônica 7

(continua)

<b>O nascimento da crônica — Machado de Assis</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — O nascimento da crônica
2	Autor — Machado de Assis
3	<p>Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e <i>La glace est rompue</i>; está começada a crônica.</p> <p>Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras.</p>

Quadro 10 – Quadro das unidades de informação da crônica 7

(conclusão)

O nascimento da crônica — Machado de Assis	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
4	<p>Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.</p> <p>Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.</p>
5	<p>Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.</p> <p>Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete.</p>
6	<p>Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.</p>
7	<p>Não afirmo sem prova.</p> <p>Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!</p> <p>Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, c daí às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?</p>

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título da crônica e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e constitui o TP2

A UI3 corresponde aos segmentos em que o narrador apresenta os meios e formas de se começar uma crônica e constitui o TP3

A UI4 apresenta os segmentos em que o narrador estabelece a relação entre calor e crônica e constitui o TP4

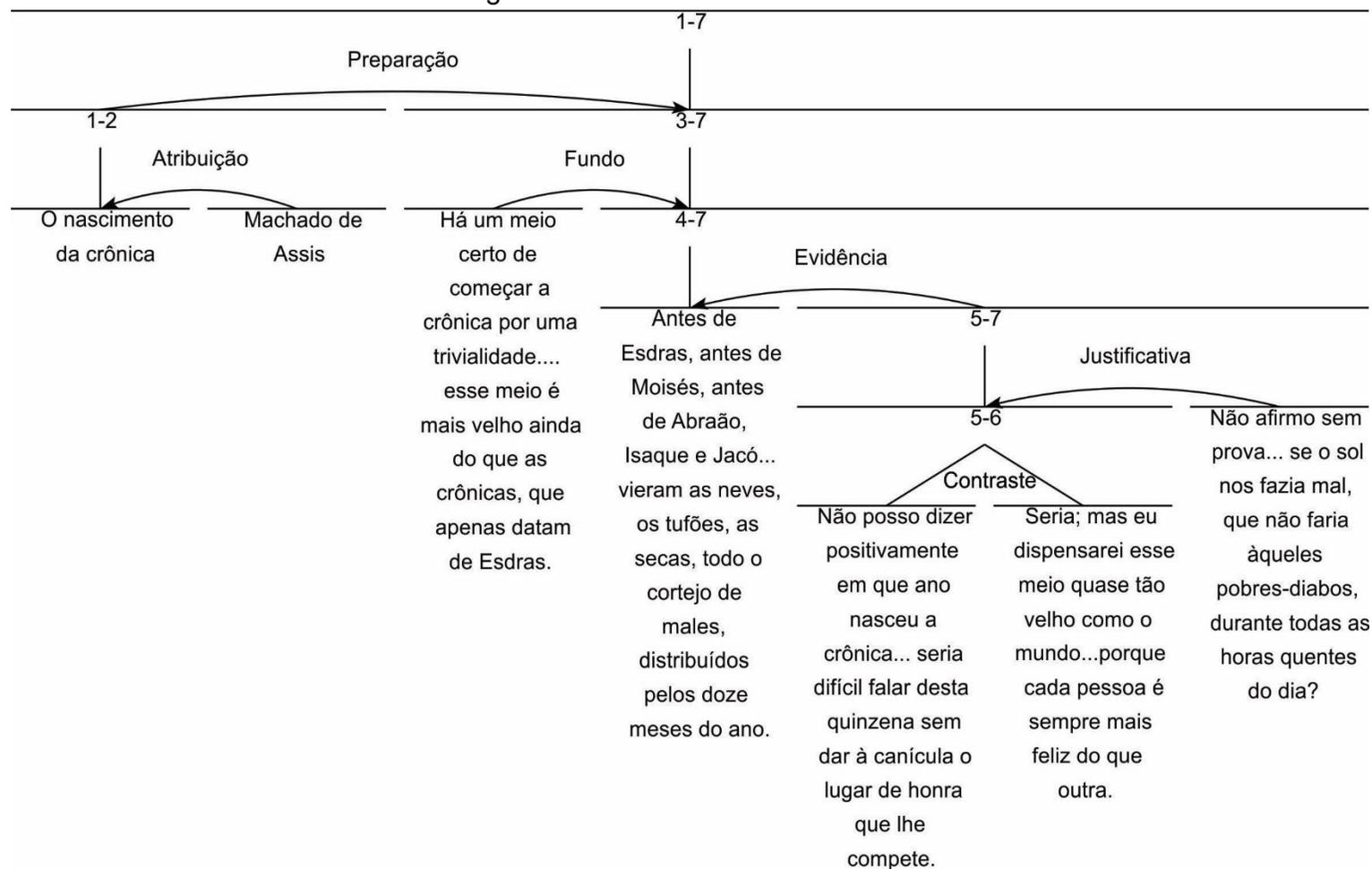
A UI5 apresenta as conjecturas do narrador em torno do nascimento da crônica e constitui o TP5

A UI6 corresponde aos segmentos em que o narrador apresenta a tese de que ninguém se deve lamuriar porque há sempre alguém em piores condições e constitui o TP6

A UI7 apresenta os argumentos que comprovam a tese anteriormente citada e constitui o TP7

Entre essas unidades de informação, emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 7, descritas, a seguir, no diagrama 7 — O nascimento da crônica.

Diagrama 7 – O nascimento da crônica



Fonte: elaborado pelo autor

O diagrama 7 demonstra que a estrutura retórica da crônica 7 é formada pelas relações núcleo-satélite de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Justificativa, além da relação multinuclear de Contraste. Essas relações estão descritas nos quadros 3 e 4.

Em um esquema núcleo-satélite, as porções (1-2) atuam como S das porções (3-7). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

A porção (3) serve como satélite em uma relação de Fundo com o restante do texto, que abrange as porções (4-7). Por outro lado, a porção (4) serve como núcleo das porções (5-7) em uma relação de Evidência. Entre a porção satélite (7) e o núcleo (5-6) emerge uma relação de Justificativa. Por fim, entre os núcleos (5) e (6), emerge uma relação multinuclear de Contraste.

A seguir, apresentamos a descrição da estrutura retórica da crônica 8.

## Crônica 8

A representação do conteúdo discursivo da crônica 8 – **A última crônica** está expressa no esquema 8 — quadro tópico 8, a seguir.

### Esquema 8 – Quadro tópico 8

#### A última crônica – Fernando Sabino

#### QUADRO TÓPICO

<b>Tópico amplo</b>	Narrativa do casal de negros comemorando o aniversário da filha num bar					
	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	<b>TP1</b>	<b>TP2</b>	<b>TP3</b>	<b>TP4</b>	<b>TP5</b>	<b>TP6</b>
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autor	Construção do cenário: botequim na Gávea – Rio de Janeiro	Digressão do narrador: 1 – adiamento do ato de escrever 2 – observação da realidade fora de si, “onde vivem os assuntos que merecem um crônica”	Retorno à narrativa do casal de negros comemorando o aniversário da filha no bar.	Avaliação do narrador acerca da crônica: pura como o sorriso do pai.

Fonte: elaborado pelo autor

Com base no quadro tópico 8, segmentamos a crônica 8 em seis unidades de informação, conforme demonstra o quadro 11, no qual se encontram as unidades de informação da crônica 8, a seguir.

#### Quadro 11 – Quadro das unidades de informação da crônica 8

(continua)

A última crônica — Fernando Sabino	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — A última crônica
2	Autor — Fernando Sabino
3	A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão.

Quadro 11 – Quadro das unidades de informação da crônica 8

(continuação)

<b>A última crônica — Fernando Sabino</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
4	<p>Na realidade estou adiando o momento de escrever.</p> <p>A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.</p>
5	<p>Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.</p> <p>Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.</p> <p>A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.</p> <p>São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbúcio, a que os pais se juntam, discretos: "parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.</p>

Quadro 11 – Quadro das unidades de informação da crônica 8

(conclusão)

<b>A última crônica — Fernando Sabino</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Fragmento da Unidade de Informação — UI</b>
6	Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Fonte: elaborado pelo autor

A UI1 corresponde ao título da crônica e constitui o TP1

A UI2 corresponde ao nome do autor e constitui o TP2

A UI3 corresponde aos segmentos em que o narrador apresenta a construção do cenário: botequim na Gávea – Rio de Janeiro; e constitui o TP3

A UI4 apresenta os segmentos em que ocorre a divagação do narrador sobre o adiamento do ato de escrever e a busca da realidade fora de si, “onde vivem os assuntos que merecem uma crônica”; e constitui o TP4

A UI5 retoma o relato do casal de negros comemorando o aniversário da filha no bar e constitui o TP5

A UI6 apresenta a avaliação do narrador acerca da crônica: pura como o sorriso do pai; e constitui o TP6

Entre essas unidades de informação, emergem as relações que organizam a estrutura retórica da crônica 8, descritas, a seguir, no diagrama 8 — A última crônica.



O diagrama 8 demonstra que a estrutura retórica da crônica 8 é formada pelas relações núcleo-satélite de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Avaliação. Essas relações estão descritas no quadro 3.

Em um esquema núcleo-satélite, as porções (1-2) atuam como S das porções (3-6). Emerge, entre essas duas grandes porções, a relação retórica de Preparação. Estabelece-se entre (1) e (2), em que (2) é S e (1) é N, a relação de Atribuição.

A porção (3) serve como satélite em uma relação de Fundo para a porção (4), que atua também como núcleo em uma relação de Evidência com as porções (5-6). Por fim, entre as porções (5) e (6), emerge uma relação de Avaliação, em que (5) atua como núcleo e (6) como satélite.

Nessa seção, descrevemos e analisamos, considerando a metodologia proposta pela RST, a estrutura retórica das crônicas que compõem o *corpus* representativo. Levamos em consideração a determinação dos tópicos discursivos, no nível da organização dos tópicos particularizadores, como unidades de informação e, tal como propõem Mann e Thompson (1988), os quatro elementos que metodologicamente devem ser considerados na determinação da estrutura retórica de um texto e que foram detalhados na seção 2.1 do capítulo 2, que trata dos pressupostos teóricos que embasam este trabalho. Esses elementos são: as relações retóricas, as aplicações de esquemas, os esquemas e as estruturas (MANN; THOMPSON, 1988). A seguir, ainda como imperativo metodológico da RST, considerando o seu caráter funcionalista, relacionamos as relações retóricas aos papéis que elas desempenham na constituição dos enunciados, aqui assumidos como gêneros discursivos segundo a visão bakhtiniana e a possibilidade de os arranjos que elas esboçam constituírem mais um parâmetro de caracterização para a crônica, especificamente da crônica brasileira.

#### 4.3 A ESTRUTURA RETÓRICA E A DETERMINAÇÃO DE MAIS UM PARÂMETRO DE CARACTERIZAÇÃO PARA O GÊNERO CRÔNICA

Nesta seção, observando a etapa 4 dos procedimentos metodológicos, relacionamos a estrutura retórica que se mostrou prototípica no *corpus* representativo aos aspectos do enunciado segundo a visão Bakhtiniana, além de

propormos, no final, mais um conjunto de indicadores capazes de caracterizar a crônica. Para tanto, partimos da análise de cada relação retórica, buscando justificar sua ocorrência em função dos aspectos temáticos, composicionais e de estilo do gênero. Como mencionado no capítulo de Metodologia, chamamos atenção para o fato de que o estilo, considerando as possibilidades de contribuição da RST, recebeu atenção, somente de forma colateral, apenas na seção 4.1, quando situamos o estilo jornalístico e/ou literário no conjunto das características que dão identidade à crônica brasileira.

#### **4.3.1 Relação retórica de Preparação, Atribuição e Fundo e suas funções nas condições de abertura do gênero e na situabilidade do tema**

Estas relações ocorreram nas oito crônicas que compõem o *corpus* representativo<sup>28</sup>, conforme pode ser visualizado em todos os diagramas. Essa incidência é bastante significativa e está diretamente relacionada às demandas impostas pelas regulações do gênero no tocante à sua estabilidade e identidade.

A relação de Preparação ocorre em um esquema núcleo-satélite em que o S precede o N. Nos casos em análise, o satélite é constituído por dados paratextuais referentes ao título e à autoria. A porção nuclear corresponde a todo o restante do texto. Nas crônicas que constituem o *corpus* desta pesquisa, a porção satélite corresponde às U1 e U2. Conjuntamente, elas apresentam informações que subsidiam a leitura, dessa forma, preparam o leitor, decorrendo dessa função o próprio nome da relação retórica Preparação (MANN; THOMPSON, 1988), para lidar com o restante do texto, na medida em que fornecem dados que permitem ao leitor relacionar as crônicas às condições de produção, de circulação e de autoria. O efeito dessa relação retórica ocasiona um leitor mais preparado, interessado e orientado para compreender a informação exposta no núcleo.

Essa relação retórica atua no plano genérico (COUTINHO, 2007), pois, de um lado, atende a uma exigência composicional, que diz respeito à presença de um título no início do texto e, por outro, responde a uma demanda do componente

---

<sup>28</sup> Na verdade, elas ocorreram nas vinte crônicas que compõem o *corpus* total, como se pode constatar com base nos dados presentes nos anexos III, no entanto, para fins de demonstração dos resultados, consideramos apenas o *corpus* representativo.

temático no que se refere a uma característica própria da crônica, que é o favorecimento do debate por meio do foco em um tema do cotidiano, uma vez que os dados paratextuais atuam como balizadores de possíveis expectativas e posições assumidas. Aliás, em algumas ocorrências, a criação de expectativas é provocada não só pelo título, mas também por enunciados destacados (MAINGUENEAU, 2014) posicionados no início do textos<sup>29</sup>.

Bakhtin (2011) define o componente temático como o conteúdo semântico-objetual que espelha a relação entre o falante e uma dada esfera socioideológica. Assim, o tema não se confunde com o assunto. Esse último se revela em uma aproximação tal com o tópico discursivo que aquilo que um quadro tópico busca é exatamente reproduzir o modo como o assunto de um texto se organiza. Dito de outra maneira, é possível mesmo considerar que cada quadro tópico demonstra o modo como os vários assuntos tratados no texto se articulam em um tema. Desse modo, enquanto o tema liga o sujeito a uma dada esfera ideológica a partir da qual esse sujeito se posiciona acerca de um certo conteúdo semântico-objetual, o assunto é o próprio conteúdo referenciado. Nas crônicas em apreço, um dado observado no tocante à questão refere-se ao fato de que, em certas ocorrências, o título, de forma mais explícita, antecipa a posição ideológica assumida pelas instâncias enunciativas enquanto, em outras, ele antecipa parte do conteúdo do texto. Na crônica 1, o assunto pode ser a relação entre a proliferação das *Blockbusters* e a configuração do Jornal Nacional. No entanto, o tema é o enquadramento desse assunto à perspectiva autoral da cronista enquanto jornalista que expõe a frágil identidade do Jornal Nacional a partir de uma perspectiva própria. O mesmo acontece na crônica 2, em que o assunto pode ser referenciado como a narrativa do episódio da renúncia de Eliot Spitzer e as condições em que essa renúncia se deu, no entanto, o tema é a perspectiva psicanalítica e jornalística de Contardo Calligaris ao analisar, com base numa série de fatos e questões que atravessam essa narrativa, o desalinhamento da conduta moral do homem público que, apesar de desalinhado, deseja impor aos outros indivíduos uma certa conduta moral. Na crônica 4, o título, sem qualquer conexão aparente com o texto, atende claramente à perspectiva temática da cronista no sentido de construir uma fala “nada a ver”, politicamente incorreta e “que joga pra galera”. A irreverência do título contrasta com o conteúdo do texto. É possível que

---

<sup>29</sup>Conforme demonstrado no diagrama 14 – Tropa de Elite nos anexos III.

esse contraste seja uma estratégia discursiva de que a cronista lança mão. Nesses três casos, os títulos das crônicas já acenam para um viés de abordagem temática, indicando ao leitor a esfera ideológica de onde cada instância discursiva fala.

Os títulos podem também antecipar ao leitor o assunto. É o que acontece nas crônicas 3, 5, 6, 7 e 8. Na 3, há mesmo a descoberta da velhice pelo narrador; em 5, a cronista dá, de fato, viva às novelas; em 6, há verdadeiramente, por meio de uma carta póstuma, a queixa de um defunto; em 7, Machado de Assis narra, de fato, a partir de sua própria perspectiva literária, o nascimento da crônica. Semelhante olhar aparece na crônica 8, em que o narrador busca “coroar com êxito mais um ano”, e o faz por meio da sua **A última crônica**. Assim, a porção satélite em que o título se expressa na crônica cumpre com importante função discursiva e metatextual e junto com a referência ao autor preparam o interlocutor para lidar com o texto.

Algumas vezes identificamos porções textuais inteiras que, apresentadas no início do texto, também se comportam como satélite em uma relação de Preparação<sup>30</sup>. Nesses casos, é possível considerar a possibilidade de *overlapping* ou de sobreposição de relações (FORD, 1986; DECAT, 2015) de Preparação e Fundo.

Os dados que informam a autoria do texto, em todas as crônicas, apareceram na porção (2). Ressalte-se que essa posição foi definida operacionalmente por nós, de maneira que a função relativa ao tema não resta afetada, no entanto, sem dúvida, relativiza as contribuições da relação retórica de Atribuição para a descrição da estrutura composicional no que se refere às condições de abertura do enunciado, conforme propõe Oliveira (2017), ao considerar que essa estrutura se expressa por meio das diversas partes que compõem o texto, entre elas, títulos, parágrafos, tópicos, versos, arranjos de sequências, disposição de elementos gráficos, organização de informações, entre outros. No entanto, cabe ressaltar também que não encontramos nenhuma crônica anônima, o que nos leva a considerar que os dados que informam a autoria, assim como título do texto, são recorrentes e desempenham papel na identidade do gênero, embora a posição em que o nome do autor apareça seja muito relativa.

---

<sup>30</sup> Conforme demonstram os diagramas 9 – A aliança, 10 – Isabel e 15 – Genialidade brasileira nos anexos III.

Em termos de estrutura retórica, esses dados se manifestaram no corpus por meio de um esquema núcleo-satélite em que a porção satélite expressa o nome do autor, conforme pode ser atestado em todos os diagramas. A porção N apresenta uma expressão, fala ou pensamento de S que produz N. O efeito produzido pelo núcleo + satélite permite ao leitor o conhecimento da autoria acerca de uma dada informação (PARDO, 2005). Com base nos diagramas, observamos que as unidades (1) e (2) formam um bloco que se relaciona com o restante do texto e fornecem dados que, juntos, permitem projetar expectativas, construir inferências etc. O nome de Machado de Assis pode criar uma expectativa bastante diferente da que gera, por exemplo, a referência à Marilene Felinto, sobretudo, no que diz respeito à expressão literária de cada texto. Assim, o título e o nome dos autores permitem a antecipação e a pressuposição de certos aspectos ligados ao conteúdo, à estrutura composicional e ao estilo do gênero. Por outro lado, esses itens também atuam no nível da genericidade, uma vez que atendem a uma demanda do gênero, que, conforme já se tem demonstrado, é o favorecimento do debate.

Relembrando novamente Bakhtin (2011), uma das peculiaridades do enunciado, além da conclusibilidade e do acabamento, da alternância dos sujeitos e a possibilidade de uma ativa posição responsiva, é a ligação dele com o seu autor e com outros participantes da comunicação discursiva. Desse modo, os dados paratextuais que ligam o texto ao seu autor constroem um quadro de referência para a compreensão do leitor, permitindo, dessa forma, que o debate se possa estabelecer. Assim, as relações retóricas de Preparação e de Atribuição se expressam no *corpus* com importante função na organização da estrutura temática e composicional da crônica brasileira.

Quanto à relação de Fundo<sup>31</sup>, ela ocorre também em todas as crônicas do *corpus*, geralmente, na porção (3), que, nesses casos, é sempre um satélite, conforme demonstram os diagramas. Na maioria das ocorrências, essa porção satélite é constituída por apenas um tópico. No entanto, na crônica 3, ela se conjuga com dois outros, formando uma unidade de informação que vai de 3 a 5 e se relaciona com o núcleo que se refere às unidades (6-7). Assim, temos (3-5) como satélite em uma relação de Fundo com (6-7), conforme demonstra o diagrama 3.

---

<sup>31</sup> Exceto na crônica 15, nos anexos III.

Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005) mostram que a relação retórica Fundo ou *Background* emerge em um esquema núcleo-satélite em que o satélite necessariamente é anterior ao núcleo. Entre duas porções envolvidas, a primeira, que funciona como S, aumenta a habilidade do leitor/ouvinte para compreender algum elemento ou informação presentes em N. Esses elementos e/ou informações não seriam bem compreendidos, se não fossem subsidiados por S.

O *corpus* nos demonstrou que, algumas vezes, a informação subsidiária apresenta-se como: a) a data de publicação e/ou de criação (crônicas 4 e 5); b) uma tese inicial, seguida de um breve comentário acerca dela, com base na qual o texto se desenvolve. Isso é o que acontece na crônica 1: ela se inicia com a tese de que há alguma semelhança entre a nova cara do jornal nacional e a proliferação das *Blockbusters*. Colada à tese, ocorre o comentário de que o surgimento daquelas lojas faz parte das coisas do dia a dia que vão aparecendo e proliferando sem que as pessoas se deem conta; c) como um pano de fundo e/ou um cenário para a narração ou para o relato: a crônica 2 apresenta informações acerca do personagem central do fato narrado, isto é, acerca de Eliot Spitzer e o contexto que o levou a renunciar ao cargo de governador do Estado de Nova York. As crônicas 3, 6 e 8 apresentam informações de tempo, espaço e personagens que constituem o cenário da narrativa ou do relato, conforme o caso. Na crônica 7, o narrador apresenta informações que não se relacionam com os elementos da narrativa, mas com uma questão a partir da qual o texto se desenvolve: os meios certos de se começar uma crônica por trivialidades, tais como a de se reclamar do calor.

Dado que a linguagem se caracteriza como espaço de ações intersubjetivas, é necessário considerar a imprescindibilidade de um contexto que situe as ações dos indivíduos. A linguagem é, assim, sempre situada em uma certa moldura espaço-temporal, que indicará as condições socio-históricas e ideológicas em que se dão as interações. Dessas condições socio-históricas, decorrem as posições e os respectivos posicionamentos assumidos e/ou suscitados pelos sujeitos quando produzem seus discursos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014). A imprescindibilidade dessas molduras apresenta-se evidente nas crônicas. O primeiro aspecto a chamar atenção é a posição de início de texto em que elas ocorrem. Em todas as crônicas em que a relação de Fundo emerge, conforme demonstram os diagramas, as porções satélites, quase sempre, posicionam-se logo após os dados paratextuais.

Estão associadas, desse modo, às condições de abertura do gênero e, assim, operam no plano composicional (BAKHTIN, 2011).

Em alguns casos, a informação subsidiária expressa na porção satélite é tão significativa que ela se estende por vários tópicos. É o caso da crônica 3, em que o TP3 constrói o cenário do relato e o TP4, junto com o TP5, embora fundo, desenvolvem o próprio relato, uma vez que (3-5), formando uma única unidade de informação, estabelecem as condições para que a atividade narrativa chegue ao ápice: o momento em que os olhos do narrador encontram o da personagem e ele descobre que, ao contrário do flerte inicial que ele supunha estar acontecendo, o olhar da moça revelava apenas um modo de abordagem que culminaria com a cessão do assento dela para o narrador, revelando-lhe que, na verdade, tratava-se de um ato de gentileza que denunciava a sua condição de idoso e não de um flerte.

O mesmo acontece nas crônicas 4 e 5, em que a porção satélite da relação de Fundo parece ocorrer em escala, estabelecendo, dessa forma, uma certa gradação entre informações mais gerais e mais específicas. Em ambas, a porção (3) corresponde a uma data que articula todo o texto a um dado temporal, relacionado ou ao seu momento de produção ou ao de publicação.

Na crônica 4, a porção (4) é satélite das porções (5-7), haja vista que a cronista, na referida porção (4), introduz uma informação que orienta o leitor a perceber que o relato que se desenvolve nas porções (5-7) tem por finalidade justificar a sua percepção de que falta à humanidade discernimento. Sendo assim, a data de publicação na porção (3) parece ser um dado mais abrangente, posto que situa todo o texto. Já o dado da porção (4) se relaciona especificamente com as porções (5-7). A porção (5), especificamente, constitui o pano de fundo que introduz o cenário e fornece outros dados que subsidiam o início do relato propriamente dito, ou seja, em que a cronista o fato do cotidiano presente na unidade (6).

Na crônica 5, além da porção (3) que indica a data de produção do texto, a porção (4) também funciona como satélite em uma relação de Fundo, em que a cronista se autoapresenta como noveleira, para que o leitor, considerando esse dado, dê crédito ao que ela passa a enunciar a partir da porção (5). Desse modo, é possível considerar a importância dessa relação também para o componente temático do gênero crônica sob análise.

No que se refere às configurações das porções nucleares, observa-se que elas sempre ocorrem depois do satélite, conforme já mencionado, e que,

geralmente, formam um bloco que: a) envolvem todas as outras porções, exceto a última. É o que se verifica nas crônicas 1 e 3; b) envolvem todas as porções, inclusive a última, como ocorre nas crônicas 6, 7 e 8; c) desenvolvem a porção seguinte, como ocorre na crônica 2, em que (3) é S de (4). Ocorre também na crônica 4, em que (3) é S de (4-8), mas (4) também é (S) de (5-7) e (5) é S de (6). A mesma configuração ocorre na crônica 5, em que (3) é S de (4-7), mas (4) também é (S) apenas de (5-7).

Como se pode atestar com base nos dados acima e nos diagramas das respectivas crônicas, as porções nucleares podem desenvolver e finalizar os textos ou podem desenvolvê-los quase inteiramente. Esse dado reflete a importância tanto da porção satélite, que se firma como elemento de abertura do gênero, quanto da porção nuclear que promove o desenvolvimento e/o acabamento da estrutura composicional.

Relativamente à função da relação retórica Fundo no componente temático do gênero, ressalta-se, ainda, que, no que pese as especificidades das informações apresentadas nas porções satélites, conforme acima se detalhou, no geral, elas abrem espaço, isto é, elas criam as condições necessárias para que a narração, o relato ou a exposição/comentário de um fato cotidiano — característica crucial para a identidade desse gênero discursivo — sejam introduzidos no texto, a depender, em cada caso, do mundo discursivo predominante e dos tipos de discurso principal e secundário que se mostram por meio dos vários segmentos capazes de compor a crônica brasileira.

Assim, em conformidade com os dados acima, consideramos que as relações retóricas de Preparação, Atribuição e Fundo desempenham importante função tanto no que se refere ao componente temático quanto no que diz respeito à estrutura composicional. Em resumo, relativamente ao componente temático, identificamos a sua importância para situar o tema de que trata a crônica e o leitor em relação a uma série de aspectos temporais, espaciais, históricos, ideológicos, autorais, entre outros que permitem ao gênero cumprir sua função de promover o debate por meio do relato de uma experiência do dia a dia. Relativamente à estrutura composicional, identificamos que elas desempenham importantes funções, principalmente, em relação às condições de abertura do gênero, mas também, no caso do núcleo da relação de Fundo, atuar no desenvolvimento e no acabamento da crônica. Pelas

razões ora expostas, consideramos que essas funções devem inscrever-se nos parâmetros de caracterização do gênero que, com base nesta pesquisa, propomos.

#### **4.3.2 Relações retóricas de Evidência, Justificativa, Elaboração, Contraste, Lista e Sequência: contar e provar, provar e contar no desenvolvimento da crônica**

A relação de Evidência ocorreu em todas as crônicas<sup>32</sup>, conforme demonstram os diagramas, em função do desenvolvimento do conteúdo temático. Na crônica 6, a porção satélite, além de desenvolver, finaliza. Para Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005), essa relação retórica emerge quando o leitor poderia não acreditar, de forma satisfatória para o produtor, na informação veiculada por N. Relativamente a S, o leitor acredita em seu conteúdo ou o acha válido. Nas condições N + S espera-se que a compreensão de S pelo leitor aumente a sua convicção em N, que é também o efeito desejado pela relação.

Considerando o modo como essa relação se expressou no *corpus* representativo aqui trazido, podemos afirmar a existência de uma dimensão argumentativa na crônica como um imperativo de uma de suas características, que é a expressão explícita ou não de ponto de vista. Essa dimensão argumentativa dá-se, principalmente, na articulação entre uma porção que apresenta a narração ou o relato de um fato prosaico do dia a dia experienciado pelo próprio cronista/narrador/expositor e uma outra porção que apresenta informações que buscam fortalecer a convicção do leitor, exceção feita nos casos da crônica 1, em que o narrador relata a experiência de um personagem e na 2, em que a narração reporta-se a uma notícia de grande repercussão. Apesar desses dois detalhes que envolvem as crônicas 1 e 2, no geral, identificamos, com base no esquema núcleo-satélite em que a relação de Evidência emerge, dois modos muito peculiares:

- a) o núcleo, sempre antecedendo o satélite, apresenta o relato ou a narração do fato prosaico do dia a dia, que tão bem caracteriza a crônica; e as informações que compõem o satélite surgem no texto para dar credibilidade

---

<sup>32</sup> Exceto nas crônicas, 9 e 10 nos anexos III.

ao fato narrado. Isso ocorre em: na crônica 1, em que a informação do satélite relata o comportamento horrorizado do amigo de Marilene Felinto frente ao que ela denomina invasão das videolocadoras Blockbuster. Esse comportamento poderia parecer meio estranho ou forçado para o leitor. Afinal, por que alguém se horrorizaria com o surgimento de uma nova empresa ocupando grandes espaços em grandes cidades como São Paulo? Os fatos e apreciações que constituem o núcleo da relação de evidência passam a gozar de maior crédito quando são apresentadas as informações em S, porção (5), em que a cronista apresenta uma série de argumentos, possivelmente credíveis pelo leitor, para sustentar a tese que ela defende, construída com base no conteúdo da porção (4). Na crônica 2, o satélite discute os vários dados e ideias que surgem com base na narração da renúncia do ex-governador do Estado de Nova York, que aparece na porção nuclear (5). Na crônica (3), a introdução de um segundo relato na porção satélite (5) tem por objetivo provar a ideia de que os rostos revelam muito. Essa ideia é construída com base na apresentação do relato da experiência do narrador em um metrô e São Paulo na porção núcleo (3-4). Na crônica 4, a porção satélite (7) apresenta as razões do estranhamento do narrador ao ver uma “menina com cara de todo mundo” numa fila de candidatas a modelo. Esse estranhamento surge a partir do episódio relatado na porção nuclear (7). Na crônica (6), na porção satélite, que, inclusive, finaliza o texto, o narrador anuncia a garantia que ele pode dar à veracidade da carta escrita pelo personagem-defunto, carta essa que foi narrada na porção (4). Na crônica (7), nas porções satélites (5-7), o narrador apresenta fatos, embora não tenha certeza deles, que sustentam a sua hipótese de que o surgimento da crônica liga-se à própria origem dos tempos, inclusive, segundo ele, é possível que já no paraíso de Adão e Eva houvesse crônicas;

- b) o núcleo, antecedendo o satélite, apresenta uma informação e o satélite apresenta um relato/narração com finalidade argumentativa. Trata-se, nesses casos, de uma argumentação ilustrativa que caracteriza a presença subsidiária do mundo da narrar na ordem do expor (BRONCKART, 2007), como demonstram as crônicas 5 e 8.

Na crônica 5, o relato do episódio estapafúrdio da novela sustenta a tese de que ver novela é bom para aguçar a capacidade de concentração e de observação do telespectador e, na crônica 8, o relato do casal de negros que comemora o aniversário da filha exemplifica a perspectiva do narrador de que os fatos que merecem uma crônica estão fora de si, isto é, estão no espaço social.

A emergência da relação de evidência, conforme apresentado, materializa, de forma bastante emblemática, o princípio bakhtiniano de que a composição do enunciado responde a demandas da situação de interação. Segundo Bakhtin/Volochínov (2014, p. 118), “a situação dá forma a enunciação”. Uma das características do gênero discursivo crônica, conforme já se assinalou, é a promoção do debate em torno de questões diversas, como diria um cronista: “a gosto do freguês”. Essa característica se soma à outra ligada à expressão de ponto de vista. Na esfera dos debates em que os sujeitos marcam as suas posições argumentativamente, reivindicam-se provas, fundamentações, ilustrações, entre outras estratégias argumentativas. Assim, a relação de evidência, por se estabelecer entre porções em que uma se beneficia do crédito que o leitor pode atribuir à outra, liga-se às exigências temáticas da crônica e às exigências composicionais, confirmando um outro preceito bakhtiniano segundo o qual “o gênero sugere os tipos e os vínculos composicionais” (BAKHTIN, 2011, p. 286). Desse modo, é possível considerar que a relação de evidência caracteriza também o plano genérico da crônica (COUTINHO, 2007), uma vez que demonstra que entre as demandas reguladas por esse gênero está a necessidade de informações que aumentem a crença do leitor em certos aspectos debatidos em um texto que entremeia literatura e jornalismo. É possível ainda que esse jogo que se estabelece entre contar e provar ou provar e contar derive também do trânsito entre essas duas esferas discursivas. O jornalismo, buscando o verossímil, requisita a prova. A literatura, muito pouco ligando para as verdades, permite que o cronista conte suas experiências ou se faça porta-voz da dos outros, propondo, muitas vezes, não o que seria uma análise, mas divagações (COUTINHO, 1971). Talvez, no entrosamento entre essas duas esferas encontre-se a justificativa para a presença, como também se atestou nas crônicas do *corpus*, de um narrador não isento, para cuja fala converge a perspectiva do jornalista (CALHOUB; NEVES; PEREIRA, 2005).

Outras relações, de forma menos característica do que a incidência da relação de Evidência, também se manifestaram entre porções que desenvolvem o

texto. No entanto, cada uma a seu modo contribui para que o texto assuma a dimensão argumentativa reivindicada pelo gênero. São elas: Justificativa, Elaboração, Lista e Contraste e Sequência.

A relação de Justificativa com função de desenvolver o texto ocorreu na crônica 3, entre as porções (6), que corresponde ao núcleo, e o satélite (7). Na função de acabamento, exteriorizou-se na crônica 7, entre o satélite (7), que corresponde à última porção, e o núcleo (5-6). Para essa relação retórica, segundo Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005), não há condições nem em N nem em S. N + S devem considerar que a compreensão de S pelo leitor aumenta sua prontidão para aceitar o direito do escritor de apresentar N. O efeito leva em conta o aumento da prontidão do leitor para aceitar o direito do escritor de apresentar N.

Na crônica 3, a porção satélite (7) apresenta a conclusão do narrador de que ele estava ficando velho. Ele busca autorizar essa conclusão após o relato do episódio, na porção nuclear (6), em que a moça fita-lhe os olhos não como sinal de um flerte, mas como um modo de abordá-lo, para, enfim, ceder-lhe o lugar em virtude de sua idade. Assim, ao analisar a conclusão encerrada pelo satélite, o leitor poderá aumentar a sua prontidão para aceitar o direito do narrador de apresentar o relato bem-humorado do episódio expresso no núcleo, já que o leitor poderá concluir que, de fato, o narrador passou por uma experiência pessoal que o credencia a expor as conclusões a que ele chegou. Assim, podemos apontar, no tocante ao desenvolvimento da crônica por meio da relação retórica de Justificativa, função semelhante ao que identificamos na relação de evidência: em virtude de a crônica ser um gênero discursivo que atua nas esferas dos debates e na construção de pontos de vista aportados no relato/narração de um fato cotidiano, a presença de segmentos que introduzem argumentos de qualquer ordem e que podem atuar na formação de convicções do leitor constituem-se em demanda regular do gênero e apontam, dessa forma, para parâmetros de caracterização.

Na crônica 7, em que a relação de Justificativa encerra o texto, a porção satélite (7) anuncia as provas para o que o narrador apresentou no núcleo (5-6) relativamente às suas conjecturas em torno do nascimento da crônica estar atrelada à conversa entre duas vizinhas. Isso se dá por meio de uma estratégia narrativa em que esse tópico discursivo aparece como um mote, embora um dos assuntos do texto seja, de fato, o nascimento da crônica, para o narrador apresentar a sua tese de que ninguém deve-se lamuriar porque há sempre pessoas menos venturosas.

Assim, é plausível considerar que a porção (7), na medida em que o próprio narrador lá informa que não anuncia sem provas, tem por função aumentar a prontidão do leitor para aceitar o direito do narrador de apresentar suas conjecturas e teses. Assim, em outras palavras a porção (7) afiança o narrador.

Conforme se afirmou anteriormente, a presença de segmentos que introduzem argumentos de qualquer ordem e que podem atuar na formação de convicções do leitor parece-nos constituir uma demanda regular do gênero. Assim, o cumprimento dessa exigência pode-se dar tanto por relações que buscam mais explicitamente operar no conjunto de crenças do leitor, em virtude do caráter pragmático que elas assumem, tais como ocorre nas relações retóricas de Evidência e de Justificativa (MANN; THOMPSON, 1988; DECAT, 2015), as quais claramente desempenham função interpessoal (ANTONIO, 2012), quanto por relações que dão maior foco ao conteúdo semântico que organiza as informações do texto. É o caso das relações de Contraste, Elaboração, Lista e Sequência, apresentadas a seguir.

A relação de Contraste emergiu entre as porções (5) e (6) da crônica 7<sup>33</sup>. Essas porções conjuntamente formam uma unidade nuclear que se liga à porção (7) e entre as quais emerge uma relação de Justificativa. A relação de contraste aparece em Mann e Thompson (1988) e em Pardo (2005). Segundo os autores, nela os núcleos não são mais do que dois. Há, entre as situações expressas em cada um dos núcleos, uma comparabilidade. Essas situações são diferentes em alguns aspectos e semelhantes em outros. Como efeito, o leitor reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas. As informações entre esses dois núcleos (6) e (7) são postas em paralelo e estão ligadas àquilo do qual o narrador não pode dizer positivamente, mas para o qual pode apresentar provas. Embora em paralelo, elas são opostas, ou seja, contrastam porque, por um lado, o narrador afirma não ter certeza e, por outro, afirma que pode provar. Há contraste também entre as informações que fazem referência ao fato de que o narrador não poderia encerrar a quinzena sem falar da canícula, isto é, do calor de cão, mas que o fará porque precisa tratar também de um outro assunto naquela crônica que é a constatação de que ninguém se deve julgar mais desventurado do que outro.

---

<sup>33</sup> Aparecem também nas crônicas 16 e 17 do anexo III

A relação retórica de Elaboração<sup>34</sup> surgiu, nas crônicas que compõem o *corpus* representativo, apenas na crônica 2. Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005) consideram que, nessa relação, não há restrições nem em N nem em S. Em N + S, S apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento em N. Como efeito, o leitor reconhece S como apresentando detalhes adicionais sobre N. No caso em análise, isto é, na crônica 2, as porções (6-9), formando uma única unidade, atuam como satélites da porção nuclear (5). Essa unidade satélite desenvolve, por meio do acréscimo de detalhes e de discussões lá empreendidas, dois pressupostos que o cronista informa serem bem consolidados no âmbito da Psicologia e da Psiquiatria dinâmicas. Esses pressupostos são, inclusive, numerados na porção (5), tendo em vista organizar a exposição deles nos segmentos seguintes que compõem o satélite (6-9). Em seguida, a relação de Elaboração emerge novamente, dessa vez, entre a porção nuclear (7) e o satélite (8-9). O núcleo (7) apresenta a ideia de compensação de comportamentos como recurso que um moralizador utiliza para punir nos outros suas próprias falhas morais e impulsos. As porções seguintes (8-9) elaboram melhor essa ideia, acrescentando-lhe detalhes e exemplificações. Entre (8) e (9), emerge a relação multinuclear de Lista. Segundo Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005), nessa relação retórica, um núcleo é comparável a outro(s). Como efeito, o leitor reconhece a comparabilidade entre eles. Assim, segundo o texto, o comportamento dos caça-marajás, dos homofóbicos, entre outros presentes no núcleo (8), são exemplos desse tipo de projeção. Essas informações são postas em paralelo com as do núcleo (8) que estabelece efetivamente a distinção conceitual entre homem moral e moralizador, ocasionando, em virtude desse paralelo entre os dois núcleos, a relação de Lista<sup>35</sup>, que, no *corpus* representativo, emergiu apenas na crônica 2.

A relação multinuclear de Sequência ocorreu uma única vez entre os tópicos particularizadores. Sua emergência se deu na crônica 3, entre as porções (3) e (4) que, juntas, constituem o núcleo da relação de Evidência com a porção (5). Mann e Thompson (1998) e Pardo (2005) mostram que a relação de Sequência expressa uma sucessão entre as situações núcleos e que, como efeito, o ouvinte/leitor reconhece essa sucessão entre as informações que compõem cada um dos núcleos.

---

<sup>34</sup> Também emergiu nas crônicas 14, 15, 17 e 19 presentes no anexo III

<sup>35</sup> Também surgiu nas crônicas 11 e 20 do anexo III.

É exatamente isso que ocorre entre as referidas porções por meio das quais várias ações são expostas na linha do relato: o núcleo (3) constrói um pano de fundo para o relato e o 4 o materializa. Na articulação entre o pano de fundo e o relato, fatos ocorrem respeitando uma certa ordem cronológica, daí a emergência da relação de Sequência.

Há entre as relações retóricas de Contraste, Elaboração, Lista e Sequência importantes pontos de contato, como, por exemplo, o aspecto informacional (DECAT, 2015) que as caracteriza. Esse aspecto mais informacional acaba por se configurar como um ganho interessante, pois, por meio das porções entre as quais essas relações emergem, o cronista pode desenvolver os argumentos, quer sejam expositivos, narrados ou relatados, expressos nas porções envolvidas na relação de Evidência, contribuindo, desse modo, para a coerência do texto. É o que acontece, por exemplo, na crônica 2, em que a Elaboração, por duas vezes, desenvolve o satélite da relação de Evidência; na crônica 3, em que a Sequência desenvolve o núcleo também de uma relação de Evidência e na crônica 7, em que o contraste desenvolve o núcleo da relação de Justificativa. Considerando que as relações de Evidência e Justificativa claramente operam no plano argumentativo, as relações que permitem o desenvolvimento de suas porções e que contribuem, dessa forma, para a coerência do texto, conforme já assinalamos, desempenham importante papel nessa dimensão argumentativa que temos assumido como própria da crônica brasileira em face de sua estrutura retórica característica.

#### **4.3.3 Avaliação, Resumo, Justificativa e Capacitação nas estratégias de acabamento e de conclusibilidade de gênero**

Nas oito crônicas que compõem o *corpus*, a relação de Avaliação<sup>36</sup> foi a mais incidente no fim do texto. Ela ocorreu nas crônicas 2,3,5 e 8. Segundo Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005), para essa relação retórica, não há condições sobre N ou sobre S. Em N + S, S se relaciona a N pelo grau de avaliação positiva do escritor por N. O efeito desejado relaciona-se com o reconhecimento por parte do leitor de que S avalia N, atribuindo-lhe um valor (positivo).

---

<sup>36</sup> Essa relação ocorreu, ainda, nas crônicas 13 e 15 no anexo III.

Na crônica 2, visualizada no diagrama 2, o satélite (10) avalia o conteúdo das porções nucleares que formam a unidade (3-9), isto é, avalia todo o resto do texto, excetuando-se as porções paratextuais, quando o cronista afirma que a pior barbárie é um mundo em que todos pagam pelos pecados de hipócritas que não se seguram, em que o vocábulo barbárie faz uma retomada não pontual que avalia parte do conteúdo central do texto. Na crônica 3, o satélite (8) avalia a unidade nuclear (3-7), exteriorizando a apreciação do narrador de que a experiência relatada na crônica foi, para ele, um momento de revelação. Na crônica (5), o satélite avalia, por meio de duas perguntas retóricas, o episódio confuso de uma novela, relatado na crônica nas porções nucleares (5-6). Na crônica 8, o narrador, por meio de uma operação de referência metatextual, construída, em parte, com o auxílio do operador *assim* na porção satélite (6) que se relaciona com o núcleo (7), avalia tanto a crônica quanto o sorriso do pai que comemorava o aniversário da filha como puros. Dessa forma, podemos observar que um modo bastante produtivo de dar conclusibilidade ao conteúdo temático de uma crônica é dar-lhe acabamento por meio de uma porção final que ou avalia todo o restante do texto ou, pelo menos, parte de seu conteúdo central, exteriorizando, desse modo, as posições que o falante assume.

Bakhtin (2011) nos diz que o tema pinça um certo aspecto ideológico e o inscreve no texto, decorrendo daí a impossibilidade de um enunciado neutro. A relação retórica de Avaliação deixa isso bastante evidente quando demonstra que uma porção de texto que explicitamente avalia conteúdos se constitui como um traço que aponta para a relativa estabilidade e identidade de um gênero em cujas características está a promoção do debate com base em relatos, narrações e exposições de experiências do dia a dia e a expressão de pontos de vista. Assim, a relação retórica de avaliação desempenha importante papel na organização temática e composicional da crônica, podendo, dessa forma, constituir-se em mais um parâmetro de caracterização desse gênero discursivo. Cabe ressaltar, no entanto, que, conforme nos lembra Oliveira (2017), ao analisar o artigo de opinião, “a organização composicional é um elemento maleável, cuja plasticidade pode ser reconfigurada pelo quadro peculiar de cada situação comunicativa” (OLIVEIRA, 1997, p. 46). Desse modo, a plasticidade composicional é constitutiva do gênero e isso justifica, por exemplo, diferentes modos de um determinado texto adquirir inteireza e, por conseguinte, acabamento. Isso se revelou no *corpus*, que registrou também entre porções finais a emergência das relações retóricas de Resumo,

Capacitação, Justificativa e Evidência. As duas últimas já foram analisadas no item 4.3.2, mas aproveitamos para ressaltar, nesta oportunidade, seu papel também no acabamento do gênero.

A relação de Resumo exteriorizou-se apenas na crônica 1. Pardo (2005), ao definir essa relação retórica, indica que N deve ter mais de uma unidade e S apresentar uma reafirmação mais curta do conteúdo de N. No caso em análise, a porção satélite (6) reapresenta, de forma resumida, todas as teses apresentadas na porção nuclear (3-5). Julgamos que essa relação, sob essa configuração, decorre de uma proposta mais ensaística da crônica 1 (COUTINHO, 1971), conforme se demonstrou na seção 4.1, e em função desse traço o uso de uma estratégia de acabamento muito comum em texto da ordem do expor, que é a recapitulação, na parte final, de teses e de informações detalhadas ao longo do texto. Geralmente, esse resumo final serve para condensar as posições assumidas pelo expositor do texto.

A relação de Capacitação ocorreu unicamente na crônica (4). Segundo Mann e Thompson (1988) e Pardo (2005), deve-se considerar na ocorrência dessa relação que N deve apresentar uma ação não realizada pelo leitor. Não há condições em S. Em N + S, a compreensão de S pelo leitor aumenta sua habilidade para realizar a ação em N. Como efeito, a habilidade do leitor para realizar a ação em N é aumentada. No caso em análise, a porção satélite (8) sugere um conselho baseado em uma ação que não foi realizada no núcleo (4-7). Essa ação não realizada está implícita no que a cronista chama falta de discernimento. Dessa forma, um comportamento que revela a capacidade de autocrítica das pessoas, no caso, das candidatas a modelo, seria então a ação não realizada que a relação exige na configuração da porção nuclear. Assim, a apreensão do caráter injuntivo do “fica a dica”, presente na porção satélite, permite que o leitor retenha um conselho que indica que ele não deve se comportar como a candidata a modelo que a cronista julga ser sem discernimento. Dessa forma, o efeito desejado pela relação, que é levar o leitor a realizar a ação em N, seria alcançado na medida em que, se o leitor seguir a “dica”, ele exercitará mais do que autocrítica. Ele terá, como propõe a cronista, discernimento.

Como se disse no item 4.1, a crônica 4 ambienta-se na esfera dos conselhos dos blogueiros ou nos ainda mais atuais “youtubers” e “digital influencers”. Desse modo, a emergência da relação de Capacitação justifica-se,

conforme preceitua a visão bakhtiniana, pela relação entre o enunciado e as determinações que o contexto socio-histórico e ideológico exerce na organização do conteúdo temático e na estrutura composicional. Assim, o segmento injuntivo que aparece no final do texto resulta do reflexo das esferas em que esse gênero pode circular atualmente. Ressaltamos que, de forma evidente, não encontramos dados significativos que pudessem sustentar uma finalidade didática da crônica, entendida essa finalidade como um caráter injuntivo e de ensinamentos, na esteira de, por exemplo, “como fazer algo”, a que o gênero poderia atender. Tampouco, a literatura em que nos baseamos no capítulo 1 acena para essa possibilidade como uma forma característica, embora as discussões empreendidas no conjunto dos debates das temáticas que acionam o cotidiano como elemento semântico-objetal (BAKHTIN, 2011) muito possam nos ensinar, na perspectiva de que o texto e a vida do leitor dialogam por meio das crônicas. Entendemos que a incidência dessa relação, no caso em apreço, justifica-se em virtude da plasticidade da estrutura composicional, como alerta Oliveira (2017), a despeito das regularidades que incidem sobre essa estrutura e sobre o gênero discursivo como um todo.

Nesse capítulo de análise, apresentamos as oito das crônicas que compõem o *corpus* da presente pesquisa. Na seção 4.1, para cada um dos textos, foram fornecidas informações que o situam em relação ao contexto em que foi publicado e/ou produzido, em relação aos seus autores e em relação aos aspectos que credenciam sua participação no *corpus*. O último aspecto baseia-se nas características eleitas como os critérios que definem a crônica para os fins da pesquisa realizada e que denominamos de parâmetros já existentes para esse gênero discursivo.

Na seção 4.2, foram descritas e analisadas as unidades de informação que, neste trabalho, correspondem aos tópicos discursivos, apreendidos em um nível intermediário de organização, que Jubran (2006) denomina tópicos particularizadores.

Na seção 4.3, apresentamos e analisamos a estrutura retórica que se mostrou prototípica, buscando justificar sua ocorrência em função dos aspectos temáticos, composicionais do gênero.

Os resultados permitem-nos considerar que, conforme preceitua a Teoria da Estrutura Retórica, há uma rede de relações que emerge regularmente entre as porções do texto. Em virtude dessa regularidade, podemos falar em uma estrutura prototípica capaz de constituir-se em mais um parâmetro de caracterização para a crônica estruturado por relações retóricas de Preparação, Atribuição e Fundo, atuando nas condições de abertura; relações de Evidência, Justificativa, Elaboração, Lista, Contraste e Sequência, atuando no desenvolvimento; relações de Avaliação, Resumo e Justificativa, atuando no acabamento do gênero. Essas relações, além de revelarem importantes aspectos do plano composicional, espelham no texto reflexos das implicações das condições socio-históricas e ideológicas na organização do conteúdo temático, conforme se demonstrou.

A relação de capacitação, embora tenha se manifestado de forma muito interessante na crônica 4, não foi considerada um parâmetro, em virtude da impossibilidade de os dados analisados confirmarem a sua prototipicidade, uma vez que o caráter injuntivo que justifica sua presença no texto não é um traço tido como próprio do gênero crônica. Desse modo, a incidência não significativa aliada à sua baixa previsibilidade fez-nos considerá-la não um traço que atua no plano da genericidade, mas, sim, no da singularidade. Segundo Coutinho e Miranda (2009), a análise, descrição e/ou caracterização de um gênero deve observar dois planos: o da genericidade, que garante ao gênero de texto “ares de família”, isto é, garante seu reconhecimento e enquadramento, por parte dos usuários da língua, em uma dada prática social e o plano da singularidade, que assegura a cada texto sua constituição única, isto é, seu caráter de evento singular. Assim, ainda que a organização temática e composicional de um gênero reivindique, no plano da genericidade, a consideração de características previsíveis, a singularidade de cada texto, aliada a uma plasticidade dinâmica da composicionalidade, justifica a ocorrência de traços absolutamente atípicos e únicos, como previsto pelo pressuposto bakhtiniano da irrepetibilidade do enunciado (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014).

Destacamos, ainda, que as relações retóricas de Elaboração, Contraste, Lista, Sequência e Resumo, embora tenham tido pouca incidência, foram consideradas como parâmetro de caracterização em virtude de termos identificado que a presença delas se justifica por traços previsíveis, uma vez que entre as suas funções, exceto na da relação de Resumo, está a de desenvolver e detalhar

argumentos e informações mobilizadas em forma de exposição, narração ou relato. Considerando que identificamos uma dimensão argumentativa da crônica, as relações retóricas que atuam no desenvolvimento dos argumentos satisfazem, assim, uma demanda do gênero no que diz respeito à organização da coerência dos textos em que ele se materializa.

Relativamente à presença específica da relação de Resumo, observamos que ela é também uma previsibilidade das crônicas de caráter ensaístico em que há a predominância do mundo do expor, uma vez que, nesse tipo de crônica, é possível que o acabamento possa ser sinalizado por porções que recapitem os argumentos e teses expostas ao longo do texto. Assim, a despeito da ocorrência não significativa, o referencial teórico em que nos baseamos, e que prevê a existência de crônicas com composição ensaística, permitiu-nos considerar essas relações como atuantes no plano genérico. Nos anexos desta tese, outras análises, que não foram utilizadas para ilustrar o presente trabalho demonstram a incidência, ainda que baixa, dessas relações em outros níveis tópicos, nesta oportunidade não considerados. No entanto, em nenhuma outra crônica, a não ser na própria 4, identificamos a emergência da relação de Capacitação. Julgamos que esses dados colaterais possam justificar nossa decisão de deixarmos de fora dos parâmetros de caracterização delineados por nós essa relação retórica, mas termos acolhido, no conjunto desses referidos parâmetros, outras de incidência semelhante em termos quantitativos. Levamos em conta, ainda, que a prototipicidade da estrutura retórica não se verifica só em razão de aspectos quantitativos das relações mas também devido à prototipicidade das funções que elas desempenham.

No entanto, pensando na possibilidade de certos dados quantitativos poderem sinalizar para outras conclusões, submetemos nosso material de pesquisa a um profissional da área da Matemática e Estatística, no intuito de que um olhar externo criasse angulações que permitissem um cotejo com a nossa própria perspectiva e a partir desse confronto surgisse a possibilidade de novas respostas, e talvez de novas perguntas também. As novas perguntas serão apresentadas adiante, nas Considerações finais.

Quanto às possíveis repostas, registramos, com base no quadro 12, a seguir, principalmente a confirmação de uma regularidade em termos de incidência de relações prototípicas, o que nos levou a confirmar a existência de uma configuração padrão para a crônica, admitindo amplamente, no entanto, que a maleabilidade do

gênero e a plasticidade do estrutura composicional podem frustrar ou, pelo menos, mitigar bastante essa padronização.

Quadro 12 – Categorização das crônicas a partir da igualdade ou aproximação da estrutura prototípica

<b>Crônicas</b>	<b>Preparação + Atribuição + Fundo + Evidência (Estrutura prototípica)</b>	<b>Relação/ões Variante/s</b>	<b>Classificação</b>
Crônica 1	Estrutura prototípica	+ Resumo	Padrão
Crônica 2	Estrutura prototípica	+Elaboração + Lista + Avaliação	Variável
Crônica 3	Estrutura prototípica	+Sequência + Justificativa + Avaliação	Variável
Crônica 4	Estrutura prototípica	+ Capacitação	Padrão
Crônica 5	Estrutura prototípica	+ Avaliação	Padrão
Crônica 6	Estrutura prototípica	Sem variante	Padrão
Crônica 7	Estrutura prototípica	+Justificativa + Contraste	Padrão
Crônica 8	Estrutura prototípica	+ Avaliação	Padrão

Fonte: Elaborado pelo autor

Ao observarmos, matematicamente, os comportamentos das relações retóricas, percebemos, por meio de estatística descritiva, que as relações de Preparação, Atribuição, Fundo e Evidência ocorreram em todas as crônicas analisadas, tornando-se, dessa forma, as modas<sup>37</sup>, que tomaremos por **estrutura retórica prototípica** resultante das análises.

Essa estrutura retórica prototípica foi definida com base no total de doze relações colhidas do *corpus* representativo constituído pelas oito crônicas já informadas. Tomamos por classificação de cada crônica as seguintes categorias, considerando sua proximidade quantitativa com o total de modas encontradas neste estudo:

- **Crônica com Estrutura Prototípica (Padrão):** apresenta apenas as quatro relações que compõem a estrutura, ou possuem essa estrutura acrescida de até duas outras relações, abarcado assim até seis relações retóricas (Quantidade de

<sup>37</sup> “A moda de um conjunto de dados é a resposta (ou as respostas) que aparece(m) com maior frequência” (FERREIRA, 2015, p. 54).

Relações  $\leq 6$  – estrutura prototípica (4) ou, estrutura prototípica (4) +1 ou 2 variantes);

- **Crônica com Estrutura NÃO Prototípica (Variável):** corresponde as crônicas que apresentam a estrutura prototípica acrescida de três ou mais relações, distanciando acima de duas relações da moda encontrada (Quantidade de Relações  $> 6$  – estrutura prototípica (4) + 3 ou mais variantes).

Esses dados quantitativos, acionados muito mais pela sua capacidade de ilustrar do que de revelar evidências, demonstram que a maior ocorrência registrada foi de uma configuração padrão, conforme preceitua a Teoria da Estrutura Retórica, embora se possa questionar, em pesquisas futuras, se esse padrão é exclusivo ou não do gênero crônica brasileira.

Retomando outros aspectos que envolvem a questão, conforme afirmamos no início deste capítulo de análise, o estilo como um componente do gênero discursivo segundo a visão bakhtiniana não pode ser plenamente analisado, em virtude de a Teoria da Estrutura Retórica não propor elementos ou categorias de análise adequados para esse fim. Todavia, relembramos que ele está parcialmente atendido quando, na seção 4.1, analisamos as características do gênero e ressaltamos em todas o modo como o estilo jornalístico e/ou literário se inscreve em cada um dos textos que compõem o *corpus*.

Nessa mesma direção, reconhecemos a impossibilidade de termos tratado da simplicidade da linguagem e da busca de interlocução direta com o leitor. Desse modo, considerando os aspectos teórico-metodológicos pelos quais optamos, concluímos que a crônica pode ser definida como um gênero discursivo em prosa; que atua na esfera das práticas sociais dos debates, da crítica e da reflexão em torno de questões suscitadas pela exposição, narração ou relato de acontecimentos triviais do dia a dia; que visa à construção explícita ou não de ponto de vista; que pode exteriorizar tanto o mundo do narrar quanto o do expor; que cultiva estilo jornalístico e/ou literário em linguagem simples, muitas vezes, com interlocução direta entre autor e leitor e cuja estrutura composicional expressa uma rede de relações retóricas prototípicas caracterizada pela emergência das relações de Preparação, Atribuição e Fundo, atuando nas condições de abertura; relações de Evidência, Justificativa, Elaboração, Lista, Contraste e Sequência, atuando no desenvolvimento e de relações de Avaliação, Resumo e Justificativa, atuando no

acabamento do gênero. Além dessa configuração composicional, identificamos que essa rede de relações é motivada pelas peculiaridades do conteúdo temático e pelos diferentes objetivos que as crônicas brasileiras permitem que os usuários da língua concretizem nas diferentes esferas socioideológicas em que esse gênero circula e nas diferentes condições históricas em que se dá o debate da vida cotidiana que nele se engendra, comprovando, portanto, a hipótese levantada no início deste trabalho.

Finalmente, propomos que esses aspectos composicionais e temáticos resultantes especificamente da nossa pesquisa sejam vistos como mais um parâmetro de caracterização para a crônica brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perguntando-nos acerca do que, independentemente da variedade de assunto que enseja tanta classificação, poderia caracterizar a crônica, iniciamos nossa pesquisa de doutorado e elegemos a Teoria da Estrutura Retórica, considerando um de seus pressupostos centrais, que é a emergência nos textos de redes prototípicas de relações retóricas, como recurso capaz de atender a essa finalidade. Em complemento à RST, articulamos uma interface com setores da Linguística Textual que pudessem dialogar com os propósitos da pesquisa. Nesse contexto, mobilizamos a visão bakhtiniana de gênero discursivo, a noção de parâmetros de gênero e os dispositivos do ISD que permitem analisar os mundos discursivos, os tipos de discurso e os mecanismos enunciativos que os mundos e tipos demandam.

Considerando um *corpus* de vinte crônicas, selecionadas com base em critérios estabelecidos a partir das opções teóricas que definimos e discutimos no capítulo I, confirmamos a hipótese de que no nível tópico II, no qual se situam os tópicos particularizadores, ocorreriam arranjos prototípicos de relações retóricas. Ainda em conformidade com a nossa hipótese, esses arranjos seriam capazes de caracterizar a crônica brasileira e se expressariam, principalmente, por meio das relações de Preparação, Atribuição, Fundo, Evidência e Justificativa. Os resultados, descritos de forma resumida, a seguir, demonstram que o objetivo geral de analisar crônicas brasileiras tendo em vista propor mais um parâmetro de caracterização para a crônica foi alcançado, haja vista que:

- ✓ houve a incidência de um padrão regular das relações retóricas que emergiram entre os tópicos particularizadores, embora novas pesquisas sejam necessárias para esclarecer se esse padrão é exclusivo do gênero crônica brasileira. Desse modo, um dos objetivos específicos, que era o de descrever e analisar crônicas brasileiras, a fim de identificarmos um padrão prototípico de relações retóricas, foi alcançado.

- ✓ esse padrão se expressa em uma estrutura composicional que mobiliza relações de Preparação, Atribuição e Fundo, atuando nas condições de abertura; relações de Evidência, Justificativa, Elaboração, Lista, Contraste e Sequência, atuando no desenvolvimento; relações de Avaliação, Resumo e Justificativa, atuando no acabamento do gênero;
- ✓ identificamos que essa estrutura composicional é reflexo das conformações operadas no texto em virtude de certas regulações do gênero, tais como: i) a promoção do debate motivado pela exposição, narração ou relato de fatos do cotidiano, quer esses fatos sejam acionados como memória da vida do próprio cronista, quer sejam acionados como experiência do “outro”, num claro arranjo de vozes que dialogam, quer sejam resultado da possibilidade de o cronista se pôr no mundo e se posicionar diante de fatos, notícia e, enfim, diante da vida de um modo geral; ii) a construção explícita ou não de ponto de vista, configurando, muitas vezes, um texto opinativo que acolhe em suas possibilidades temáticas assuntos diversos, porém contingenciados, necessariamente, por questões do cotidiano. Desse modo, um segundo objetivo específico, o de identificar e analisar características recorrentes na crônica brasileira de diferentes temáticas e autores, também foi alcançado na medida em que esses resultados expõem traços que atravessam todos os textos que compuseram o *corpus* da pesquisa.
- ✓ esse caráter opinativo ao qual nos referimos acima nos parece ter um requinte muito peculiar e, nessa direção, pode residir a diferença entre a crônica e outros textos em que se inserem opiniões e debates: a emergência de duas porções de texto, sobrevivendo nelas as relações retóricas de Fundo e de Evidência, o que revela uma dinâmica argumentativa do tipo **contar e provar ou provar e contar**, parece-nos ser uma exigência da crônica brasileira enquanto em outros gêneros nos parece ser apenas mais uma opção ou possibilidade;
- ✓ os arranjos de relações respondem não só por demandas composicionais mas também temáticas: a presença significativa da relação retórica de Preparação e de Fundo ambienta o texto em uma certa época e em um

determinado espaço. Assim, garante o aporte do enunciado às condições socio-históricas no seio das quais surgiram. A de Atribuição cumpre com o requisito de que o enunciado irremediavelmente reflete as posições do sujeito que o produziu, sendo então as conjecturas que o leitor faz em torno desse sujeito um ponto de ancoragem para uma análise plausível do texto. As relações de Evidência, Justificativa e Avaliação respondem pela dinâmica de funcionamento da argumentação. O alinhamento de relações como Elaboração, Lista, Contraste e Sequência cumprindo com propósitos ideacionais ou informacionais permite o desenvolvimento coerente dos argumentos, tanto em forma de exposição quanto em forma de narração ou de relato, que o cronista apresenta. Assim, podemos considerar que o terceiro e último objetivo específico da pesquisa, que era o de identificar e analisar como as relações retóricas e seus arranjos prototípicos ligam-se aos aspectos enunciativos, foi também alcançado.

Como contribuições que esperamos advir da nossa pesquisa, podemos assinalar, para a grande área da Linguística, a entrega de mais um estudo envolvendo a crônica, em seu viés específico denominado por nós crônica brasileira. Além disso, o conjunto de textos no qual diferentes épocas, autores e temáticas se encontram propicia um recorte interessante da língua portuguesa, revelando-nos traços de sua estabilidade e também de suas singularidades, o que evidencia, por exemplo, o fato de que nem a língua nem os gêneros são fascistas, como afirmam ou “brincam” alguns linguistas ao jogarem com a ideia de que o falante não tem outra saída, senão, falar. Contudo, nas regulações que tanto os gêneros quanto a própria língua impõem, disponibilizam-se incontáveis possibilidades e recurso de expressão para esse falante. Convidando-nos a entender mais de perto o equilíbrio entre o dado estável e o instável, a língua nos convida, por extensão, a entender a própria dinâmica social que justifica a sua ocorrência. Provam-nos isso as grandes lições de língua e de registro da mentalidade social que as crônicas que compuseram o *corpus* nos trouxeram.

Nessa mesma direção, também desejamos que a nossa pesquisa possa contribuir para a área específica da Linguística do Texto e do Discurso e para a consolidação da interface entre essa área e a Teoria da Estrutura Retórica. Esperamos que nossos resultados possam ser potenciais para a abertura de novas

agendas de investigação em face das conclusões e das considerações que apontamos e que ensejam novas perguntas de pesquisa reclamando possíveis respostas. Como contribuição, sinalizamos algumas possibilidades nesse sentido:

- um dado interessante que não pôde ser explorado foi a relação entre os tipos de discurso que intervêm na crônica e a preferência por uma organização que viabiliza mais um certo conjunto de relações retóricas;
- não deixa de ser interessante também o fato de que, no senso comum, a crônica é geralmente definida como a narrativa do cotidiano, mas nosso *corpus* demonstrou uma incidência muito maior do mundo do expor do que do narrar. Isso significa que o alinhamento entre o funcionamento interno e externo da dinâmica do gênero crônica ainda não foi bem descrito e compreendido. As relações retóricas podem contribuir nessa direção, uma vez que elas refletem bem a complexidade dessas dinâmicas de funcionamento;
- o estudo do modo como efetivamente relações retóricas de conteúdo e de apresentação se permutam em certas posições da estrutura composicional também pode ser algo bastante promissor.

Como contribuição social mais direta, esperamos que o contexto de sala de aula possa beneficiar-se da nossa pesquisa sobre o gênero crônica. A despeito de nosso trabalho não ter dado enfoque a esse setor, mas, considerando que a compreensão dos objetos teóricos é de grande utilidade no contexto das práticas, e vice-versa, os resultados que expusemos podem estimular professores a assumir a crônica como objeto de ensino, que revela aos alunos mais um instrumento de interação social de que esses podem dispor. E dizemos isso com uma relativa certeza. A convivência com as crônicas são capazes de desenvolver em nós duas habilidades, por assim dizer. A primeira é a capacidade de analisar criticamente e a segunda é a de não confundir o ponto de vista crítico com azedume diante da vida. Nesse gênero discursivo, mau humor e senso crítico não se confundem. As crônicas estão cheias de crítica, é verdade. Mas também estão repletas de alegria e até de poesia. Por essa razão, podem ser um grande instrumento de atuação e de

compreensão da sociedade. Esperamos que a nossa tese contribua para essa compreensão.

Não ignorando que as posições políticas e ideológicas do pesquisador não podem suplantar a objetividade e o rigor da pesquisa, mas também assumindo que a política e a ideologia naturalmente atravessam todas as compreensões, chamo atenção para o conteúdo das crônicas e para o quadro social que as suas (H)istórias contam e denunciam. Infelizmente, histórias e denúncias de mazelas que se estendem, pelo menos, desde **O nascimento da crônica** e da conversa entre as duas vizinhas que Machado de Assis nos contou; e também desde quando aquele casal de negros comemorou, no fundo de um bar na Gávea, o aniversário de sua filha. Se Fernando Sabino estivesse por aqui hoje, talvez rescrevesse sua **Última crônica** denunciando as situações que fazem com que os negros ainda continuem acanhados nos fundos dos bares, das cozinhas etc. **Cada governo continua merecendo seu JN**, como tão bem Marilene Felinto analisou. **O moralizador** raivoso retratado por Contardo Calligaris multiplica-se mais do que nunca. As ruas das cidades nos rincões deste Brasil continuam nas mesmas condições em que estavam quando levaram Antônio da Conceição para o inferno e a escrever sua **Queixa de defunto** pelas mãos de Lima Barreto. O esculacho proferido por Juliana Cunha é a grande dica do momento nas redes sociais, afinal, **Taxonomia ligou etc. etc.** E as novelas? Ah, **Viva as novelas!** Quem sabe elas mudem antes que ocorra a nossa **Descoberta da velhice**.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, J. D. Estrutura Retórica do Texto: uma proposta para a análise da coerência. **Signótica**, vol 15, jul./dez., 2003, p. 223-236. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/viewFile/3759/3526>. Acesso em: 06/01/2018.

\_\_\_\_\_. **Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do Português**. 2004. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista/UNESP, Araraquara — SP, 2004.

\_\_\_\_\_. O texto como objeto de estudo na Linguística funcional. In: ANTONIO, J. D; NAVARRO, P. (Orgs.). **O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise discursiva**. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.

\_\_\_\_\_. **Funções das relações retóricas no estabelecimento da coerência e na interação**: um exercício de análise em textos orais. In SELLA, A.; BUSSE, S.; CORBARI, A. T. (orgs.). **Argumentação e Texto**: revisitando conceitos, propondo análises. Campinas: Pontes, 2012, p. 93-118.

\_\_\_\_\_. A sinalização das relações de coerência por conectores torna a identificação da relação mais fácil? Uma investigação do reconhecimento das relações pelos destinatários do discurso. **Relin**, v. 24, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/6493/8854>. Acesso em: 22/01/2019.

ARRIGUCCI JR. , D. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011/1979.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 16 ed. São Paulo: Hucitec, 2014/1929.

BEAUGRANDE, R. de; DRESSLER, W.U. **Introduction to Text Linguistics**. London: Longman, 1981.

BERNÁRDEZ, E. **Teoría e epistemología del texto**. Madrid: Cátedra, 1995.

BORBA, F. S (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRAIT, B. **Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem** (org.). In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 87-98.

\_\_\_\_\_; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 01/11/2017.

BRONCKART, J-P. **Activité langagière, textes et discours**: pour un interactionisme socio-discursif. Lausanne/Paris: Switzerland/ Delachaux et Niesté S. A, 1996.

\_\_\_\_\_. **Atividades de Linguagem, textos e discursos**: por um sociointeracionismo discursivo. 2 ed. São Paulo: Educ, 2007.

\_\_\_\_\_. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino da produção escrita. **Letras**, vol 15, jan./jun. 2010, p. 163-176. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12150/0>. Acesso em: 08/08/2017.

BROWN, G.; YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CALHOUB, S.; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. (orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: editora da UNICAMP, 2005.

CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In CANDIDO, A. **A crônica**: sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP/ Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CARLSON, L; MARCU, D. **Discourse tagging reference manual**. Technical Report. ISI-TR-545, 2001. Disponível em: <https://www.isi.edu/~marcu/discourse/tagging-ref-manual.pdf>. Acesso em: 20/06/2016.

CHAFE, W. L. The Deployment of consciousness in the production of a narrative. In CHAFE, W. L. **The pear stories**: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production. Califórnia: University of California, 1980.

CORREIA, M. R. F. R. **A organização textual do gênero artigo de opinião**: uma abordagem à luz dos estudos da Teoria da Estrutura Retórica e das sequências textuais. 2018. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://poslin.letas.ufmg.br/defesas/1483D.pdf>. Acesso em: 12/12/2018.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**: teatro, conto, crônica, a nova literatura. Rio de Janeiro: Sul Americana S/A, 1971.

COUTINHO, M. A. Descrever gêneros de texto: resistências e estratégias. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS (SIGET),4. 2007, Tubarão, Santa Catarina. **Anais** (Publicação em CD-Rom). Santa Catarina, 15-18 ago. 2007, p. 639- 647.

\_\_\_\_\_. O texto como objeto empírico: consequências e desafios. **Revista Veredas**, v. 12, n. 1-2, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>. Acesso em: 11/12/2017.

\_\_\_\_\_; MIRANDA, F. To describe genres: problems and strategies. In BAZERAMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. (eds). **Genre in a changing world**. Colorado: Fort Collins, 2009, p. 35-55. Disponível em: <https://wac.colostate.edu/books/genre/genre.pdf>. Acesso em: 01/10/2017.

DALEH, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2011, p. 55-84.

DECAT, M. B. N. **Leite com manga** morre: da hipotaxe adverbial no português em uso. 1993. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. **Revista Calidoscópico**, v 8, n 3, 2010a, p. 167-3. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/412>. Acesso em: 10/07/2016.

\_\_\_\_\_. Estrutura retórica e articulação de orações em gêneros textuais diversos: uma abordagem funcionalista. In MARINHO, J. H. C.; SARAIVA, M. E. F. (orgs). **Estudos da língua em uso: da gramática ao texto**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010b.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem funcionalista para o estudo de processos linguísticos em gêneros textuais do português em uso. **Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFRJ**, vol 8, jun. 2012, p. 150-162. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/viewFile/4480/3251>. Acesso em: 01/10/2017.

\_\_\_\_\_. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Revista Veredas atemática**, vol 18, fev. 2014, p. 123-135.

\_\_\_\_\_. A plausibilidade interpretativa de relações retóricas sobrepostas na articulação de orações no português brasileiro. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA (SIMELP), 5. 2015, Lecce, Itália. **Atas**. Lecce, 8-11 out. 2015, p. 2585-2604. Disponível em: <http://siba-se.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17996/15342>. Acesso em: 01/12/2018.  
FERREIRA, Valéria. **Estatística básica**. Rio de Janeiro: SESES, 2015.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FORD, C. Overlapping relations in text structure. In: De LANCEY, S; TOMLIN, R. (Eds.). **Proceedings of the Second Annual Meeting of the Pacific Linguistics Conference**. Eugene, OR: University of Oregon, 1986. p. 107-123.

GARCIA, D. C. F; FERREIRA, L. C. Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do correio paulistano. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n 36, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n2/02.pdf>. Acesso em: 04/12/ 2017.

GABRIEL JR., M. **A caracterização da crônica publicada em jornal**. 2015. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14339/1/Milton%20Gabriel%20Junior.pdf>. Acesso em: 01/06/2018.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. São Paulo: Cortez, Natal: EDUFRN, 2012.

JUBRAN, C. C. A. S. et al. **Organização tópica da conversação**. IN ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado: níveis de análise linguística**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p357-398.

\_\_\_\_\_. **O tópico discursivo**. In KOCH, I.; JUBRAN, C. C. S. A. **Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado**. Campinas: editora da UNICAMP, 2006, p. 89-132.

KOCH, I G V. A Linguística Textual: retrospecto e perspectivas. **Alfa**. São Paulo, v. 41, p. 67-78, 1997. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4012/3682>. Acesso em: 10/04/2016.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A Perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. IN MOTTA-ROTH, D; BONINI, A; MEURER, A. B. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2014. Tradução de Sírio Possenti.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. **Relational proposition in discourse**. California: University of southern California, 1983 (ISI/RS-59-9). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/242350766>. Acesso em: 20/06/2016.

\_\_\_\_\_. **Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization**. ISI/RS-87-190, 1987. Disponível em: [www.researchgate.net/publication/319394264\\_Rhetorical\\_Structure\\_Theory\\_A\\_Theory\\_of\\_Text\\_Organization](http://www.researchgate.net/publication/319394264_Rhetorical_Structure_Theory_A_Theory_of_Text_Organization). Acesso em: 20/06/2016.

\_\_\_\_\_. **Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of the text organization**. *Text*, 8, n. 3, 1988, p. 243-281. Disponível em: <https://www.sfu.ca/rst/05bibliographies/reports.html>. Acesso em: 20/06/2016.

\_\_\_\_\_. **Toward a theory of reading between the lines: an exploration in discourse structure and implicit communication.** IN IPRA – International Pragmatics Conference, 7 th. University of California, Santa Barbara, 2000, p. 1-13. Disponível em: [www-bcf.usc.edu/~billmann/WMLinguistic/betw97li.do](http://www-bcf.usc.edu/~billmann/WMLinguistic/betw97li.do). Acesso em: 01/10/2017.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

MATTHIESSEN, C; THOMPSON, S. A. **The structure of discourse and ‘subordination’.** In HAIMMAN, J; THOMPSON, S. (orgs). **Clause Combining in grammar and discourse.** Amsterdã/Philadelphia: John Benjamin Publish Company, 1988.

MIRANDA, F. **Os tipos de discurso em debate.** In COUTINHO, A; MACHADO, A. R.; GUIMARÃES, A. M. de M. **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** Campinas: Mercado de Letras, 2007.

MOURA, E. S. **Novos olhares e novas leituras das crônicas de Machado de Assis e de Carlos Drummond de Andrade.** 2007. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2072/1/387988.pdf>. Acesso em 24/06/2018.

NEVES, M. H de M. **Texto e gramática.** São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

OLIVEIRA, J. V. C. **A perspectiva textual-discursiva da linguagem no estudo de artigos de opinião: abordagens na mídia e no ensino.** 2017 Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://poslin.letras.ufmg.br/defesas/1483D.pdf>. Acesso em: 12/12/2017.

PARDO, T. A. S. **Métodos para a análise discursiva automática.** São Carlos, SP: USP, Tese de doutorado, 2005. Disponível em <http://www.icmc.usp.br/~tasparado/thesis-pardo.pdf>. Acesso em 20/06/2016.

PEZATTI, E. G. **O Funcionalismo em Linguística.** In BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. **Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos.** 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 165-218.

REDEKER, G.; GRUBER, H. **The Pragmatics of discourse coherence.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2014.

RENKEMA, J. **Introduction to discourse studies.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004.

REIS, M. A. **O subúrbio feito letra**: o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas. 2015. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2015/6-TESE%20MARCO%20AURELIO%20REIS.pdf>. Acesso em: 24/05/2018.

SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras** (org). Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SÉRIOT, P. **Volosinov e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2015.

TABOADA, M. Discourse makers as signals (or not) of rhetorical relations. **Journal of Pragmatics**, 38, 2006, p. 657-592. Disponível em: [http://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada\\_J\\_of\\_Pragmatics.pdf](http://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada_J_of_Pragmatics.pdf). Acesso em: 01/09/2017.

\_\_\_\_\_. Implicit and explicit coherence relations. In RENKEMA, J. **Discourse, of course**. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 127-140. Disponível em: [http://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada\\_Implicit\\_Explicit.pdf](http://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada_Implicit_Explicit.pdf). Acesso em: 10/06/2017.

\_\_\_\_\_; GOMEZ-GONZALES. **Discourse markers and coherence relations: Comparison across markers, languages and modalities**. 2012. issn 1742–2906. Disponível em: [www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada\\_Gomez-Gonzalez\\_LHS\\_2012.pdf](http://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/publications/Taboada_Gomez-Gonzalez_LHS_2012.pdf). Acesso em: 20/01/2018.

VAL, M. G. C. Texto, textualidade e textualização. IN: CECCANTINI, J.L. Tápias; PEREIRA, Rony F.; ZANCHETTA JR., Juvenal. **Pedagogia Cidadã**: cadernos de formação - Língua Portuguesa. v. 1. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004. p. 113-128.

# ANEXOS

## ANEXO I – Lista das relações retóricas segundo Mann e Thompson (1988)

(Disponível no site: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso: em 29/01/2019.)

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Capacitação	em N: apresenta uma ação de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a ação em N	A potencial capacidade de L para executar a ação em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	Nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma ação em que L é o ator (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a ação em N	A vontade de L para executar a ação em N aumenta
Preparação	Nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	Nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objetivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa	em N: N representa uma	realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de

(anti-condicional)	situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada		dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	Nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma ação voluntária	S, por outras razões que não uma ação voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma ação voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma ação voluntária	S poderia ter levado o agente da ação voluntária em N a realizar essa ação; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a ação foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objetivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da ação voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	Nenhuma	S afeta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	Nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstração :: exemplo todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização :: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afetar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	Nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram diretamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma atividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N

Propósito	em N: N é uma atividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da atividade de N	L reconhece que a atividade em N se inicia para realizar S
Resultado involuntário	em S: S não representa uma ação voluntária	N causou S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece que N poderia ter causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou ação voluntária possivelmente resultante de uma ação voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objetivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da ação ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Definições das relações multinucleares		
Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	Nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multinuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objectivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

## ANEXO II – Lista do *corpus*

### ✓ Crônica 1

#### **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece – Marilene Felinto**

FELINTO, M. **Cada governo tem o Jornal Nacional que merece.** In FELINTO, M. **Jornalismo incorreto: crônicas de Marilene Felinto.** Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 185-187. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/5/21/cotidiano/7.html>. Acesso em: 15/07/2016.

### ✓ Crônica 2

#### **O moralizador – Contardo Calligaris**

CALLIGARIS, C. **O moralizador.** In CALLIGARIS, C. **Todos os reis estão nus.** São Paulo: Três estrelas, 2014, p. 34-35. Disponível em: <http://www.letraslivros.com.br/livros/ensaios/2709-o-moralizador>. Acesso em: 22/06/2016.

### ✓ Crônica 3

#### **A descoberta da velhice — Rubem Alves**

ALVES, R. **A descoberta da velhice.** In ALVES, R. **Quarto de Badulaques.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p. 41-2. Disponível em: <https://reparei.com.br/page/13/>. Acesso em: 26/10/2018.

### ✓ Crônica 4

#### **Taxonomia ligou etc. etc. – Juliana Cunha**

CUNHA, J. **Taxonomia ligou etc. etc.** In CUNHA, J. **Já matei por menos.** São Paulo: Editora Lote 42, 2013, p. 41-2. Disponível em: <http://julianacunha.com/blog/taxonomia-ligou-etc-etc>. Acesso em 30 jun. 2016.

### ✓ Crônica 5

#### **Viva a Novela — Beatriz Decat**

Publicada na página pessoal da autora no *Facebook*

### ✓ Crônica 6

#### **Queixa de defunto – Lima Barreto**

BARRETO, L. **Queixa de defunto.** In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras.** São Paulo: Objetiva, 2007, p. 34-5. Disponível em: [http://www.releituras.com/limabarreto\\_queixa.asp](http://www.releituras.com/limabarreto_queixa.asp). Acesso em: 19/06/2015.

### ✓ Crônica 7

#### **O nascimento da crônica - Machado de Assis**

ASSIS, M. **O nascimento da crônica.** In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras.** São Paulo: Objetiva, 2007, p. 27-28. Disponível em: [http://www.releituras.com/machadodeassis\\_nascimento.asp](http://www.releituras.com/machadodeassis_nascimento.asp). Acesso em: 19/06/2016.

### ✓ Crônica 8

#### **A última crônica – Fernando Sabino**

SABINO, F. **A última crônica.** In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras.** São Paulo: Objetiva, 2007, p. 188-189. Disponível em:

[http://pensador.uol.com.br/a\\_ultima\\_cronica\\_de\\_fernando\\_sabino](http://pensador.uol.com.br/a_ultima_cronica_de_fernando_sabino). Acesso em: 19/06/2016.

✓ Crônica 9

**A aliança – Luis Fernando Veríssimo**

VERÍSSIMO, L. F. **A aliança**. In VERÍSSIMO, L. F. **As mentiras que os homens contam**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 37-9. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTE2Njkk>. Acesso em: 21/06/2016.

✓ Crônica 10

**Isabel – Luiz Fernando Veríssimo**

VERÍSSIMO, L. F. **Isabel**. In VERÍSSIMO, L. F. **As mentiras que as mulheres contam**. 2ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 25-28. Disponível em: [bloguedogordo.blogspot.com/2009/06/apontamentos-para-uma-historia-de.htm](http://bloguedogordo.blogspot.com/2009/06/apontamentos-para-uma-historia-de.htm). Acesso em: 21/06/2018.

✓ Crônica 11

**A culpa é meu crime – Fabrício Carpinejar.**

CARPINEJAR, F. **A culpa é meu crime**. In CARPINEJAR, F. **Para onde vai o amor?**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, p.16-18. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/fabricio-carpinejar/post/a-facilidade-da-felicidade-550033.html>. Acesso em 22/06/2016.

✓ Crônica 12

BARRETO, L. **Carta fechada – Meu maravilhoso senhor Zé Rufino**. In BARRETO, L. **Artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2013, p. 31-33. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta\\_fechadameu\\_maravilhoso\\_Senhor\\_Z%C3%A9\\_Rufino](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_fechadameu_maravilhoso_Senhor_Z%C3%A9_Rufino). Acesso em 19/06/2016.

✓ Crônica 13

**Um milagre - Graciliano Ramos**

RAMOS, G. **Um milagre**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 83-4. Disponível em: [http://www.hooponopoint.com/Cronicas/um\\_milagre.htm](http://www.hooponopoint.com/Cronicas/um_milagre.htm). Acesso em: 19/06/2016.

✓ Crônica 14

**"Tropa de Elite" – Contardo Calligaris**

CALLIGARIS, C. **"Tropa de Elite"**. In CALLIGARIS, C. **Quinta coluna: 101 crônicas**. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 354-356. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200730.htm>. Acesso em: 19/06/2016.

✓ Crônica 15

**Genialidade brasileira- Alcântara Machado**

MACHADO, A. **Genialidade brasileira**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 72-3. Disponível em: <http://musicaquelembro.blogspot.com.br/2012/12/genialidade-brasileira-1-parte.html>. Acesso em 05/08/2016.

✓ Crônica 16

**Batizado na Penha – Vinícius de Moraes**

MORAES, V. **Batizado na Penha**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 97-8. Disponível em: [http://www.releituras.com/viniciusm\\_batizado.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_batizado.asp). Acesso em: 05/08/2106.

✓ Crônica 17

**O milagre das folhas – Clarice Lispector**

LISPECTOR, Clarice. **O milagre das folhas**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 186-187. Disponível em: <https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/tag/o-milagre-das-folhas>. Acesso em: 05/08/2106.

✓ Crônica 18

**O múltiplo e o simples – Rubem Alves**

ALVES, R. **O múltiplo e o simples**. In ALVES, R. **Quarto de badulaques**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 91-92. Disponível em: <http://www.pvf.com.br/o-multiplo-e-o-simples.html>. Acesso em 19/06/2016.

✓ Crônica 19

**Crônica da loucura — Mário Prata ou Luis Fernando Veríssimo?**

Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/cronica-da-loucura-mario-prata/>. Acesso em 16/01/2019.

✓ Crônica 20

**Civismo – Juliana Cunha**

CUNHA, J. **Civismo**. In CUNHA, J. **Já matei por menos**. São Paulo: Editora Lote 42, 2013, p. 13-14. Disponível em: <http://julianacunha.com/blog/taxonomia-ligou-etc-etc>. Acesso em: 20/09/2016.

### ANEXO III – Completando o *corpus* total: crônicas 9 a 20

Este anexo III organiza-se em **três partes**:

1 – Onze crônicas analisadas no nível dos tópicos particularizadores. Para cada uma, apresentamos:

- a) O texto da crônica
- b) O quadro tópico
- c) O quadro das unidades de informação
- d) O diagrama

2 – Como a pesquisa foi iniciada considerando vários níveis tópicos, decidimos apresentar a estrutura retórica da crônica 20 – **Civismo** em um diagrama que espelha a análise nesses vários níveis. Essa crônica não foi utilizada no corpo da tese para fins de discussão dos resultados.

3 – Uma versão, disponível apenas na internet da crônica 4 — **Taxonomia ligou etc. etc.**

## Lista de Ilustrações anexo III

### Esquemas – Anexo III

Esquema 9 – Quadro tópico 9.....	223
Esquema 10 – Quadro tópico 10.....	228
Esquema 11 – Quadro tópico 11.....	232
Esquema 12 – Quadro tópico 12.....	236
Esquema 13 – Quadro tópico 13.....	240
Esquema 14 – Quadro tópico 14.....	244
Esquema 15 – Quadro tópico 15.....	249
Esquema 16 – Quadro tópico 16.....	252
Esquema 17 – Quadro tópico 17.....	257
Esquema 18 – Quadro tópico 18.....	260
Esquema 19 – Quadro tópico 19.....	266
Esquema 20 – Quadro tópico 20.....	270

### Quadros – Anexo III

Quadro 13 – Quadro das unidades de informação da crônica 9.....	223
Quadro 14 – Quadro das unidades de informação da crônica 10.....	228
Quadro 15 – Quadro das unidades de informação da crônica 11.....	232
Quadro 16 – Quadro das unidades de informação da crônica 12.....	237
Quadro 17 – Quadro das unidades de informação da crônica 13.....	240
Quadro 18 – Quadro das unidades de informação da crônica 14.....	245
Quadro 19 – Quadro das unidades de informação da crônica 15.....	249
Quadro 20 – Quadro das unidades de informação da crônica 16.....	252
Quadro 21 – Quadro das unidades de informação da crônica 17.....	257
Quadro 22 – Quadro das unidades de informação da crônica 18.....	260
Quadro 23 – Quadro das unidades de informação da crônica 19.....	267
Quadro 24 – Quadro das unidades de informação da crônica 20.....	270

### Diagramas – Anexo III

Diagrama 9 – A aliança.....	225
Diagrama 10 – Isabel.....	230
Diagrama 11 – A culpa é meu crime.....	234
Diagrama 12 – Carta Fechada.....	238
Diagrama 13 – Um milagre.....	242
Diagrama 14 – “Tropa de Elite”.....	247
Diagrama 15 – Genialidade brasileira.....	250
Diagrama 16 – Batizado na Penha.....	255

Diagrama 17 – O milagre das folhas .....	258
Diagrama 18 – O múltiplo e o simples.....	261
Diagrama 19 – Crônica da loucura.....	268
Diagrama 20 – Civismo .....	271

## Parte 1 – ANÁLISE NO NÍVEL DOS TÓPICOS PARTICULARIZADORES

### CRÔNICA 9

#### A aliança

Luis Fernando Verfssimo

Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a crise na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média, Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.

Ele estava voltando pra casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus quarenta anos, naquela idade em que já sabe que nunca será um dono de cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu. Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências...Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o portamalas quando a sua aliança estava escorregando pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e foi para casa. Começou a pensar no que diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.

— Você não sabe o que me aconteceu!

— O quê?

— Uma coisa incrível!

— O quê?

— Contando ninguém acredita.

— Conta!

— Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?

— Não.

— Olhe

E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.

— O que aconteceu?

E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.

— Que coisa --- diria a mulher, calmamente.

— Não é difícil de acreditar?

— Não. É perfeitamente possível.

— Pois é. Eu..

— seu cretino.

— Meu bem...

— Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança, Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara de pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.

— Mas, meu bem...

— Eu sei onde está essa aliança. Perdida num tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda, Seu sem-vergonha!

E ela sairia de casa com as crianças, sem querer ouvir explicações.

Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito, Por que essa cara? Nada, nada.

E, finalmente:

— Que fim levou a sua aliança?

E ele disse:

— Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.

Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom senso, a venceriam.

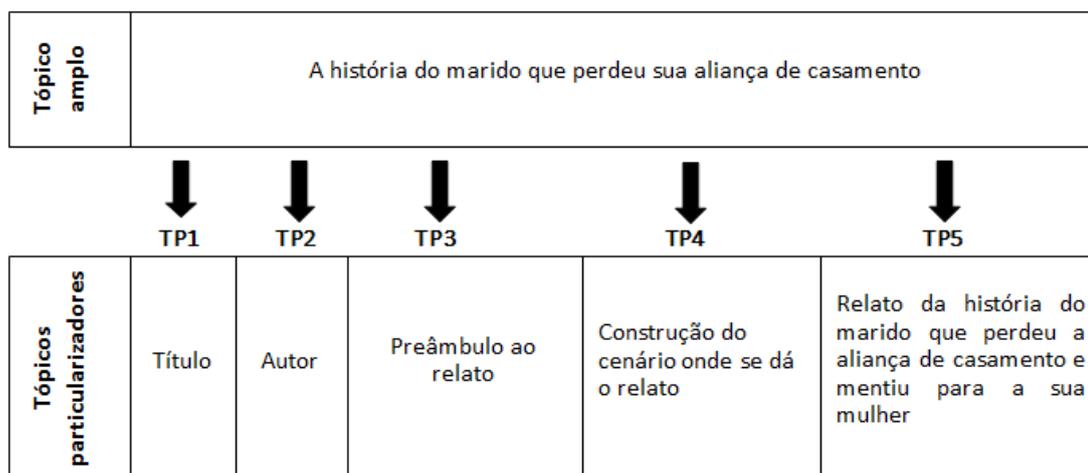
— O mais importante é que você não mentiu pra mim.

E foi tratar do jantar.

VERÍSSIMO, L. F. **As mentiras que os homens contam**. 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 37-9.

Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTE2Njkx>. Acesso em: 21/06/2016.

## Esquema 9 – Quadro tópico 9

A aliança – Luis Fernando VeríssimoQUADRO TÓPICO

Fonte: elaborado pelo autor

## Quadro 13 – Quadro das unidades de informação da crônica 9

(continua)

A Aliança — Luiz Fernando Veríssimo	
QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO	
Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título — A aliança
2	Autor — Luis Fernando Veríssimo
3	Esta é uma história exemplar, só não está muito claro qual é o exemplo. De qualquer jeito, mantenha-a longe das crianças. Também não tem nada a ver com a crise brasileira, o apartheid, a crise na América Central ou no Oriente Médio ou a grande aventura do homem sobre a Terra. Situa-se no terreno mais baixo das pequenas aflições da classe média, Enfim. Aconteceu com um amigo meu. Fictício, claro.
4	Ele estava voltando pra casa como fazia, com fidelidade rotineira, todos os dias à mesma hora. Um homem dos seus quarenta anos, naquela idade em que já sabe que nunca será um dono de cassino em Samarkand, com diamantes nos dentes, mas ainda pode esperar algumas surpresas da vida, como ganhar na loto ou furar-lhe um pneu.

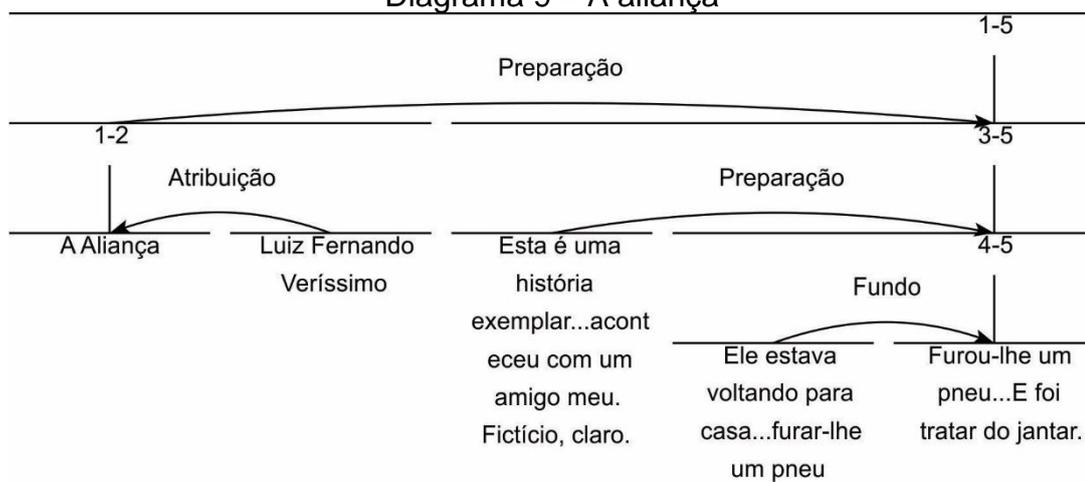
Quadro 13 – Quadro das unidades de informação da crônica 9

(conclusão)

<b>A Aliança — Luiz Fernando Veríssimo</b>	
<b>QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO</b>	
<b>Número</b>	<b>Segmento do texto/unidade de informação — UI</b>
5	<p>Furou-lhe um pneu. Com dificuldade ele encostou o carro no meio-fio e preparou-se para a batalha contra o macaco, não um dos grandes macacos que o desafiavam no jângal dos seus sonhos de infância, mas o macaco do seu carro tamanho médio, que provavelmente não funcionaria, resignação e reticências...Conseguiu fazer o macaco funcionar, ergueu o carro, trocou o pneu e já estava fechando o porta-malas quando a sua aliança estava escorregando pelo dedo sujo de óleo e caiu no chão. Ele deu um passo para pegar a aliança do asfalto, mas sem querer a chutou. A aliança bateu na roda de um carro que passava e voou para um bueiro. Onde desapareceu diante dos seus olhos, nos quais ele custou a acreditar. Limpou as mãos o melhor que pôde, entrou no carro e foi para casa. Começou a pensar no diria para a mulher. Imaginou a cena. Ele entrando em casa e respondendo às perguntas da mulher antes de ela fazê-las.</p> <p>– Você não sabe o que me aconteceu!</p> <p>– O quê?</p> <p>– Uma coisa incrível!</p> <p>– O quê?</p> <p>– Contando ninguém acredita.</p> <p>– Conta!</p> <p>– Você não nota nada de diferente em mim? Não está faltando nada?</p> <p>– Não.</p> <p>– Olhe</p> <p>E ele mostraria o dedo da aliança, sem a aliança.</p> <p>– O que aconteceu?</p> <p>E ele contaria. Tudo, exatamente como acontecera. O macaco. O óleo. A aliança no asfalto. O chute involuntário. E a aliança voando para o bueiro e desaparecendo.</p> <p>– Que coisa --- diria a mulher, calmamente.</p> <p>– Não é difícil de acreditar?</p> <p>– Não. É perfeitamente possível.</p> <p>– Pois é. Eu..</p> <p>– seu cretino.</p> <p>– Meu bem...</p> <p>– Está me achando com cara de boba? De palhaça? Eu sei o que aconteceu com essa aliança, Você tirou do dedo para namorar. É ou não é? Para fazer um programa. Chega em casa a esta hora e ainda tem a cara de pau de inventar uma história em que só um imbecil acreditaria.</p> <p>– Mas, meu bem...</p> <p>– Eu sei onde está essa aliança. Perdida num tapete felpudo de algum motel. Dentro do ralo de alguma banheira redonda, Seu sem-vergonha!</p> <p>E ela sairia de casa com as crianças, sem querer ouvir explicações.</p> <p>Ele chegou em casa sem dizer nada. Por que o atraso? Muito trânsito, Por que essa cara? Nada, nada. E, finalmente:</p> <p>– Que fim levou a sua aliança?</p> <p>E ele disse:</p> <p>– Tirei para namorar. Para fazer um programa. E perdi no motel. Pronto. Não tenho desculpas. Se você quiser encerrar nosso casamento agora, eu compreenderei.</p> <p>Ela fez cara de choro. Depois correu para o quarto e bateu com a porta. Dez minutos depois reapareceu. Disse que aquilo significava uma crise no casamento deles, mas que eles, com bom senso, a venceriam.</p> <p>– O mais importante é que você não mentiu pra mim.</p> <p>E foi tratar do jantar.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Diagrama 9 – A aliança



Fonte: elaborado pelo autor

## CRÔNICA 10

Isabel

Luis Fernando Verfssimo

Apontamentos para uma história de horror. Ou um novelão. Uma mulher – trinta e quatro, trinta e cinco anos, solteira, tímida, poucos amigos, morando sozinha – está um dia olhando os novos lançamentos numa livraria, pois seu maior prazer é a leitura, quando sente uma mão no seu braço e uma voz de homem que diz:

— Vamos?

Ela vira-se, já pronta para repelir o homem rispidamente, como faz com todos que ousam importuná-la, quando nota que o homem é cego. O homem estranha o silêncio, aperta o seu braço e diz:

— Isabel?

E ela, sem saber por que, mas com a intuição de que a sua vida a partir daquele instante será outra, o coração batendo, diz:

— Sim...

— Vamos?

E ela, o coração batendo:

— Vamos.

O homem é mais moço do que ela. Bonito. Bem vestido. Bem cuidado. Deixa-se guiar por ela, fazendo perguntas sem muito interesse. Por que estão pegando um táxi e não o carro? Ela diz que perdeu a chave do carro na rua. Ele sorri e diz “Você...”. Quando chegam no apartamento dela, ele pergunta onde estão. Ela diz “Em casa”, e ele diz “Estranho...”. Mas não diz mais nada. Nem quando ela faz ele sentar numa poltrona que certamente não é a favorita dele. Nem quando tira seus sapatos, afaga sua cabeça e pergunta se ele quer alguma coisa antes do jantar. Só quando ela pergunta o que ele quer que ela faça para o jantar, diz:

— Você vai cozinhar?

— Vou.

— E a cozinheira?

— Despedi.

Ele parece não se interessar muito. Perde-se dentro do apartamento à procura do quarto, pois quer trocar de roupa. Ela o guia de volta à cadeira. Diz que é para ele ficar quieto, deixar tudo com ela. E para si mesma diz: amanhã preciso comprar umas roupas para ele. Ela capricha no jantar, que ele come em silêncio.

Ele não comenta que a voz dela está diferente. Não acha mais nada estranho. Só na cama, quando ela o abraça, e guia a mão dele pelo seu corpo, ele começa a dizer:

— Sabe...

Mas ela cobre a boca dele com a sua.

Era uma mulher solitária, nunca tivera ninguém para cuidar. E agora tinha um homem em casa. Um homem que precisava dela. Que não podia fazer nada sem ela. Um homem que não podia ver o seu rosto.

Cuidava dele, tinha certeza, melhor do que a mulher de verdade. Dava banho nele. Vestia-o com a roupa que ela escolhia e comprava. E à noite, na cama, amava-o como, tinha certeza, nenhuma mulher jamais o amara.

Ela se perguntava se ele realmente acreditava que ela era a mulher dele. A voz. Não desconfiava da voz? E da súbita mudança de vida? O desaparecimento de amigos, do resto da família...Mas como saber que vida ele levava com a outra?

Convenceu-se de que ele sabia que se enganara, aquele dia, na livraria, sabia que estava vivendo com outra mulher, mas que preferia assim. Até que uma noite, na cama, depois de se amarem como todas as noites, ele de repente perguntou:

— Você é mesmo a Isabel?

Ela hesitou. Se dissesse “não”, podia ouvir dele a frase “Eu sabia”, e a confissão que preferia assim, e que a amava apesar dela ter-se passado pela outra, e mantê-lo preso naquele apartamento. Mas também podia perdê-lo para sempre. Não arriscou. Respondeu:

— Claro que sou. Que pergunta!

Na manhã seguinte, quando ela acordou, ele não estava do seu lado na cama. Ela o encontrou na cozinha, morto. Tinha cortado os pulsos com a faca do pão.

Foi difícil explicar por que ela sabia tão pouco daquele homem que vivia com ela e se matara na sua cozinha. Só sabia mesmo o que estava na sua carteira. Foi a própria polícia que, dias depois, contou a ela tudo o que ela não sabia. O homem ficara cego ainda criança. Perdera os pais. Vivia sozinho com a irmã.

— E a mulher – corrigiu ela, ainda zozza. Não conseguia pensar direito desde que descobrira o corpo na cozinha

— Não, não. Nunca casou. Viviam sozinhos, ele e a irmã. Ele tinha desaparecido. Se perdeu dela numa livraria, e a irmã estava preocupadíssima.

— Irmã?

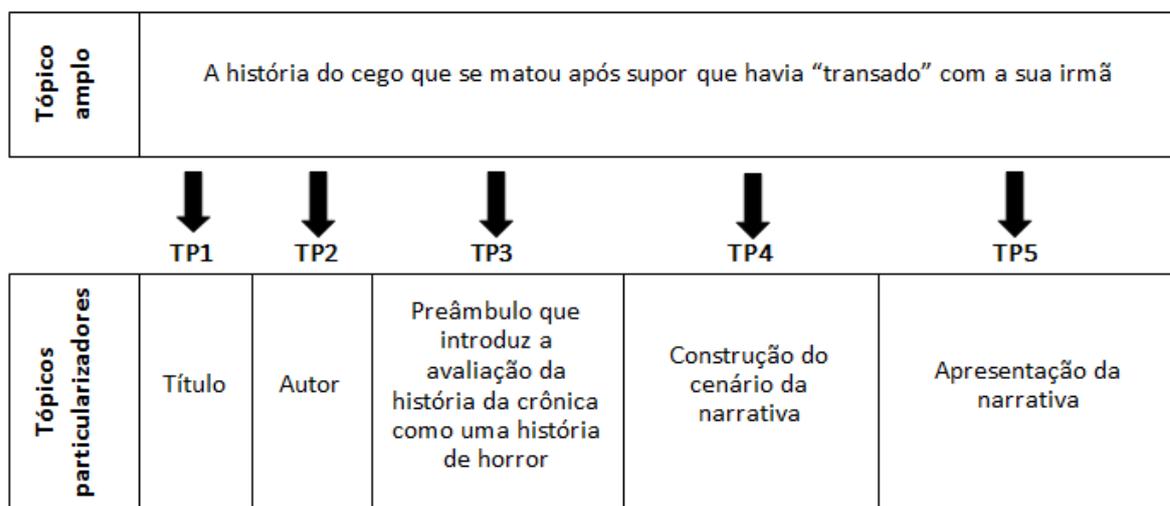
— É, Isabel.

VERÍSSIMO, L. F. **As mentiras que as mulheres contam**. 2ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015, p. 25-28.

Disponível em: [bloguedogordo.blogspot.com/2009/06/apontamentos-para-uma-historia-de.htm](http://bloguedogordo.blogspot.com/2009/06/apontamentos-para-uma-historia-de.htm). Acesso em: 21/06/2018.

Esquema 10 – Quadro tópico 10  
Isabel – Luis Fernando Veríssimo

**QUADRO TÓPICO**



Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 14 – Quadro das unidades de informação da crônica 10

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Isabel
2	Autor – Luis Fernando Veríssimo
3	Apontamentos para uma história de horror. Ou um novelão.
4	Uma mulher – trinta e quatro, trinta e cinco anos, solteira, tímida, poucos amigos, morando sozinha – está um dia olhando os novos lançamentos numa livraria, pois seu maior prazer é a leitura,
5 (continua)	<p>, quando sente uma mão no seu braço e uma voz de homem que diz:          – Vamos?          Ela vira-se, já pronta para repelir o homem rispidamente, como faz com todos que ousam importuná-la, quando nota que o homem é cego. O homem estranha o silêncio, aperta o seu braço e diz:          – Isabel?          E ela, sem saber por que, mas com a intuição de que a sua vida a partir daquele instante será outra, o coração batendo, diz:          – Sim...          – Vamos?          E ela, o coração batendo:          – Vamos.</p> <p>O homem é mais moço do que ela. Bonito. Bem vestido. Bem cuidado. Deixa-se guiar por ela, fazendo perguntas sem muito interesse. Por que estão pegando um táxi e não o carro? Rla diz que perdeu a chave do carro na rua. Ele sorri e diz “Você...”. Quando chegam no apartamento dela, ele pergunta onde estão. Ela diz “Em casa”, e ele diz “Estranho...”. Mas não diz mais nada. Nem quando ela faz ele sentar numa poltrona que certamente não é a favorita dele. Nem quando tira seus sapatos, afaga sua cabeça e pergunta se ele quer alguma coisa antes do jantar. Só quando ela pergunta o que ele quer que ela faça para o jantar, diz:</p>

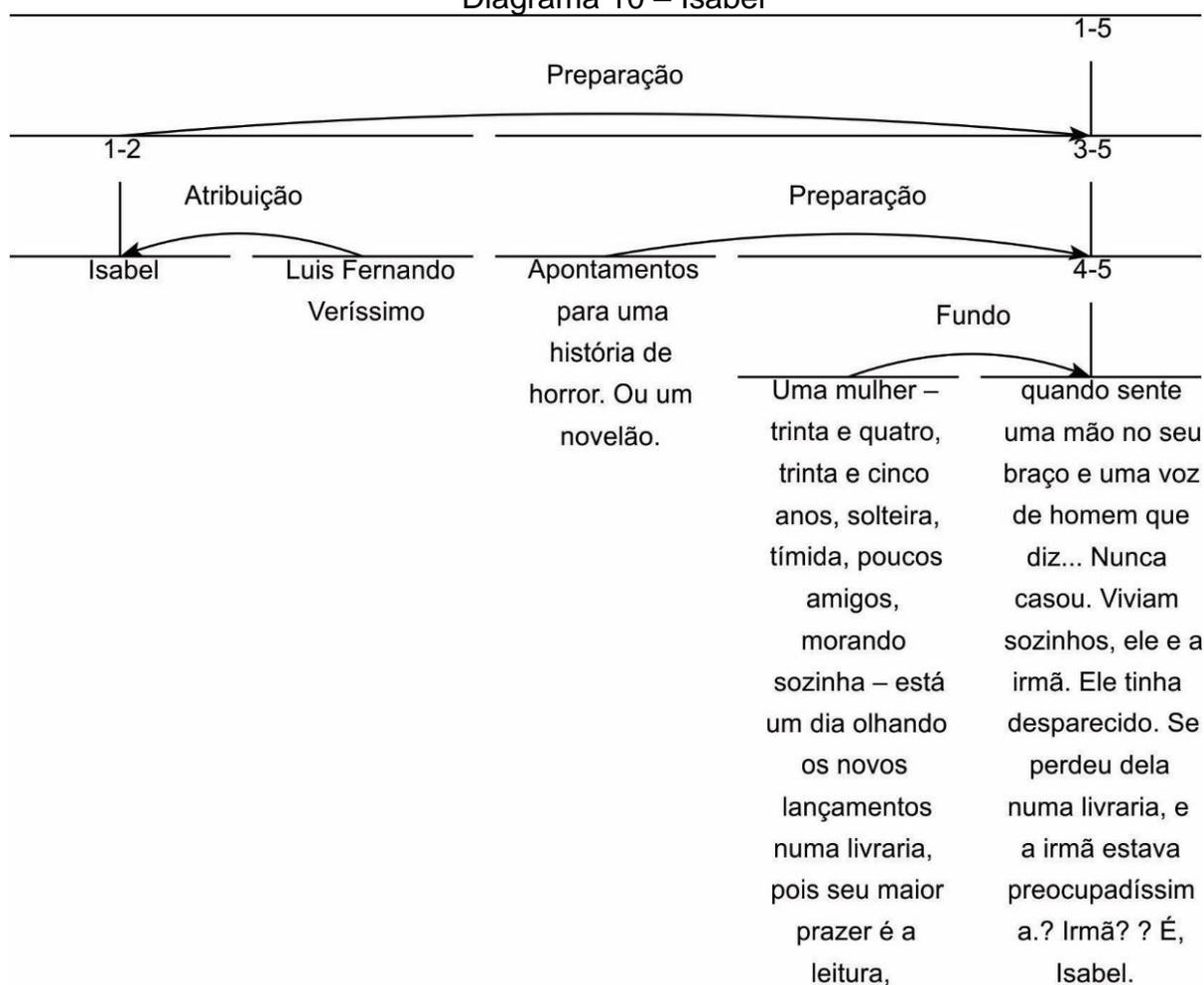
## Quadro 14 – Quadro das unidades de informação da crônica 10

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
5 (conclusão)	<p>– Você vai cozinhar? – Vou. – E a cozinheira? – Despedi.</p> <p>Ele parece não se interessar muito. Perde-se dentro do apartamento à procura do quarto, pois quer trocar de roupa. Ela o guia de volta à cadeira. Diz que é para ele ficar quieto, deixar tudo com ela. E para si mesma diz: amanhã preciso comprar umas roupas para ele. Ela capricha no jantar, que ele come em silêncio.</p> <p>Ele não comenta que a voz dela está diferente. Não acha mais nada estranho. Só na cama, quando ela o abraça, e guia a mão dele pelo seu corpo, ele começa a dizer: – Sabe... Mas ela cobre a boca dele com a sua.</p> <p>Era uma mulher solitária, nunca tivera ninguém para cuidar. E agora tinha um homem em casa. Um homem que precisava dela. Que não podia fazer nada sem ela. Um homem que não podia ver o seu rosto.</p> <p>Cuidava dele, tinha certeza, melhor do que a mulher de verdade. Dava banho nele. Vestia-o com a roupa que ela escolhia e comprava. E à noite, na cama, amava-o como, tinha certeza, nenhuma mulher jamais o amara.</p> <p>Ela se perguntava se ele realmente acreditava que ela era a mulher dele. A voz. Não desconfiava da voz? E da súbita mudança de vida? O desaparecimento de amigos, do resto da família...Mas como saber que vida ele levava com a outra?</p> <p>Convenceu-se de que ele sabia que se enganara, aquele dia, na livraria, sabia que estava vivendo com outra mulher, mas que preferia assim. Até que uma noite, na cama, depois de se amarem como todas as noites, ele de repente perguntou: – Você é mesmo a Isabel?</p> <p>Ela hesitou. Se dissesse “não”, podia ouvir dele a frase “Eu sabia”, e a confissão que preferia assim, e que a amava apesar dela ter-se passado pela outra, e mantê-lo preso naquele apartamento. Mas também podia perdê-lo para sempre. Não arriscou. Respondeu: – Claro que sou. Que pergunta!</p> <p>Na manhã seguinte, quando ela acordou, ele não estava do seu lado na cama. Ela o encontrou na cozinha, morto. Tinha cortado os pulsos com a faca do pão.</p> <p>Foi difícil explicar por que ela sabia tão pouco daquele homem que vivia com ela e se matara na sua cozinha. Só sabia mesmo o que estava na sua carteira. Foi a própria polícia que, dias depois, contou a ela tudo o que ela não sabia. O homem ficara cego ainda criança. Perdera os pais. Vivia sozinho com a irmã.</p> <p>– E a mulher – corrigiu ela, ainda zozza. Não conseguia pensar direito desde que descobrira o corpo na cozinha – Não, não. Nunca casou. Viviam sozinhos, ele e a irmã. Ele tinha desaparecido. Se perdeu dela numa livraria, e a irmã estava preocupadíssima. – Irmã? – É, Isabel.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Diagrama 10 – Isabel



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 11

**A culpa é meu crime**

Fabrício Carpinejar

Cuidado com o que você diz aos filhos.

Minha mãe, religiosa, frequentadora de missa todo dia, costumava nos explicar que Jesus poderia aparecer na condição de um mendigo em nossa porta. Para a gente tomar cuidado e não destratar só porque ele estava sujo e fedido. O costume era escorraçar o filho de Deus sem compreender seu sofisticado disfarce.

Sempre que um mendigo apertava a nossa campainha em minha infância, espiava pelo olho mágico e gritava, eufórico, para espanto daquele sujeito que pedia esmola ou um remédio ou um pão velho:

— É Jesus, mãe! Jesus voltou!

Festejava sua chegada com frenéticos pulos. Muitos pedintes estranhavam a nossa alegria e davam meia-volta rapidamente. Não arriscavam sua reputação. As visitas foram rareando. Com receio de nossa loucura, o círculo de mendicância vetou nossa residência.

Naquele tempo, eu obedecia mais do que compreendia, hoje compreendo mais do que obedeco.

Meu pensamento se transformou e confio nas aparências. As aparências é que são verdadeiras.

A vontade é responder para minha mãe: cuidado com o que você não diz aos filhos.

É mais fácil Jesus ser acolhido camuflado de mendigo do que realmente como Jesus.

Jesus surgindo na nossa frente como ele realmente é, com sua bata e beatitude, com seus olhos limpos e sua pele pura, consideraríamos um charlatão, um impostor, um tipo aproveitador fantasiado de Jesus, Jesus não seria aceito como Jesus.

Não confiamos no óbvio. Desprezamos o óbvio. Há uma tradição de refutar o simples, recusar as evidências, complicar a alegria.

Não enxergamos a facilidade da felicidade.

Desde criança, eu me sinto enganado principalmente quando não sou.

A culpa é meu crime. Não antecipo o pior, e sim concretizo o pior, chamo o pior, amo o pior, adapto-me ao pior, convenço-me de que apenas resta o pior.

Quero ser esperto quando não é necessário. Como se a maturidade fosse sinônimo de suspeita e desconfiança, e ingenuidade significasse acreditar de primeira.

Assim recebemos o amor.

Se o amor bate em nossa porta com cara de amor, não atenderemos, fingiremos que não é conosco.

Se a mulher da nossa vida despontar com jeito de mulher de nossa vida, não aceitaremos. Complicaremos a conversa. Seremos grosseiros, prepotentes, soberbos, não escutaremos até o fim.

Se ela aparecer dedicada, afetuosa, decidida, disposta e romântica, pensaremos que é uma farsa.

Preferimos um amor mendigo, acabado, arrasado, infiel, que nos arraste para sua destruição.

Optamos por um amor de esmola, um amor de sobras, um amor que nos faz mal, claramente egoísta ou indiferente. Só pela miragem de que existe um salvador escondido dentro dele.

Abrimos a porta somente para quem não nos merece, enquanto quem nos merece jamais recebe sua chance.

CARPINEJAR, F. **Para onde vai o amor?**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015, p.16-18.

Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/fabricio-carpinejar/post/a-facilidade-da-felicidade-550033.html>. Acesso em 22/06/2016.

### Esquema 11 – Quadro tópico 11

#### A culpa é meu crime – Fabrício Carpinejar

#### QUADRO TÓPICO

<b>Tópico amplo</b>	Conselho de que se deve ter cuidado com aquilo que os pais dizem aos filhos								
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5	TP6	TP7	TP8	TP9
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autor	Conselho de que se deve ter cuidado com o que se diz aos filhos	Relato de um fato da vida cotidiana que ocorria na infância do cronista: confundir mendigos com Jesus	Justificativa do autor para o seu comportamento de confundir, na infância, mendigos com Jesus	Apresentação da tese de que as aparências é que são verdadeiras	Desabafo do cronista: desde a infância, ele se sente enganado, principalmente, quando não o é de fato	Justificativa para o desabafo do cronista: o crime dele é a culpa	Relação entre o modo como ele encara sua culpa e o modo como recebemos o amor

Fonte: elaborado pelo autor

### Quadro 15 – Quadro das unidades de informação da crônica 11

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Texto – A culpa é meu crime
2	Autor – Fabrício Carpinejar
3	Cuidado com o que você diz aos filhos
4	<p>Minha mãe, religiosa, frequentadora de missa todo dia, costumava nos explicar que Jesus poderia aparecer na condição de um mendigo em nossa porta. Para a gente tomar cuidado e não destratar só porque ele estava sujo e fedido. O costume era escorraçar o filho de Deus sem compreender seu sofisticado disfarce.</p> <p>Sempre que um mendigo apertava a nossa campainha em minha infância, espiava pelo olho mágico e gritava, eufórico, para espanto daquele sujeito que pedia esmola ou um remédio ou um pão velho:</p> <p style="padding-left: 20px;">— É Jesus, mãe! Jesus voltou!</p> <p>Festejava sua chegada com frenéticos pulos. Muitos pedintes estranhavam a nossa alegria e davam meia-volta rapidamente. Não arriscavam sua reputação. As visitas foram rareando. Com receio de nossa loucura, o círculo de mendicância vetou nossa residência.</p>

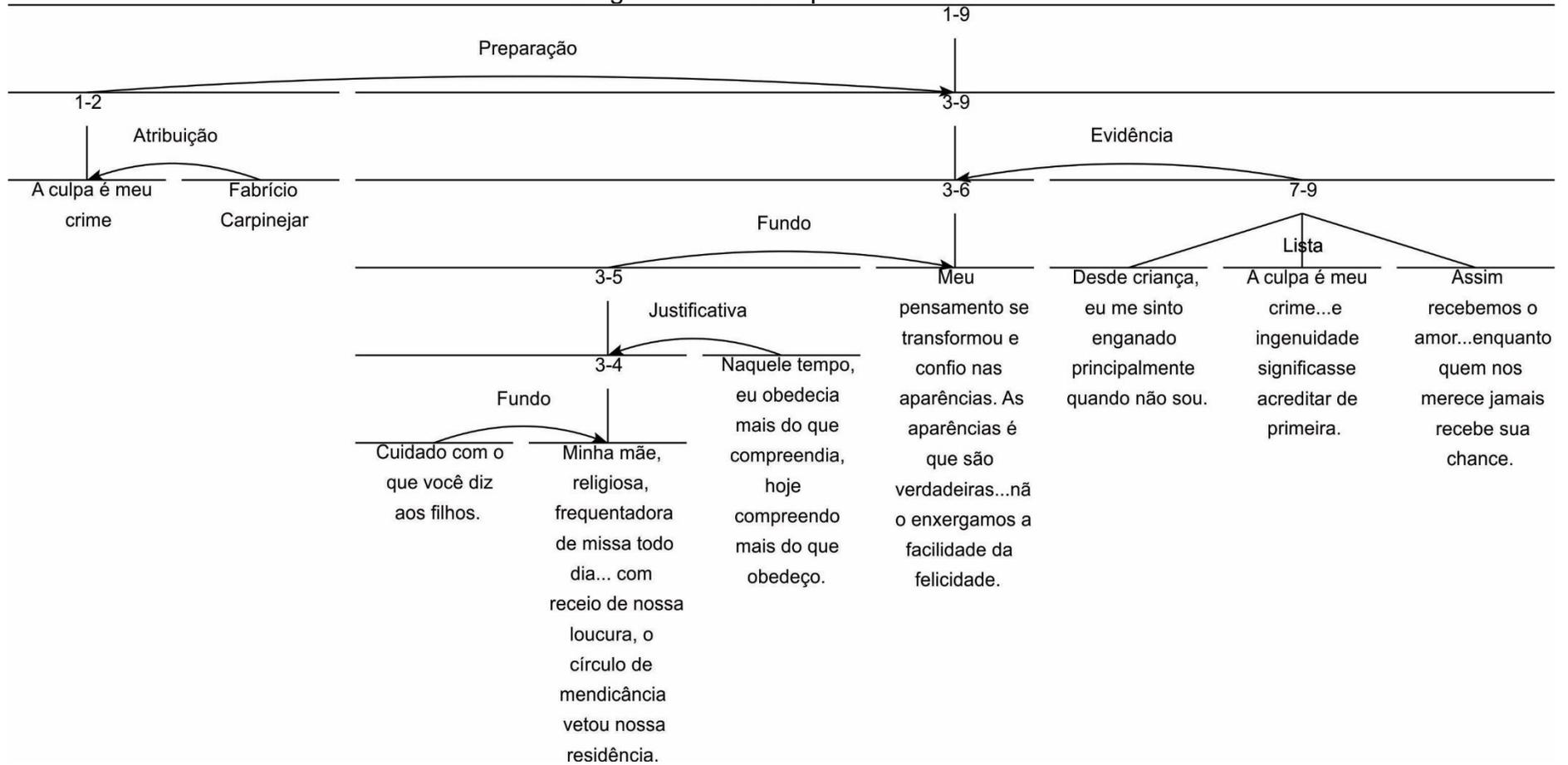
Quadro 15 – Quadro das unidades de informação da crônica 11

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
5	<p>Naquele tempo, eu obedecia mais do que compreendia, hoje compreendo mais do que obedeço.</p>
6	<p>Meu pensamento se transformou e confio nas aparências. As aparências é que são verdadeiras.  A vontade é responder para minha mãe: cuidado com o que você não diz aos filhos.  É mais fácil Jesus ser acolhido camuflado de mendigo do que realmente como Jesus.  Jesus surgindo na nossa frente como ele realmente é, com sua bata e beatitude, com seus olhos limpos e sua pele pura, consideraríamos um charlatão, um impostor, um tipo aproveitador fantasiado de Jesus, Jesus não seria aceito como Jesus.  Não confiamos no óbvio. Desprezamos o óbvio. Há uma tradição de refutar o simples, recusar as evidências, complicar a alegria.  Não enxergamos a facilidade da felicidade.</p>
7	<p>Desde criança, eu me sinto enganado principalmente quando não sou.</p>
8	<p>A culpa é meu crime. Não antecipo o pior, e sim concretizo o pior, chamo o pior, amo o pior, adapto-me ao pior, convengo-me de que apenas resta o pior.  Quero ser esperto quando não é necessário. Como se a maturidade fosse sinônimo de suspeita e desconfiança, e ingenuidade significasse acreditar de primeira.</p>
9	<p>Assim recebemos o amor.  Se o amor bate em nossa porta com cara de amor, não atenderemos, fingiremos que não é conosco.  Se a mulher da nossa vida despontar com jeito de mulher de nossa vida, não aceitaremos. Complicaremos a conversa. Seremos grosseiros, prepotentes, soberbos, não escutaremos até o fim.  Se ela aparecer dedicada, afetuosa, decidida, disposta e romântica, pensaremos que é uma farsa.  Preferimos um amor mendigo, acabado, arrasado, infiel, que nos arraste para sua destruição.  Optamos por um amor de esmola, um amor de sobras, um amor que nos faz mal, claramente egoísta ou indiferente. Só pela miragem de que existe um salvador escondido dentro dele.  Abrimos a porta somente para quem não nos merece, enquanto quem nos merece jamais recebe sua chance.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

Diagrama 11 – A culpa é meu crime



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 12

## Carta fechada

Lima Barreto

Eu lhe escrevo esta carta, com muito desgosto, pois interrompo a série de impressões que vinha escrevendo sobre o país da Bruzundanga. Mas vossa excelência merece semelhante interrupção. Vossa Excelência é o mais cínico dos sujeitos que se fizeram ministro de Estado. Nem o Calmon, que se fez agora cadete, para ver se arranja um lugar de ministro de qualquer coisa, é igual a vossa excelência.

Ministro, meu caro e excelentíssimo senhor Zé Rufino ou Chico Caiana, é um cidadão investido de certas e grandes autoridades para prever as necessidades públicas; ministro, Rufino, não é um reles especulador!; ministro, Chico da Novilha, é alguma coisa mais do que um simples agiota.

Agora você (mudo de tratamento), fez-se ministro para ser caixeiro de um reles sindicato de judeus belgas e mais ou menos franceses, para esfomear o Brasil e ganhar dinheiro.

É muito justo que vocês queiram ganhar dinheiro; é muito justa essa torpe ânsia burguesa de ajuntar níqueis; mas o que não é justo, é que nós, todo o povo do Brasil, dê prestígio a você, ministro e secretário de Estado, para nos matar de fome.

O Amaral, aliás diretor, como está no cabeçalho, ali do *Correio da Manhã*, com o seu receituário enciclopédico, já disse que você trata de coisas práticas. É a mesma coisa que um ladrão, meu amigo, disse-me uma vez! "Só trato de coisas práticas."

Não preciso, portanto, ter a grande ciência do Amaral, a sua estadia na Europa, o seu saber em inglês e arte de fórmulas, para dizer que o Zé Rufino é a primeira coisa deste mundo.

Nasci sem dinheiro, mulato e livre; mas se nascesse com dinheiro, livre e mesmo mulato, fazia o Zé Rufino meu feitor da fazenda.

Não há destino que lhe caiba mais; vai-lhe como uma luva do Formosinho.

Bezerra, alvar, mais do que ignorante, autoritário, babosão, um lugar desses lhe vinha a calhar.

A República do Brasil não podia ter ministro mais representativo.

Um secretário de Estado, um auxiliar do seu presidente, cuja única cogitação é auxiliar a judiaria dos falsos produtores do açúcar para empobrecer o seu povo, só deve merecer medalhas e recompensas.

O Amaral naturalmente vem com algarismos e negócios de economia política, para afirmar que o Rufino tem direito a fazer semelhante coisa quando ministro de Estado.

Eu, porém, não tenho medo nem dos algarismos nem dos negócios do Amaral; e, se o Azevedo quiser, estou disposto a responder-lhe em qualquer terreno.

Amaral estudou essas coisas de sociologia, não como médico, mas como boticário. O que ele sabe não é anatomia, não é patologia, não é terapêutica, não é botânica, não é química. Ele sabe o formulário; e, como tal, acha o Rufino um homem extraordinário, prático, tão prático que está achando meios e modos de matar a nossa gente pobre de fome.

O açúcar, produção nacional, a mais nacional que há, que é vendida aos estrangeiros por 6\$000 à arroba, é vendida aos retalhistas brasileiros por mais de 10\$000.

Sabem quem é o chefe de semelhante bandalheira? É o Zé Rufino Bezerra Cavalcanti - Cavalcanti, com "i", porque ele não é mulato - graças a Deus!

Semelhante tipo, semelhante ministro de Estado, de mãos dadas com belgas e outros vagabundos mais ou menos franceses, é que merece a admiração enternecida do Amaral e do seu amigo Edmundo ou, como chamam lá os seus criados, doutor Edmundo.

Amaral, tu és notável, tu tens talento, tu és doutor, tu possuis tudo para ser um grande homem. Não sei se tu tens vícios; eu os tenho; mas tu não tens - é sinceridade.

Falta-te essa coisa que é o amor pelos outros, o pensamento dos outros, a dedicação para enfrentar com a vida na sua majestosa grandeza de miséria e de força.

Quanto aos teus algarismos, vai te catar que não tenho medo deles; e, quanto a mim, diga ao Rufino que sou terceiro oficial da Secretaria da Guerra, há quinze anos. Ele que arranje, se for capaz, a minha demissão. Não garanto, mas, talvez, seja possível que eu lhe fique agradecido. Até logo.

*A.B.C.*, Rio, 12-5-1917.

BARRETO, L. **Artigos, cartas e crônicas sobre trabalhadores**. Belo Horizonte: Fino Trato, 2013, p. 31-33.

Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta\\_fechada\\_-\\_meu\\_maravilhoso\\_Senhor\\_Z%C3%A9\\_Rufino](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_fechada_-_meu_maravilhoso_Senhor_Z%C3%A9_Rufino). Acesso em 01/02/2017.

Esquema 12 – Quadro tópico 12  
Carta fechada – Lima Barreto

QUADRO TÓPICO

Tópico amplo	Carta a um ministro de Estado				
	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5
Tópicos particularizadores	Título	Autor	Anúncio de que o narrador, com muito desgosto, interrompe seus trabalhos sobre o país da Bruzundanga, para escrever uma carta a um ministro de Estado	Carta	Assinatura do autor, local e data de produção da carta

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 16 – Quadro das unidades de informação da crônica 12

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Carta fechada
2	Autor – Lima Barreto
3	<p>Eu lhe escrevo esta carta, com muito desgosto, pois interrompo a série de impressões que vinha escrevendo sobre o país da Bruzundanga. Mas vossa excelência merece semelhante interrupção.</p>
4	<p>Vossa Excelência é o mais cínico dos sujeitos que se fizeram ministro de Estado. Nem o Calmon, que se fez agora cadete, para ver se arranja um lugar de ministro de qualquer coisa, é igual a vossa excelência.</p> <p>Ministro, meu caro e excelentíssimo senhor Zé Rufino ou Chico Caiana, é um cidadão investido de certas e grandes autoridades para prever as necessidades públicas; ministro, Rufino, não é um reles especulador!; ministro, Chico da Novilha, é alguma coisa mais do que um simples agiota.</p> <p>Agora você (mudo de tratamento), fez-se ministro para ser caixeiro de um reles sindicato de judeus belgas e mais ou menos franceses, para esfomear o Brasil e ganhar dinheiro.</p> <p>É muito justo que vocês queiram ganhar dinheiro; é muito justa essa torpe ânsia burguesa de juntar níqueis; mas o que não é justo, é que nós, todo o povo do Brasil, dê prestígio a você, ministro e secretário de Estado, para nos matar de fome.</p> <p>O Amaral, aliás diretor, como está no cabeçalho, ali do <i>Correio da Manhã</i>, com o seu receituário enciclopédico, já disse que você trata de coisas práticas. É a mesma coisa que um ladrão, meu amigo, disse-me uma vez! "Só trato de coisas práticas."</p> <p>Não preciso, portanto, ter a grande ciência do Amaral, a sua estadia na Europa, o seu saber em inglês e arte de fórmulas, para dizer que o Zé Rufino é a primeira coisa deste mundo.</p> <p>Nasci sem dinheiro, mulato e livre; mas se nascesse com dinheiro, livre e mesmo mulato, fazia o Zé Rufino meu feitor da fazenda.</p> <p>Não há destino que lhe caiba mais; vai-lhe como uma luva do Formosinho.</p> <p>Bezerra, alvar, mais do que ignorante, autoritário, babosão, um lugar desses lhe vinha a calhar.</p> <p>A República do Brasil não podia ter ministro mais representativo.</p> <p>Um secretário de Estado, um auxiliar do seu presidente, cuja única cogitação é auxiliar a judiaria dos falsos produtores do açúcar para empobrecer o seu povo, só deve merecer medalhas e recompensas.</p> <p>O Amaral naturalmente vem com algarismos e negócios de economia política, para afirmar que o Rufino tem direito a fazer semelhante coisa quando ministro de Estado.</p> <p>Eu, porém, não tenho medo nem dos algarismos nem dos negócios do Amaral; e, se o Azevedo quiser, estou disposto a responder-lhe em qualquer terreno.</p> <p>Amaral estudou essas coisas de sociologia, não como médico, mas como boticário. O que ele sabe não é anatomia, não é patologia, não é terapêutica, não é botânica, não é química. Ele sabe o formulário; e, como tal, acha o Rufino um homem extraordinário, prático, tão prático que está achando meios e modos de matar a nossa gente pobre de fome.</p> <p>O açúcar, produção nacional, a mais nacional que há, que é vendida aos estrangeiros por 6\$000 à arroba, é vendida aos retalhistas brasileiros por mais de 10\$000.</p> <p>Sabem quem é o chefe de semelhante bandalheira? É o Zé Rufino Bezerra Cavalcanti - Cavalcanti, com "i", porque ele não é mulato - graças a Deus!</p> <p>Semelhante tipo, semelhante ministro de Estado, de mãos dadas com belgas e outros vagabundos mais ou menos franceses, é que merece a admiração enternecida do Amaral e do seu amigo Edmundo ou, como chamam lá os seus criados, doutor Edmundo.</p> <p>Amaral, tu és notável, tu tens talento, tu és doutor, tu possuis tudo para ser um grande homem. Não sei se tu tens vícios; eu os tenho; mas tu não tens - é sinceridade.</p> <p>Falta-te essa coisa que é o amor pelos outros, o pensamento dos outros, a dedicação para enfrentar com a vida na sua majestosa grandeza de miséria e de força.</p> <p>Quanto aos teus algarismos, vai te catar que não tenho medo deles; e, quanto a mim, diga ao Rufino que sou terceiro oficial da Secretaria da Guerra, há quinze anos. Ele que arranje, se for capaz, a minha demissão. Não garanto, mas, talvez, seja possível que eu lhe fique agradecido. Até logo.</p>

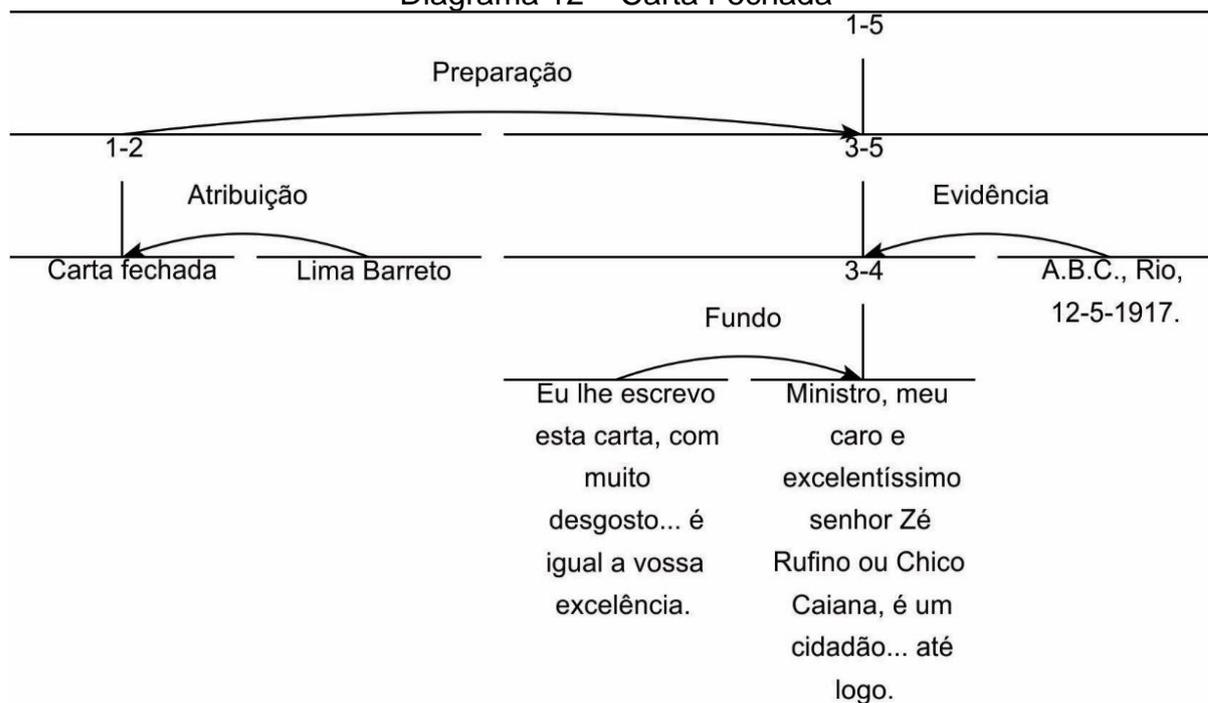
## Quadro 16 – Quadro das unidades de informação da crônica 12

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
5	A.B.C., Rio, 12-5-1917.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diagrama 12 – Carta Fechada



Fonte: elaborado pelo autor.

## Crônica 13

## Um milagre

Graciliano Ramos

R28829. Anúncio miúdo publicado num jornal: "A Nossa Senhora, a quem recorri em momentos de aflição na madrugada de 11 de maio, agradeço de joelhos a graça alcançada." Uma assinatura de mulher. Em seguida vinha o 29766, em que se ofereciam os lotes de um terreno, em prestações módicas. Esse não me causou nenhuma impressão, mas o 28829 sensibilizou-me.

A princípio achei estranho que alguém manifestasse gratidão à divindade num anúncio, mas talvez Nossa Senhora nem tenha lido, mas logo me convenci de que não tinha razão. Com certeza essa alma, justamente inquieta numa noite de apuros, teria andado melhor se houvesse produzido uma Salve-Rainha, por exemplo. Infelizmente nem todos os devotos são capazes de produzir Salve-Rainhas.

Afinal essas coisas só têm valor quando se publicam. A senhora a que me refiro podia ter ido à igreja e enviado ao céu uma composição redigida por outra pessoa. Isto, porém, não a satisfazia. Trata-se duma necessidade urgente de expor um sentimento forte, sentimento que, em conformidade com o intelecto de seu portador, assume a forma de oração artística ou de anúncio. Há aí uma criatura que não se submete a fórmulas e precisa meios originais de expressão. Meios bem modestos, com efeito, mas essa alma sadudida pelo espalhafato de 11 de maio reconhece a sua insuficiência e não se atreve a comunicar-se com a Virgem: fala a viventes ordinários, isto é, aos leitores dos anúncios miúdos, e confessa a eles o seu agradecimento a Nossa Senhora, que lhe concedeu um favor em honra de aperto.

Imagino o que mulher padeceu. A metralhadora cantava na rua, o guarda da esquina tinha sido assassinado, ouviam-se gritos, apitos, correrias, buzinar de automóveis, e os vidros da janela avermelhavam-se com um clarão de incêndio. A infeliz acordou sobressaltada, tropeçou nos lençóis e bateu com a testa numa quina da mesa da cabeceira. Enrolando-se precipitadamente num roupão, foi fechar a janela, mas o ferrolho emperrou. A fuzilaria lá fora continuava intensa, as chamas do incêndio avivam-se. A pobre ficou um instante mexendo no ferrolho, ataratanda. Compreendeu vagamente o perigo e ouviu uma bala inexistente zunir-lhe perto da orelha. Arrastando-se, quase desmaiada, foi refugiar-se no banheiro. E aí pensou no marido (ou no filho), que se achava fora de casa, na Urca ou em lugar pior. Encostou-se à pia, esmorecida, medrosa da escuridão, tencionando vagamente formular um pedido e comprimir o botão do comutador. Incapaz de pedir qualquer coisa, arriou, caiu ajoelhada e escorou-se à banheira. Depois lembrou-se de Nossa Senhora. Passou ali uma parte da noite, tremendo. Como os rumores externos diminuíssem, ergueu-se, voltou para o quarto, estabeleceu alguma ordem nas ideias confusas, endereçou à Virgem uma súplica bastante embrulhada. Não dormiu, e de manhã viu no espelho uma cara envelhecida e amarela. O filho (ou marido) entrou em casa inteiro, e não foi incomodado pela polícia.

A alma torturada roncou um suspiro de alívio, molhou o jornal com lágrimas e começou a perceber que tinha aparecido ali uma espécie de milagre. Pequeno, é certo, bem inferior aos antigos, mas enfim digno de figurar entre os anúncios do jornal que ali estava amarrotado e molhado.

Realmente muitas pessoas que dormiam e não pensaram, portanto, em Nossa Senhora deixaram de morrer na madrugada horrível de 11 de maio. Essas não receberam nenhuma graça: com certeza escaparam por outros motivos.

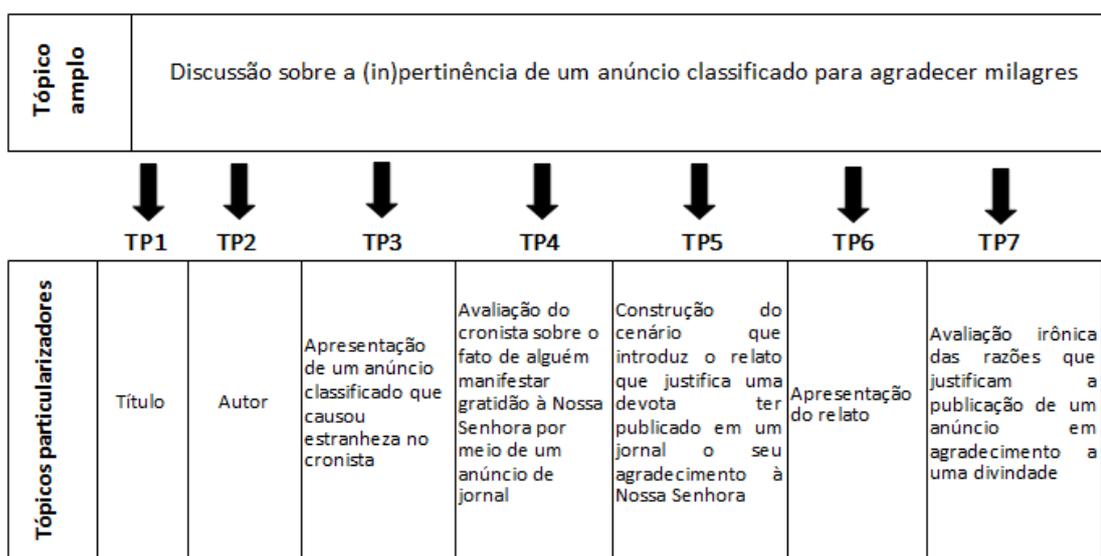
RAMOS, G. **Um milagre**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 83-4.

Disponível em: [http://www.hooponopoint.com/Cronicas/um\\_milagre.htm](http://www.hooponopoint.com/Cronicas/um_milagre.htm). Acesso em: 19/06/2016.

### Esquema 13 – Quadro tópico 13

#### Um milagre – Graciliano Ramos

#### QUADRO TÓPICO



Fonte: elaborado pelo autor

### Quadro 17 – Quadro das unidades de informação da crônica 13

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Um milagre
2	Autor – Graciliano Ramos
3	R28829. Anúncio miúdo publicado num jornal: "A Nossa Senhora, a quem recorri em momentos de aflição na madrugada de 11 de maio, agradeço de joelhos a graça alcançada." Uma assinatura de mulher. Em seguida vinha o 29766, em que se ofereciam os lotes de um terreno, em prestações módicas. Esse não me causou nenhuma impressão, mas o 28829 sensibilizou-me.

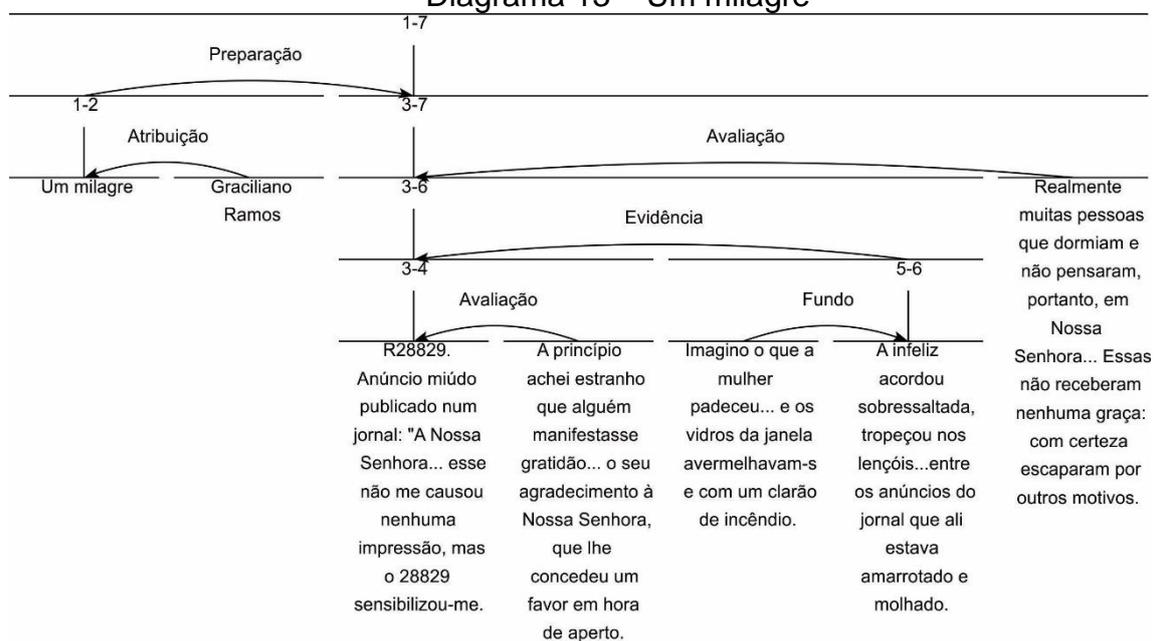
Quadro 17 – Quadro das unidades de informação da crônica 13

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
4	<p>A princípio achei estranho que alguém manifestasse gratidão à divindade num anúncio, mas talvez Nossa Senhora nem tenha lido, mas logo me convenci de que não tinha razão. Com certeza essa alma, justamente inquieta numa noite de apuros, teria andado melhor se houvesse produzido uma Salve-Rainha, por exemplo. Infelizmente nem todos os devotos são capazes de produzir Salve-Rainhas.</p> <p>Afinal essas coisas só têm valor quando se publicam. A senhora a que me refiro podia ter ido à igreja e enviado ao céu uma composição redigida por outra pessoa. Isto, porém, não a satisfazia. Trata-se duma necessidade urgente de expor um sentimento forte, sentimento que, em conformidade com o intelecto de seu portador, assume a forma de oração artística ou de anúncio. Há aí uma criatura que não se submete a fórmulas e precisa meios originais de expressão. Meios bem modestos, com efeito, mas essa alma sadudida pelo espalhafato de 11 de maio reconhece a sua insuficiência e não se atreve a comunicar-se com a Virgem: fala a viventes ordinários, isto é, aos leitores dos anúncios miúdos, e confessa a eles o seu agradecimento a Nossa Senhora, que lhe concedeu um favor em honra de aperto.</p>
5	<p>Imagino o que mulher padeceu. A metralhadora cantava na rua, o guarda da esquina tinha sido assassinado, ouviam-se gritos, apitos, correrias, buzinar de automóveis, e os vidros da janela avermelhavam-se com um clarão de incêndio.</p>
6	<p>A infeliz acordou sobressaltada, tropeçou nos lençóis e bateu com a testa numa quina da mesa da cabeceira. Enrolando-se precipitadamente num roupão, foi fechar a janela, mas o ferrolho emperrou. A fuzilaria lá fora continuava intensa, as chamas do incêndio avivam-se. A pobre ficou um instante mexendo no ferrolho, ataratanda. Compreendeu vagamente o perigo e ouviu uma bala inexistente zunir-lhe perto da orelha. Arrastando-se, quase desmaiada, foi refugiar-se no banheiro. E aí pensou no marido (ou no filho), que se achava fora de casa, na Urca ou em lugar pior. Encostou-se à pia, esmorecida, medrosa da escuridão, tencionando vagamente formular um pedido e comprimir o botão do comutador. Incapaz de pedir qualquer coisa, arriou, caiu ajoelhada e escorou-se à banheira. Depois lembrou-se de Nossa Senhora. Passou ali uma parte da noite, tremendo. Como os rumores externos diminuíssem, ergueu-se, voltou para o quarto, estabeleceu alguma ordem nas ideias confusas, endereçou à Virgem uma súplica bastante embrulhada. Não dormiu, e de manhã viu no espelho uma cara envelhecida e amarela. O filho (ou marido) entrou em casa inteiro, e não foi incomodado pela polícia.</p> <p>A alma torturada roncou um suspiro de alívio, molhou o jornal com lágrimas e começou a perceber que tinha aparecido ali uma espécie de milagre. Pequeno, é certo, bem inferior aos antigos, mas enfim digno de figurar entre os anúncios do jornal que ali estava amarrotado e molhado.</p>
7	<p>Realmente muitas pessoas que dormiam e não pensaram, portanto, em Nossa Senhora deixaram de morrer na madrugada horrível de 11 de maio. Essas não receberam nenhuma graça: com certeza escaparam por outros motivos.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diagrama 13 – Um milagre



Fonte: elaborado pelo autor

**"Tropa de Elite"****Contardo Calligaris****"Nóis goza", mas "nóis sofre" de culpa: somos desculpados de nossa inércia pela culpa**

NA SEXTA passada, "Tropa de Elite", de José Padilha, estreou em São Paulo e no Rio; amanhã, entrará em cartaz no resto do país. O filme é inspirado no livro "Elite da Tropa" (Objetiva), de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (os dois últimos são policiais).

Padilha nos apresenta um momento de crise na vida do capitão Nascimento (o ótimo Wagner Moura), do Batalhão de Operações Policiais Especiais da PM do Rio. Além do combate entre as forças da ordem e os bandidos do tráfico, há quatro eixos de tensão: a oposição entre o Bope (um pequeno corpo de incorruptíveis treinados para a guerra) e um sistema policial inepto e corrupto; o conflito entre a vida de família do capitão, que vai ser pai, e, do outro lado, a brutalidade de sua tarefa; a luta do capitão contra o desgaste e os efeitos traumáticos de seu dia-a-dia; o embate entre a polícia e os próprios cidadãos de quem ela deveria defender a vida, a tranquilidade e as posses.

Para cada um desses eixos, qualquer cinéfilo poderia evocar vários filmes memoráveis, sobretudo americanos. Mas o embate entre a polícia e os cidadãos que ela defende revela, no filme de Padilha, uma especificidade nacional: nas classes privilegiadas e supostamente "ordeiras", a simpatia pelo crime e a antipatia pela polícia não são efeito, como de costume, de rebeldia e sede de aventuras. Elas nascem de um forte e difuso sentimento de culpa social ou, no mínimo, justificam-se por ele.

Mas vamos com calma. Em "Tropa de Elite", o cineasta José Padilha conseguiu, de maneira admirável, suspender o julgamento e apresentar nossa "guerra" cotidiana como um incômodo dilema moral, sem tomar partido.

Para alguns, essa suspensão do julgamento valeu como uma negação da culpa social que, aparentemente, segundo eles, deveria orientar nossa compreensão do mundo. Com isso, o filme foi acusado de "idealizar" o Bope e de fazer uma apologia "fascista" do "Estado policial" e da tortura instituída.

Essas críticas são descabidas, mas resta a pergunta: será que não é perigoso calar nossa culpa social? Será que a culpa diante da injustiça não é justamente o que nos levaria a entendê-la melhor e a agir? Pois é, nada disso. Respondo: 1) Em regra, a culpa não produz ação, mas descarrego. Funciona da seguinte maneira: somos autorizados a fazer pouco ou nada para que a situação mude porque o sofrimento de nossa consciência nos absolve. Inversão da frase de José Simão: "nóis goza" de muitos privilégios, mas "nóis sofre" de muita culpa. Somos desculpados de nossa inércia pela culpa que sentimos. 2) Também em regra, a culpa é péssima conselheira. Ela induz a acreditar numa contabilidade estapafúrdia, pela qual há cidadãos que devem e outros aos quais é devido, sem a mediação de lei alguma. Assim, Ferréz, na Folha da segunda passada, pode achar que o relógio roubado de Luciano Huck "paga" a miséria de seus assaltantes. Ele se expressa como se a lei não fosse (não devesse ser) a referência comum para todos: o problema não é que assaltar é crime, Huck é culpado e devedor, e o "correria" cobra o devido.

Essa maneira de entender o social oferece a todos uma compensação substancial: se a lei não é a referência comum, podemos ser assaltados nos faróis, mas também podemos praticar cada tipo de mediocridade moral e de ilegalidade, sonegar, saquear o bem público, pagar salários de esmola e por aí vai.

Em agosto, uma versão inacabada de "Tropa de Elite" foi distribuída ilegalmente em DVD, de camelô em camelô, pelo país afora. Nessa ocasião, houve vozes para justificar a pirataria e racionalizar um desrespeito endêmico à lei. Havia o estilo "eu não serei o único otário", que, grosso modo, diz assim: "Se Renan Calheiros é presidente do Senado, eu posso comprar um DVD pirata". E havia o estilo "está na hora de mudar", em que um ato que nega a propriedade intelectual é justificado diretamente pela injustiça social dominante. Valia tudo, salvo o óbvio: pela lei, piratear é crime.

Pois bem, quando a culpa organiza nossa visão do mundo, tudo é permitido, assaltar de moto, a pé, de carro ou de colarinho branco.

Se você quiser passar uma hora e meia com o coração na mão e se quiser pensar e viver a realidade nacional um pouco além dos limites impostos pela consciência culpada, não perca "Tropa de Elite".

CALLIGARIS, C. **Quinta coluna**: 101 crônicas. São Paulo: Publifolha, 2008, p. 354-356.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1110200730.htm>. Acesso em: 19/06/2016.

#### Esquema 14 – Quadro tópico 14

##### Tropa de Elite – Contardo Calligaris

##### QUADRO TÓPICO

Tópico amplo	Considerações sobre o filme Tropa de Elite								
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5	TP6	TP7	TP8	TP9
Tópicos particularizadores	Título	Autor	Destacamento da paráfrase do livro <b>Nóis sofre, mas nós goza</b> de José Simão	Anúncio da estreia do filme <b>Tropa de Elite</b>	Relato do roteiro do filme	Discussão de alguns aspectos do filme	Questionamento do autor sobre os riscos de se tentar calar a culpa social	Discussão de base psicanalítica sobre a noção de culpa e de suas implicações no comportamento individual/social	Recomendação do filme <b>Tropa de Elite</b>

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 18 – Quadro das unidades de informação da crônica 14

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – “Tropa de Elite”
2	Autor – Contardo Calligaris
3	<b>"Nóis goza", mas "nóis sofre" de culpa: somos desculpados de nossa inércia pela culpa</b>
4	NA SEXTA passada, "Tropa de Elite", de José Padilha, estreou em São Paulo e no Rio; amanhã, entrará em cartaz no resto do país. O filme é inspirado no livro "Elite da Tropa" (Objetiva), de Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel (os dois últimos são policiais).
5	Padilha nos apresenta um momento de crise na vida do capitão Nascimento (o ótimo Wagner Moura), do Batalhão de Operações Policiais Especiais da PM do Rio. Além do combate entre as forças da ordem e os bandidos do tráfico, há quatro eixos de tensão: a oposição entre o Bope (um pequeno corpo de incorruptíveis treinados para a guerra) e um sistema policial inepto e corrupto; o conflito entre a vida de família do capitão, que vai ser pai, e, do outro lado, a brutalidade de sua tarefa; a luta do capitão contra o desgaste e os efeitos traumáticos de seu dia-a-dia; o embate entre a polícia e os próprios cidadãos de quem ela deveria defender a vida, a tranquilidade e as posses.
6	<p>Para cada um desses eixos, qualquer cinéfilo poderia evocar vários filmes memoráveis, sobretudo americanos. Mas o embate entre a polícia e os cidadãos que ela defende revela, no filme de Padilha, uma especificidade nacional: nas classes privilegiadas e supostamente "ordeiras", a simpatia pelo crime e a antipatia pela polícia não são efeito, como de costume, de rebeldia e sede de aventuras. Elas nascem de um forte e difuso sentimento de culpa social ou, no mínimo, justificam-se por ele.</p> <p>Mas vamos com calma. Em "Tropa de Elite", o cineasta José Padilha conseguiu, de maneira admirável, suspender o julgamento e apresentar nossa "guerra" cotidiana como um incômodo dilema moral, sem tomar partido.</p> <p>Para alguns, essa suspensão do julgamento valeu como uma negação da culpa social que, aparentemente, segundo eles, deveria orientar nossa compreensão do mundo. Com isso, o filme foi acusado de "idealizar" o Bope e de fazer uma apologia "fascista" do "Estado policial" e da tortura instituída</p>
7	Essas críticas são descabidas, mas resta a pergunta: será que não é perigoso calar nossa culpa social? Será que a culpa diante da injustiça não é justamente o que nos levaria a entendê-la melhor e a agir? Pois é, nada disso
8 (continua)	<p>Respondo: 1) Em regra, a culpa não produz ação, mas descarrego. Funciona da seguinte maneira: somos autorizados a fazer pouco ou nada para que a situação mude porque o sofrimento de nossa consciência nos absolve. Inversão da frase de José Simão: "nóis goza" de muitos privilégios, mas "nóis sofre" de muita culpa. Somos desculpados de nossa inércia pela culpa que sentimos.</p> <p>2) Também em regra, a culpa é péssima conselheira. Ela induz a acreditar numa contabilidade estapafúrdia, pela qual há cidadãos que devem e outros aos quais é devido, sem a mediação de lei alguma. Assim, Ferréz, na Folha da segunda passada, pode achar que o relógio roubado de Luciano Huck "paga" a miséria de seus assaltantes. Ele se expressa como se a lei não fosse (não devesse ser) a referência comum para todos: o problema não é que assaltar é crime, Huck é culpado e devedor, e o "correria" cobra o devido.</p>

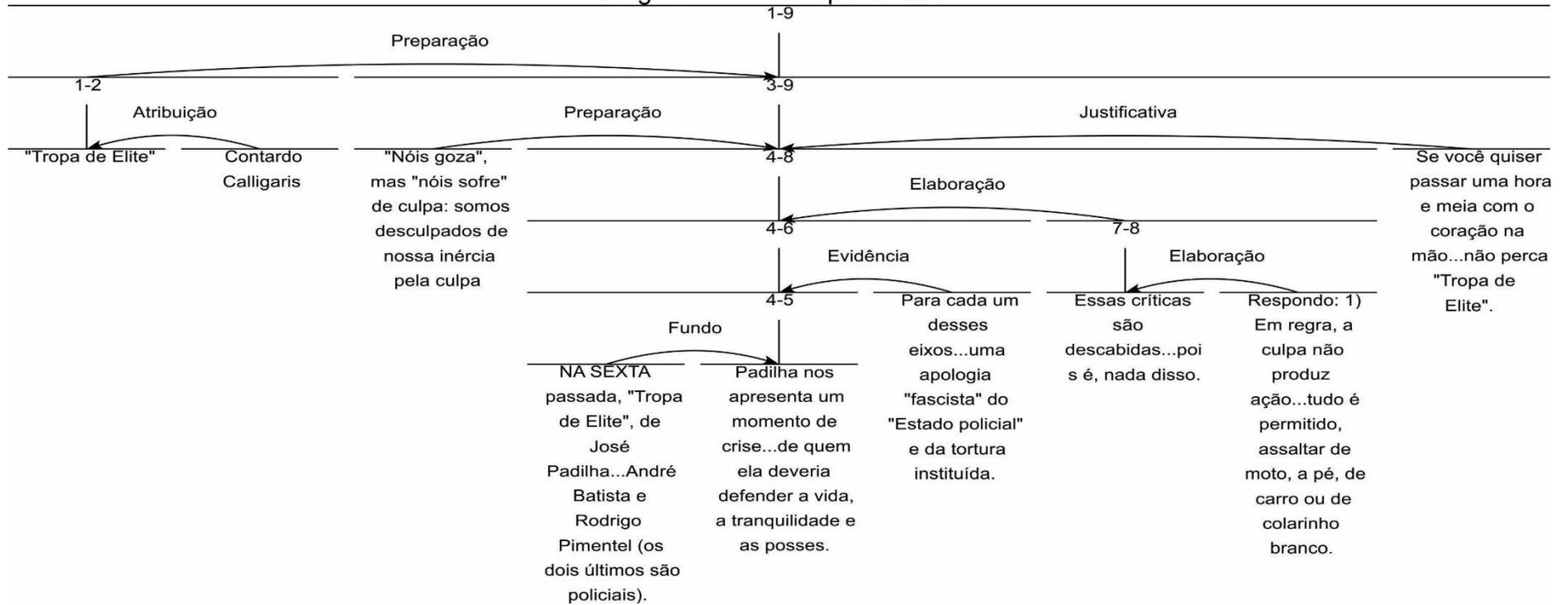
Quadro 18 – Quadro das unidades de informação da crônica 14

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
8 (conclusão)	<p>Essa maneira de entender o social oferece a todos uma compensação substancial: se a lei não é a referência comum, podemos ser assaltados nos faróis, mas também podemos praticar cada tipo de mediocridade moral e de ilegalidade, sonegar, saquear o bem público, pagar salários de esmola e por aí vai.</p> <p>Em agosto, uma versão inacabada de "Tropa de Elite" foi distribuída ilegalmente em DVD, de camelô em camelô, pelo país afora. Nessa ocasião, houve vozes para justificar a pirataria e racionalizar um desrespeito endêmico à lei. Havia o estilo "eu não serei o único otário", que, grosso modo, diz assim: "Se Renan Calheiros é presidente do Senado, eu posso comprar um DVD pirata". E havia o estilo "está na hora de mudar", em que um ato que nega a propriedade intelectual é justificado diretamente pela injustiça social dominante. Valia tudo, salvo o óbvio: pela lei, piratear é crime.</p> <p>Pois bem, quando a culpa organiza nossa visão do mundo, tudo é permitido, assaltar de moto, a pé, de carro ou de colarinho branco.</p>
9	<p>Se você quiser passar uma hora e meia com o coração na mão e se quiser pensar e viver a realidade nacional um pouco além dos limites impostos pela consciência culpada, não perca "Tropa de Elite".</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Diagrama 14 – “Tropa de Elite”



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 15

**Genialidade brasileira**

Alcântara Machado

Confusão. Sempre confusão. Espírito crítico de antologia universal. Lado a lado todas as épocas, todas as escolas, todos os matizes. Tudo embrulhado. Tudo errado. E tudo bom. Tudo ótimo. Tudo genial.

Olhem a mania nacional de classificar palavreado de literatura. Tem adjetivos sonoros? É literatura. Os períodos rolam bonito? Literatura. O final é pomposo? Literatura, nem se discute. Tem asneiras? Tem. Muitas? Santo Deus. Mas são grandiloquentes? Se são. Pois então é literatura e da melhor. Quer dizer alguma coisa? Nada. Rima, porém? Rima. Logo é literatura.

O Brasil é o único país de existência geograficamente provada em que não ser literato é inferioridade. Toda gente se sente no dever indeclinável de fazer literatura. Ao menos uma vez ao ano e para gasto doméstico. E toda gente pensa que fazer literatura é falar ou escrever bonito. Bonito entre nós às vezes quer dizer difícil, às vezes tolo. Quase sempre eloquente.

O cavalheiro que encerra a sua oração com um Na antiga Roma ou como disse Barroso Na célebre batalha é orador. Orador, só? Não. Orador de gênio. O cavalheiro que termina seu soneto com um Ó sol! É raio! Ó luz! Ó nume! Ó astro! É poeta. Também genial. E assim por diante.

Só a gente se agarrando com Nossa Senhora da Aparecida.

Essa falsa noção da genialidade brasileira é a mesma do Brasil, primeiro país no mundo. Não há cidadão perdido em São Luiz do Paraitinga ou São João do Rio do Peixe que não esteja convencido disso. E porque o Brasil é o campeão do universo e o brasileiro o batuta da terra, tudo quanto aqui nasce e existe há de ser forçosamente o que há de melhor neste mundo de Cristo e de nós também. Todos os adjetivos arrebatados e apoteóticos são poucos para tamanha grandeza e tamanha lindeza. Ninguém pode conosco. Nós somos os cueras mesmo.

Qualquer coisinha assume aos nossos olhos de mestiços tropicais proporções magnificentes, assustadoras, insuperáveis, nunca vistas. O Brasil é o mundo. O resto é bobagem. Castro Alves bate Vitor Hugo na curva. O problema da circulação em São Paulo absorve todas as atenções estudiosas. Sem nós a Sociedade das nações dá em droga. Vocês vão ver. Wagner é canja para Carlos Gomes. Em Berlim como em Sydney, em Leningrado como em Nagasaki só temos admiradores invejosos. O universo inteiro nos contempla. Êta nós!

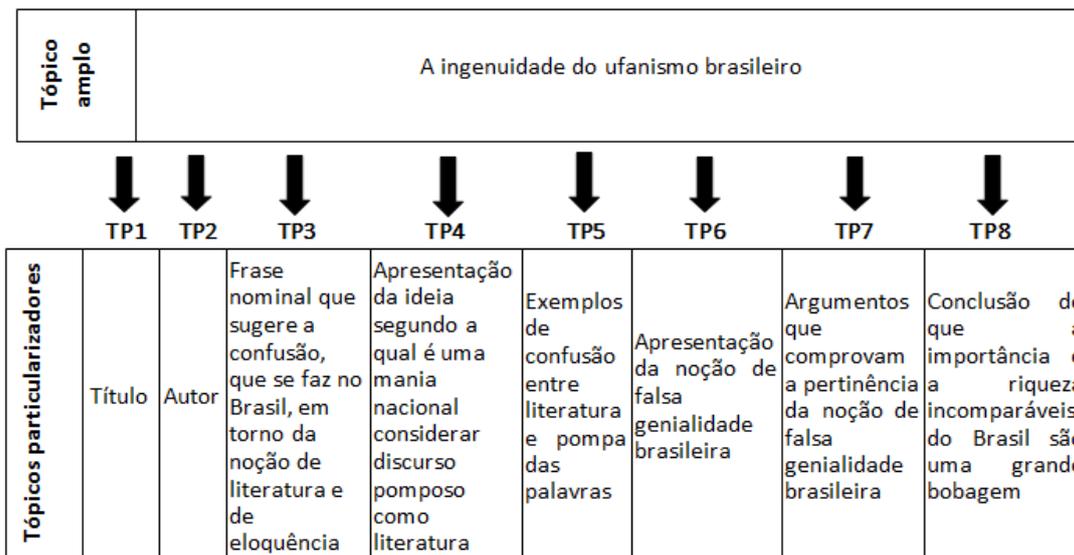
É por isso que seria excelente de vez em quando uma cartinha como aquela de Remy de Gourmont a Figueiredo Pimentel. Um pouco de água gelada nesta fervura auriverde. Para que o trouxa brasileiro caia na realidade. E deixe-se dessa história de gênio, grandeza, importância e riquezas incomparáveis que é bobagem.

E não é verdade.

Disponível em: <http://musicaquelembro.blogspot.com.br/2012/12/genialidade-brasileira-1-parte.html>. Acesso em 05/08/2016.

Esquema 15 – Quadro tópico 15  
Genialidade brasileira – Alcântara Machado

**QUADRO TÓPICO**



Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 19 – Quadro das unidades de informação da crônica 15

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Genialidade brasileira
2	Autor – Alcântara Machado
3	Confusão. Sempre confusão. Espírito crítico de antologia universal. Lado a lado todas as épocas, todas as escolas, todos os matizes. Tudo embrulhado. Tudo errado. E tudo bom. Tudo ótimo. Tudo genial.
4	Olhem a mania nacional de classificar palavreado de literatura
5	<p>Tem adjetivos sonoros? É literatura. Os períodos rolam bonito? Literatura. O final é pomposo? Literatura, nem se discute. Tem asneiras? Tem. Muitas? Santo Deus. Mas são grandiloquentes? Se são. Pois então é literatura e da melhor. Quer dizer alguma coisa? Nada. Rima, porém? Rima. Logo é literatura.</p> <p>O Brasil é o único país de existência geograficamente provada em que não ser literato é inferioridade. Toda gente se sente no dever indeclinável de fazer literatura. Ao menos uma vez ao ano e para gasto doméstico. E toda gente pensa que fazer literatura é falar ou escrever bonito. Bonito entre nós às vezes quer dizer difícil. às vezes tolo. Quase sempre eloquente.</p> <p>O cavalheiro que encerra a sua oração com um Na antiga Roma ou como disse Barroso Na célebre batalha é orador. Orador, só? Não. Orador de gênio. O cavalheiro que termina seu soneto com um Ó sol! É raio! Ó luz! Ó nume! Ó astro! É poeta. Também genial. E assim por diante.</p> <p>Só a gente se agarrando com Nossa Senhora da Aparecida.</p>
6	Essa falsa noção da genialidade brasileira é a mesma do Brasil, primeiro país no mundo.

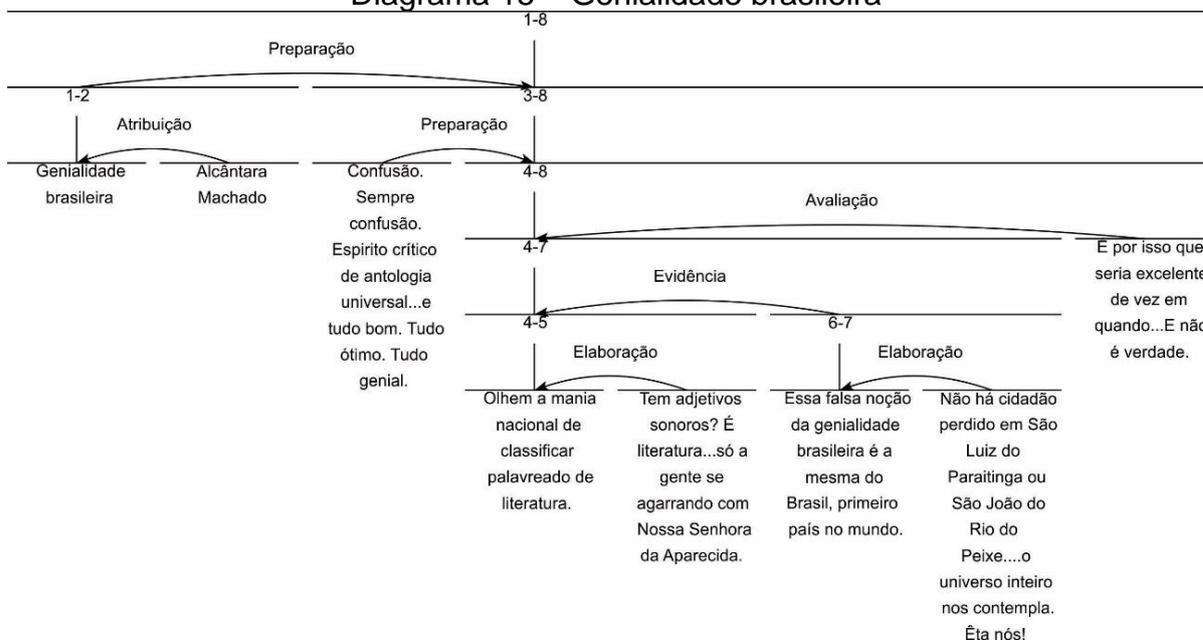
Quadro 19 – Quadro das unidades de informação da crônica 15

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
7	<p>Não há cidadão perdido em São Luiz do Paraitinga ou São João do Rio do Peixe que não esteja convencido disso. E porque o Brasil é o campeão do universo e o brasileiro o batuta da terra, tudo quanto aqui nasce e existe há de ser forçosamente o que há de melhor neste mundo de Cristo e de nós também. Todos os adjetivos arrebatados e apoteóticos são poucos para tamanha grandeza e tamanha lindeza. Ninguém pode conosco. Nós somos os cueras mesmo. Qualquer coisinha assume aos nossos olhos de mestiços tropicais proporções magnificentes, assustadoras, insuperáveis, nunca vistas. O Brasil é o mundo. O resto é bobagem. Castro Alves bate Vitor Hugo na curva. O problema da circulação em São Paulo absorve todas as atenções estudiosas. Sem nós a Sociedade das nações dá em droga. Vocês vão ver. Wagner é canja para Carlos Gomes. Em Berlim como em Sydney, em Leningrado como em Nagasaki só temos admiradores invejosos. O universo inteiro nos contempla. Êta nós!</p>
8	<p>É por isso que seria excelente de vez em quando uma cartinha como aquela de Remy de Gourmont a Figueiredo Pimentel. Um pouco de água gelada nesta fervura auriverde. Para que o trouxa brasileiro caia na realidade. E deixe-se dessa história de gênio, grandeza, importância e riquezas incomparáveis que é bobagem. E não é verdade.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diagrama 15 – Genialidade brasileira



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 16

## Batizado na Penha

Vinicius de Moraes

Novembro de 1952

Eu sou um sujeito que, modéstia à parte, sempre deu sorte aos outros (viva,minha avozinha, diria: "Meu filho, enquanto você viver não faltará quem o elogie..."). Menina que me namorava casava logo. Amigo que estudava comigo, acabava primeiro da turma. Sem embargo, há duas coisas com relação às quais sinto que exerço um certo pé-frio: viagem de avião e esse negócio de ser padrinho. No primeiro caso o assunto pode ser considerado controverso, de vez que, num terrível desastre de avião que tive, saí perfeitamente ileso, e numa pane subsequente, em companhia de Alex Viany, Luís Alípio de Barros e Alberto Cavalcanti, nosso *Beechcraft*, enguiçado em seus dois únicos motores, conseguiu no entanto pegar um campinho interdito em Canavieiras, na Bahia, onde pousou galhardamente, para gáudio de todos, exceto Cavalcanti, que dormia como um justo.

Mas no segundo caso é batata. Afilhado meu morre em boas condições, em período que varia de um mês a dois anos. Embora não seja supersticioso, o meu coeficiente de afilhados mortos é meio velhaco, o que me faz hoje em dia declinar delicadamente da honra, quando se apresenta caso. O que me faz pensar naquela vez em que fui batizar meu último afilhado na Igreja da Penha, há coisa de uns vinte anos.

Éramos umas cinco ou seis pessoas, todos parentes, e subimos em boa forma os trezentos e não sei mais quantos degraus da igrejinha, eu meio céptico com relação à minha nova investidura, mas no fundo tentando convencer de que a morte de meus dois afilhados anteriores fora mera obra do acaso. Conosco ia Leonor, uma pretinha de uns cinco anos, cria da casa de meus avós paternos.

Leonor era como um brinquedo para nós da família. Pintávamos com ela e a adorávamos, pois era danada de bonitinha, com as trancinhas espetadas e os dentinhos muito brancos no rosto feliz. Para mim Leonor exercia uma função que considero básica e pela qual lhe pagava quatrocentos réis, dos grandes, de cada vez: coçar-me as costas e os pés. Sim, para mim cosquinha nas costas e nos pés vem praticamente em terceiro lugar, logo depois dos prazeres da boa mesa; e se algum dia me virem atropelado na rua, sofrendo dores, que haja uma alma caridosa para me coçar os pés e eu morrerei contente.

Mas voltando à Penha: uma vez findo o batizado, saímos para o sol claro e nos dispusemos a efetuar a longa descida de volta. A Penha, como é sabido, tem uma extensa e suave rampa de degraus curtos que cobrem a maior parte do trajeto, ao fim da qual segue-se um lance abrupto. Vínhamos com cuidado ao lado do pai com a criança ao colo, o olho baixo para evitar alguma queda. Mas não Leonor! Leonor vinha brincando como um diabrete que era, pulando os degraus de dois em dois, a fazer travessuras contra as quais nós inutilmente a advertimos.

Foi dito e feito. Com a brincadeira de pular os degraus de dois em dois, Leonor ganhou momentum e quando se viu ela os estava pulando de três em três, de quatro em quatro e de cinco em cinco. E lá se foi a pretinha Penha abaixo, os braços em pânico, lutando para manter o equilíbrio e a gritar como uma possessa.

Nós nos deixamos estar, brancos. Ela ia morrer, não tinha dúvida. Se rolasse, ia ser um trambolhão só por ali abaixo até o lance abrupto, e pronto. Se conseguisse se manter, o mínimo que lhe poderia acontecer seria levantar voo quando chegasse ao tal lance, considerada a velocidade em que descia. E lá ia ela, seus gritos se distanciando mais e mais, os bracinhos se agitando no ar, em sua incontrolável carreira pela longa rampa luminosa.

Salvou-a um herói que quase no fim do primeiro lance pôs-se em sua frente, rolando um para cada lado. Não houve senão pequenas escoriações. Nós a sacudíamos muito, para tirá-la do trauma nervoso em que a deixara o tremendo susto passado. De pretinha, Leonor ficara cinzenta. Seus dentinhos batiam incrivelmente e seus olhos pareciam duas bolas brancas no negro do rosto. Quando conseguiu falar, a única coisa que sabia repetir era: "Virge Nossa Senhora! Virge Nossa Senhora!"

Foi o último milagre da Penha de que tive notícia.

MORAES, V. **Batizado na Penha**. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 97-8. Disponível em: [http://www.releituras.com/viniciusm\\_batizado.asp](http://www.releituras.com/viniciusm_batizado.asp). Acesso em: 05/08/2106.

### Esquema 16 – Quadro tópico 16

#### Batizado na Penha – Vinicius de Moraes

##### QUADRO TÓPICO

Tópico amplo	O último milagre da Penha								
	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5	TP6	TP7	TP8	TP9
Tópicos particularizadores	Título	Autor	Data: Novembro de 1952	O cronista se apresenta como um sujeito que dá sorte aos outros	Fatos que comprovam que ele dá boa sorte aos outros	O cronista se apresenta como um sujeito de azar para viajar de avião e que dá má sorte aos afilhados	Fatos que comprovam que ele é um sujeito de azar para viajar e que dá má sorte aos afilhados	Relato de um acidente ocorrido na igreja da Penha quando o cronista batizou um de seus afilhados	Conclusão irônica de que naquele acidente ocorreu o último milagre da Penha

Fonte: elaborado pelo autor

### Quadro 20 – Quadro das unidades de informação da crônica 16

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Batizado na Penha
2	Autor – Vinicius de Moraes
3	Novembro de 1952

Quadro 20 – Quadro das unidades de informação da crônica 16

(continuação)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
4	<p>Eu sou um sujeito que, modéstia à parte, sempre deu sorte aos outros (viva, minhaavozinha, diria: "Meu filho, enquanto você viver não faltará quem o elogie...").</p>
5	<p>Menina que me namorava casava logo. Amigo que estudava comigo, acabava primeiro da turma.</p>
6	<p>Sem embargo, há duas coisas com relação às quais sinto que exerço um certo pérfrio: viagem de avião e esse negócio de ser padrinho.</p>
7	<p>No primeiro caso o assunto pode ser considerado controverso, de vez que, num terrível desastre de avião que tive, saí perfeitamente ileso, e numa pane subsequente, em companhia de Alex Viany, Luís Alípio de Barros e Alberto Cavalcanti, nosso <i>Beechcraft</i>, enguiçado em seus dois únicos motores, consegui no entanto pegar um campinho interditado em Canavieiras, na Bahia, onde pousou galhardamente, para gáudio de todos, exceto Cavalcanti, que dormia como um justo.</p> <p>Mas no segundo caso é batata. Afilhado meu morre em boas condições, em período que varia de um mês a dois anos. Embora não seja supersticioso, o meu coeficiente de afilhados mortos é meio velhaco, o que me faz hoje em dia declinar delicadamente da honra, quando se apresenta caso.</p>
8 (continua)	<p>O que me faz pensar naquela vez em que fui batizar meu último afilhado na Igreja da Penha, há coisa de uns vinte anos.</p> <p>Éramos umas cinco ou seis pessoas, todos parentes, e subimos em boa forma os trezentos e não sei mais quantos degraus da igrejinha, eu meio céptico com relação à minha nova investidura, mas no fundo tentando convencer de que a morte de meus dois afilhados anteriores fora mera obra do acaso. Conosco ia Leonor, uma pretinha de uns cinco anos, cria da casa de meus avós paternos.</p> <p>Leonor era como um brinquedo para nós da família. Pintávamos com ela e a adorávamos, pois era danada de bonitinha, com as trancinhas espetadas e os dentinhos muito brancos no rosto feliz. Para mim Leonor exercia uma função que considero básica e pela qual lhe pagava quatrocentos réis, dos grandes, de cada vez: coçar-me as costas e os pés. Sim, para mim cosquinha nas costas e nos pés vem praticamente em terceiro lugar, logo depois dos prazeres da boa mesa; e se algum dia me virem atropelado na rua, sofrendo dores, que haja uma alma caridosa para me coçar os pés e eu morrerei contente.</p> <p>Mas voltando à Penha: uma vez findo o batizado, saímos para o sol claro e nos dispusemos a efetuar a longa descida de volta. A Penha, como é sabido, tem uma extensa e suave rampa de degraus curtos que cobrem a maior parte do trajeto, ao fim da qual segue-se um lance abrupto. Vínhamos com cuidado ao lado do pai com a criança ao colo, o olho baixo para evitar alguma queda. Mas não Leonor! Leonor vinha brincando como um diabrete que era, pulando os degraus de dois em dois, a fazer travessuras contra as quais nós inutilmente a advertimos.</p> <p>Foi dito e feito. Com a brincadeira de pular os degraus de dois em dois, Leonor ganhou momentum e quando se viu ela os estava pulando de três em três, de quatro em quatro e de cinco em cinco. E lá se foi a pretinha Penha abaixo, os braços em pânico, lutando para manter o equilíbrio e a gritar como uma possessa.</p>

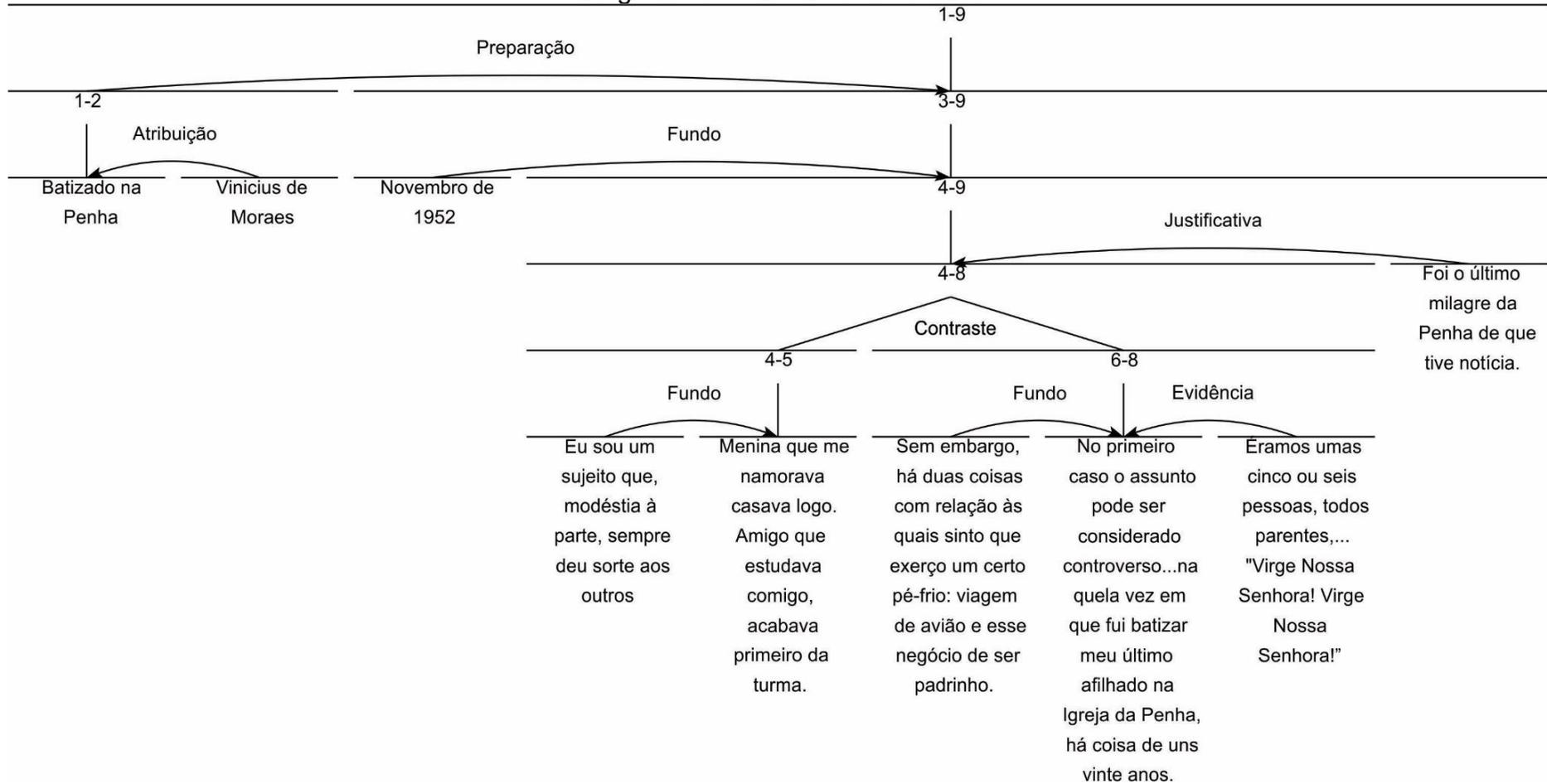
## Quadro 20 – Quadro das unidades de informação da crônica 16

(conclusão)

8 (conclusão)	<p>Nós nos deixamos estar, brancos. Ela ia morrer, não tinha dúvida. Se rolasse, ia ser um trambolhão só por ali abaixo até o lance abrupto, e pronto. Se conseguisse se manter, o mínimo que lhe poderia acontecer seria levantar vôo quando chegasse ao tal lance, considerada a velocidade em que descia. E lá ia ela, seus gritos se distanciando mais e mais, os bracinhos se agitando no ar, em sua incontrolável carreira pela longa rampa luminosa.</p> <p>Salvou-a um herói que quase no fim do primeiro lance pôs-se em sua frente, rolando um para cada lado. Não houve senão pequenas escoriações. Nós a sacudíamos muito, para tirá-la do trauma nervoso em que a deixara o tremendo susto passado. De pretinha, Leonor ficara cinzenta. Seus dentinhos batiam incrivelmente e seus olhos pareciam duas bolas brancas no negro do rosto. Quando conseguiu falar, a única coisa que sabia repetir era: "Virge Nossa Senhora! Virge Nossa Senhora!"</p>
9	Foi o último milagre da Penha de que tive notícia.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diagrama 16 – Batizado na Penha



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 17

**O milagre das folhas**

Clarice Lispector

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: "Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria." Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: *cidetismo*, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

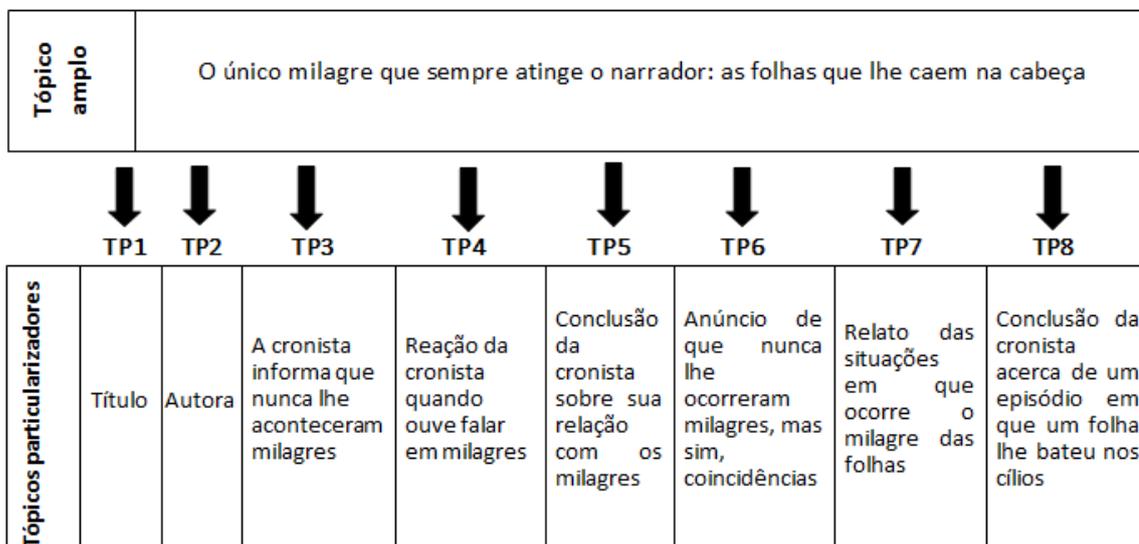
Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada. Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei *Deus* de uma grande delicadeza".

LISPECTOR, Clarice. O milagre das folhas. In SANTOS, J. F. **As cem melhores crônicas brasileiras**. São Paulo: Objetiva, 2007, p. 186-187.

Disponível em: <https://literaturaemcontagotas.wordpress.com/tag/o-milagre-das-folhas>. Acesso em: 05/08/2106.

## Esquema 17 – Quadro tópico 17

Milagre das folhas – Clarice LispectorQUADRO TÓPICO

Fonte: elaborado pelo autor

## Quadro 21 – Quadro das unidades de informação da crônica 17

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título – Milagre das folhas
2	Autora – Clarice Lispector
3	Não, nunca me acontecem milagres.
4	Ouçoo falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.” Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas.
5	Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer – seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.
6	Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

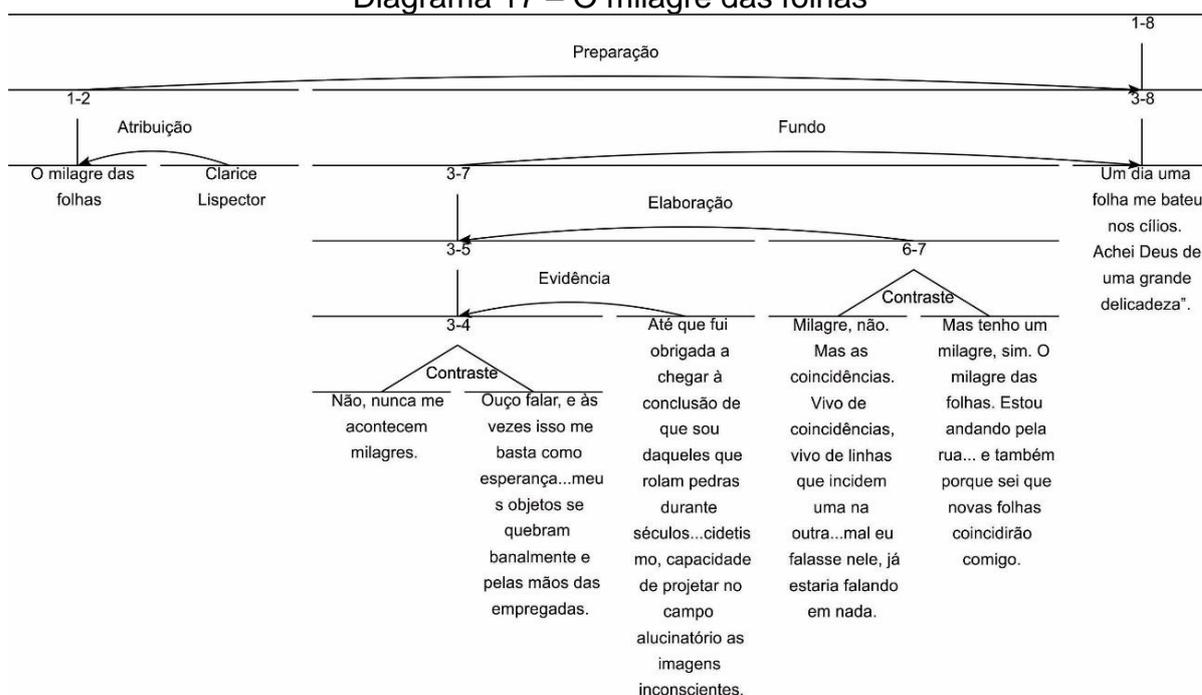
Quadro 21 – Quadro das unidades de informação da crônica 17

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
7	Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhares de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.
8	Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei <b>Deus</b> de uma grande delicadeza”.

Fonte: elaborado pelo autor

Diagrama 17 – O milagre das folhas



Fonte: elaborado pelo autor

## Crônica 18

## O múltiplo e o simples

Rubem Alves

O Tao-Te-Ching, livro sagrado do taoísmo, já dizia há mais de um milênio que temos dois lados. Há um lado que olha para fora. Olhando para fora defrontamo-nos com o mundo da multiplicidade, 10 mil coisas que se impõem aos nossos sentidos, nos dão ordens, nos atropelam, e nos enrolam aos trambolhões, como aquelas ondas de praias de tombo. Mas há um outro lado que olha para dentro.

Aí nos defrontamos com uma única coisa, o desejo mais profundo do nosso coração, aquela coisa que, se a tivéssemos, nos traria alegria.

Jesus contou a parábola de um homem que tinha muitas joias e que, ao encontrar uma única pérola maravilhosa, vendeu as muitas para comprar uma única.

No primeiro lado mora o conhecimento, a ciência, a bolsa de valores, a cotação do dólar, as coisas que se podem comprar, e todas as coisas que compõem a nossa vida de fora. Essas coisas são “meios para se viver” – ferramentas que podemos usar.

No segundo lado mora a sabedoria, que é a capacidade para discernir as coisas que valem a pena. Num bufê, você encheria o seu prato com tudo o que está na mesa? Somente um tolo faria isso. Você consultaria o seu desejo: “De tudo isso que está à minha frente, o que é que realmente desejo comer?” Tolos são aqueles que, seduzidos pela multiplicidade, se entregam vorazmente a ela. Eles acabam tendo uma terrível indigestão... Sábios são aqueles que, da multiplicidade, escolhem o essencial.

Simplicidade é isso: escolher o essencial.

ALVES, R. **Quarto de badulaques**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 91-92.  
Disponível em: <http://www.pvf.com.br/o-multiplo-e-o-simples.html>. Acesso em 19/06/2016.

Esquema 18 – Quadro tópico 18  
O múltiplo e o simples – Rubem Alves

**QUADRO TÓPICO**

<b>Tópico amplo</b>	O ser humano possui dois lados: um que olha para dentro e outro que olha para fora de si					
	↓ TP1	↓ TP2	↓ TP3	↓ TP4	↓ TP5	↓ TP6
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autor	O Tao-Te-Ching e o olhar para dentro e fora do ser humano	Citação da parábola do homem que tinha muitas joias e as trocou por uma única pérola	Explicação da parábola e a relação entre o lado de dentro e de fora do ser humano	Apresentação da ideia de tolice, de sabedoria e de simplicidade, segundo o autor

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 22 – Quadro das unidades de informação da crônica 18

(Continua)

**O múltiplo e o simples — Rubem Alves**  
**QUADRO DAS UNIDADES DE INFORMAÇÃO**

Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título — O múltiplo e o Simples
2	Autor — Rubem Alves
3	<p>O Tao-Te-Ching, livro sagrado do taoísmo, já dizia há mais de um milênio que temos dois lados. Há um lado que olha para fora. Olhando para fora defrontamo-nos com o mundo da multiplicidade, 10 mil coisas que se impõem aos nossos sentidos, nos dão ordens, nos atropelam, e nos enrolam aos trambolhões, como aquelas ondas de praias de tombo. Mas há um outro lado que olha para dentro.</p> <p>Aí nos defrontamos com uma única coisa, o desejo mais profundo do nosso coração, aquela coisa que, se a tivéssemos, nos traria alegria.</p>
4	<p>Jesus contou a parábola de um homem que tinha muitas joias e que, ao encontrar uma única pérola maravilhosa, vendeu as muitas para comprar uma única.</p>
5	<p>No primeiro lado mora o conhecimento, a ciência, a bolsa de valores, a cotação do dólar, as coisas que se podem comprar, e todas as coisas que compõem a nossa vida de fora. Essas coisas são “meios para se viver” – ferramentas que podemos usar.</p> <p>No segundo lado mora a sabedoria, que é a capacidade para discernir as coisas que valem a pena. Num bufê, você encheria o seu prato com tudo o que está na mesa? Somente um tolo faria isso. Você consultaria o seu desejo: “De tudo isso que está à minha frente, o que é que realmente desejo comer?”</p>



## Crônica 19

Versão 1

**Crônica da loucura****Mário Prata ou Luis Fernando Veríssimo?**

O melhor da Terapia é ficar observando os meus colegas loucos.

Existem dois tipos de loucos. O louco propriamente dito e o que cuida do louco: o analista, o terapeuta, o psicólogo e o psiquiatra. Sim, somente um louco pode se dispor a ouvir a loucura de seis ou sete outros loucos todos os dias, meses, anos. Se não era louco, ficou.

Durante quarenta anos, passei longe deles. Pronto, acabei diante de um louco, contando as minhas loucuras acumuladas. Confesso, como louco confesso, que estou adorando estar louco semanal.

O melhor da terapia é chegar antes, alguns minutos e ficar observando os meus colegas loucos na sala de espera. Onde faço a minha terapia é uma casa grande com oito loucos analistas. Portanto, a sala de espera sempre tem três ou quatro ali, ansiosos, pensando na loucura que vão dizer dali a pouco. Ninguém olha para ninguém. O silêncio é uma loucura.

E eu, como escritor, adoro observar pessoas, imaginar os nomes, a profissão, quantos filhos têm, se são rotarianos ou leoninos, corintianos ou palmeirenses. Acho que todo escritor gosta desse brinquedo, no mínimo, criativo. É a sala de espera de um "consultório médico", como diz a atendente absolutamente normal (apenas uma pessoa normal lê tanto Paulo Coelho como ela), é um prato cheio para um louco escritor como eu. Senão, vejamos: Na última quarta-feira, estávamos: (1) eu, (2) um crioulinho muito bem vestido, (3) um senhor de uns cinquenta anos e (4) uma velha gorda.

Comecei, é claro, imediatamente a imaginar qual seria o problema de cada um deles. Não foi difícil, porque eu já partia do princípio que todos eram loucos, como eu. Senão, não estariam ali, tão cabisbaixos e ensimesmados.

(2) O pretinho, por exemplo. Claro que a cor, num país racista como o nosso, deve ter contribuído muito para levá-lo até aquela poltrona de vime. Deve gostar de uma branca, e os pais dela não aprovam ou não conseguiu entrar como sócio do "Harmonia do Samba"? Notei que o tênis estava um pouco velho. Problema de ascensão social, com certeza. O olhar dele era triste, cansado. Comecei a ficar com pena dele. Depois notei que ele trazia uma mala. Podia ser o corpo da namorada esquartejada lá dentro. Talvez apenas a cabeça. Devia ser um assassino, ou suicida, no mínimo. Podia ter também uma arma lá dentro. Podia ser perigoso. Afastei-me um pouco dele no sofá. Ele dava olhadas furtivas para dentro da mala assassina.

(3) E o senhor de terno preto, gravata, meias e sapatos também pretos? Como ele estava sofrendo, coitado. Ele disfarçava, mas notei que tinha um pequeno tique no olho esquerdo. Corno, na certa. É manso. Corno manso sempre tem tiques. Já notaram? Observo as mãos. Roía as unhas. Insegurança total, medo de viver. Filho drogado? Bem provável. Como era infeliz esse meu personagem. Uma hora tirou o lenço e eu já estava esperando as lágrimas quando ele assoou o nariz violentamente, interrompendo o Paulo Coelho da outra. Faltava um botão na camisa. Claro, abandonado pela esposa. Devia morar num flat, pagar caro, devia

ter dívidas astronômicas. Homossexual? Acho que não. Ninguém beijaria um homem com um bigode daqueles. Tingido.

(4) Mas a melhor, a mais doida, era a louca gorda e baixinha. Que bunda imensa. Como sofria, meu Deus. Bastava olhar no rosto dela. Não devia fazer amor há mais de trinta anos. Será que se masturbaria? Será que era esse o problema dela? Uma velha masturbadora? Não! Tirou um terço da bolsa e começou a rezar. Meu Deus, o caso é mais grave do que eu pensava. Estava no quinto cigarro em dez minutos. Tensa. Coitada. O que deve ser dos filhos dela? Acho que os filhos não comem a macarronada dela há dezenas e dezenas de domingos. Tinha cara também de quem mentia para o analista. Minha mãe rezaria uma Salve-Rainha por ela, se a conhecesse.

Acabou o meu tempo. Tenho que ir conversar com o meu psicanalista. Conto para ele a minha "viagem" na sala de espera. Ele ri, ri muito, o meu psicanalista e diz: "(2) O Ditinho é o nosso office-boy. (3) O de terno preto é representante de um laboratório multinacional de remédios lá no Ipiranga e passa aqui uma vez por mês com as novidades. 4) E a gordinha é a Dona Dirce, a minha mãe. E (1) você, não vai ter alta tão cedo...

Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/cronica-da-loucura-mario-prata/>. Acesso em 16/01/2019.'

## Versão 2

Afinal, quem é louco?

Existem dois tipos de loucos. O louco propriamente dito e o que cuida do louco: o analista, o terapeuta, o psicólogo e o psiquiatra. Sim, somente um louco pode se dispor a ouvir a loucura de seis ou oito outros loucos todos os dias, meses, anos. Se não era louco, ficou.

Durante mais de 40 anos passei longe deles. Mas o mundo gira, a lusitana roda e Portugal me entortou um bocado a cabeça. Pronto, acabei diante de um louco, contando as minhas loucuras acumuladas. Confesso, como louco confesso, que estou adorando esta loucura semanal.

O melhor na terapia é chegar antes, alguns minutos, e ficar observando os meus colegas loucos na sala de espera. Onde faço a minha terapia é uma casa grande com oito loucos analistas. Portanto, a sala de espera sempre tem três ou quatro, ali, ansiosos, pensando na loucura que vão dizer daqui a pouco. Ninguém olha para ninguém. O silêncio é uma loucura.

E eu, como escritor, adoro observar as pessoas, imaginar os nomes, a profissão, quantos filhos têm, se são rotarianos ou leoninos, corintianos ou palmeirenses. Acho que todo escritor gosta deste brinquedo, no mínimo, criativo.

E a sala de espera de um consultório médico, como diz a atendente absolutamente normal (apenas uma pessoa normal lê tanto Herman Hesse como ela), é um prato cheio para um louco escritor como eu. Senão, vejamos:

Na última quarta-feira, estávamos eu, um crioulinho muito bem vestido, um senhor de uns cinquenta anos e uma velha gorda. Comecei, é claro, imediatamente a imaginar qual era a loucura de cada um deles. Que motivos os teriam trazido até ali? Qual seria o problema de cada um deles? Não foi difícil, porque eu já partia

do princípio que todos eram loucos, como eu. Senão não estariam ali, tão cabisbaixos e ensimesmados. Em si mesmos.

O pretinho, por exemplo. Claro que a cor, num país racista como o nosso, deve ter contribuído muito para levá-lo até aquela poltrona de vime. Deve gostar de uma branca, e os pais dela não aprovam o casamento, pensei. Ou será que não conseguiu entrar como sócio do Harmonia? Notei que o tênis dele estava um pouco velho. Problema de ascensão social, com certeza. O olhar dele era triste, cansado. Comecei a ficar com pena dele. Depois notei que ele trazia uma mala. Podia ser o corpo da namorada esquartejada lá dentro. Talvez apenas a cabeça. Devia ser um assassino, ou suicida, no mínimo. Podia ter também uma arma lá dentro. Podia ser perigoso. Afastei-me um pouco dele no sofá. Ele dava olhadas furtivas para dentro da sua mala assassina.

E o senhor de terno preto, gravata, meia e sapatos também pretos? Como ele estava sofrendo, coitado. Ele disfarçava, mas notei que tinha um pequeno tique no olho esquerdo. Corno, na certa. É manso. Corno manso sempre tem tiques. Já notaram? Observo as mãos. Roia as unhas. Insegurança total, medo de viver. Filho drogado? Bem provável. Como era infeliz este meu personagem. Uma hora tirou o lenço, e eu já estava esperando as lágrimas quando ele assoou o nariz violentamente, interrompendo o Herman Hesse da outra. Faltava um botão na camisa. Claro, abandonado pela esposa. Devia morar num flat, pagar caro, devia ter dívidas astronômicas. Homossexual? Acho que não. Ninguém beijaria um homem com um bigode daqueles. Tingido.

Mas a melhor, a mais doida, era a louca gorda e baixinha. Que bunda imensa! Como sofria, meu Deus. Bastava olhar no rosto dela. Não devia fazer amor há mais de trinta anos. Será que se masturbaria? Será que era este o problema dela? Uma velha masturbadora? Não! Tirou um terço da bolsa e começou a rezar. Meu Deus, o caso é mais grave do que eu pensava. Estava no quinto cigarro em dez minutos. Tensa. Coitada. O que deve ser dos filhos dela? Acho que os filhos não comem a macarronada dela há dezenas e dezenas de domingos. Tinha cara também de quem tinha uma prisão de ventre crônica. Tinha cara, também, de quem mentia para o analista. Minha mãe rezaria uma Salve-Rainha por ela, se a conhecesse.

Acabou o meu tempo. Tenho que ir conversar com o meu terapeuta. Conto para ele a minha viagem na sala de espera. Ele ri, ri muito, o meu terapeuta:

- O Ditinho é o nosso *office-boy*. O de terno preto é representante de um laboratório multinacional de remédios lá do Ipiranga, e passa por aqui uma vez por mês com as novidades. E a gordinha é a dona Dirce, a minha mãe. E você não vai ter alta tão cedo.

Afinal, quem é louco?, Estadão. 01/05/1994

Terapia matinal, Estadão, 02/02/1995

Culpa

Disponível em: <https://marioprata.net/cronicas/>. Acesso em: 16/01/2019

### Versão 3

O melhor da Terapia é ficar observando os meus colegas loucos. Existem dois tipos de loucos. O louco propriamente dito e o que cuida do louco: o analista, o terapeuta, o psicólogo e o psiquiatra. Sim, somente um louco pode se dispor a ouvir a loucura de seis ou sete outros loucos todos os dias, meses, anos. Se não era louco, ficou.

Durante quarenta anos, passei longe deles. Pronto, acabei diante de um louco, contando as minhas loucuras acumuladas. Confesso, como louco confesso, que estou adorando estar louco semanal.

O melhor da terapia é chegar antes, alguns minutos e ficar observando os meus colegas loucos na sala de espera. Onde faço a minha terapia é uma casa grande com oito loucos analistas. Portanto, a sala de espera sempre tem três ou quatro ali, ansiosos, pensando na loucura que vão dizer dali a pouco.

Ninguém olha para ninguém. O silêncio é uma loucura. E eu, como escritor, adoro observar pessoas, imaginar os nomes, a profissão, quantos filhos têm, se são rotarianos ou leoninos, corintianos ou palmeirenses.

Acho que todo escritor gosta desse brinquedo, no mínimo, criativo. É a sala de espera de um "consultório médico", como diz a atendente absolutamente normal (apenas uma pessoa normal lê tanto Paulo Coelho como ela), é um prato cheio para um louco escritor como eu. Senão, vejamos:

Na última quarta-feira, estávamos:

1. Eu
2. Um crioulinho muito bem vestido,
3. Um senhor de uns cinqüenta anos e
4. Uma velha gorda.

Comecei, é claro, imediatamente a imaginar qual seria o problema de cada um deles. Não foi difícil, porque eu já partia do princípio que todos eram loucos, como eu. Senão, não estariam ali, tão cabisbaixos e ensimesmados.

(2) O pretinho, por exemplo. Claro que a cor, num país racista como o nosso, deve ter contribuído muito para levá-lo até aquela poltrona de vime. Deve gostar de uma branca, e os pais dela não aprovam o namoro e não conseguiu entrar como sócio do "Harmonia do Samba"? Notei que o tênis estava um pouco velho. Problema de ascensão social, com certeza. O olhar dele era triste, cansado. Comecei a ficar com pena dele. Depois notei que ele trazia uma mala. Podia ser o corpo da namorada esquartejada lá dentro. Talvez apenas a cabeça. Devia ser um assassino, ou suicida, no mínimo. Podia ter também uma arma lá dentro. Podia ser perigoso. Afastei-me um pouco dele no sofá. Ele dava olhadas furtivas para dentro da mala assassina.

(3) É o senhor de terno preto, gravata, meias e sapatos também pretos? Como ele estava sofrendo, coitado. Ele disfarçava, mas notei que tinha um pequeno tique no olho esquerdo. Corno, na certa. É manso. Corno manso sempre tem tiques. Já notaram? Observo as mãos. Roía as unhas. Insegurança total, medo de viver. Filho drogado? Bem provável. Como era infeliz esse meu personagem. Uma hora tirou o lenço e eu já estava esperando as lágrimas quando ele assoou o nariz violentamente, interrompendo o Paulo Coelho da outra. Faltava um botão na camisa. Claro, abandonado pela esposa. Devia morar num flat, pagar caro, devia

ter dívidas astronômicas. Homossexual? Acho que não. Ninguém beijaria um homem com um bigode daqueles. Tingido.

(4) Mas a melhor, a mais doida, era a louca gorda e baixinha. Que bunda imensa. Como sofria, meu Deus. Bastava olhar no rosto dela. Não devia fazer amor há mais de trinta anos. Será que se masturbaria? Será que era esse o problema dela? Uma velha masturbadora? Não! Tirou um terço da bolsa e começou a rezar. Meu Deus, o caso é mais grave do que eu pensava. Estava no quinto cigarro em dez minutos. Tensa. Coitada. O que deve ser dos filhos dela? Acho que os filhos não comem a macarronada dela há dezenas e dezenas de domingos. Tinha cara também de quem mentia para o analista. Minha mãe rezaria uma Salve-Rainha por ela, se a conhecesse.

Acabou o meu tempo. Tenho que ir conversar com o meu psicanalista.

Conto para ele a minha "viagem" na sala de espera.

Ele ri... Ri muito, o meu psicanalista, e diz:

- O Ditinho é o nosso office-boy.

- O de terno preto é representante de um laboratório multinacional de remédios lá no Ipiranga e passa aqui uma vez por mês com as novidades.

- E a gordinha é a Dona Dirce, a minha mãe.

- "E você, não vai ter alta tão cedo..."

Disponível em: <https://mardepoesia.wordpress.com/2010/11/23/cronica-da-loucura-luis-fernando-verissimo/>. Acesso em: 16/01/2019.

### Esquema 19 – Quadro tópico 19

#### Crônica da loucura – Mário Prata ou Luis Fernando Veríssimo?

##### QUADRO TÓPICO

<b>Tópico amplo</b>	Os dois tipos de louco					
	↓	↓	↓	↓	↓	↓
	TP1	TP2	TP3	TP4	TP5	TP6
<b>Tópicos particularizadores</b>	Título	Autor	Afirmação do cronista de que o melhor da terapia é ficar observando seus colegas loucos	Afirmação de que existem dois tipos de louco	Caracterização dos tipos de louco	Relato da experiência do cronista no consultório de seu terapeuta

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 23 – Quadro das unidades de informação da crônica 19  
(continua)

Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
1	Título – Crônica da loucura
2	Autor – Mário Prata ou Luis Fernando Veríssimo?
3	O melhor da Terapia é ficar observando os meus colegas loucos.
4	<b>Existem dois tipos de loucos.</b>
5	<p>O louco propriamente dito e o que cuida do louco: o analista, o terapeuta, o psicólogo e o psiquiatra. Sim, somente um louco pode se dispor a ouvir a loucura de seis ou sete outros loucos todos os dias, meses, anos. Se não era louco, ficou.</p>
6 (continua)	<p>Durante quarenta anos, passei longe deles. Pronto, acabei diante de um louco, contando as minhas loucuras acumuladas. Confesso, como louco confesso, que estou adorando estar louco semanal.</p> <p>O melhor da terapia é chegar antes, alguns minutos e ficar observando os meus colegas loucos na sala de espera. Onde faço a minha terapia é uma casa grande com oito loucos analistas. Portanto, a sala de espera sempre tem três ou quatro ali, ansiosos, pensando na loucura que vão dizer dali a pouco. Ninguém olha para ninguém. O silêncio é uma loucura.</p> <p>E eu, como escritor, adoro observar pessoas, imaginar os nomes, a profissão, quantos filhos têm, se são rotarianos ou leoninos, corintianos ou palmeirenses. Acho que todo escritor gosta desse brinquedo, no mínimo, criativo. E a sala de espera de um “consultório médico”, como diz a atendente absolutamente normal (apenas uma pessoa normal lê tanto Paulo Coelho como ela), é um prato cheio para um louco escritor como eu. Senão, vejamos: Na última quarta-feira, estávamos: (1) eu, (2) um crioulinho muito bem vestido, (3) um senhor de uns cinquenta anos e (4) uma velha gorda.</p> <p>Comecei, é claro, imediatamente a imaginar qual seria o problema de cada um deles. Não foi difícil, porque eu já partia do princípio que todos eram loucos, como eu. Senão, não estariam ali, tão cabisbaixos e ensimesmados.</p> <p>(2) O pretinho, por exemplo. Claro que a cor, num país racista como o nosso, deve ter contribuído muito para levá-lo até aquela poltrona de vime. Deve gostar de uma branca, e os pais dela não aprovam ou não conseguiu entrar como sócio do “Harmonia do Samba”? Notei que o tênis estava um pouco velho. Problema de ascensão social, com certeza. O olhar dele era triste, cansado. Comecei a ficar com pena dele. Depois notei que ele trazia uma mala. Podia ser o corpo da namorada esquartejada lá dentro. Talvez apenas a cabeça. Devia ser um assassino, ou suicida, no mínimo. Podia ter também uma arma lá dentro. Podia ser perigoso. Afastei-me um pouco dele no sofá. Ele dava olhadas furtivas para dentro da mala assassina.</p> <p>(3) E o senhor de terno preto, gravata, meias e sapatos também pretos? Como ele estava sofrendo, coitado. Ele disfarçava, mas notei que tinha um pequeno tique no olho esquerdo. Corno, na certa. E manso. Corno manso sempre tem tiques. Já notaram? Observo as mãos. Roía as unhas. Insegurança total, medo de viver. Filho drogado? Bem provável. Como era infeliz esse meu personagem. Uma hora tirou o lenço e eu já estava esperando as lágrimas quando ele assoou o nariz violentamente, interrompendo o Paulo Coelho da outra. Faltava um botão na camisa. Claro, abandonado pela esposa. Devia morar num flat, pagar caro, devia ter dívidas astronômicas. Homossexual? Acho que não. Ninguém beijaria um homem com um bigode daqueles. Tingido.</p> <p>(4) Mas a melhor, a mais doida, era a louca gorda e baixinha. Que bunda imensa. Como sofria, meu Deus. Bastava olhar no rosto dela. Não devia fazer amor há mais de trinta anos. Será que se masturbaria? Será que era esse o problema dela? Uma velha masturbadora? Não! Tirou um terço da bolsa e começou a rezar. Meu Deus, o caso é mais grave do que eu pensava. Estava no quinto cigarro em dez minutos. Tensa. Coitada. O que deve ser dos filhos dela? Acho que os filhos não comem a macarronada dela há dezenas e dezenas de domingos. Tinha cara também de quem mentia para o analista. Minha mãe rezaria uma Salve-Rainha por ela, se a conhecesse.</p>

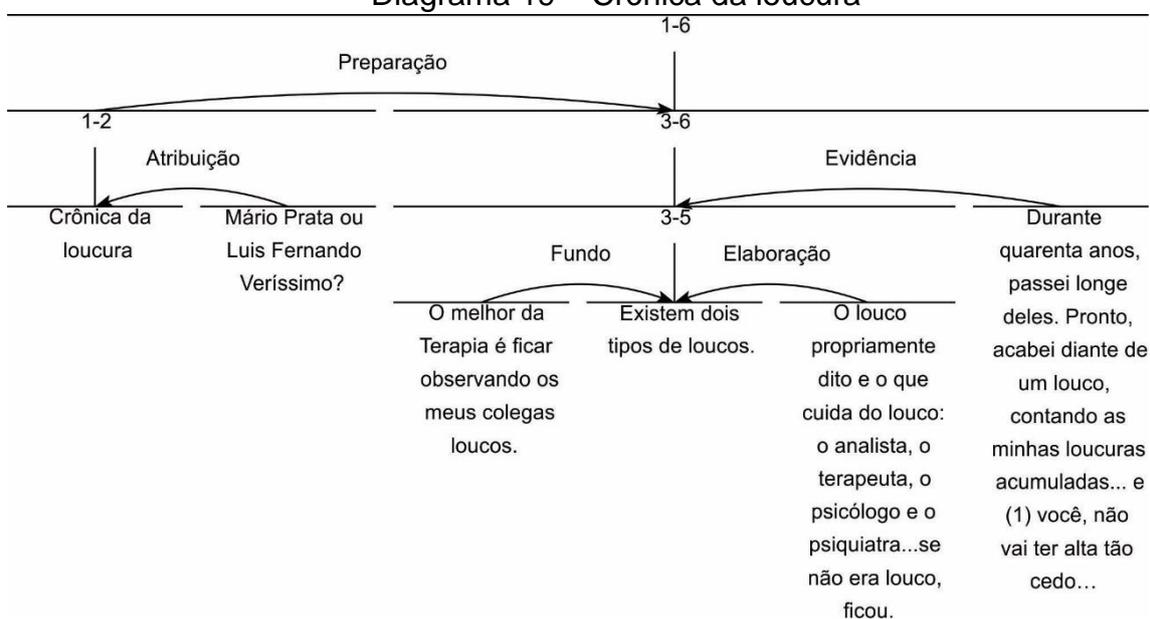
Quadro 23 – Quadro das unidades de informação da crônica 19

(conclusão)

Número	Fragmento da Unidade de Informação — UI
6 (conclusão)	Acabou o meu tempo. Tenho que ir conversar com o meu psicanalista. Conto para ele a minha “viagem” na sala de espera. Ele ri, ri muito, o meu psicanalista e diz: “(2) O Ditinho é o nosso office-boy. (3) O de terno preto é representante de um laboratório multinacional de remédios lá no Ipiranga e passa aqui uma vez por mês com as novidades. 4) E a gordinha é a Dona Dirce, a minha mãe. E (1) você, não vai ter alta tão cedo...”

Fonte: Elaborado pelo autor.

Diagrama 19 – Crônica da loucura



Fonte: elaborado pelo autor.

## Parte 2 – ANÁLISE DOS VÁRIOS NÍVEIS TÓPICOS

### Crônica 20

#### Civismo

Juliana Cunha

18 de janeiro de 2008

Salvador não tem calçada. As pessoas chegam aqui e perguntam “onde vocês andam?” e a gente responde “no meio da rua” e as pessoas perguntam “mas os carros não buzina?” e a gente responde “quando estão de bom humor, buzina, quando não estão, passam por cima”. Até ano passado, eu morava na Junqueira Ayres, a rua defronte aos shoppings Piedade e Center Lapa. A calçada do lado direito da Junqueira Ayres é ocupada por trezentos mil ambulantes. A do lado esquerdo é um verdadeiro corredor polonês de vendedores tentando te puxar à força para aquelas lojinhas de qualidade ainda mais duvidosas que a dos camelôs. É óbvio que, na Junqueira Ayres, todos os pedestres andam no meio da pista. Os motoristas veem que não existe passeio público, mas não querem nem saber, simplesmente enfiam os carros em cima das pessoas.

A rua Junqueira Ayres está longe de ser uma exceção. Salvador não tem passeio público. A calçada é estreita demais, mal conservada demais e os carros ainda estacionam em cima dela. No final da Estrada das Barreiras, estão construindo um prédio que deixou apenas 20 cm de calçada. Eu medi. Cabe uma pessoa magra. Um adulto segurando a mão de uma criança, nem pensar. Ninguém é multado por causa de calçada: nem as residências, nem os comerciantes, nem os motoristas, nem as construtoras.

Desde que tenho idade para andar sozinha na rua, já assisti a pelo menos sete atropelamentos. Em cinco deles diria que a culpa era do prefeito. O pedestre é sempre inocente. O maior erro que ele pode cometer é ser imprudente consigo mesmo, e isso nem pode ser considerado um erro se comparado ao dos motoristas – que são homicidas – e ao da prefeitura, genocida. A coisa mais comum do mundo é você estar andando na calçada e ouvir buzinações de um motorista querendo que você dê licença para ele estacionar. Estacionar na calçada, é claro, já que o automóvel é um veículo particular, que resolve o problema de transporte individual de quem pode pagar por ele, mas os motoristas insistem em pensar que a falta de estacionamento é um problema coletivo.

Eu costumo arranhar com a chave os carros que ficam estacionados na calçada. Não faço coleta seletiva do lixo e escovo os dentes com a torneira aberta. Alguma coisa eu precisava fazer pela coletividade, então, arranho carros na calçada. É o meu grande ato de civismo.

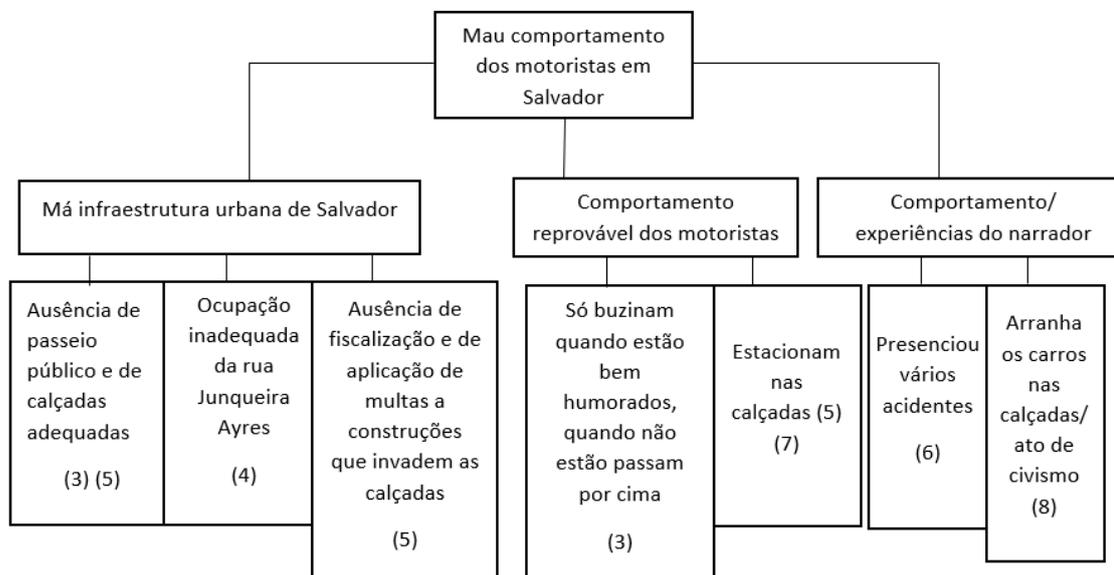
CUNHA, J. Civismo. *In*: CUNHA, J. **Já matei por menos**. São Paulo: Editora Lote 42, 2013, p. 13-4.

Disponível em <http://julianacunha.com/blog/>. Acesso em: 20 set. 2016.

## Esquema 20 – Quadro tópico 20

Civismo — Juliana Cunha

## QUADRO TÓPICO



Fonte: elaborado pelo autor

## Quadro 24 – Quadro das unidades de informação da crônica 20

(continua)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
1	Título — Civismo
2	Autora — Juliana Cunha
3	18 de janeiro de 2008
4	Salvador não tem calçada. As pessoas chegam aqui e perguntam “onde vocês andam?” e a gente responde “no meio da rua” e as pessoas perguntam “mas os carros não buzina?” e a gente responde “quando estão de bom humor, buzina, quando não estão, passam por cima”.
5	Até ano passado, eu morava na Junqueira Ayres, a rua defronte aos shoppings Piedade e Center Lapa. A calçada do lado direito da Junqueira Ayres é ocupada por trezentos mil ambulantes. A do lado esquerdo é um verdadeiro corredor polonês de vendedores tentando te puxar à força para aquelas lojinhas de qualidade ainda mais duvidosas que a dos camelôs. É óbvio que, na Junqueira Ayres, todos os pedestres andam no meio da pista. Os motoristas veem que não existe passeio público, mas não querem nem saber, simplesmente enfiam os carros em cima das pessoas. A rua Junqueira Ayres está longe de ser uma exceção.

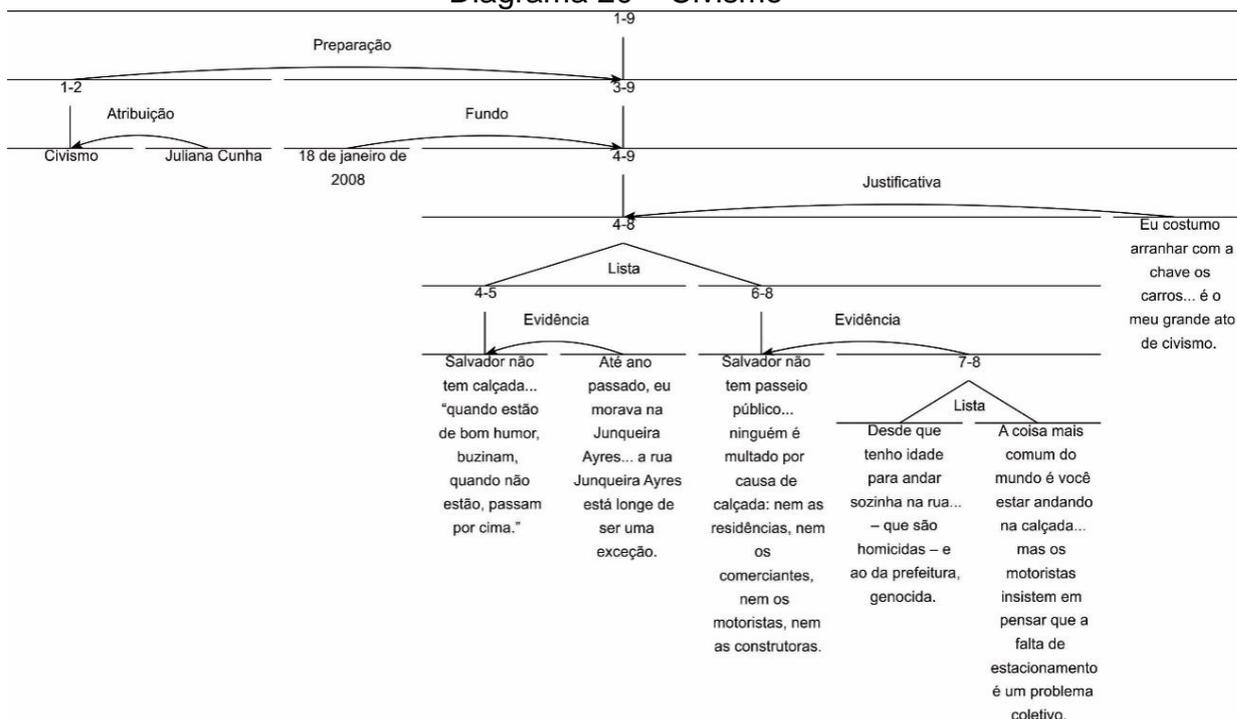
Quadro 25 – Quadro das unidades de informação da crônica 20

(conclusão)

Número	Segmento do texto/unidade de informação — UI
6	Salvador não tem passeio público. A calçada é estreita demais, mal conservada demais e os carros ainda estacionam em cima dela. No final da Estrada das Barreiras, estão construindo um prédio que deixou apenas 20 cm de calçada. Eu medi. Cabe uma pessoa magra. Um adulto segurando a mão de uma criança, nem pensar. Ninguém é multado por causa de calçada: nem as residências, nem os comerciantes, nem os motoristas, nem as construtoras.
7	Desde que tenho idade para andar sozinha na rua, já assisti a pelo menos sete atropelamentos. Em cinco deles diria que a culpa era do prefeito. O pedestre é sempre inocente. O maior erro que ele pode cometer é ser imprudente consigo mesmo, e isso nem pode ser considerado um erro se comparado ao dos motoristas – que são homicidas – e ao da prefeitura, genocida.
8	A coisa mais comum do mundo é você estar andando na calçada e ouvir buzínadinhas de um motorista querendo que você dê licença para ele estacionar. Estacionar na calçada, é claro, já que o automóvel é um veículo particular, que resolve o problema de transporte individual de quem pode pagar por ele, mas os motoristas insistem em pensar que a falta de estacionamento é um problema coletivo.
9	Eu costumo arranhar com a chave os carros que ficam estacionados na calçada. Não faço coleta seletiva do lixo e escovo os dentes com a torneira aberta. Alguma coisa eu precisava fazer pela coletividade, então, arranho carros na calçada. É o meu grande ato de civismo.

Fonte: elaborado pelo autor

Diagrama 20 – Civismo



Fonte: elaborado pelo autor

### Parte 3 – VERSÃO 2 DA CRÔNICA 4, DISPONÍVEL APENAS NA INTERNET

#### Taxonomia ligou etc. etc.

Se tem uma coisa que me surpreende e sempre renova meus votos de descrença na humanidade é a falta de capacidade de discernimento. Eu ia escrever auto critica, mas nem é, é discernimento mesmo. Com coisas evidentes.

A redação da revista onde eu trabalho divide espaço com um estúdio fotográfico onde de vez em quando tem casting (ou seja, de vez em quando vem um pessoal aqui pra ser fotografado e a agência de publicidade dizer quem serve e quem não serve pra determinada campanha). Claro que tem campanha em que o objetivo nem é ter gente bonita. Eu particularmente teria certo constrangimento em dizer para os amigos que sou modelo, mas só em campanhas em que precisam de garotas de 1,60m com cara de todo mundo, mas, fazer o que né, a vida é dura e os preços ao consumidor francês caíram 0,4% em julho, mas não estamos na França. Enfim, quem quer ser modelo com cara de propaganda da Caixa Econômica (um degrau acima da propaganda da Dove no quesito realidade) até tem trabalho, só não precisa se drogar como se não houvesse amanhã e querer disputar com modelo de verdade.

Daí eu chego aqui no trabalho e vejo uma filhinha de meninas esperando para serem fotografadas (o book não serve pra nada porque a galeraphotoshopa e porque tem gente que faz um profissional demais e outras fazem um tosco, daí o cliente precisa ver como todo mundo é de verdade, atualmente e no mesmo padrão). Fora de brincadeira, tinha uma menina linda, alta, com o cabelo mais brilhante que a sua árvore de natal e com uma pele do cotovelo mais lisinha que a minha pele do pulso. Atrás dela, uma chubby com um cabelo berrando por tesoura e que ficava com a cabeça (mesmo com a altura a mais concedida pelo frizz) no meio das costas da menina da frente. Perguntei ao fotógrafo se o ensaio ia ser diversificado (ou seja, se estavam precisando de baranga também) e ele disse que não. Diagnóstico: a chubby acha que é da mesma espécie que a modelo (taxonomia ligou etc. etc.). Gente, ela acha! Acha a ponto de perder metade da tarde numa filhinha e de pagar o mico de ser fotografada e depois ter sua foto analisada lado a lado com a foto da modelo de verdade.

Sério, fiquei com vontade de pegá-la pelo braço, trazê-la aqui pra cima e perguntar se ela tinha umas sugestões de pauta, ou se sabia traduzir ou fotografar, ou tratar imagem no photoshop porque, né, é isso que nós, meninas com cara de todo mundo, fazemos. E a gente pode até comprar cremes caros na esperança de ficarmos a cara da Gisele, mas no fundo sabemos que somos bem mais parecidas com a irmã gêmea FAIL da Gisele. E mesmo que a nossa esperança de que isso mude se renove a cada novo lançamento da indústria cosmética, depois a gente olha no espelho e constata que, não, não está rolando nenhum grau

de parentesco com a Helena de Tróia. Até tem o dia que o espelho se enrola e diz que somos melhores do que somos de fato, mas nem nesses casos a gente consegue ficar com o nariz espremido nas costas imaculadas de uma modelo e continuar achando que estamos ali, todas no mesmo estágio evolutivo, todas num só coração. Fica a dica.

Disponível em: <http://julianacunha.com/blog/taxonomia-ligou-etc-etc>. Acesso em: 01/07/2016.